

Bel Ami

Guy de Maupassant

Quando a moça do caixa lhe entregou o troco dos seus cem soldos, Georges Duroy saiu do restaurante.

Como era belo, por natureza e pela pose de antigo suboficial, arqueou o corpo, torceu o bigode com um gesto militar e habitual, e lançou aos fregueses retardatários um olhar rápido e circular, um desses olhares de moço atraente, que se projetam como botes de gavião.

As mulheres haviam levantado a cabeça para olhá-lo, três pequenas operárias, uma professora de música, já madura, mal penteada, desleixada, com um chapéu continuamente empoeirado, sempre com o vestido torto, e duas burguesas com seus maridos, fregueses dessa tasca a preço fixo.

Quando chegou à calçada, ficou imóvel por um momento, perguntando a si mesmo o que faria. Era dia 28 de junho e tinha em seu bolso apenas três francos e 40 centavos para chegar até o fim do mês. Essa quantia representava dois jantares sem almoço, ou dois almoços sem jantar, à sua escolha. Refletiu que as refeições da manhã custavam 22 soldos, ao passo que as da tarde lhe custariam 30. Contentando-se com os almoços, ainda ficaria com um franco e 20 centavos de saldo, o que representava dois lanches de pão com salsichão e dois copos de cerveja no bulevar. Era ali sua grande despesa e seu grande prazer noturno, e pôs-se a descer a Rua Notre-Dame-de-Lorette.

Caminhava como no tempo em que usava o uniforme dos hussardos, peito estufado, pernas um pouco entreabertas como se tivesse acabado de descer de um cavalo; avançava brutalmente pela rua cheia de gente, levantando os ombros, empurrando as pessoas para não desviar seu caminho. Inclinau ligeiramente sobre a orelha a cartola já bastante desgastada e pisava forte com o salto do sapato. Com a insolência de belo soldado que voltara à vida civil, parecia sempre desafiar alguém, os passantes, as casas, a cidade inteira.

Apesar de vestido com um terno de 60 francos, guardava certa elegância exagerada, um pouco vulgar, porém real. Alto, bem feito de corpo, louro, de um louro castanho ligeiramente avermelhado, com um bigode revirado que parecia espumar sobre seus lábios, olhos azuis, claros, dotados de pupila pequena, cabelos naturalmente ondulados separados por uma risca no meio da cabeça, assemelhava-se bastante aos vilões dos romances populares

Era uma dessas noites de verão em que o ar falta em Paris. Quente como uma estufa, a cidade parecia suar na noite sufocante. Os esgotos sopravam seus hálitos empesteados por suas bocas de granito e, pelas janelas baixas, as cozinhas subterrâneas atiravam à rua os miasmas infames das águas das vasilhas e dos molhos envelhecidos.

Em mangas de camisa, montados sobre cadeiras de palha, porteiros fumavam seus cachimbos sob os portões, e passantes caminhavam com passos cansados, cabeça descoberta, chapéu na mão.

Georges Duroy parou novamente ao chegou ao bulevar, indeciso quanto ao que faria. Agora tinha vontade de ir aos Champs-Élysées e à Avenida do Bois de Boulogne para respirar um pouco de ar fresco sob as árvores; mas um desejo também o acoitava, o de um encontro amoroso.

Como se apresentaria ela? Não sabia, mas aguardava-a há três meses, todos os dias, todas as noites. No entanto, certas vezes, graças à sua bela aparência e ao seu porte galante, roubava aqui e ali um pouco de amor, mas esperava sempre mais e melhor.

Com a bolsa vazia e o sangue fervente, excitava-se ao contato das prostitutas que, das esquinas das ruas, murmuravam: “Vens à minha casa, moço bonito?” Não ousava segui-las, pois não podia pagá-las; e também esperava outra coisa, outros beijos menos vulgares.

Contudo, gostava dos lugares repletos de prostitutas, seus bailes, seus cafés, suas ruas; adorava esbarrar nelas, lhes falar, tratá-las por “tu”, aspirar seus perfumes violentos, sentir-se próximo delas. Afinal, eram mulheres, as mulheres do amor. Não as desprezava, de modo algum, com o desprezo inato dos homens de família.

Voltou para a Madeleine e seguiu o fluxo da multidão que caminhava cansada devido ao calor. Cheios de gente, os grandes cafés transbordavam sobre a calçada, exibindo seu público de beberrões sob a luz brilhante e crua da fachada iluminada. Diante deles, sobre mesinhas quadradas ou redondas, copos contendo líquidos rubros, amarelos, verdes, marrons, de todas as nuances; e no interior das garrafas brilhavam os grandes cilindros de gelo transparente que refrescavam a bela água clara.

Duroy diminuiu o passo, e a vontade de beber secava-lhe a garganta.

Assolava-o uma sede quente, uma sede de noite de verão, e ele pensava na sensação deliciosa da bebida fria correndo por

sua boca. Mas se bebesse apenas duas cervejas à noite, adeus magro jantar no dia seguinte, e ele conhecia muitíssimo bem as horas de fome do final do mês.

Disse a si mesmo: “Preciso esperar até as dez horas para beber minha cerveja no Américain. Com os diabos! Estou com muita sede!” E olhava todos aqueles homens sentados diante das mesas, bebendo, todos aqueles homens que podiam matar a sede a seu bel prazer. Passava diante dos cafés com um ar altivo e valentão e, pela aparência ou pela roupa, com um olhar julgava quanto dinheiro cada consumidor teria nos bolsos. E uma cólera o invadia contra essa gente sentada tranquilamente. Remexendo seus bolsos, seria possível encontrar ouro, prata e soldos. Em média, cada um deles devia ter no mínimo dois luíses; e havia pelo menos uma centena deles no café; cem vezes dois luíses são quatro mil francos! E ele murmurava: “Porcos!” movendo-se com graça. Se pudesse agarrar um deles em um canto da rua, em um canto bem escuro, seria capaz de lhes torcer o pescoço sem qualquer escrúpulo, como fazia com as aves dos camponeses, nos dias de grandes manobras.

E lembrava seus dois anos de África, o modo como extorquia os árabes nos pequenos postos do sul. E um sorriso cruel e alegre passou por seus lábios ao se recordar de uma escapada que custara a vida de três homens da tribo de Ouled-Alane e que valera a si próprio e aos seus companheiros, dois carneiros, ouro, e assunto para rir durante seis meses.

Os culpados jamais haviam sido encontrados, e nem tinham sido muito procurados, pois, de certa forma, o árabe era considerado como presa natural do soldado.

Em Paris era diferente. Não se podia saquear com facilidade, sabre ao lado e revólver na mão, longe da justiça civil, em liberdade. Sentia no coração todos os instintos do suboficial largado em um país conquistado. Por certo sentia falta dos dois anos passados no deserto. Era uma pena não ter permanecido lá! Mas esperara que tudo lhe corresse melhor ao voltar. E agora!... Ah! Sim, agora estava bem arranjado!

Movia a língua pela boca com um pequeno estalo, como que constatando a secura de seu palato.

A multidão deslizava ao seu redor, extenuada e lenta, e ele continuava a pensar: “Bando de estúpidos! Todos esses imbecis têm o colete cheio de dinheiro”. Esbarrava nos ombros das pessoas e assobiava árias alegres. Os senhores empurrados voltavam-se resmungando; as mulheres diziam: “Que animal!”

Passou na frente do Vaudeville e parou no café Américain, perguntando a si mesmo se afinal não iria beber sua cerveja, tanto a sede o torturava. Antes de se decidir, verificou a hora nos relógios luminosos colocados no meio da calçada. Eram nove horas e um quarto. Ele se conhecia: assim que o copo cheio de cerveja estivesse diante de si, ele o beberia de uma só vez. O que faria depois, até as 11 horas?

Passou sem parar: “Vou até a Madeleine e volto devagar”

Quando chegou à esquina da Praça do Opéra, cruzou com um jovem gordo e lembrou-se vagamente de ter visto aquele rosto em algum lugar.

Começou a segui-lo, esquadrinhando a memória e repetindo baixinho: “Onde diabo conheceu esse sujeito?”

Pesquisava sua mente sem conseguir se lembrar; de repente, por um singular fenômeno de memória, o mesmo homem lhe apareceu menos gordo, mais jovem, vestido em uniforme de hussardo. Então, chamou em voz alta: “Forestier, espera!” e, apressando o passo, foi tocar no ombro do passante. O outro se voltou e disse: — O que deseja, senhor?

Duroy riu: — Não me reconheces?

— Não.

— Georges Duroy, do Sexto Batalhão de Hussardos.

Forestier estendeu as duas mãos: — Ah! Meu velho! Como vais?

— Muito bem, e tu?

— Oh! Eu, mais ou menos; imagina que agora meu peito parece feito de papel mâché. Tusso seis meses por ano, efeito de uma bronquite que apanhei em Bougival no ano em que voltei a Paris, quatro anos atrás.

— Ora essa! Contudo, pareces muito saudável.

E Forestier, pegando o braço de seu antigo camarada, contou-lhe sobre sua doença, narrou-lhe as consultas, as opiniões e os conselhos dos médicos, a dificuldade de seguir-lhes as recomendações, em sua posição. Haviam lhe ordenado passar o inverno no Midi, mas como poderia? Era casado e jornalista com uma bela situação.

— Dirijo a sessão política no La Vie Française. Cubro o Senado para o Salut e, de tempos em tempos, escrevo crônicas

literárias para o Planète. Aí está, abri caminho.

Duroy o fitava com surpresa. Ele estava bastante mudado, mais maduro. Agora possuía o comportamento, a atitude e a postura de um homem sério, e o ventre de um homem bem alimentado. No passado, era magro, pequeno e lépido, valentão, exagerado e sempre turbulento. Em três anos, Paris o transformara em um sujeito gordo, com alguns cabelos brancos sobre as têmporas apesar de não ter mais de 27 anos.

Forestier perguntou: — Aonde vais?

Duroy respondeu: — A lugar nenhum, estava dando um passeio antes de voltar para casa.

— Bem, gostarias de me acompanhar ao La Vie Française, onde tenho algumas provas para corrigir? Depois podemos tomar uma cerveja, juntos.

— Vou contigo.

E ambos puseram-se a caminhar de braços dados, com essa familiaridade fácil que subsiste entre companheiros de escola e camaradas de regimento.

— O que fazes em Paris? — perguntou Forestier.

Duroy levantou os ombros: — Morro de fome, pura e simplesmente. Quando meu tempo de serviço terminou, quis vir para cá para... para fazer fortuna ou apenas viver em Paris; há seis meses estou empregado nos escritórios da Estrada de Ferro do Norte, por mil e quinhentos francos ao ano, nada mais.

Forestier murmurou: — Cruzes, isso não dá para nada.

— É verdade. Mas como queres que eu saia dessa? Sou sozinho, não conheço ninguém, não há ninguém que possa me recomendar. Não é boa vontade que me falta, faltam-me os meios.

Como um homem prático, seu companheiro o olhou dos pés à cabeça e depois disse em tom convencido: Meu filho, aqui, tudo depende da atitude. É mais fácil um homem relativamente esperto tornar-se ministro que chefe de seção. É preciso saber se impor, não pedir. Mas, como diabos não conseguiste nada melhor que uma colocação na Estrada do Norte?

Duroy repetiu: — Procurei em todos os lugares e não descobri nada. Mas tenho algo em vista neste momento. Ofereceram-me um lugar como professor de equitação no Pellerin. Lá, receberei no mínimo três mil francos.

Forestier parou de repente: — Não faça isso, é uma estupidez, quando deverias ganhar dez mil francos. De um só golpe, vais fechar as portas do teu futuro. No teu escritório, pelo menos estás escondido, ninguém te conhece e, se fores forte, poderás sair de lá e fazer teu caminho. Porém, uma vez professor de equitação, estará tudo perdido. É como se fosses maître d'hôtel em um estabelecimento onde toda alta sociedade de Paris vai jantar. É o fim de tudo. Depois de dares aulas de equitação aos homens da sociedade, ou aos seus filhos, eles jamais poderão te considerar como um igual.

Calou-se, refletiu por alguns segundos e depois perguntou:

— És bacharel em letras?

— Não. Fui reprovado duas vezes.

— Isso não importa, desde que tenhas terminado teus estudos. Quando alguém fala de Cícero ou de Tibério, sabes do que se trata?

— Sim, mais ou menos.

— Bem, ninguém sabe muito bem, com exceção de uma vintena de imbecis que não se importam tanto a ponto de criar dificuldades. Não é difícil se passar por entendido; o que importa é não se deixar apanhar em flagrante delito de ignorância. Manobra-se, contorna-se o obstáculo, e reduz-se os outros ao silêncio por meio de um dicionário. Todos os homens são idiotas como gansos e ignorantes como carpas.

Ele falava com tranquila zombaria, como quem conhece a vida e sorri ao ver a turba passar. Porém, de repente começou a tossir e deteve-se até terminar o acesso; depois, disse em tom deprimido: — Não é aborrecido eu não conseguir me livrar dessa bronquite? Estamos em pleno verão. Oh! Neste inverno vou me curar em Menton. Paciência, palavra de honra, a saúde antes de tudo.

Chegaram ao bulevar Poissonnière, diante de uma grande porta envidraçada atrás da qual um jornal aberto estava colado dos dois lados. Três pessoas paradas o liam.

Como um apelo, em grandes letras de fogo desenhadas por chamas de gás, a parede acima da porta ostentava o nome: La Vie Française. E os transeuntes passavam bruscamente pela claridade projetada por essas três palavras gritantes, surgiam de repente em plena luz, visíveis, claros e nítidos como no meio do dia, e logo depois voltavam e penetrar na sombra.

Forestier empurrou a porta: “Entra”, disse ele. Duroy entrou, subiu uma escadaria luxuosa e suja que podia ser vista da rua, chegou a uma antecâmara onde dois moços de escritório cumprimentaram seu colega, depois parou em uma espécie de sala de espera empoeirada e repelente, revestida com veludo falso, verde, cor de urina velha, crivado de manchas, puído em vários lugares como se tivesse sido roído por ratos.

— Senta-te, disse Forestier. Volto em cinco minutos.

E desapareceu por uma das três saídas que davam para esse gabinete.

Um odor estranho pairava nesse lugar. Era especial, inexprimível, um odor de sala de redação. Duroy manteve-se imóvel, um pouco intimidado, sobretudo surpreso. De tempos em tempos, homens passavam correndo por ele, entravam por uma porta e saíam por outra antes que ele tivesse tempo de olhá-los.

Às vezes eram jovens, muito moços, carregando uma folha de papel que tremulava ao vento produzido por sua corrida; às vezes eram tipógrafos cuja blusa manchada de tinta deixava entrever um colarinho de camisa, muito branco, e umas calças de pano semelhantes às usadas pelas pessoas da sociedade; e levavam com cuidado tiras de papel impresso, provas frescas, ainda úmidas. Outras vezes, entrava um pequeno senhor vestido com uma elegância por demais aparente, o corpo exageradamente apertado em uma sobrecasaca, a perna muito modelada sob o pano, o pé apertado em um sapato muito pontudo; certamente algum repórter mundano levando os boatos da noite.

Também chegavam outros, graves, importantes, com altos chapéus de abas planas, como se essa forma os distinguisse do resto dos homens.

Forestier reapareceu trazendo pelo braço um homem grande e magro, de 30 a 40 anos, vestido de negro, gravata branca, muito moreno, bigode torcido em pontas agudas, ar insolente e satisfeito consigo mesmo.

Forestier lhe disse: — Adeus, caro mestre.

O outro apertou-lhe a mão: — Até logo, meu caro —, e desceu a escada assobiando, a bengala debaixo do braço.

Duroy perguntou: — Quem é?

— É Jacques Rival, sabes, o famoso cronista, o duelista. Acaba de corrigir suas provas. Garin, Montel e ele são os três principais cronistas com espírito e senso de atualidade que temos em Paris. Aqui, ele ganha 30 mil francos anuais para escrever dois artigos por semana.

Ao saírem, encontraram um homenzinho de cabelos longos, gordo, de aspecto pouco limpo, que subia as escadas, bufando.

Forestier o cumprimentou com grande cortesia: — Norbert de Varenne, disse ele, o poeta, autor de Sóis mortos, um homem que ainda é muito bem pago. Cada conto que escreve custa-nos 300 francos, e os mais longos não chegam a 200 linhas. Mas vamos ao Napolitain, pois já estou morrendo de sede.

No momento em que sentaram diante da mesa do café, Forestier gritou: “Dois copos de cerveja”, e tomou a sua de uma só vez, enquanto Duroy bebia a cerveja em goles lentos, saboreando-a e degustando-a como algo precioso e raro.

Seu companheiro se calou, pareceu refletir; depois, falou de repente: — Por que não experimentas o jornalismo?

Surpreso, o outro o fitou e disse: — Mas... é que... jamais escrevi coisa alguma.

— Bah! a gente tenta, começa. Eu poderia te empregar para procurares notícias, fazer diligências e visitas. No início, ganharias 250 francos e passagens pagas. Queres que eu fale com o diretor?

— Claro que sim.

— Pois bem, então façamos uma coisa. Jantas comigo amanhã; serão somente cinco ou seis pessoas. O patrão, Sr. Walter, sua mulher, Jacques Rival e Norbert de Varenne, que acabas de conhecer, e mais uma amiga da Senhora Forestier. Combinado?

Duroy hesitou, corando, perplexo. Enfim, murmurou:

— É que... não tenho roupa apropriada.

Forestier ficou estupefato: — Não tens uma casaca? Ora essa! Mas isso é algo indispensável. Em Paris, é melhor não ter

cama que não ter casaca.

Em seguida, pesquisando o bolso do colete, dele retirou um punhado de moedas de ouro, pegou dois luíses, colocou-os diante de seu antigo camarada e disse em tom cordial e familiar: — Devolverás quando puderes. Aluga, ou dá uma entrada e compra em prestações as roupas de que precisas; enfim, arranja-te, mas vem jantar em minha casa amanhã às sete e meia. Rua Fontaine, 17.

Incomodado, Duroy, pegou o dinheiro e balbuciou: — És muito amável e eu te agradeço muitíssimo. Esteja certo de que não me esquecerei...

O outro o interrompeu: — Vamos, já chega. Mais uma cerveja, não? — E gritou: — Garçom, dois copos de cerveja!

Depois, quando já haviam bebido, o jornalista perguntou: — Queres passear um pouco, durante uma hora?

— Certamente.

E puseram-se a caminhar na direção da Madeleine.

— O que faremos de bom? — perguntou Forestier. Costuma-se dizer que, em Paris, alguém que quer passear sempre encontra o que fazer; isso não é verdade. Quando desejo passear à noite, nunca sei para onde ir. Uma volta pelo Bois de Boulogne só é divertida quando se está acompanhado de uma mulher, e nem sempre se encontra uma à mão; os cafés concertos conseguem distrair meu farmacêutico e sua mulher, mas não a mim. Então, o que fazer? Nada. Deveria existir aqui um jardim de verão, como o parque Monceau, aberto à noite, onde se pudesse ouvir ótima música bebendo algo bem fresco sob as árvores. Não seria um local de prazer, mas um lugar para passear; e pagaríamos caro para entrar, a fim de atrair mulheres bonitas. Poderíamos caminhar por alamedas bem cobertas de areia, iluminadas por luzes elétricas, sentar quando desejássemos ouvir música, de perto ou de longe. Antigamente tínhamos algo semelhante no Musard, mas com gosto de baile popular, muitas músicas de dança, mas sem espaço suficiente, sem suficiente sombra, sem suficiente escuro. Seria preciso um jardim muito belo e vasto. Seria encantador. Onde queres ir?

Perplexo, Duroy não sabia o que dizer; enfim, decidiu-se: — Não conheço o Folies-Bergère. Teria prazer em ir para lá.

Seu companheiro exclamou: — O Folies-Bergère? Cruzes! Vamos ficar cozidos como em um forno. Enfim, talvez seja divertido.

E ambos giraram nos calcanhares para chegar à Rua do Faubourg-Montmartre.

A fachada iluminada do estabelecimento lançava um grande fulgor sobre as quatro ruas que se juntavam diante dele. Uma fila de fiacres esperava na saída.

Forestier entrou. Duroy o deteve:

— Esquecemos de passar pelo caixa.

O outro respondeu com um tom importante:

— Comigo, não se paga nada.

Ao se aproximar do controle, os três porteiros o cumprimentaram. O do meio estendeu-lhe a mão. O jornalista perguntou:

— Há um bom camarote?

— Certamente, senhor Forestier.

Ele pegou a entrada que lhe entregaram, empurrou a porta estofada, com batentes ornados de couro, e ambos entraram na sala.

Como um fino nevoeiro, a fumaça dos cigarros velava um pouco os locais mais distantes, o palco e o outro lado do teatro. Elevando-se sem cessar dos charutos e cigarros que todas as pessoas fumavam, em delgados filetes esbranquiçados, subia sempre uma leve bruma que se acumulava no teto e formava um céu enevoadado de fumaça sob a grande cúpula, em torno do lustre e acima da galeria do primeiro andar, repleta de espectadores.

No vasto corredor de entrada levando ao passeio circular, onde espreitava a tribo enfeitada das meninas; mesclado à multidão de homens, um grupo de mulheres esperava os recém-chegados diante de um dos três balcões onde reinavam, pintadas e gastas, três mercadoras de bebidas e de amor.

Atrás delas, os espelhos altos refletiam suas costas e os rostos dos passantes.

Forestier cortava os grupos, avançava depressa, como um homem que tem direito a toda consideração.

Aproximou-se de uma funcionária indicadora. — Camarote 17? — perguntou.

— Por aqui, senhor.

E foram encerrados em um pequeno reservado de madeira, descoberto, atapetado de vermelho, contendo quatro cadeiras da mesma cor, tão próximas umas das outras que apenas com esforço se podia passar entre elas. Os dois amigos sentaram; tanto à direita quanto à esquerda, seguindo uma longa linha arredondada que tocava os dois lados do palco, uma série de camarotes semelhantes continha pessoas igualmente sentadas, das quais só se divisava a cabeça e o peito.

No palco, três moços em roupa de malha colante, um alto, um de média estatura e um baixo, revezavam-se em exercícios sobre um trapézio.

O alto avançava primeiro, com passos curtos e rápidos, sorrindo, e saudava com um movimento de mão, como para enviar um beijo.

Sob a roupa de malha, via-se o desenho dos músculos dos braços e das pernas; ele estufava o peito para esconder o estômago muito saliente; seu rosto parecia o de um cabeleireiro, pois uma risca bem feita dividia sua cabeleira em duas partes iguais, exatamente no meio do crânio. Ele alcançava o trapézio com um salto gracioso e, pendurado pelas mãos, girava como uma roda lançada; ou então, com os braços rígidos, mantinha-se imóvel, deitado horizontalmente no vazio, preso à barra fixa apenas pela força de seus punhos.

Em seguida pulava para o chão, novamente cumprimentava sorrindo e ia encostar-se ao cenário, a cada passo exibindo bem a musculatura das pernas.

O segundo, menos alto e mais encorpado, avançava por sua vez e repetia o mesmo exercício que o último também recomeçava, em meio ao favor mais acentuado do público.

Mas Duroy pouca atenção dava ao espetáculo e, com a cabeça voltada para trás, olhava sem cessar o grande passeio repleto de homens e de prostitutas.

Forestier lhe disse: “Repare na platéia: somente burgueses com suas mulheres e filhos, cabeças estúpidas que aqui vêm para ver. Nos camarotes, frequentadores de bulevares, alguns artistas, algumas mulheres da sociedade; e atrás de nós, a mistura mais engraçada que há em Paris. Quem são esses homens? Observa-os. Há de tudo, de todas as profissões e de todas as castas, mas a crápula domina. Aqui estão funcionários, empregados de banco, de lojas, dos ministérios, repórteres, proxenetas, oficiais a paisana, janotas de casaca que acabaram de jantar no cabaré e que saem do teatro Opéra antes de entrar nos Italiens, e também todo um mundo de homens suspeitos que desafiam qualquer análise. Quanto às mulheres, nada mais que uma única espécie: a exploradora do Américain, a mulher de dois ou três luíses que arranca cinco luíses do estrangeiros e avisa seus clientes quando está livre. São conhecidas há seis anos; são vistas todas as noites, o ano todo nos mesmos lugares, exceto quando vão se tratar nos hospitais Saint-Lazare ou Lourcine”.

Duroy deixara de escutar. Uma dessas mulheres o fitava, encostada no camarote que ocupavam. Era uma morena gordinha, a pele branqueada por cremes, olhos negros alongados, acentuados a lápis e emoldurados por sobrancelhas grandes e artificiais. Seu busto enorme distendia a seda escura do vestido. Seus lábios pintados, vermelhos como uma ferida, davam-lhe um ar bestial, ardente, ultrajante, que, apesar de tudo, despertava o desejo.

Com um sinal de cabeça, ela chamou uma amiga que passava, uma loura de cabelos ruivos, também cheia de corpo, e lhe disse em voz bastante alta para ser ouvida: — Veja que moço bonito: se ele me quiser, por dez luíses não lhe direi não.

Forestier se voltou e, sorrindo, deu um tapa na coxa de Duroy: — Isso é contigo: estás fazendo sucesso, meu caro. Meus cumprimentos.

O antigo suboficial corou; com um movimento maquinal nos dedos, tateou as duas moedas de ouro no bolso do colete.

A cortina baixara; a orquestra agora tocava uma valsa.

Duroy disse: — E se déssemos uma volta pela galeria?

— Como quiseres.

Saíram e imediatamente foram envolvidos pela corrente dos transeuntes. Apertados, empurrados, comprimidos, jogados, andavam tendo diante de si uma multidão de chapéus. E as mulheres, duas a duas, passavam por essa multidão de homens, atravessavam-na com facilidade, deslizando entre os cotovelos, entre os torsos, entre as costas, como se estivessem em casa,

bem à vontade, como peixes dentro da água em meio a esse fluxo de machos.

Encantado, Duroy se deixava levar, bebia com embriaguês o ar viciado pelo tabaco, pelo odor humano e pelo perfume das meretrizes. Mas Forestier suava, arfava, tossia.

— Vamos ao jardim, — disse ele.

Virando à esquerda, penetraram em uma espécie de jardim coberto, refrescado por duas fontes de mau gosto. Sob os teixos e tuias plantados em vasos, homens e mulheres bebiam em mesas de zinco.

— Mais uma cerveja? — perguntou Forestier.

Sim, com certeza.

Sentaram-se vendo o público passar.

De tempos em tempos, uma prostituta se detinha e perguntava com um sorriso banal: Oferece-me alguma coisa, senhor? E como Forestier respondesse: — Um copo de água da fonte, ela se afastava murmurando: — Ora, que sovina!

Porém, a morena gordinha que antes se apoiara no camarote dos dois amigos reapareceu caminhando com arrogância, de braços dados com a loura rechonchuda. Faziam um belo par de mulheres, bem combinado.

Ela sorriu ao ver Duroy, como se seus olhos já houvessem dito coisas íntimas e secretas; e apanhando uma cadeira, sentou-se tranquilamente diante dele, fez com que sua amiga se sentasse e depois pediu com voz clara: — Garçon, duas granadinas! — Surpreso, Forestier disse: “Não te perturbas, não é?”

Ela respondeu: — É que teu amigo me seduziu. É realmente um rapaz bonito. Acho que fará com que eu cometa loucuras!

Intimidado, Duroy, não encontrou nada para dizer. Torceu o bigode frisado e sorriu de modo simplório. O garçon chegou com os refrescos que as mulheres beberam de um só gole; depois, ambas se levantaram e com uma pequena e amável saudação de cabeça e um ligeiro toque de leque no braço, a morena disse a Duroy: — Obrigada, querido. Não tens a palavra fácil.

E partiram balançando os quadris.

Forestier pôs-se a rir: — Sabes, meu velho, que és um verdadeiro sucesso com as mulheres? É preciso cultivar isso. Tal coisa pode te levar longe. — Calou-se por um segundo, depois continuou com o tom sonhador das pessoas que pensam em voz alta: — Ainda é através das mulheres que se sobe mais depressa.

E como Duroy continuasse a sorrir sem responder, perguntou: — Ficas aqui? Estou indo, já fiquei bastante.

O outro murmurou: — Sim, fico um pouco mais. Ainda é cedo.

Forestier se levantou: — Muito bem! Então adeus. Até amanhã. Não te esqueças, Rua Fontaine, 17, às 7h30.

— Combinado. Até amanhã. Obrigado.

Apertaram-se as mãos e o jornalista se afastou.

Assim que ele desapareceu, Duroy sentiu-se livre e novamente tateou alegremente as duas moedas de ouro em seu bolso. Levantou-se e pôs-se a percorrer a multidão, pesquisando-a com os olhos.

Logo encontrou as duas mulheres, a loura e a morena, que continuavam a passear através da multidão de homens com sua atitude orgulhosa de mendigas.

Dirigiu-se diretamente a elas, mas quando chegou bem perto perdeu a coragem.

A morena lhe disse: — Achaste a língua?

Ele balbuciou: “Por Deus”, sem conseguir pronunciar outra palavra.

Os três permaneciam em pé, parados, impedindo o movimento do passeio, formando um redemoinho em torno deles

De repente, ela perguntou:

— Vens à minha casa?

Trêmulo de desejo, ele respondeu brutalmente:

— Sim, mas só tenho um Luís no bolso.

Ela sorriu com indiferença: — Isso não importa.

E pegou-lhe o braço em sinal de posse.

Ao saírem, pensou que, com os outros 20 francos, poderia facilmente alugar um traje a rigor para o dia seguinte

— O senhor Forestier, por favor?

— Terceiro andar, porta da esquerda.

O porteiro respondera com um tom de voz amável, onde se percebia a consideração que nutria por seu locatário. Georges Duroy subiu a escada

Sentia-se um pouco envergonhado, intimidado, pouco à vontade. Vestia casaca pela primeira vez na vida, e o conjunto de sua indumentária o inquietava. Sentia que, no todo, estava toda defeituosa por causa das botinas que não eram de verniz, apesar de bastante finas, pois amava ter os pés bem calçados, por causa da camisa de quatro francos e meio, comprada no Louvre naquela manhã, cujo peitilho muito fino já se quebrava. Suas outras camisas, as de uso diário, possuíam avarias mais ou menos graves, e não pôde utilizar nem a menos danificada

Suas calças, um pouco largas demais, desenhavam mal as pernas, pareciam se enrolar em torno da panturrilha e tinham essa aparência amarrotada que adquirem as roupas de ocasião sobre os membros que recobrem por acaso. Apenas a casaca não lhe caía mal, e fora encontrada praticamente perfeita para o seu tamanho.

Subia lentamente as escadas, o coração batendo, o espírito ansioso, invadido sobretudo pelo pavor de estar ridículo. Subitamente, encontrou-se diante de um senhor extremamente bem vestido, que o fitava. Estavam tão próximos um do outro que Duroy fez um movimento para trás, depois parou estupefato. Era ele mesmo, refletido em um alto espelho que, no patamar da escada do primeiro andar refletia uma longa perspectiva do corredor. Um arrebatamento de alegria o fez vibrar, pois julgou-se tão elegante como jamais acreditara.

Não possuindo em sua casa mais que um pequeno espelho para fazer a barba, não pudera se contemplar por inteiro, e como via mal as diversas partes de sua vestimenta improvisada, exagerava as imperfeições, perturbado pela idéia de parecer grotesco.

Porém, vendo-se de repente no espelho, não conseguira se reconhecer e tomara-se por outro, por um homem da sociedade que julgara bem vestido, bastante elegante ao primeiro olhar.

E agora, olhando-se com cuidado, reconheceu que, verdadeiramente, o conjunto era satisfatório.

Em seguida, estudou a si mesmo como fazem os atores para aprenderem seus papéis. Sorriu, estendeu a mão, fez gestos, exprimiu sentimentos: surpresa, aprovação; e buscou gradações de sorrisos e de intenções de olhar para se mostrar galante para com as damas, fazê-las compreender que eram admiradas e desejadas.

Uma porta se abriu no patamar da escada. Teve medo de ser surpreendido por algum convidado de seu amigo e começou a subir depressa, com medo de ser visto fazendo aqueles trejeitos.

Ao chegar ao segundo andar, notou outro espelho e diminuiu o passo para se ver passar. Seu porte lhe pareceu verdadeiramente elegante. Caminhava bem. E uma ilimitada confiança em si mesmo invadiu sua alma. Certamente teria sucesso com essa aparência, com seu desejo de subir na vida, a resolução que possuía e a independência de seu espírito. Tinha vontade de correr, de saltar até o último andar. Parou diante de um terceiro espelho, frisou o bigode e murmurou baixinho, como fazia com frequência: “Eis uma excelente invenção”. Em seguida, estendendo a mão, tocou a sineta.

A porta se abriu quase que imediatamente, e ele se encontrou na presença de um criado vestido de preto, grave, bem barbeado, com aspecto tão perfeito que Duroy novamente se perturbou, sem compreender de onde vinha aquela vaga emoção: talvez de uma inconsciente comparação entre o corte de suas roupas. Ao pegar o sobretudo que Duroy carregava no braço, com medo que aparecessem as manchas, o lacaio, que calçava sapatos de verniz, perguntou:

— A quem devo anunciar?

E lançou seu nome através do reposteiro que dava para o salão onde ele devia entrar.

Mas Duroy, de repente perdendo a desenvoltura, sentiu-se inibido pelo medo, arquejante. Daria o primeiro passo na direção da existência tão esperada, tão sonhada. Entrou. Uma jovem loura o esperava em pé, sozinha no grande aposento bem iluminado e cheio de plantas, como uma estufa.

Deteve-se por completo, totalmente desconcertado. Quem era aquela dama sorridente? Em seguida, lembrou-se que Forestier era casado e o pensamento de que aquela jovem loura e elegante fosse a mulher de seu amigo acabou de assustá-lo.

Ele balbuciou: — Senhora, sou... — Ela estendeu-lhe a mão: — Sei quem é, senhor. Charles narrou-me o encontro de ontem à noite e estou muito feliz por ele ter tido a bela inspiração de convidá-lo para jantar conosco, hoje.

Ele corou até as orelhas, sem saber o que dizer; sentia-se examinado, inspecionado dos pés à cabeça, pesado, julgado.

Tinha vontade de se desculpar, de inventar uma razão para explicar a negligência de sua indumentária; mas não encontrava nada, nem ousava tocar nesse assunto difícil.

Sentou-se em uma poltrona que ela lhe indicou, e quando sentiu ceder sob si o veludo elástico e doce do assento, quando se sentiu afundado, apoiado, abraçado por esse móvel acariciante cujo espaldar e braços estofados o sustinham delicadamente, pareceu-lhe entrar em uma vida nova e encantadora, tomar posse de algo delicioso, transformar-se em alguém, ter sido salvo. Fitou a Sra. Forestier cujos olhos não o haviam deixado.

Ela usava um vestido de caxemira, azul pálido, que desenhava bem a cintura flexível e seu busto generoso.

A carne dos braços e da garganta saía de uma espuma de renda branca que guarnecia o corpete e as mangas curtas; e os cabelos, presos no alto da cabeça, um pouco frisados sobre a nuca, faziam uma ligeira nuvem de penugem loura acima do pescoço.

Duroy tranquilizou-se sob seu olhar que, não sabia por que, lembrava-lhe o da moça que na véspera encontrara no Folies-Bergère. Ela possuía olhos cinzentos, de um cinza azulado que lhe dava uma expressão estranha, nariz pequeno, lábios grossos, queixo ligeiramente carnudo, uma figura irregular e sedutora, cheia de gentileza e malícia. Era um desses rostos de mulher em que cada uma das linhas revela uma graça particular, parece ter um significado, em que cada movimento parece dizer ou esconder alguma coisa.

Depois de um curto silêncio, ela lhe perguntou: — Encontra-se em Paris há muito tempo?

Pouco a pouco retomando a posse de si mesmo, ele respondeu: — Apenas alguns meses, senhora. Tenho um emprego na Estrada de Ferro; mas Forestier deu-me esperanças de, graças a ele, poder entrar no jornalismo.

Ela deu um sorriso mais visível, mais benevolente; e murmurou baixando a voz — Eu sei.

A sineta tocou novamente. O criado anunciou:

— Senhora de Marelle.

Era uma morena pequena, daquelas a quem chamamos de moreninha.

Entrou rapidamente; parecia desenhada, envolvida dos pés a cabeça em um vestido escuro e muito simples.

Somente uma rosa vermelha, espetada em seus cabelos negros, atraía violentamente o olhar e parecia marcar sua fisionomia, acentuar seu caráter especial, dar-lhe a nota viva e brusca de que precisava.

Uma garotinha de vestido curto a seguia. A Sra. Forestier aproximou-se dela:

— Bom dia, Clotilde.

— Bom dia, Madeleine.

Elas se beijaram. Em seguida, a criança estendeu a testa com segurança de gente grande e disse:

— Bom dia, prima.

A Sra. Forestier a beijou; depois fez as apresentações:

— Sr. Georges Duroy, um bom amigo de Charles.

— Sra. de Marelle, minha amiga, um pouco minha parente.

Ela acrescentou: — Veja, aqui não temos cerimônias, formalidades ou pose. Estamos combinados?

O jovem se inclinou.

Mas a porta novamente se abriu e um homenzinho gordo, baixo e arredondado, surgiu segurando o braço uma mulher grande e bela, mais alta que ele, muito mais jovem, de maneiras elegantes e andar discreto. Era o Sr. Walter, deputado, financista, homem de dinheiro e de negócios, judeu e sulista, diretor do La Vie Française, e sua mulher, nascida Basile-Ravalau, filha do banqueiro do mesmo nome.

Em seguida, um atrás do outro, surgiram Jacques Rival, muito elegante, e Norbert de Varenne, casaca com a gola luzidia,

um pouco encerada pelo atrito dos longos cabelos que lhe caíam pelos ombros e semeavam alguns grãos de poeira branca.

Sua gravata, com o nó mal feito, não parecia ser usada pela primeira vez. Avançou com a graça de velho de boa aparência e, segurando a mão da Sra. Forestier, plantou-lhe um beijo no pulso. Com o movimento que fez para se abaixar, sua longa cabeleira se espalhou como água sobre o braço nu da jovem senhora.

Por sua vez, Forestier entrou, desculpando-se por estar atrasado. Ficara retido no jornal pelo caso Morel. O Sr. Morel, deputado radical, acabara de propor uma questão ao ministério sobre um pedido de crédito relativo à colonização da Argélia.

O criado anunciou: — Senhora, o jantar está servido!

E todos passaram para a sala de jantar.

Duroy encontrou-se colocado entre a Sra. de Marelle e sua filha. Novamente sentia-se envergonhado, com medo de cometer qualquer engano no manejo convencional do garfo, da colher, dos copos. Eram quatro, sendo um deles ligeiramente azulado. O que se poderia beber nesse?

Ninguém falou durante a sopa. Depois, Norbert de Varenne perguntou: — Leram o processo Gaultier? Que coisa mais engraçada!

E discutiu-se o caso de adultério, complicado por chantagem. Não se falava como se fala no seio das famílias, sobre os acontecimentos publicados nos jornais, mas como se discute uma doença, entre médicos, ou como, entre eles, os verdureiros debatem sobre legumes. Não havia indignação, não havia espanto pelos fatos; procurava-se pelas razões profundas e secretas com uma curiosidade profissional e uma indiferença absoluta pelo crime, em si. Tentavam explicar claramente as origens das ações, determinar todos os fenômenos cerebrais que haviam dado origem ao drama, resultado científico de um estado de espírito especial. As mulheres também se apaixonavam por essa busca, por esse trabalho. E foram examinados outros acontecimentos recentes, comentados, analisados sob todos os aspectos, avaliados quando ao seu valor, com olhar prático e esse modo de ver especial dos mercadores de novidades, dos vendedores da comédia humana no varejo, como, nas casas de comércio, são examinados, analisados e pesados os objetos vendidos ao público.

Em seguida conversaram sobre um duelo, e Jacques Rival tomou a palavra. Esse assunto lhe pertencia: ninguém mais poderia tratar dele.

Duroy não ousava dizer uma palavra. Às vezes olhava sua vizinha, cujo pescoço arredondado o seduzia. Um diamante preso por um fio de ouro pendia-lhe da orelha como uma gota de água que tivesse deslizado sobre a carne. De tempos em tempos, ela fazia uma observação que sempre despertava um sorriso nos lábios. Possuía espírito divertido, gentil, inesperado, espírito de menina experimentada, que via as coisas com leveza e as julgava com ceticismo delicado e benevolente.

Em vão, Duroy procurava qualquer cumprimento para lhe fazer e, sem encontrar nada, ocupava-se de sua filha, enchia-lhe o copo, segurava seus pratos, a servia. Mais severa que a mãe, a criança agradecia com voz grave, fazia breves cumprimentos com a cabeça: — O Senhor é muito amável, — e ouvia os adultos com um arzinho de reflexão.

O jantar estava bastante bom, e todos se extasiavam. O Sr. Walter comia como um ogro, quase não falava e, com um olhar oblíquo escorrido sob os óculos, examinava as iguarias que lhe eram apresentadas. Norbert de Varenne competia com ele e às vezes deixava cair gotas de molho no peitilho da camisa.

Sorridente e sério, Forestier fiscalizava e trocava olhares de compreensão com a mulher, como compadres que realizam juntos uma tarefa difícil que se desenvolve a contento.

Os rostos tornavam-se vermelhos, as vozes se alteavam. De momento a momento, o criado murmurava ao ouvido dos convivas: “Corton? Château-Laroze?”

Duroy apreciou o Corton e, a cada vez, permitia-lhe encher o copo. Uma deliciosa alegria o invadiu: uma alegria quente, que subia do ventre à cabeça, corria-lhe pelos membros e o penetrava inteiramente. Sentia-se invadido por um bem-estar completo, bem-estar de vida e de pensamento, de corpo e de alma.

E foi assaltado por uma vontade de falar, de se fazer notado, de ser escutado, apreciado como esses homens dos quais saboreavam as menores expressões.

Mas a conversação que continuava sem cessar, pendurando ideias umas nas outras, saltando de um assunto para outro por uma palavra, um nada, depois de ter feito a ronda dos acontecimentos do dia e, de passagem, despertado mil questões, voltou à grande interpelação do Sr. Morel sobre a colonização da Argélia.

Entre dois pratos, o Sr. Walter fez algumas brincadeiras, pois tinha o espírito cético e pesado. Forestier contou sobre seu

artigo do dia seguinte. Jacques Rival exigiu um governo militar com concessões de terra conferidas a todos os oficiais depois de trinta anos de serviço colonial.

— Desse modo, dizia ele, criar-se-á uma sociedade enérgica, que durante muito tempo aprendeu a conhecer e a amar o país, que sabe sua língua e está a par de todas as graves questões locais contra as quais, infalivelmente, se chocam os recém-chegados.

Norbert de Varenne o interrompeu:

— Sim... saberão tudo isso, exceto agricultura. Falarão árabe, mas ignorarão como se transplanta beterrabas e como se semeia o trigo. Serão fortes na esgrima, mas muito fracos no que se refere aos fertilizantes. Ao contrário, é necessário abrir esse novo país a todo o mundo. Os homens inteligentes conseguirão nele um lugar ao sol, os outros sucumbirão. Essa é a lei social.

Seguiu-se um breve silêncio. Sorriram.

Georges Duroy abriu a boca e, surpreso com sua própria voz como se jamais se tivesse ouvido falar, disse: — O que falta ali é boa terra. As propriedades verdadeiramente férteis custam tão caro quanto na França e são compradas por parisienses muito ricos, como investimento. Os verdadeiros colonos, os pobres, os que emigram por falta de pão, são empurrados para o deserto, onde nada cresce por falta de água.

Todos o olharam. Ele sentiu-se enrubescer. O Sr. Walter perguntou: — O senhor conhece a Argélia?

Ele respondeu: “Sim, senhor, ali estive durante 28 meses e viajei pelas três províncias.”

E de repente, esquecendo-se da questão Morel, Norbert de Varenne o interrogou sobre um detalhe dos costumes que soubera por um oficial. Tratava-se de Mzab, essa pequena e estranha república árabe, nascida no meio do Saara, no local mais estéril dessa região candente.

Duroy visitara Mzab duas vezes e descreveu os costumes desse país singular, onde as gotas de água valem tanto quanto ouro, onde, por turnos, cada habitante exerce todos os serviços públicos, onde a proibição comercial é levada mais a sério que entre os povos civilizados.

Falou com certo entusiasmo tagarela, excitado pelo vinho e pelo desejo de agradar; contou anedotas do regimento, particularidades da vida árabe, aventuras de guerra. Encontrou até algumas expressões coloridas para descrever aquelas terras amarelas e nuas, interminavelmente desoladas sob a chama devoradora do sol.

As mulheres tinham os olhos sobre ele. A Sra. Walter murmurou com sua voz lenta: “Com suas lembranças, o senhor faria uma encantadora série de artigos”. Então, Walter examinou o jovem por cima das lentes de seus óculos, como fazia para ver bem os rostos. Os pratos, ele olhava os pratos por baixo.

Forestier aproveitou o momento: — Meu caro chefe, já lhe havia falado sobre o Sr. Georges Duroy, pedido para contratá-lo para o serviço de informações políticas. Depois que Marambot nos deixou, estou sem ninguém para colher informações urgentes e confidenciais, e o jornal sofre com isso.

O Sr. Walter ficou sério e tirou os óculos para ver melhor o rosto de Duroy. Em seguida, disse: — Certamente o Sr. Duroy tem um espírito original. Se quiser conversar comigo amanhã, às três horas, arranjaremos isso. — Depois de um breve silêncio, voltando-se para o jovem, acrescentou: — Mas escreva-nos imediatamente uma pequena série fantasiosa sobre a Argélia. O senhor narrará suas reminiscências e a isso mesclará a questão da colonização, como há pouco. É atual, bastante atual, e tenho certeza que agradará muito aos nossos leitores. Mas ande depressa! Precisa atrair o público, preciso do primeiro artigo para amanhã ou depois de amanhã, enquanto a discussão está na Câmara.

Com a graça séria que colocava em tudo e que dava um ar obsequioso às suas palavras, a Sra. Walter acrescentou: — E o senhor já tem um título encantador: Reminiscências de um Caçador na África; não é verdade, Sr. Norbert?

O velho poeta, que alcançara tarde seu renome e detestava e temia os recém-chegados, respondeu com ar seco:

— Sim, excelente, desde que a continuação seja no mesmo nível, pois aí é que está a grande dificuldade, a nota justa, o que em música chamamos de tom.

A Sra. Forestier cobriu Duroy com um olhar protetor e sorridente que parecia dizer: “Vencerás”. A Sra. de Marelle se voltara para ele várias vezes, e o diamante em sua orelha tremulava sem cessar, como se uma fina gota de água fosse se soltar e cair.

A menina permanecia imóvel e séria, cabeça baixa sobre o prato.

Mas o criado fazia a volta na mesa, enchendo os copos azuis com vinho de Johannisberg, e Forestier propôs um brinde para

saudar o Sr. Walter: “À longa prosperidade do La Vie Française!”

Todos se inclinaram para o Chefe que sorria e, cinzento de triunfo, Duroy bebeu de um só trago. Imaginava-se capaz de esvaziar uma barrica inteira, comer um boi, estrangular um leão. Sentia nos membros um vigor sobre-humano, no espírito uma resolução invencível e uma esperança infinita. Em meio a essa gente, agora estava em casa; acabara de tomar posição, conquistar seu lugar. Seu olhar pousava nos rostos com uma segurança nova e, pela primeira vez, ousou dirigir a palavra à sua vizinha:

— A senhora possui os brincos mais belos que já vi.

Ela se voltou para ele, sorridente: — Foi ideia minha prender diamantes desse modo, simplesmente na ponta de um fio. Lembra verdadeiramente o orvalho, não é?

Confuso com sua audácia, temendo dizer uma tolice, murmurou:

— É encantador... mas a orelha o valoriza.

Ela agradeceu com um olhar, um desses olhares claros de mulher, que penetram até o coração.

Ao virar a cabeça, ele encontrou ainda os olhos da Sra. Forestier, sempre benevolentes, mas julgou ter visto neles uma alegria mais viva, uma ar de malícia, um encorajamento.

Agora, todos os homens falavam ao mesmo tempo, com gestos e altas vozes; discutiam o grande projeto do trem metropolitano. O assunto só se esgotou no final da sobremesa, pois cada qual tinha muito a dizer sobre a lentidão das comunicações em Paris, sobre as inconveniências dos bondes, sobre os aborrecimentos dos ônibus e a grosseria dos cocheiros de fiacres.

Depois disso, deixaram a sala de jantar para tomar café. Por brincadeira, Duroy ofereceu o braço à garotinha. Ela agradeceu com gravidade e se pôs na ponta dos pés para conseguir colocar a mão sobre o cotovelo de seu vizinho.

Ao entrar no salão, ele novamente teve a sensação de penetrar em uma estufa. Nos quatro cantos do aposento, grandes palmeiras abriam suas folhas elegantes, subiam até o teto e depois se expandiam como um repuxo.

Nos dois lados da lareira, um sobre o outro, cauchos redondos como colunas dispunham suas longas folhas de um verde sombrio, e sobre o piano, dois arbustos desconhecidos, arredondados e cobertos de flores, um todo rosa e outro todo branco, pareciam plantas fictícias, inacreditáveis, belas demais para serem verdadeiras.

O ar estava fresco, impregnado de um perfume vago, doce, que não se podia definir nem dizer o nome.

Mais senhor de si, o jovem examinou o apartamento com atenção. Não era grande; nada atraía o olhar além dos arbustos; nenhuma cor viva arrebatava; mas sentia-se à vontade dentro dele, tranquilo, repousado; ele o envolvia com doçura, agradava, cingia seu corpo com algo semelhante a uma carícia.

As paredes eram revestidas de tecido antigo de um violeta apagado, crivado de pequenas flores de seda amarela, do tamanho de um botão de florete.

Sobre as portas pendiam reposteiros de um azul acinzentado, feitos com tecido de farda de soldado, onde estavam bordados alguns cravos de seda vermelha. Poltronas de todas as formas e tamanhos espalhavam-se ao acaso pelo apartamento, canapés, sofás enormes ou minúsculos, pufes e tamboretas, todos cobertos de seda Luís XVI ou do belo veludo de Utrecht, com fundo creme e desenhos cor de vinho.

— Toma café, senhor Duroy?

A Sra. Forestier estendia-lhe uma xícara cheia, com aquele sorriso amigo que não lhe saía dos lábios.

— Sim, senhora, eu agradeço.

Recebeu a xícara e, ao se inclinar angustiosamente para apanhar com a pinça de prata um torrão de açúcar que lhe oferecia a menina, a senhora lhe disse baixinho:

— Corteje a Sra. Walter.

E se afastou antes que ele pudesse responder.

Primeiro, tomou seu café, temendo derramá-lo sobre o tapete; depois, com o espírito livre, tentou achar um meio de se aproximar da mulher de seu novo chefe e entabular uma conversação.

De repente, percebeu que segurava a xícara vazia; como se encontrava longe de uma mesa, não sabia onde colocá-la. Dirigiu-se rapidamente para ela.

— Com licença, senhora.

— Obrigada, senhor.

Ele levou a xícara, depois voltou: — Se a senhora soubesse quantos bons momentos me fez passar o *La Vie Française* quando eu estava no deserto... Verdadeiramente, é o único jornal que se pode ler fora da França, pois é o mais literário, o mais espiritual e o menos monótono de todos. Tem de tudo.

Ela sorriu com indiferença amável e respondeu gravemente:

— O Sr. Walter passou por muitos dissabores para criar esse tipo de jornal, que satisfaz uma nova necessidade.

E puseram-se a conversar. Ele tinha a palavra fácil e banal, voz sedutora, muita graça no olhar e um fascínio irresistível no bigode. Este se desarrumava sobre seus lábios, crespo, frisado, louro avermelhado, com uma tonalidade mais pálida nos pelos espetados das pontas.

Falaram de Paris, dos arredores, das margens do Sena, das estações de águas, dos prazeres do verão, de todas as coisas comuns sobre as quais se pode descobrir infinitas coisas sem cansar o espírito.

Depois, como o Sr. Norbert de Varenne se aproximasse, Duroy afastou-se discretamente, com um copo de licor na mão.

A Sra. de Marelle, que acabara de conversar com a Sra. Forestier, o chamou: — Muito bem, então o senhor deseja experimentar o jornalismo? — disse ela bruscamente,

Ele então discorreu sobre seus projetos em termos vagos, depois recomeçou com ela a conversação que acabara de ter com a Sra. Walter; mas como já dominava melhor o assunto, mostrou-se superior, repetindo, como se fossem suas, coisas que acabara de ouvir. E fitava sem cessar os olhos de sua vizinha, como que para dar um sentido profundo ao que dizia.

Por sua vez, ela lhe contou anedotas, com um desembaraço fácil de mulher que sabe que é espirituosa e que sempre deseja ser engraçada; tornando-se familiar, colocava a mão sobre seu braço, baixava a voz para dizer coisas insignificantes que assim assumiam um caráter de intimidade. Interiormente, ele se exaltava ao toque dessa jovem que se ocupava dele. Desejaria imediatamente dedicar-se a ela, defendê-la, mostrar seu valor, e a demora em lhe responder indicava a preocupação de seu pensamento.

De repente, sem razão, a Sra. de Marelle chamou: “Laurine!” e a menina se aproximou.

— Senta-te ali, minha filha, sentirás frio perto da janela.

E Duroy sentiu um desejo louco de beijar a menina, como se algo desse beijo pudesse retornar à mãe.

Então pediu em tom galante e paternal: A senhorita me permite dar-lhe um beijo?

A criança levantou os olhos com um ar surpreso. A Sra. de Marelle disse rindo:

“Responde: — Permito por hoje, senhor; mas não será sempre assim”.

Sentando-se logo, Duroy colocou Laurine sobre seu joelho e tocou com os lábios os cabelos ondulados e finos da criança.

A mãe se espantou: — Que coisa, ela não se esquivou: é espantoso. Em geral, só permite que mulheres a beijem. O senhor é irresistível, Sr. Duroy.

Ele corou sem responder e, com um movimento ligeiro, balançou a criança sobre a perna.

A Sra. Forestier se aproximou e, com um grito de espanto, exclamou: — Olha, Laurine foi domada, que milagre!

Jacques Rival também se acercou com um charuto na boca, e Duroy se levantou para partir, temendo dizer alguma palavra descortês que pudesse estragar o trabalho que fizera, a conquista iniciada.

Cumprimentou, tomou e apertou delicadamente as mãos estendidas das mulheres, depois sacudiu com força as mãos dos homens. Reparou que a de Jacques Rival estava seca e quente, e respondeu cordialmente à pressão; a de Norbert de Varenne, úmida e fria, lhe escorregou por entre os dedos; a do senhor Walter, fria e mole, era sem energia, sem expressão; a de Forestier era gorda e tépida. Seu amigo lhe disse em voz baixa:

— Amanhã, às três horas, não te esqueças.

— Oh! Não, não te preocupes.

Quando chegou à escada, teve vontade de descer correndo, tal a veemência de sua alegria, e pôs-se a descer rapidamente, de dois em dois degraus; de repente viu no grande espelho do segundo andar um senhor apressado que vinha pulando ao seu encontro. Estacou imediatamente, envergonhado como se tivesse sido surpreendido em alguma falta.

Depois, olhou-se durante longo tempo, maravilhado por realmente ser um moço bonito. Sorriu com complacência e, despedindo-se de sua imagem, cumprimentou-se com uma grande reverência, cerimoniosamente, como se cumprimenta os grandes personagens.

Ao chegar à rua, Georges Duroy hesitou sobre o que fazer. Tinha vontade de correr, de sonhar, de andar imaginando futuro, respirando o doce ar da noite; mas o pensamento da série de artigos encomendados pelo senhor Walter o perseguia e decidiu voltar para casa de imediato para iniciar o trabalho.

Com passos largos, chegou ao bulevar exterior e seguiu até a Rua Boursault, onde morava. O prédio com seis andares de altura era ocupado por 20 casais de operários e pequenos burgueses. Ao subir as escadas cheias de pedaços de papel, pontas de cigarro e sobras de cozinha, degraus sujos que ele iluminava com fósforos, sentiu uma repugnante sensação de desgosto e uma pressa de sair de lá, de morar como os homens ricos, em casas limpas, atapetadas. De alto a baixo, sentiu-se preenchido por um odor pesado de comida, de esgoto e de humanidade, um odor estagnado de sujeira e de paredes velhas que nenhuma corrente de ar poderia afastar daquela habitação.

Localizado no quinto andar, como que sobre um abismo profundo, o quarto do moço dava para a imensa vala da Estrada de Ferro do Oeste, exatamente sobre a saída do túnel, perto da estação Batignolles. Duroy abriu a janela e colocou os cotovelos sobre o apoio de ferro enferrujado.

Sob ele, no fundo da cavidade sombria, três sinais vermelhos e imóveis pareciam grandes olhos de um animal selvagem; mais longe viam-se outros, e ainda outros, mais distantes. A todo o momento, apitos prolongados ou curtos passavam na noite, uns próximos, outros apenas perceptíveis, vindos lá de baixo, dos lados de Asnières. Tinham modulações como apelos de voz. Um deles se aproximou, lançando sempre seu grito queixoso que aumentava de segundo em segundo, e logo surgiu uma grande claridade amarela, correndo com grande ruído; e Duroy observou o longo rosário dos vagões lançando-se sob o túnel.

Depois, disse a si mesmo: “Vamos ao trabalho!” Colocou a vela sobre a mesa, mas no momento em que se dispôs a escrever lembrou-se que em casa só havia um bloco de papéis de carta.

Tanto pior, ele as utilizaria, abrindo a folha em toda sua grandeza. Mergulhou a pena na tinta e, em sua caligrafia mais bonita, escreveu o cabeçalho:

Reminiscências de um Caçador na África

Em seguida, procurou um começo para a primeira frase.

Permaneceu com a frente apoiada na mão, os olhos fixos no quadrado branco estendido diante dele.

O que iria dizer? Agora não encontrava mais nada do que acabara de contar, nenhuma anedota, nenhum fato, nada. Subitamente, pensou: “Preciso começar pela minha partida”. E escreveu: “Era o ano de 1874, por volta de 15 de maio, quando a França repousava esgotada depois das catástrofes do ano terrível...”

Estacou de repente, sem saber como escrever a continuação, seu embarque, sua viagem, suas primeiras emoções.

Depois de dez minutos de reflexão, decidiu deixar para o dia seguinte a página inicial, preparatória, e passar imediatamente a uma descrição da Argélia.

Escreveu no papel: “Argel é uma cidade inteiramente branca...” sem conseguir enunciar outra coisa. Revia na memória a bela cidade clara que escorria como uma cachoeira de casas baixas do alto de sua montanha no mar, mas não encontrava uma única palavra para exprimir o que vira, o que sentira.

Após um grande esforço, acrescentou: “Em parte, é habitada por árabes...” Atirou a pena sobre a mesa e se levantou.

Sobre o pequeno leito de ferro, onde seu corpo fizera uma concavidade, viu suas roupas de uso diário ali atiradas, vazias, fatigadas, frouxas, desagradáveis como trajes de necrotério. E sobre uma cadeira de palha, seu chapéu de seda, seu único chapéu, parecia aberto para receber esmolas.

As paredes, recobertas por um papel cinzento com ramalhetes azuis, tinham tantas nódoas quanto flores; nódoas antigas, suspeitas, das quais não se podia adivinhar a natureza, se insetos esmagados ou gotas de óleo, se pontas de dedos sujos de pomada ou espuma respingada da bacia durante as lavagens. Aquilo exalava miséria envergonhada, a miséria em um quarto mobiliado de Paris. Foi invadido por uma exasperação contra a pobreza de sua vida. Disse a si mesmo que precisava sair dali imediatamente, que era imperioso terminar com aquela existência necessitada até o dia seguinte.

A vontade de trabalhar subitamente voltou a dominá-lo. Sentou-se outra vez diante da mesa e recomeçou a procurar frases para descrever a fisionomia estranha e encantadora da Argélia, essa antecâmara da África misteriosa e profunda, a África dos árabes nômades e dos negros desconhecidos, a África inexplorada e tentadora que às vezes nos é mostrada nos jardins públicos, os animais inacreditáveis que pareciam criados por contos de fadas, os avestruzes, essas aves extravagantes, as gazelas, esses caprinos divinos, as girafas surpreendentes e grotescas, os sérios camelos, os hipopótamos monstruosos, os rinocerontes informes, e os gorilas, aqueles irmãos assustadores do homem.

Sentia vagamente os pensamentos se aproximando; ele talvez pudesse dizê-los, mas não conseguia formulá-los com palavras escritas. Sua impotência o tornava febril. Voltou a se levantar, as mãos úmidas de suor, o sangue pulsando nas têmporas.

Quando seus olhos tombaram sobre a nota de sua lavadeira, trazida naquela mesma noite pelo porteiro, foi bruscamente invadido por um desespero desvairado. Toda sua alegria desapareceu em um segundo, levando consigo sua confiança em si mesmo e sua fé no futuro. Tudo se acabara, tudo findara, ele não faria nada, não seria nada. Sentia-se vazio, incapaz, inútil, condenado.

Voltou a apoiar os cotovelos na janela, exatamente no momento em que um trem saía do túnel com um ruído súbito e violento. E a lembrança de seus pais penetrou do coração de Duroy.

Aquele comboio passaria por perto deles, a apenas algumas léguas da casa. Reviu a casinha no alto da costa, dominando Ruen e o imenso vale do Sena, na entrada da aldeia de Canteleu.

Seu pai e sua mãe possuíam um pequeno estabelecimento, uma tasca onde os burgueses dos subúrbios almoçavam aos domingos: À la Belle-Vue. Havia desejado fazer de seu filho um cavalheiro e colocaram-no no colégio. Depois de terminar seus estudos e falhar em seu bacharelado, ele partira para o serviço militar com a intenção de se tornar oficial, coronel, general. Porém, desgostoso com a condição militar bem antes de terminar seus cinco anos de serviço, sonhara em fazer fortuna em Paris.

Dirigiu-se para lá quando expirou seu tempo de serviço, apesar dos rogos do pai e da mãe que, desfeito seu sonho, agora desejavam tê-lo por perto. Por sua vez, ele esperava um futuro; por meio de eventos ainda confusos em seu espírito, entrevia o triunfo que saberia fazer nascer e sustentar.

Tivera alguns sucessos no regimento, boa sorte fácil e até aventuras em um mundo mais elevado, tendo seduzido a filha de um preceptor, que queria abandonar tudo para segui-lo, e a mulher de um procurador, que tentara se afogar desesperada por ter sido abandonada.

Seus camaradas diziam dele: “É um finório, um espertalhão, um argucioso que saberá se safar de encrencas”. E, com efeito, prometera a si mesmo ser um finório, um espertalhão e um argucioso.

Sua consciência nativa de normando, desgastada pela prática quotidiana da vida na guarnição, vacilante pelos exemplos de pilhagens na África, pelos lucros ilícitos, pelos ardis suspeitos, açoitada pelas ideias de honra que corriam no exército, pelas bravatas militares, pelos sentimentos patrióticos, pelas histórias magnânimas contadas entre suboficiais e pela glória duvidosa da profissão, tornara-se uma espécie de caixa de fundo triplo, onde se encontrava de tudo.

Mas o desejo de vencer reinava soberano.

Sem perceber, voltara a sonhar, como fazia todas as noites. Imaginava uma aventura amorosa magnífica que o levaria, de um só golpe, à realização de sua esperança. Casava-se com a filha de um banqueiro ou de um grande senhor, encontrada na rua e conquistada à primeira vista.

Foi despertado de seu sonho pelo apito estridente de uma locomotiva que, tendo saído sozinha do túnel, como um coelho grande de sua toca, corria a todo vapor sobre os trilhos e encaminhava-se para a garagem das máquinas, onde iria descansar.

Então, novamente tomado pela esperança confusa e alegre que sempre frequentava seu espírito, atirou aleatoriamente um beijo para a noite, um beijo de amor para a mulher esperada, um beijo de desejo para a fortuna cobiçada. Em seguida, fechou a janela e começou a se despir, murmurando:

“Ora, amanhã cedo estarei mais bem disposto. Esta noite, meu espírito não está livre. E depois, talvez tenha bebido um pouco demais. Impossível trabalhar direito nessas condições”.

Deitou-se, soprou a vela e dormiu quase imediatamente.

Acordou cedo, como se acordava em dias de viva esperança ou de preocupação e, saltando da cama, foi abrir a janela para engolir uma boa xícara de ar fresco, como dizia.

Defronte, do outro lado da grande cova da estrada de ferro, brilhantes à luz do sol nascente, as casas da Rua de Rome pareciam pintadas com a claridade branca. À direita, ao longe, divisavam-se as costas do Argenteuil, as elevações de Sannois e os moinhos de Orgemont em uma bruma azulada e leve, semelhante a um pequeno véu ondulante e transparente, jogado sobre o horizonte.

Duroy passou alguns minutos fitando o campo distante e murmurou: “deve estar extremamente aprazível ali, em um dia como hoje”. Depois, refletiu que devia trabalhar imediatamente e, por dez soldos, enviou o filho da porteira ao escritório para avisar que estava doente.

Sentou-se diante da mesa, mergulhou a pena no tinteiro, apoiou a frente na mão e buscou ideias. Foi em vão. Nada lhe acudia

Mas não se deixou abater. Pensou: “Ora, é falta de hábito. Esse é um trabalho que se aprende, como todos os outros. Preciso de ajuda nas primeiras vezes. Vou procurar Forestier, que porá o artigo em pé em dez minutos”.

Vestiu-se.

Quando chegou à rua, conjeturou que ainda era muito cedo para se apresentar na casa do amigo, que devia dormir até tarde. Então, pôs-se a passear bem devagar sob as árvores do bulevar exterior.

Ainda não eram nove horas quando chegou ao parque Monceau, fresco com a umidade das regas.

Sentando-se em um banco, voltou a sonhar. Um rapaz jovem andava de lá para cá diante dele, muito elegante, sem dúvida esperando por uma mulher.

Ela apareceu toda velada, caminhando depressa e, após um curto aperto de mão, deu-lhe o braço e ambos se afastaram.

Uma tumultuosa carência de amor entrou no coração de Duroy, uma necessidade de amores requintados, perfumados, delicados. Levantou-se e voltou a andar, pensando em Forestier. Ele é que tivera sorte!

Chegou diante da porta do amigo no momento em que ele saía de casa.

— Tu, por aqui! A esta hora! O que queres?

Perturbado por encontrá-lo de saída, Duroy balbuciou: — É que... é que... não consigo escrever meu artigo, tu sabes, o artigo que o Sr. Walter encomendou sobre a Argélia. Isso não é de espantar, pois jamais escrevi nada. E preciso prática para isso, como para tudo. Tenho certeza que aprenderei depressa, mas para começar, não sei como fazer. Tenho ideias, estão todas aqui, mas não consigo exprimi-las.

Deteve-se, hesitando um pouco. Forestier sorria com malícia:

— Conheço isso.

Duroy continuou: — Sim, no início isso deve acontecer a todo mundo. Bem, eu vim... vim pedir um auxílio... Em dez minutos tu o porás em pé, mostrarás o que devo fazer. Tu me darás uma boa aula de estilo. Sem ti, não conseguirei fazer nada.

O outro sorria com ar divertido. Deu um tapinha no braço de seu antigo camarada, e disse:

— Procura minha mulher. Ela poderá te ajudar tão bem quando teu. Já lhe ensinei essa tarefa. Agora não tenho tempo, do contrário auxiliar-te-ia com prazer.

Subitamente intimidado, Duroy hesitava, não ousava:

— Mas, posso me apresentar diante dela a esta hora?...

— Sim, perfeitamente. Ela já se levantou. Tu a encontrarás em meu gabinete de trabalho, colocando as notas em ordem, para mim.

O outro se recusava a subir.

— Não... isso não pode ser...

Forestier o segurou pelos ombros, fê-lo rodar sobre os calcanhares e, empurrando-o na direção das escadas, disse: — Mas vai, grande parvo, quando digo para ires. Não vais me fazer subir três andares para te apresentar e explicar teu caso.

Então Duroy se decidiu: — Obrigado, estou indo. Direi a ela que tu me forçaste, que fui absolutamente forçado a procurá-la.

— Está bem. Ela não vai te comer, fica tranquilo. Sobretudo, não te esqueças, até as três horas.

— Oh! Não te preocupes.

E Forestier se afastou com seu ar apressado, enquanto Duroy pôs-se a subir lentamente, degrau por degrau, procurando o que dizer, inquieto quanto à acolhida que receberia.

O criado abriu-lhe a porta. Usava um avental azul e segurava uma vassoura.

— O Senhor saiu, disse ele sem esperar pela pergunta.

Duroy insistiu: — Pergunte à Sra. Forestier se ela pode me receber, e previna-a que venho da parte de seu marido, que encontrei na rua.

Ele esperou. O homem voltou, abriu uma porta à direita e anunciou: — A Senhora o espera.

Ela sentava-se em uma poltrona de escritório, em uma pequena peça cujas paredes estavam inteiramente escondidas por livros bem arrumados sobre prateleiras de madeira negra. As encadernações de cores diferentes, vermelhas, amarelas, verdes, violetas e azuis, davam cor e alegria a esse alinhamento monótono de volumes.

Ela se voltou, sempre sorrindo, envolta em um roupão branco guarnecido de renda. Estendeu a mão, mostrando o braço nu dentro da manga ligeiramente aberta.

— Já? — disse ela, e depois continuou: — Isso não é uma reprovação, é uma simples pergunta.

Ele balbuciou: — Oh! Senhora, eu não queria subir, mas encontrei seu marido lá embaixo e ele me forçou. Estou tão confuso que não ousa dizer o que me trouxe aqui.

Ela indicou uma cadeira: — Sente-se e fale.

Ela segurava uma pena de ganso entre dois dedos, revirando-a com agilidade; e diante dela, uma grande página de papel estava escrita pela metade, interrompida pela chegada do moço.

Parecia muito à vontade diante daquela mesa de trabalho, tão confortável quanto em seu salão, ocupada por seu trabalho corriqueiro. Um leve perfume subia do roupão, um perfume fresco do banho recente. E Duroy procurava adivinhar, acreditava ver o corpo jovem e claro, rico e quente, docemente envolvido pelo tecido macio.

Como ele não falava nada, ela continuou: — Bem, do que se trata?

Hesitante, ele murmurou: — Bem... verdadeiramente... não ousa... É que trabalhei até tarde ontem à noite... e esta manhã... muito cedo... para escrever o artigo sobre a Argélia encomendado pelo Sr. Walter... mas não consegui nada de bom... rasguei todas as minhas tentativas... Não estou habituado a esse trabalho e vim pedir ajuda a Forestier, por esta vez..

Ela o interrompeu, rindo de todo coração, feliz, alegre, lisonjeada e — E ele pediu que o senhor viesse me procurar? Mas isso é muito gentil...

— Sim, senhora. Ele disse que a senhora me tiraria do aperto melhor que ele... Mas eu não ousava, não queria. Compreende?

Ela se levantou: — Vai ser fascinante trabalhar assim. Estou fascinada com a ideia. Vamos, sente-se em meu lugar, pois no jornal conhecem minha caligrafia. Vamos produzir um artigo, e mais que isso, um artigo de sucesso.

Ele sentou-se, apanhou uma pena, estendeu diante de si uma folha de papel e esperou.

Em pé, a Sra. Forestier observava seus preparativos. Em seguida, pegou um cigarro sobre a lareira e o acendeu:

— Não consigo trabalhar sem fumar, disse ela. Vejamos, o que o senhor vai me contar?

Ele levantou a cabeça, espantado.

— Mas eu não sei, foi por isso que vim procurá-la.

Ela continuou: — Sim, eu comporei o artigo. Farei o molho, mas preciso do prato.

Ele continuava embaraçado; enfim, falou com hesitação: — Eu queria contar minha viagem, desde o começo...

Ela então sentou-se diante dele, do outro lado da grande mesa e, fitando-o nos olhos, disse:

Está bem, mas antes conte-a somente para mim, compreende, bem devagar, sem se esquecer de nada, e escolherei o que deve ser aproveitado.

Mas como ele não sabia por onde começar, ela se pôs a interrogá-lo como um padre no confessional, fazendo perguntas precisas que o lembravam de detalhes esquecidos, de personagens encontrados, de figuras vistas de relance.

Após tê-lo feito falar por volta de um quarto de hora, ela o interrompeu de repente: — Agora, vamos começar. Primeiro, suponhamos que o senhor relate a um amigo as suas impressões, o que lhe permite dizer um monte de bobagens, fazer observações de todo tipo, ser natural e alegre. Pode começar:

“Meu caro Henry, se queres saber o que é a Argélia, saberás. Como não tenho nada para fazer na casinha de lama seca que me serve de habitação, envio-te uma espécie de diário de minha vida, dia a dia, hora a hora. Certas vezes, será um pouco mordaz. Tanto pior, não és obrigado a mostrá-lo às damas de tuas relações...”

Ela se interrompeu para acender o cigarro que se apagara e, imediatamente, cessou o pequeno ruído agudo da pena de ganso sobre o papel.

— Continuemos, disse ela.

“A Argélia é um grande país francês sobre a fronteira das grandes regiões desconhecidas que chamamos ‘deserto’, o Saara, a África Central, etc., etc.

“Argel é a porta, a porta branca e encantadora desse estranho continente.

“Mas primeiro é preciso visitá-lo, algo que não é róseo para todo mundo. Sabes que sou excelente cavaleiro, pois domo os cavalos do coronel, mas pode-se ser bom cavaleiro e péssimo marinheiro. E esse é o meu caso.

“Lembra-se do major Simbretas, que chamávamos doutor Ipeca? Quando nos julgávamos dignos de 24 horas de enfermaria para descansar, país bendito, íamos ao consultório.

“Lá estava ele, sentado em sua cadeira, as grandes coxas abertas, vestidas em calças vermelhas, mãos sobre os joelhos, braços formando uma ponte, cotovelo no ar, e ele revirava seus grande olhos de loto, mordiscando o bigode branco.

“Lembras da prescrição:

“Este soldado está sofrendo de um problema estomacal. Administre o vomitório número três de acordo com a minha fórmula, e depois, 12 horas de repouso. Ele ficará bem”.

“Aquele vomitório era soberano. Soberano e irresistível. Nós o tomávamos porque era preciso. Depois de passar pela fórmula do doutor Ipeca, gozávamos 12 horas de repouso bem merecido.

“Pois bem, meu caro, para alcançar a África é preciso aguentar, durante 40 horas, uma espécie de vomitório irresistível, segundo a fórmula da Companhia Transatlântica”.

Ela esfregava as mãos, feliz com sua ideia.

Depois de acender outro cigarro, ela se levantou e pôs-se a caminhar, continuando a ditar, soprando fios de fumaça que, no início, saíam bem retos de um pequeno orifício redondo bem no meio de seus lábios fechados, e depois se alargavam e evaporavam deixando linhas cinzentas no ar, uma espécie de bruma transparente, uma névoa semelhante a teias de aranha. Às vezes, com um golpe de sua mão aberta, ela apagava esses traços leves; às vezes ela os cortava com um movimento rápido do indicador e, em seguida, com grave atenção, observava as duas seções do imperceptível vapor desaparecerem lentamente.

Com os olhos levantados, Duroy seguia todos os seus gestos, todas as suas atitudes, todos os movimentos de seu corpo e de seu rosto, esse jogo vago que não perturbava seu pensamento.

Ela agora imaginava peripécias acontecidas no caminho, retratava companheiros de viagem inventados por ela, esboçava uma aventura de amor com a mulher de um capitão de infantaria, que iria se juntar ao marido.

Depois, sentou-se e interrogou Duroy sobre a topografia da Argélia, que ignorava totalmente. Em dez minutos, sabia tanto quanto ele, e fez um pequeno capítulo sobre geografia política e colonial para informar o leitor e prepará-lo para compreender as questões sérias que seriam levantadas nos artigos seguintes.

Em seguida, continuou narrando uma excursão na província de Oran, excursão fantasiosa que tratava sobretudo de mulheres — mouriscas, judias, espanholas.

— Nada interessa mais do que isso, dizia ela.

E terminou por uma estada em Saída, ao pé dos altos planaltos, e por uma pequena e bela intriga entre o suboficial Georges Duroy e uma operária espanhola, empregada na manufatura de esparto de Ain-el-Hadjar. Narrou os encontros à

noite, na montanha pedregosa e nua, enquanto os chacais, as hienas e os cães árabes gritavam, latiam e uivavam no meio das rochas.

Em voz alegre, declarou: — Continua amanhã! — Depois, levantou-se e declarou: — é assim que se escreve um artigo, meu caro senhor. Assine, por favor.

Ele hesitava.

— Ande, assine logo!

Ele então pôs-e a rir e escreveu ao pé da página:

GEORGES DUROY

Ela continuava a fumar enquanto andava; ele não tirava os olhos dela, sem encontrar nada para dizer, para agradecer, feliz por estar perto dela, cheio de reconhecimento e de sensual felicidade por aquela intimidade nascente. Parecia-lhe que tudo que o cercava fazia parte dela, até as paredes cobertas de livros. As cadeiras, os móveis, o ar onde flutuava o odor do tabaco possuíam qualquer coisa de especial, de bom, de doce, de encantador, que vinha dela.

Bruscamente, ela perguntou:

— O que acha de minha amiga, a Sra. de Marelle?

Ele se surpreendeu: — Bem... acho-a... acho-a muito sedutora.

— Não é mesmo?

— Sim, certamente.

Teve vontade de acrescentar: — Porém, não tanto quanto a senhora. Mas não ousou.

Ela continuou: — E se o senhor soubesse o quanto ela é espirituosa, original, inteligente! Por exemplo, é uma boêmia, uma verdadeira boêmia. É por isso que o marido não a ama. Só enxerga seus defeitos e não aprecia suas qualidades.

Duroy ficou estupefato ao saber que a Sra. de Marelle era casada. O que, enfim, era muito natural.

Ele perguntou: — Mas... ela é casada? E o que faz seu marido?

Bem devagar, a Sra. Forestier levantou os ombros e as sobrancelhas, em um único movimento cheio de significados incompreensíveis.

— Oh! Ele é inspetor da Linha do Norte. Passa oito dias por mês em Paris. O que sua mulher chama de “serviço obrigatório”, ou “a tarefa árdua da semana”, ou ainda, “a semana santa”. Quando conhecê-la melhor, verá como é fina e gentil. Vá visitá-la um dias desses.

Duroy não pensava em partir; parecia-lhe que ficaria ali para sempre, que estava em casa.

Mas a porta se abriu sem ruído e um senhor alto entrou sem ser anunciado.

Ao ver um homem, ele parou. Por um segundo, a Sra. Forestier pareceu embaraçada, mas depois disse com voz natural, se bem que um pouco de rubor tenha lhe subido dos ombros até o rosto:

— Entre, meu caro. Deixe-me apresentá-lo a um bom amigo de Charles, o Sr. Georges Duroy, futuro jornalista.

Em seguida, em um tom diferente, ela anunciou: — O melhor e mais íntimo de nossos amigos, o conde de Vaudrec.

Os dois homens se cumprimentaram, olhando-se no fundo dos olhos, e Duroy logo se retirou.

Não foi retido. Balbuciou alguns agradecimentos, apertou a mão estendida da jovem, inclinou-se diante do recém-chegado que mantinha o rosto frio e sério de homem da sociedade, e saiu totalmente incomodado, como se tivesse acabado de cometer uma tolice.

Ao se encontrar novamente na rua, sentiu-se acabrunhado, pouco à vontade, importunado por uma obscura sensação de tristeza velada. Caminhava perguntado a si mesmo por que essa melancolia súbita o assaltara; não encontrava resposta, mas a figura severa do conde de Vaudrec retornava sem cessar à sua memória, já um pouco envelhecido com seus cabelos grisalhos, mas tranquilo e insolente como alguém muito rico e seguro de si.

Percebeu que a chegada daquele desconhecido, interrompendo uma entrevista sedutora à qual seu coração já se acostumara, havia lhe deixado aquela impressão de frio e de desesperança que nos dão algumas vezes as menores coisas, como uma palavra ouvida ou uma miséria entrevista.

E sem saber a razão, também lhe pareceu que aquele homem se aborrecera por encontrá-lo ali.

Não tinha nada para fazer até as três horas e ainda não era meio-dia. Restavam-lhe no bolso seis francos e meio: almoçaria no restaurante Duval. Vagueou pelo bulevar; depois, como soassem as três horas, subiu a escada-vitrine do La Vie Française.

Os meninos de recados esperavam de braços cruzados, sentados em uma banqueta, enquanto, atrás de uma espécie de

pequena cadeira de professor, um contínuo classificava a correspondência que acabara de chegar. Um cenário perfeito para impressionar os visitantes. Todos mantinham a postura, o comportamento, a dignidade e a elegância convenientes à antecâmara de um grande jornal.

Duroy perguntou: — O Sr. Walter, por favor?

O contínuo respondeu: — O Sr. Diretor está em conferência. Queira sentar-se um pouco, senhor.

E indicou a sala de espera, já cheia de gente.

Ali podiam ser vistos homens graves, condecorados, importantes, e homens descuidados, a camisa invisível, cuja sobrecasaca fechada até o colarinho trazia nódoas que lembravam os recortes dos continentes e dos mares nos mapas geográficos. Três mulheres misturavam-se a essa gente. Uma delas era bonita, sorridente, enfeitada, e parecia ser prostituta; sua vizinha, uma máscara trágica, enrugada, vestida de modo severo, tinha qualquer coisa de artificial como em geral têm as velhas atrizes, uma espécie de falsa juventude dissipada, como um perfume de amor rançoso.

A terceira mulher, de luto, pusera-se em um canto, em atitude de viúva desconsolada. Duroy pensou que ela fora pedir esmolas.

No entanto, não se pedia para ninguém entrar, e mais de 20 minutos já tinham se passado.

Então, Duroy teve uma ideia e voltou para falar com o contínuo: O Sr. Walter marcou um encontro comigo às três horas, disse ele. Em todo caso, veja se meu amigo, Sr. Forestier, está.

Fizeram-lhe passar por um longo corredor que o levou a uma sala grande onde quatro senhores escreviam em torno de uma enorme mesa verde.

Forestier, em pé diante da lareira, fumava um cigarro enquanto jogava bilboquê. Era muito hábil no jogo, e todas às vezes encaixava a enorme bola de pinheiro amarelo na pequena ponta de madeira. Ele contava: — “22, 23, 24, 25”.

Duroy disse: “Vinte e seis”. Seu amigo levantou os olhos, sem deter o movimento regular do braço.

— Eis-te aqui! – Ontem fiz 57 golpes seguidos. Aqui, somente Saint-Potin é mais forte que eu. Viste o chefe? Não há nada mais engraçado do que ver o boboca do Norbert jogar bilboquê. Ele abre a boca como se fosse engolir a bola.

Um dos redatores virou a cabeça para ele: — Mas que achas disso, Forestier, sei de um que está à venda. È soberbo, em madeira das Ilhas. Dizem que pertenceu à rainha da Espanha. Estão pedindo 60 francos por ele. Não é caro.

Forestier perguntou: — Onde se encontra? — E como errara o trigésimo-sétimo golpe, abriu um armário onde Duroy viu uma vintena de bilboquês soberbos, arrumados como bibelôs em uma coleção. Em seguida, tendo colocado seu instrumento no lugar costumeiro, repetiu: — Onde se encontra essa jóia?

O jornalista respondeu: — Na casa de um vendedor de entradas do Vaudeville. Se quiseres, trago a coisa amanhã.

— Combinado. Se for verdadeiramente bonito, fico com ele; mais um bilboquê nunca é demais.

Depois, voltando-se para Duroy: — Vem comigo, vou te levar ao escritório do patrão ou poderás mofar aqui até as sete horas da noite.

Reatravessaram a sala de espera, onde as mesmas pessoas continuavam nos mesmos lugares. Quando Forestier apareceu, a jovem e a velha atriz se levantaram vivamente e se aproximaram dele.

Uma depois da outra, levou-as para o vão da janela e, se bem que tivessem o cuidado de falar em voz baixa, Duroy notou que tratava ambas por ‘tu’.

Em seguida, empurrando duas portas estofadas, penetraram no gabinete do diretor.

A conferência que já durava uma hora era um jogo de cartas com alguns senhores de chapéus de abas planas, que Duroy notara no dia anterior.

O Sr. Walter segurava as cartas e jogava com atenção concentrada e movimentos cautelosos, enquanto que seu adversário atirava, levantava, manjava os leves cartões coloridos com leveza, destreza e graça de jogador experimentado. Norbert de Varenne escrevia um artigo, sentado na poltrona do diretor, e Jacques Rival, com os olhos fechados, fumava um charuto, deitado em um sofá.

Lá dentro havia um cheiro de ranço, de couro dos móveis, de tabaco velho e de tipografia; um odor específico de salas de redação, conhecido por todos os jornalistas.

Uma incrível quantidade de papel jazia sobre a mesa de madeira negra com incrustações de cobre: cartas, jornais, revistas, notas de fornecedores, impressos de todo tipo.

Em pé atrás dos jogadores, Forestier apertou as mãos dos apostadores e observou a partida sem dizer palavra; depois, como o senhor Walter venceu, apresentou:

— Eis aqui meu amigo Duroy.

O diretor avaliou o jovem com seu olhar por cima das lentes dos óculos, depois perguntou:

— Trouxe meu artigo? Seria bom para hoje, ao mesmo tempo em que a discussão Morel.

Duroy tirou do bolso as folhas de papel dobradas em quatro: — Ei-lo aqui, senhor.

O chefe pareceu encantado e disse sorrindo: — Muito bem, muito bem. O senhor tem palavra. Preciso rever isto, Forestier?

Mas Forestier se apressou a responder:

— Não é necessário, senhor Walter: fiz a crônica com ele, para ele aprender o ofício. É muito boa.

E o diretor, que naquele momento recebia as cartas dadas por um senhor alto e magro, deputado de centro-esquerda, acrescentou com indiferença: — Perfeito, então. Forestier o impediu de começar uma nova partida. Abaixando-se, falou em seu ouvido: — Sabe, o senhor prometeu contratar Duroy para substituir Marambot. Deseja que eu o empregue nas mesmas condições?

— Sim, perfeitamente.

Enquanto o Sr. Walter voltava a jogar, o jornalista pegou o braço de seu amigo e o arrastou.

Norbert de Varenne não levantara a cabeça, parecia não ter reconhecido Duroy. Ao contrário Jacques Rival, apertara sua mão com uma energia demonstrativa e determinada de bom camarada com quem se poderia contar, em caso de necessidade.

Atravessaram a sala de espera, e como todos haviam levantado os olhos, Forestier disse à mais jovem das mulheres, suficientemente alto para ser ouvido pelos demais: — O diretor vai recebê-los em pouco tempo. No momento, está em conferência com dois membros da comissão de orçamento.

E passou vivamente, com ar importante e apressado, como se fosse redigir imediatamente um despacho da mais extrema gravidade.

Assim que entraram na sala de redação, Forestier imediatamente retomou seu bilboquê e, voltando a jogar, cortando as frases para contar os golpes, disse a Duroy: — Pois bem. Virás aqui todos os dias, às 3h e dir-te-ei as carreiras e visitas que precisarás fazer, seja à tarde, à noite ou pela manhã. — Um — Vou te dar uma carta de apresentação para o chefe da primeira Delegacia de Polícia. — Dois — Ele vai te pôr em contato com um de seus empregados e tu te arranjarás para que ele te passe todas as notícias importantes — três — do serviço da prefeitura, as notícias oficiais e quase oficiais, bem entendido. Para todos os detalhes, debes procurar Saint-Potin, que está a par de tudo. — Quatro — Deves procurá-lo agora mesmo, ou amanhã. É preciso sobretudo te acostumares a arrancar declarações das pessoas que eu te pedir para ver — cinco — e a penetrar em todos os lugares, apesar das portas fechadas. — Seis — Receberás por esse trabalho 200 francos por mês, fixos, mais dois soldos por linha pelos boatos interessantes que conseguires, — sete — e mais dois soldos por linha pelo artigos que te forem encomendados, sobre assuntos diversos, — oito.

Depois disso, só prestou atenção ao seu jogo e continuou a contar lentamente, — nove, — dez, — onze, — doze, — treze. Errou o décimo quarto golpe e praguejou: — Droga de treze! Esse bandido sempre me dá azar. Certamente morrerei em um dia treze.

Por sua vez, um dos redatores que terminara sua tarefa pegou um bilboquê no armário; era um homem bem pequeno, com ar de criança apesar de ter 35 anos; um após o outro, vários jornalistas que entraram também foram procurar o brinquedo que lhes pertencia. Logo eram seis, lado a lado, costas para a parede, movimentos parecidos e regulares, lançando ao ar as bolas vermelhas, amarelas ou negras, segundo a natureza da madeira. E tendo se estabelecido uma competição, os dois redatores que ainda trabalhavam levantaram-se para contar os golpes.

Forestier ganhou por onze pontos. Então, o homenzinho com ar de criança, que perdera, chamou o menino de recados e comandou: “Nove cervejas”. E voltaram a jogar enquanto esperavam os refrescos.

Duroy bebeu um copo de cerveja com os novos companheiros, depois perguntou ao seu amigo:

— Que queres que eu faça? — O outro respondeu: — Hoje não tenho nada para ti. Podes ir, se quiseres.

— E...nosso...nosso artigo...sairá esta noite?

— Sim, mas não te preocupes, corrigirei as provas. Escreve a continuação para amanhã e vem para cá às 3h, como hoje.

Depois de apertar todas as mãos sem mesmo saber os nomes de seus donos, Duroy voltou a descer as belas escadas, coração feliz e espírito alegre.

IV

Georges Duroy dormiu mal, tanto o excitava o desejo de ver impresso seu artigo. Assim que o dia surgiu, levantou-se e perambulou pela rua bem antes dos entregadores de jornais correrem de quiosque em quiosque.

Chegou à Estação de Saint-Lazare sabendo que o *La Vie Française* chegaria ali antes de ser entregue em seu bairro. Como era cedo demais, ficou passeando na calçada.

Viu chegar uma comerciante que abriu sua loja de vidro, depois notou um homem que levava na cabeça grande quantidade de papéis dobrados. Correu: eram o *Figaro*, o *Gil-Blas*, o *Gaulois*, o *Événement* e dois ou três matutinos, mas o *La Vie Française* não chegara.

O medo o invadiu: “Será que tinham deixado para o dia seguinte as *Reminiscências de um Caçador na África*, ou será que no último momento o artigo não agradara ao Sr. Walter?”

Voltando ao quiosque, percebeu que o jornal estava à venda sem que ele notasse sua chegada. Precipitou-se, desdobrou-o depois de pagar os três soldos e percorreu os títulos da primeira página. Nada. Seu coração disparou; abriu a folha e teve uma grande emoção ao ler em letras grandes, ao final de uma coluna: “Georges Duroy”. Ali estava ele! Que alegria!

Pôs-se a caminhar sem pensar, jornal na mão, chapéu de lado, com vontade de deter os passantes para lhes dizer: “Comprem isto — comprem isto! Contém um artigo meu”. — Gostaria de poder gritar a plenos pulmões, como fazem certos homens, à noite, nos bulevares: “Leiam o *La Vie Française*, leiam o artigo de Georges Duroy: *Reminiscências de um Caçador na África*”. De repente, sentiu desejo de ler o artigo, de lê-lo em um lugar público, em um café, bem à vista de todos. Procurou um estabelecimento que já tivesse fregueses. Precisou andar bastante. Enfim, sentou-se diante de uma espécie de loja de vinhos onde vários consumidores já estavam instalados, e pediu: “Um rum”, como se tivesse pedido: “Um absinto”, sem pensar na hora. Em seguida, disse: “Rapaz, o *La Vie Française*”.

Um homem de avental branco surgiu: — Não temos, senhor, só recebemos o *Rappel*, o *Siècle*, o *Lanterne*, e o *Petit Parisien*.

Em tom furioso e indignado, Duroy declarou: — Mas que estabelecimento! Então vá comprar. O rapaz foi correndo e o entregou. Duroy pôs-se a ler seu artigo. E várias vezes disse em voz alta: Muito bem, muito bem! para chamar a atenção dos vizinhos e lhes despertar a vontade de saber o que havia naquela folha. Depois, ao sair, deixou o jornal sobre a mesa. O dono notou e o chamou:

— Senhor, senhor, esqueceu seu jornal!

E Duroy respondeu: — Deixo-o aqui, já o li. Traz hoje uma coisa muito interessante.

Não designou qual era a coisa, mas, ao se afastar, viu um de seus vizinhos apanhar o *La Vie Française* na mesa onde o deixara.

Pensou: “Que farei agora?” Decidiu ir até seu escritório para receber o salário do mês e pedir demissão. Estremecia de prazer pensando na cara que fariam seu chefe e seus colegas. Arrebatava-o principalmente a ideia do espanto do chefe.

Caminhava devagar para não chegar antes das 9h30, pois o caixa só abria às 10h.

Seu escritório era uma grande peça sombria na qual era necessário manter o gás aceso o dia inteiro, no inverno. Dava para um pátio estreito, de frente para os outros escritórios. Dentro dele encontravam-se oito funcionários, mais um subchefe que ficava em um canto, escondido por um biombo.

Antes de tudo, Duroy foi buscar seus 118 francos e 20 centimos, fechados em um envelope amarelo e colocados na gaveta do funcionário encarregado dos pagamentos. Depois, com ar de vencedor, entrou na vasta sala de trabalho onde já passara tantos dias.

Assim que entrou, o subchefe, Sr. Potel, o chamou:

— Ah! É o senhor Duroy? O chefe já perguntou pelo senhor diversas vezes. O senhor sabe que ele não admite duas faltas seguidas, por doença, sem apresentar atestado médico.

Duroy, que estava em pé no meio do escritório, respondeu em voz forte:

— Não ligo a mínima para isso!

Houve um movimento de estupefação entre os empregados e, chocada, a cabeça do Sr. Potel surgiu sobre o biombo que o envolvia como uma caixa.

Escondia-se lá dentro por medo das correntes de ar, pois sofria de reumatismo. Furara apenas dois buracos no papel para vigiar seu pessoal.

Podia-se ouvir uma mosca voar. Enfim, o subchefe perguntou com hesitação: — O que o senhor disse?

— Disse que não ligo a mínima. Estou aqui para pedir minha demissão. Fui contratado como redator do La Vie Française por 500 francos por mês, mais as linhas. Estreei hoje, pela manhã.

Ele prometera a si mesmo que faria o prazer se prolongar, mas não resistiu à vontade de despejar tudo de uma vez.

Além disso, o efeito estava completo. Ninguém se mexia.

Então, Duroy declarou: — Vou avisar o Sr. M. Perthuis e depois virei me despedir. — E saiu para procurar o chefe, que exclamou ao vê-lo:

— Ah! Ei-lo aqui. O senhor sabe que não permito...

O empregado cortou-lhe a palavra:

— Não vale a pena esgoelar desse modo...

O Sr. Perthuis, homem gordo e vermelho como uma crista de galo, ficou sufocado pela surpresa.

Duroy repetiu: — Já me cansei de sua baiúca. Esta manhã estreei no jornalismo, onde tenho belíssima posição. Tenho a honra de cumprimentá-lo.

E saiu. Estava vingado.

Com efeito, foi apertar a mão de seus antigos colegas que, por medo de se comprometerem, mal ousavam lhe falar, pois tinham escutado sua conversa com o chefe pela porta que ficara aberta.

E voltou a se encontrar na rua, com o ordenado no bolso. Comprou um desjejum suculento em um bom restaurante de preços módicos; depois, tendo novamente comprado e deixado o La Vie Française sobre a mesa onde comera, entrou em várias lojas onde comprou pequenos objetos, apenas para que fossem entregues em sua casa e para deixar seu nome — Georges Duroy. Ele acrescentava: “Sou redator do La Vie Française”.

Indicava a rua e o número, tendo o cuidado de estipular: “Deixe com o porteiro”.

Como ainda tinha tempo, entrou em um uma tipografia que imprimia cartões de visita na hora, diante dos transeuntes, e encomendou uma centena que, sob seu nome, trazia impressa sua nova profissão

Depois disso, foi ao jornal.

Forestier o recebeu com arrogância, como se recebe um inferior: — Ah! Eis-te aqui, muito bem. Justamente, tenho várias tarefas para ti. Espera dez minutos. Antes vou terminar meu trabalho. — E continuou uma carta começada.

Na outra ponta da grande mesa, um homenzinho muito pálido, inchado, muito gordo, calvo, com o crânio todo branco e luzidio, escrevia com o nariz enfiado no papel, devido a uma miopia excessiva.

Forestier lhe perguntou: — Dize-me, Saint-Potin, a que horas vais entrevistar nosso pessoal?

— Às 4h.

— Levarás contigo o jovem Duroy, aqui presente, e lhe desvendarás os segredos da profissão.

— Entendido.

Em seguida, voltando-se para o amigo, Forestier acrescentou:

— Trouxeste a continuação sobre a Argélia? O início desta manhã fez muito sucesso.

Embargado, Duroy balbuciou: — Não, pensei que teria tempo durante a tarde —tive uma porção de coisas para fazer — não pude...

O outro levantou os ombros com um ar descontente: — Se não fores mais pontual estragarás teu futuro. O Sr. Walter contava com teu artigo. Vou lhe dizer que entregarás amanhã. Se pensas que serás pago para não fazer nada, estás muito enganado.

Depois de um silêncio, acrescentou: — Deve-se bater o ferro enquanto está quente, que diabo!

Saint-Potin se levantou: — Estou pronto, disse ele.

Então, torcendo-se na cadeira, Forestier assumiu uma pose quase solene para dar suas instruções e, voltando-se para Duroy, disse: — Muito bem. Há dois dias, o general chinês Li-Theng-Fao chegou a Paris e está hospedado no Continental, e o rajá Taposahib Ramaderao Pali está no hotel Bristol. Irás entrevistá-los.

Voltando-se para Saint-Potin, falou: — Não te esqueças dos principais pontos que indiquei. Pergunta ao general e ao rajá sua opinião sobre as artimanhas da Inglaterra no Extremo-Oriente, suas ideias sobre o sistema de colonização e dominação, suas esperanças com relação à intervenção da Europa em seus negócios, e particularmente nos da França.

Calou-se, depois acrescentou, falando consigo mesmo: — Neste momento será mais interessante para nossos leitores saber, ao mesmo tempo, o que pensam a China e a Índia sobre essas questões que apaixonam tanto a opinião do público.

Para Duroy, disse: — Observa como Saint-Potin se comporta; ele é excelente repórter, e trata de aprender as manhas para esvaziar um homem em cinco minutos.

Depois, recomeçou a escrever com gravidade, com a evidente intenção de estabelecer distância, de colocar em seu lugar seu antigo camarada e novo colega.

Assim que atravessaram a porta, Saint-Potin começou a rir e disse a Duroy: — É um verdadeiro farsante! Age assim até conosco. Dir-se-ia que, verdadeiramente, ele nos toma por seus leitores.

Quando chegaram ao bulevar, o repórter perguntou: — O senhor bebe alguma coisa?

— Sim, de bom grado. Está muito quente.

Entraram em um café e pediram refrescos. Saint-Potin pôs-se a falar. Falou de todo o mundo e do jornal com surpreendente profusão de detalhes.

— O patrão? Um verdadeiro judeu! O senhor sabe, os judeus não mudarão nunca. Que raça! — E citou traços espantosos de avareza, dessa avareza específica dos filhos de Israel, economias de dez cêntimos, regateios de cozinheira, descontos vergonhosos, pedidos e obtidos, todo um estilo de usura, de prestador sob penhora.

“Ainda assim, é um bom sujeito que não crê em nada e enrola todo o mundo. Seu jornal, que é oficioso, católico, liberal, republicano, orleanista, torta de creme e loja popular, só foi fundado para sustentar suas operações na bolsa e empreendimentos de todo o tipo. Por isso é muito forte e ganha milhões através de sociedades que não têm nem quatro soldos de capital...”

E continuava sempre, chamando Duroy de “caro amigo”.

“Esse avarento tem adágios à Balzac. Imagine que outro dia eu estava em seu gabinete com o imbecil do Norbert e aquele Don Quixote do Rival, quando Montelin, nosso administrador, chega com sua pasta de marroquim sob o braço, essa pasta que toda Paris conhece. Walter levantou o nariz e perguntou: O que há de novo?”

“Montelin respondeu com ingenuidade: — Acabei de pagar os 16 mil francos que devíamos ao comerciante de papel.

“O patrão deu um salto, um salto espantoso.

— O que disse?

— Que acabei de pagar o Sr. Privas.

— Mas o senhor é louco!

— Por quê?

— Porque...porque...porque...

“Ele tirou e limpou os óculos. Depois sorriu, um sorriso engraçado que corre em torno de suas bochechas grandes cada vez que vai dizer algo de matreiro ou forte, e com um tom de escárnio, disse: — Por quê? Porque podíamos obter dele um desconto de 4 a 5 mil francos.

“Surpreso, Montelin, falou: — Mas senhor diretor, todas as contas estavam regulares, verificadas por mim e aprovadas pelo senhor...”

“Novamente sério, o patrão declarou: — Ninguém é tão ingênuo quanto o senhor. Saiba, senhor Montelin, que é preciso

sempre acumular dívidas para obter descontos”.

E Saint-Potin acrescentou com um movimento de cabeça de conhecedor: — Hein? Isso não parece Balzac?

Duroy jamais lera Balzac, mas respondeu com convicção: — Sem dúvida.

Depois, o repórter falou da Sra. Walter (uma grande perua), de Norbert de Varenne (um velho fracassado), de Rival (uma imitação de Fervacques). Em seguida, foi a vez de Forestier:

— Quanto àquele, teve sorte de se casar com sua mulher, mais nada.

Duroy perguntou: — Quem é ao certo sua mulher?

Saint-Potin esfregou as mãos: — Oh! Uma libertina fina e astuciosa. É amante de um velho chamado Vaudrec, conde de Vaudrec, que lhe deu um dote e a casou...

Bruscamente, Duroy sentiu uma sensação de frio, uma espécie de crispação nervosa, uma necessidade de injuriar, de estapear aquele tagarela. Mas simplesmente o interrompeu para perguntar: — Seu nome verdadeiro é Saint-Potin? [\[1\]](#)

O outro respondeu com simplicidade:

— Não, chamo-me Thomas. No jornal apelidaram-me de Saint-Potin.

E Duroy, pagando a consumação de ambos, falou: — Parece que já se faz tarde e temos dois nobres senhores para visitar.

Saint-Potin pôs-se a rir: — O senhor ainda é ingênuo! Então acha que é assim, que vou perguntar a esse chinês e a esse indiano o que pensam da Inglaterra? Como se eu não soubesse melhor que eles o que devem pensar, para os leitores do La Vie Française. Já entrevistei 500 desses chineses, persas, hindus, chilenos, japoneses e outros. Todos respondem a mesma coisa. Só preciso apanhar novamente meu artigo sobre o último que veio e copiá-lo, palavra por palavra. O que muda é o retrato, seus nomes, seus títulos, suas idades, seus séquitos. Oh! Nisso não posso errar, senão serei arrasado pelo Fígaro ou pelo Gaulois. Mas, em cinco minutos o porteiro do hotel Bristol e o do Continental me informarão sobre esse assunto. Iremos a pé até lá, fumando um charuto. Total: 100 soldos de transporte para cobrar ao jornal. Eis aí, meu caro, como se faz quando se tem prática.

Duroy falou: — Deve ser bem rendoso ser repórter nessas condições.

O jornalista respondeu com ar de mistério: — Sim, mas nada rende tanto quando os reflexos dos anúncios disfarçados.

Eles haviam se levantado e seguiam pelo bulevar, na direção da Madeleine. De repente, Saint-Potin disse a seu companheiro:

— Sabe, se o senhor tiver algo para fazer, não tenho necessidade da sua presença.

Duroy apertou-lhe a mão e se afastou.

Inquietava-o a idéia de seu artigo por escrever naquela noite e pôs-se a refletir sobre ele. Enquanto caminhava, armazenou idéias, reflexões, julgamentos, anedotas, e chegou até o fim da avenida dos Champs-Élysées, onde só havia raros transeuntes. Paris estava vazia naqueles dias quentes.

Após jantar no restaurante de um comerciante de vinhos, perto do Arco do Triunfo, na Praça da Étoile, voltou a pé, lentamente, pelos bulevares exteriores, e sentou diante da mesa para trabalhar.

Porém, assim que teve sob os olhos a grande folha de papel branco, todo material que armazenara fugiu de seu espírito, como se seu cérebro tivesse evaporado. Tentou reunir os trechos de lembranças e fixá-las: escapavam-lhe à medida que as encontrava ou embaralhavam-se de tal maneira que não sabia como apresentá-las, vesti-las, nem por onde começar.

Depois de uma hora de esforço e cinco páginas de papel enegrecido pelas frases iniciais sem continuação, disse a si mesmo: “Ainda não estou totalmente exercitado na profissão. Preciso de outra aula”. E de repente, a perspectiva de outra manhã de trabalho com a Sra. Forestier, a esperança de uma longa entrevista íntima, cordial e doce, fez com que estremecesse de desejo. Deitou-se bem depressa, quase com medo de voltar ao trabalho e conseguir realizá-lo.

Levantou-se um pouco tarde no dia seguinte, demorando-se e saboreando antecipadamente o prazer daquela visita.

Duas horas haviam se passado quando tocou a campainha da casa de seu amigo.

O criado respondeu:

— É que o senhor está trabalhando, no momento.

Duroy não imaginara que o marido pudesse estar em casa. Apesar disso, insistiu: — Diga-lhe que sou eu, para um assunto urgente.

Depois de cinco minutos de espera fizeram-no entrar no escritório onde passara uma manhã tão agradável.

No local que ele ocupara agora sentava-se Forestier, de roupão, calçado com chinelos, a cabeça coberta por uma pequena touca inglesa, enquanto sua mulher ditava, envolta no mesmo roupão branco, cigarro na boca, encostada na lareira.

Detendo-se na soleira da porta, Duroy murmurou: — Peço perdão; atrapalho?

Voltando para ele a cabeça, uma cabeça furiosa, seu amigo rosnou: — O que queres ainda? Anda logo, estamos com pressa.

Embaraçado, o outro balbuciou: — Não, não é nada, perdão.

Mas irritando-se, Forestier disse: — Anda logo, maldição! Não perde tempo; não forçaste minha porta pelo prazer de nos dizer bom dia.

Então, bastante incomodado, Duroy se decidiu: — Não...é que...é que...ainda não consigo escrever meu artigo...e foste...os senhores foram tão... tão... gentis na última vez que... que eu esperava... que ousei vir...

Forestier cortou-lhe a palavra: — Ora essa, só faltava isso! Estás enganado se imaginas que vou fazer teu trabalho e só terás que passar pelo caixa no final do mês. Essa é muito boa!

A jovem senhora continuava a fumar sem dizer palavra, sorrindo um sorriso vago que parecia uma máscara amável cobrindo a ironia de seus pensamentos.

Enrubescendo, Duroy gaguejava: — Perdão... acreditei... pensei... — Porém, bruscamente, falou em voz clara: — Mil perdões, senhora, com meus mais vivos agradecimentos pela encantadora crônica que criou para mim, ontem.

Depois de cumprimentá-lo, disse a Charles: — Estarei no jornal às 3h — e saiu.

Voltou para casa correndo, pensando mal humorado: “Pois bem, escreverei a crônica completamente sozinho, eles vão ver...”

Assim que entrou começou a escrever, excitado pela cólera.

Continuou a aventura iniciada pela Sra. Forestier, acumulando detalhes de folhetim romano, peripécias surpreendentes e descrições floridas, com inépcia de estilo de colegial e fórmulas de suboficial. Em uma hora terminou a crônica que parecia um caos de loucuras e, confiante, levou-a para o La Vie Française.

A primeira pessoa que encontrou foi Saint-Potin que, apertando sua mão com uma energia de cúmplice, perguntou:

— Leu minha conversa com o chinês e com o hindu? Está bastante engraçada? Divertiu toda Paris. E nem ao menos vi a ponta do nariz dos dois.

Duroy, que não tinha lido nada, imediatamente pegou o jornal e passou os olhos por um longo artigo intitulado “Índia e China”, enquanto o repórter lhe indicava e sublinhava as passagens mais interessantes.

Forestier surgiu ofegante, apressado, com ar alarmado:

— Ah! Bom, preciso de vocês dois.

E lhes indicou uma série de informações políticas que precisavam encontrar para aquela tarde.

Duroy entregou-lhe seu artigo.

— Eis aqui a continuação sobre a Argélia.

— Muito bem, pode deixar comigo: vou entregá-la ao patrão.

Isso foi tudo.

Saint-Potin arrastou seu novo colega e assim que chegaram ao corredor lhe perguntou:

— Passou pelo caixa?

— Não. Por quê?

— Por quê? Para ser pago. Veja bem, é preciso sempre receber um mês de adiantamento. Nunca se sabe o que pode acontecer.

— Mas...não peço nada melhor.

— Vou apresentá-lo ao empregado do caixa. Ele não criará dificuldades. Paga-se bem, aqui.

E Duroy foi receber seus 200 francos, mais 28 francos por seu artigo do dia anterior que, juntamente com o que recebera na Estrada de Ferro, dava-lhe um total de 340 francos no bolso.

Jamais tivera uma soma semelhante e sentiu-se rico por um tempo indefinido.

Depois, Saint-Potin o levou para conversar nos escritórios de quatro ou cinco periódicos rivais, esperando que as notícias que precisava recolher já tivessem sido conseguidas por outros, e ele sabia muito bem como arrancá-las graças à abundância e astúcia de sua conversação.

Quando a noite chegou, sem nada para fazer, Duroy pensou em voltar ao Folies-Bergère e, cheio de audácia, apresentou-se ao porteiro:

— Meu nome é Georges Duroy, redator do La Vie Française. Vim aqui outro dia com o Sr. Forestier, que prometeu pedir entradas para mim. Não sei se já tratou disso.

Consultaram um registro. Seu nome não estava inscrito. Apesar disso, o fiscal, homem muito afável, lhe disse:

— Entre assim mesmo, senhor, e faça o senhor mesmo essa solicitação ao diretor, que certamente o atenderá.

Ele entrou e quase imediatamente encontrou Rachel, a mulher com quem estivera na primeira noite

Ela se aproximou dele: — Bom dia, meu querido. Estás bem?

Muito bem, e tu?

— Eu, nada mal. Sabes, sonhei contigo duas vezes depois do outro dia.

Duroy sorriu, lisonjeado: — Ah! ah! E o que isso prova?

— Isso prova que tu me agradaste, grande parvo, e que recomeçaremos quando desejares.

— Hoje, se quiseres.

— Certo, quero muito.

— Bom, mas ouça... — Ele hesitou, um pouco confuso pelo que faria: — É que, desta vez, não tenho um centavo: estou chegando do jogo, onde perdi tudo.

Ela o olhou no fundo dos olhos, suspeitando a mentira com seus instintos e a prática de moça habituada às patifarias e aos gateios dos homens. Ela disse: — Embusteiro! Sabes, não estás sendo gentil comigo.

Ele deu um sorriso envergonhado: — Se aceites dez francos, é tudo que me resta.

Ela murmurou com um desinteresse de cortesã que se entrega a um capricho:

— Como queiras, meu querido: não desejo outro, somente a ti.

E seduzida, levantando os olhos para o bigode do jovem, pegou seu braço e apoiou-se amorosamente nele: — Vamos antes tomar uma granadina. Depois daremos uma volta. Eu gostaria de ir ao Opéra contigo, para te exhibir. Depois iremos para casa cedo, não é?

.....

Dormiu até tarde na casa da moça. Já era dia quando saiu, e logo pensou em comprar o La Vie Française. Abriu o jornal com mão febril; sua crônica não estava lá. Ficou parado na calçada, percorrendo ansiosamente as colunas impressas com esperança de encontrar o que procurava.

De repente, algo pesado acabrunhava seu coração, pois, após a fadiga de uma noite de amor, essa contrariedade caída sobre sua lassidão tinha o peso de um desastre.

Voltou à sua casa e dormiu vestido em seu leito.

Algumas horas depois, ao entrar nos escritórios da redação, apresentou-se ao Sr. Walter: — Fiquei surpreso nesta manhã, senhor, por não encontrar meu segundo artigo sobre a Argélia.

O diretor levantou a cabeça e, com voz seca, disse: — Eu o entreguei ao seu amigo Forestier e lhe pedi para lê-lo. Ele não o

considerou suficiente; será preciso refazê-lo.

Furioso, Duroy, saiu sem dizer uma palavra e, entrando bruscamente no escritório de seu amigo, falou: — Por que não publicaste minha crônica esta manhã?

O jornalista fumava um cigarro, as costas no fundo de sua poltrona e os pés sobre a mesa, sujando um artigo começado com os saltos dos sapatos. Tranquilamente, com um tom de voz aborrecido e longínquo, como se falasse do fundo de um buraco, disse: O patrão a achou ruim e me encarregou de devolvê-la para que tu a reescrevas. Ali está ela. E indicou com o dedo as folhas desdobradas embaixo de uma prensa.

Confuso, Duroy não encontrou nada para dizer e enquanto ele metia sua prosa no bolso, Forestier continuou: — Hoje deves ir antes à prefeitura...

E indicou-lhe uma série de caminhadas de negócios, de notícias a colher. Duroy se retirou sem encontrar a resposta mordente que procurava.

Voltou a entregar seu artigo no dia seguinte. Foi novamente recusado. Tendo-o refeito pela terceira vez e o vendo-o novamente rejeitado, compreendeu que ia depressa demais e que apenas a mão de Forestier poderia auxiliar sua carreira.

Não falou mais nas Reminiscências de um Caçador na África, prometendo a si mesmo ser flexível e astuto, pois era necessário. Esperando tempos melhores, realizaria zelosamente seu trabalho de repórter.

Conheceu os bastidores dos teatros e os da política, os corredores e os vestibulos dos homens de Estado e da Câmara dos deputados, as figuras importantes dos adidos de gabinete e os semblantes carrancudos dos contínuos adormecidos.

Teve contatos constantes com ministros, porteiros, generais, agentes de polícia, príncipes, alcoviteiros, cortesãs, embaixadores, proxenetas, figurões, homens da sociedade, trapaceiros, cocheiros de fiacre, garçons de cafés e muitos outros, tornando-se amigo interessado e indiferente de todos eles, confundindo-os em sua estima, analisando-os na mesma medida, julgando-os com o mesmo olhar, à força de vê-los todos os dias, a toda hora, sem mudança de espírito, e de falar com todos eles sobre os mesmos assuntos concernentes à sua profissão. Comparava-se a um homem que, copo após copo, provava amostras de todos os vinhos e já não conseguia distinguir um Château-Margaux de um Argenteuil.

Em pouco tempo, tornou-se repórter notável, seguro de suas informações, astucioso, rápido, sutil, verdadeira joia para o jornal, como dizia o senhor Walter, que era bem informado sobre os redatores.

No entanto, como não recebia mais que dez centimos por linha, além dos seus 200 francos de salário fixo, e como era dispendiosa a vida dos bulevares, a vida dos cafés, a vida dos restaurantes caros, jamais tinha um soldo no bolso e lamentava sua miséria.

É um truque que devo aprender, pensava ele ao ver certos colegas com os bolsos cheios de ouro, sem jamais compreender os meios secretos que empregavam para conseguir toda essa riqueza. Com inveja, suspeitava de procedimentos desconhecidos e suspeitos, serviços prestados, todo um contrabando aceito e consentido. Pois bem, era-lhe necessário penetrar o mistério, entrar na associação tácita, impor-se aos colegas de dividiam tudo sem ele.

E à noite, enquanto observava os trens passarem diante de sua janela, frequentemente sonhava com os métodos que poderia empregar.

[1] Potin, em português, mexeriqueiro.

Passaram-se dois meses; logo seria setembro e a fortuna rápida que Duroy esperava lhe parecia bem distante. Inquietava-se sobretudo com a mediocridade moral da situação e não enxergava a via pela qual subiria às alturas onde há consideração e dinheiro. Sentia-se encerrado nessa profissão medíocre de repórter, murado dentro dela sem poder sair. Era apreciado, mas estimavam-no de acordo com seu posto. O próprio Forestier, a quem prestava mil serviços, não mais o convidava para jantar e em tudo o tratava como um inferior, mesmo que se dirigisse a ele chamando-o por “tu”, como um amigo.

É verdade que, de tempos em tempos, Duroy aproveitava uma ocasião e colocava um pequeno artigo, e tendo conquistado por seus esforços uma leveza de pena e um tato que lhe faltavam quando escrevera sua segunda crônica sobre a Argélia, não mais corria qualquer risco de ver recusadas suas atualidades. Mas daí a escrever crônicas ao sabor de sua fantasia ou tratar com autoridade as questões políticas havia tanta diferença quanto conduzir como cocheiro ou conduzir como mestre nas avenidas do Bois. O que mais o humilhava era sentir fechadas as portas do mundo, não ter amigos para tratar de igual para igual, não entrar na intimidade das mulheres, se bem que várias atrizes conhecidas o houvessem acolhido com familiaridade interessada.

Aliás, por experiência, sabia que todas elas, mundanas ou cabotinas, experimentavam por ele uma atração singular, uma simpatia instantânea. E ressentia-se por não conhecer aquelas das quais seu futuro poderia depender. Uma impaciência de cavalo laçado.

Com frequência, pensara em fazer uma visita à Sra. Forestier; mas a lembrança de seu último encontro o humilhava e, além disso, esperava ser convidado pelo marido. Então, lembrou-se da Sra. de Marelle, e recordando-se que ela lhe dissera para ir vê-la, apresentou-se em sua casa em uma tarde, quando não tinha nenhum afazer.

“Estou sempre em casa até as 3h”, dissera ela.

Tocou a campainha de sua porta às 2h30.

Ela morava na Rua de Verneuil, no quarto distrito.

Ao soar da campainha, uma criada foi abrir a porta, uma pequena criada despenteada, amarrando a touca ao responder:

— Sim, a senhora está em casa, mas não sei se já se levantou.

E abriu a porta do salão, que não estava fechada.

Duroy entrou. A peça era bastante grande, pouco mobiliada e de aspecto descuidado. As poltronas, gastas e envelhecidas, alinhavam-se ao longo das paredes, de acordo com a ordem estabelecida pela criada, pois nada demonstrava o cuidado elegante de uma mulher que ama sua casa. Quatro pobres quadros, representando uma barca sobre um rio, um navio sobre o mar, um moinho em uma planície e um lenhador em um bosque, pendiam em meio a quatro painéis, na ponta de quatro cordões desiguais, e todos estavam tortos. Podia-se adivinhar que há tempos estavam assim, sob o olhar negligente de uma pessoa indiferente.

Duroy sentou-se e esperou. Esperou por bastante tempo. Depois, uma porta se abriu e a Sra. de Marelle entrou correndo, vestida com um roupão japonês de seda cor de rosa, bordado com paisagens douradas, flores azuis e pássaros brancos, e exclamou:

— Imagine o senhor que eu ainda estava deitada. Que gentileza sua, vir me visitar! Tinha certeza que se esquecera de mim.

Estendeu as duas mãos em um gesto arrebatado e, sentindo-se à vontade devido ao aspecto medíocre do apartamento, Duroy as segurou e beijou, como vira fazer Norbert de Varenne.

Ela o fez sentar-se; depois, examinando-o dos pés à cabeça, falou: — Como o senhor está mudado! Melhorou de aparência. Paris lhe fez bem. Vamos, conte-me as novidades.

E imediatamente puseram-se a conversar como se fossem velhos amigos, sentindo nascer entre eles uma familiaridade instantânea, sentindo estabelecer-se um desses elos de confiança, de intimidade e de afeição que, em cinco minutos, faz com que se tornem amigos dois seres com as mesmas características e mesma raça.

De repente, a jovem senhora se interrompeu, espantada: — é engraçado como sinto-me à vontade com o senhor. Parece que o conheço há dez anos. Sem dúvida vamos nos tornar bons amigos. Gostaria?

Com um sorriso que dizia muito mais, ele respondeu: — Certamente.

Achou-a verdadeiramente tentadora em seu roupão brilhante e doce, menos fina que a outra em seu roupão branco, menos

bela, menos delicada, porém mais excitante, mais apimentada.

Quando a Sra. Forestier sentava-se perto dele com seu sorriso imóvel e gracioso, que ao mesmo tempo atraía e afastava, que parecia dizer: “O senhor me atrai” e também: “Tome cuidado”, cujo verdadeiro significado jamais poderia ser compreendido, experimentava sobretudo o desejo de deitar aos seus pés ou beijar a fina renda de seu corpete e aspirar lentamente o ar cálido e perfumado que dali devia exalar, deslizando por entre seus seios. Com a Sra. de Marelle, sentia um desejo mais brutal, um desejo que fremia em suas mãos diante dos contornos delineados pela seda leve.

Ela continuava a falar, semeando em cada frase esse espírito fácil ao qual se habituara, como um operário que dá o toque final para terminar uma tarefa considerada difícil, que assombra as pessoas. Ele a escutava, pensando: “É bom guardar isso tudo. Pode-se escrever encantadoras crônicas parisienses fazendo-a falar sobre os acontecimentos do dia”.

Ouviu-se uma leve batida na porta pela qual ela entrara; ela exclamou: “Pode entrar, pequena”. A garotinha surgiu, dirigiu-se diretamente para Duroy e estendeu-lhe a mão.

Espantada, a mãe murmurou: “Mas é uma conquista. Não a reconheço mais”. E o jovem, após beijar a criança, fê-la sentar-se ao seu lado e, com ar sério, interrogou-a gentilmente sobre o que ela fizera depois de terem se encontrado. Ela respondia como sua vozinha de flauta, com seu ar grave de grande personagem.

O relógio soou as três horas. O jornalista se levantou.

— Venha sempre, pediu a Sra. de Marelle. Conversaremos como hoje, o que me dará muito prazer. Mas por que não o vemos mais na casa dos Forestier?

Ele respondeu: — Oh! por nada. Estive muito ocupado. Espero reencontrá-la um dia desses.

E saiu com o coração cheio de esperança, sem saber por quê.

Não falou a Forestier sobre essa visita.

Mas guardou sua lembrança durante os dias seguintes; mais que a lembrança, uma espécie de sensação da presença irreal e persistente daquela mulher. Parecia-lhe ter ficado com algo dela, a imagem de seu corpo em seus olhos, o sabor de seu ser em seu coração. Permanecia sob a obsessão de sua imagem, como acontece algumas vezes quando passamos horas agradáveis perto de alguém. Dir-se-ia que sofrera uma estranha possessão, íntima, confusa, perturbadora e deliciosa por ser misteriosa.

Fez-lhe uma segunda visita depois de alguns dias.

A criada o introduziu no salão, e Laurine logo apareceu. Não estendeu a mãos, mas a fronte, e disse: — Mamãe me encarregou de dizer para o senhor esperá-la. Vai demorar um quarto de hora, pois ainda não está vestida. Farei companhia ao senhor.

Duroy, que se divertia com as maneiras cerimoniosas da garotinha, respondeu: — Perfeitamente, senhorita, ficarei encantado de passar um quarto de hora consigo; mas previno-a que não sou muito sério. Brinco o dia todo; proponho uma partida de pega-pega.

A menina ficou amedrontada e depois, como faria uma mulher, sorriu daquela ideia que a chocava um pouco e também a espantava, e murmurou:

— Apartamentos não são feitos para brincar.

Ele continuou: — Não me importo: brinco em todos os lugares. Venha, venha me pegar. — E pôs-se a correr em torno da mesa, estimulando-a a persegui-lo. Ela corria atrás dele, sorrindo sempre com uma espécie de condescendência polida, às vezes estendendo a mão para tocá-lo, mas sem se deixar levar totalmente pela correria.

Ele parou e se abaixou. Quando ela se aproximou com seus passinhos hesitantes, ele pulou como os diabos fechados nas caixas e depois, com um único salto, lançou-se para a outra ponta do salão. Ela achou engraçado e acabou rindo e, animando-se, começou a persegui-lo com passos rápidos, dando gritinhos alegres e temerosos quando julgava que podia pegá-lo. Ele mudava as cadeiras de lugar, construía obstáculos com elas, forçava-a a rodar em torno de uma delas e depois, abandonando-a, pegava outra. Laurine agora corria, abandonando-se ao prazer dessa nova brincadeira e, com o rosto corado e o entusiasmo de uma criança feliz, atirava-se a cada cilada, a cada artimanha de seu companheiro.

Bruscamente, quando ela procurava agarrá-lo, ele a tomou nos braços e, levantando-a até o teto, gritou: — Peguei!

Encantada, a menina esperneava para se livrar, rindo com vontade.

A Sra. de Marelle entrou e, estupefata, disse: — Ah! Laurine...Laurine brincando...O senhor é um feiticeiro.

Ele a recolocou no chão, beijou a mão da mãe e sentaram-se com a criança entre eles. Queriam conversar, mas, alegre, Laurine, de ordinário tão calada, falava o tempo todo e foi preciso enviá-la ao seu quarto.

Ela obedeceu sem responder, mas com lágrimas nos olhos.

Assim que ficaram sozinhos, A Sra. de Marelle baixou a voz

— Sabe, tenho um grande projeto e pensei no senhor. Como janto uma vez por semana na casa dos Forestier, às vezes retribuo a gentileza convidando-os para jantar em um restaurante. Não gosto de receber em minha casa, sou desorganizada demais e, além disso, não sei nada das coisas de casa, nada sobre cozinha, nada de nada. Adoro viver à vontade. Assim, de tempos em tempos recebo-os em um restaurante, mas não é divertido quando somos só nós três, e meus amigos não têm muita simpatia por eles. Conto-lhe isso tudo para explicar um convite pouco comum. O senhor compreende, não é, que eu o convido para juntar-se a nós no sábado, no café Riche, às 7h30 da noite. O senhor conhece a casa?

Ele aceitou, feliz Ela continuou: — Seremos apenas nós quatro, uma verdadeira parceria. Essas festas são muito agradáveis para nós, mulheres pouco habituadas a elas.

Ela vestia um roupão marrom escuro que, de modo provocante e gracioso, moldava sua cintura, seus quadris, sua garganta e seus braços; Duroy experimentava uma surpresa confusa, quase um desconforto, inexplicável para ele, devido ao desacordo entre essa elegância bem cuidada e refinada e o visível desprezo pela casa onde morava.

Tudo que vestia seu corpo, tudo que tocava diretamente sua pele era delicado e fino, mas não se importava com o que a rodeava.

Como da outra vez, ele a deixou com a sensação de sua contínua presença, em uma espécie de alucinação dos sentidos. Esperou o dia do jantar com impaciência crescente.

Tendo alugado pela segunda vez uma casaca negra, pois seus meios ainda não lhe permitiam comprar uma roupa de gala, foi o primeiro a chegar ao encontro, adiantado alguns minutos.

Fizeram-no subir ao segundo andar e introduziram-no na sala reservada do restaurante, pintada de vermelho, que abria para o bulevar sua única janela.

Uma mesa quadrada, com quatro lugares, exibia uma toalha branca, tão luzidia que parecia envernizada; e os copos, a prataria e o aquecedor brilhavam alegremente sob a chama de doze velas colocadas em dois altos candelabros.

Do lado de fora via-se uma grande mancha verde-claro feita pelas folhas de uma árvore, iluminadas pela viva luz dos gabinetes particulares.

Duroy sentou-se em um sofá muito baixo, vermelho como a pintura das paredes, cujas molas cansadas, cedendo sob ele, deram-lhe a sensação de cair em um buraco. Ouvia um rumor confuso naquela casa imensa, esse barulho dos grandes restaurantes, composto pelo choque das panelas e da prataria, pelo ruído dos passos rápidos dos garçons, abafados pelo tapetes dos corredores e pelo rumor das portas abertas que, abertas por um momento, deixavam passar o som das vozes de todas as pessoas encerradas nos estreitos reservados; gente de jantava. Forestier entrou e apertou-lhe a mão com uma familiaridade cordial jamais demonstrada nos escritórios do La Vie Française.

— As duas damas chegarão juntas, disse ele; estes jantares são muito agradáveis!

Depois, olhou para a mesa e imediatamente pediu que apagassem um bico de gás que brilhava fracamente, fechou a janela estrondosamente devido à corrente de ar e escolheu um lugar bem abrigado, declarando: — preciso prestar muita atenção; sentime melhor durante um mês e há alguns dias voltei a ser atacado. Acho que peguei uma friagem na terça-feira, ao sair do teatro.

A porta se abriu e as duas jovens senhoras surgiram, seguidas por um chefe de mesa, veladas, escondidas, discretas, com aquela encantadora aura de mistério que adquirem nos lugares em que a vizinhanças e os encontros são suspeitos.

Quando Duroy cumprimentou a Sra. Forestier, ela o censurou enfaticamente por ele não ter voltado a visitá-la; em seguida, acrescentou com um sorriso dirigido à sua amiga: — Mas como o senhor prefere a Sra. de Marelle, encontra bastante tempo para ela.

Sentaram-se, e quando o chefe de mesa entregou a carta de vinhos a Forestier, a Sra. de Marelle exclamou: — Traga para esses senhores o que eles desejarem; quanto a nós, champanha gelada, da melhor, champanha doce, nada mais. — E quando o homem saiu, ela anunciou com um riso excitado: — Quero me embriagar esta noite, vamos celebrar um casamento, um verdadeiro casamento.

Forestier, que parecia não ter ouvido, perguntou: — Incomoda-se se eu fechar a janela? Há alguns dias estou com o peito um pouco preso.

— Não, absolutamente.

Ele então foi cerrar o lado entreaberto e voltou a sentar com o rosto sereno, tranquilizado.

Sua mulher não dizia nada, parecia absorta; com os olhos baixos para a mesa, sorria para os copos, aquele sorriso vago que parecia sempre prometer e jamais dar.

Foram servidas ostras de Ostende, pequenas e gordas, semelhantes a pequenas orelhas encerradas nas conchas, desmanchando-se entre o palato e a língua como bombons salgados.

Após a sopa, foi servida uma truta, rosada como a carne de uma jovem; e os convivas começaram a conversar.

No início, falaram de um mexerico que corria pelas ruas, a história de uma senhora da sociedade surpreendida, por um amigo de seu marido, ceando com um príncipe estrangeiro em um gabinete particular.

Forestier riu bastante da aventura; as duas mulheres declararam que o tagarela indiscreto não era mais que um grosseirão e um covarde. Duroy tinha a mesma opinião e proclamou bem alto que um homem tem o dever de manter um silêncio tumular sobre esses assuntos, seja ele autor, confidente ou simples testemunha. E acrescentou: — como a vida seria repleta de coisas maravilhosas se pudéssemos contar com a discrição absoluta de todos. Frequentemente, muito frequentemente, o que segura quase todas as mulheres é o temor do segredo ser revelado.

E acrescentou sorrindo: — Não é verdade?

— Quantas não se abandonariam a um desejo fugaz, ao capricho brusco e violento de uma hora, a uma fantasia de amor, se não temessem pagar com um escândalo irremediável e com lágrimas dolorosas aquele breve e tênue momento de felicidade!

Falava com convicção contagiosa, como se defendesse uma causa, sua causa, como se dissesse: — Comigo não é preciso temer tais perigos. Experimentem para ver.

As duas o contemplavam com olhar de aprovação, achando que ele falava bem e com justeza, confessando com seu silêncio amigo que sua moral inflexível de parisienses não duraria muito diante da certeza do segredo.

Quase deitado no sofá, uma das pernas dobrada sobre a outra, o guardanapo sobre o colete para não sujar a roupa, Forestier declarou de repente, com um riso de cético convicto: — Mas claro que sim, nós é que pagaríamos se houvesse certeza do silêncio. Com todos os diabos! Pobres dos maridos!

E começaram a falar sobre o amor. Sem admitir que fosse eterno, Duroy o compreendia duradouro, criador de laços, de uma amizade terna, de confiança! A união dos sentidos somente selava a união dos corações. Mas indignava-se com os ciúmes impertinentes, com os dramas, as cenas, as misérias que quase sempre acompanhavam as rupturas.

Quando se calou, a Sra. De Marelle suspirou: — Sim, essa é a única coisa boa da vida e nós frequentemente a estragamos com exigências impossíveis.

A Sra. Forestier, que brincava com uma faca, acrescentou: — Sim...sim...é bom ser amada.

E parecia levar mais longe seu sonho, sonhar com coisas que não ousava dizer.

E como o primeiro prato não chegava, de tempos em tempos bebiam um gole de champanha, mordiscando as crostas arrancadas dos pequenos pães redondos. Lento e traiçoeiro, o pensamento do amor penetrava neles pouco a pouco, embriagando-lhes a alma como o vinho claro vertido gota a gota em suas gargantas, aquecia seu sangue e perturbava seus espíritos.

As costeletas de cordeiro foram servidas, leves, deitadas em um leito espesso e miúdo de pontas de aspargos.

— Por todos os santos! Que maravilha! — exclamou Forestier. Eles comeram devagar, saboreando a fina carne e o legume delicado como um creme.

Duroy continuou: — Quando amo uma mulher, o mundo todo desaparece em torno dela.

Ele falava com convicção, exaltando-se ao pensamento desse prazer no amor, no bem estar do prazer que experimentava à mesa.

A Sra. Forestier murmurou, com seu ar de distanciamento: — não há felicidade comparável à primeira pressão das mãos, quando uma pessoa pergunta: “Tu me amas?” e a outra responde: “Sim, eu te amo”.

A Sra. de Marelle, que acabara de esvaziar de uma só vez uma nova taça de champanha, disse alegremente ao recolocar seu copo na mesa: — Sou menos platônica.

E todos começaram a rir, olhos cintilantes, aprovando o dito.

Forestier estendeu-se no sofá, abriu os braços, os apoiou sobre as almofadas e perguntou em tom sério: — Essa franqueza é honrosa e prova que a senhora é uma mulher prática. Mas posso perguntar qual a opinião do senhor de Marelle?

Ela levantou os ombros lentamente, com infinito e prolongado desdém; depois, em voz clara, declarou: — O senhor e Marelle não tem quaisquer opiniões sobre esse assunto. Ele tem somente... somente abstenções.

E a conversa, descendo das teorias elevadas sobre a ternura, entrou no jardim dos gracejos delicados.

Foi o momento dos hábeis subentendidos, dos véus erguidos por palavras, como se erguem as saias, o momento dos truques de linguagem, das audácias hábeis e dissimuladas, de todas as hipocrisias impudicas, da frase que mostra imagens nuas com expressões veladas, que faz passar no olhar e no espírito a visão rápida de tudo que não pode ser dito e permite às pessoas do mundo uma espécie de amor sutil e misterioso, uma espécie de contato pecaminoso de pensamentos pela evocação simultânea, perturbadora e sensual como um abraço, de todas as coisas secretas, vergonhosas e desejadas da intimidade.

O assado foi servido: perdizes ladeadas por codornizes, ervilhas, depois uma terrina de fígados de pato acompanhados por uma salada de folhas de alface que recheava uma grande saladeira funda, qual uma espuma verde. Comeram tudo aquilo sem sentir o gosto, sem notar, unicamente preocupados com o que diziam, mergulhados em um banho de amor.

Agora, as duas mulheres arriscavam-se a dizer coisas indecorosas, a Sra. de Marelle com uma audácia natural que parecia provocação, a Sra. Forestier com uma reserva encantadora, um pudor no tom, na voz, em toda atitude, que em vez de atenuar, enfatizava as coisas que saíam de sua boca.

Totalmente espojado sobre suas almofadas, Forestier ria, comia sem cessar e às vezes lançava uma palavra de tal modo ousada ou crua que, um pouco chocadas, as mulheres assumiam um ar envergonhado que durava dois ou três segundos. Quando dizia algo pesado demais, ele acrescentava: — Estão indo muito bem, meninas. Se continuarem assim, acabarão por fazer bobagens.

A sobremesa foi servida, depois o café; e os licores produziram nos espíritos excitados uma perturbação mais pesada e mais quente.

Como anunciara ao sentar-se à mesa, a Sra. de Marelle estava embriagada e assumia o fato com uma graça alegre e tagarela; para divertir seus convivas, acentuava uma ponta de embriaguês muito real.

Talvez por prudência, a Sra. Forestier se calava; e Duroy, sentindo-se por demais excitado, guardava uma hábil reserva para não se comprometer.

Cigarros foram acesos e, de repente, Forestier começou a tossir.

Foi um acesso terrível que lhe dilacerava a garganta. Com o rosto vermelho, a fronte banhada de suor, ele sufocava em seu guardanapo. Assim que a crise se acalmou, rosnou com um ar furioso: — Essas festas não me fazem bem: são uma estupidez — Todo seu bom humor desaparecera no terror do mal que lhe assombrava a mente.

— Vamos para casa, disse ele.

A Sra. de Marelle chamou o garçom e pediu a conta, que foi levada imediatamente. Ela tentou ler, mas os números giravam diante de seus olhos e ela passou o papel para Duroy: — Por favor, pague por mim, não consigo. Estou tonta demais.

E, ao mesmo tempo, pôs a bolsa em suas mãos.

O total chegava a 130 francos. Duroy verificou a nota, deu duas notas, recebeu o troco e perguntou em voz baixa: — Quanto devo deixar para os garçons?

— Quanto quiser, não sei.

Ele deixou cinco francos no prato, devolveu a bolsa à jovem senhora e perguntou:

— Gostaria que eu a levasse à sua casa?

— Certamente. Sou incapaz de encontrar meu endereço.

Apertaram as mãos dos Forestier e Duroy encontrou-se sozinho com a Sra. de Marelle em um fiacre em movimento.

Ele a sentia contra si, tão perto fechada com ele nessa caixa negra, por um instante bruscamente iluminada pelos bicos de gás das calçadas. Durante o trajeto, sentia o calor de seu ombro através da manga e não achava nada para dizer, absolutamente nada, tendo o espírito paralisado pelo desejo imperioso de tomá-la em seus braços.

“Se eu ousasse, o que ela faria?”, pensava ele. E a lembrança de todas as coisas provocantes cochichadas durante o jantar o encorajava, ao mesmo tempo em que o medo do escândalo o detinha.

Imóvel, ela também não dizia nada, cravada em seu canto. Ele imaginaria que ela dormia se não visse seus olhos brilhando a cada vez que um raio de luz penetrava no carro.

“Que pensaria ela?” Sentia que não devia falar, que uma palavra, uma única palavra que rompesse o silêncio levaria todas as suas chances; mas faltava-lhe a audácia, a audácia da ação brusca e brutal.

De repente, sentiu que seu pé se movera. Ela fizera um movimento, um movimento seco, nervoso, de impaciência ou talvez de apelo. Esse gesto quase imperceptível fez com que lhe corresse um grande arrepio pela pele, da cabeça aos pés. Voltando-se vivamente, atirou-se sobre ela buscando sua boca com os lábios, e a carne nua com as mãos.

Ela lançou um grito, um pequeno grito, quis se livrar, debater-se, afastá-lo; depois cedeu, como se lhe faltassem forças para resistir por mais tempo.

Mas o carro logo chegou diante da casa onde ela morava. Surpreso, Duroy não tivera tempo de dizer palavras apaixonadas para agradecê-la, abençoá-la e exprimir seu amor. No entanto, ela não se levantava, não se mexia, atordoada pelo que acontecera. Então, temendo que o cocheiro tivesse outros deveres, desceu primeiro para estender a mão à jovem mulher.

Por fim, ela saiu do fiacre, tropeçando e sem pronunciar qualquer palavra. Ele tocou a campainha e, enquanto a porta se abria, perguntou, trêmulo: — Quando voltarei a vê-la?

Ela murmurou, tão baixo que ele quase não ouviu: Venha almoçar comigo amanhã. E desapareceu na sombra do vestíbulo empurrando a pesada porta que fez um estrondo de tiro de canhão.

Ele deu 100 soldos ao cocheiro e pôs-se a caminhar diante dele com um passo rápido e triunfante, o coração transbordando de alegria.

Finalmente possuiria uma mulher, uma mulher casada! Uma mulher da sociedade! Uma mulher da verdadeira sociedade! Da sociedade parisiense! Como fora fácil e inesperado!

Até aquele momento, imaginara que para abordar e conquistar uma dessas criaturas tão desejadas seriam necessários cuidados infinitos, esperas intermináveis, um assédio infundável feito de galanterias, de palavras de amor, de suspiros e mimos. E eis que de repente, ao menor ataque, a primeira que encontrara abandonara-se a ele, tão depressa que ficara estupefato.

“Ela estava embriagada, pensava ele; amanhã será diferente. Terá lágrimas nos olhos”. Essa ideia o inquietou, mas depois pensou: “Por Deus, tanto pior. Agora que a possuo, saberei guardá-la”.

Na miragem confusa onde se perdiam suas esperanças, esperanças de grandeza, sucesso, renome, fortuna e amor, percebeu de repente, semelhante a essas guirlandas de figurantes que se desdobram no céu das apoteoses, uma procissão de mulheres elegantes, ricas, poderosas, que passavam sorrindo para desaparecer, uma depois da outra, no fundo da nuvem dourada de seus sonhos.

Seu sono foi povoado de visões.

No dia seguinte, estava um tanto emocionado ao subir as escadas da casa da Sra. de Marelle. Como iria recebê-lo? E se não o recebesse? Se tivesse proibido sua entrada na casa?... Mas não, ela não podia dizer nada sem revelar a verdade. Portanto, ele era mestre da situação.

A criadinha abriu a porta. Tinha o rosto de sempre. Ele se tranquilizou, como se esperasse que a criada estivesse com uma fisionomia perturbada.

Ele perguntou: — A senhora está bem?

Ela respondeu: — Sim, senhor, como sempre.

E fez com que entrasse no salão.

Ele foi diretamente para a lareira para verificar o estado de seus cabelos e de sua roupa. Ajeitava a gravata diante do espelho quando percebeu que a jovem senhora o observava, em pé na soleira da porta de seu quarto.

Ele fingiu não tê-la visto e eles se consideraram durante alguns segundos no fundo do espelho, observando-se, espiando-se antes de se encontrarem, um diante do outro.

Ele se voltou. Ela não se mexera e parecia esperar. Ele se aproximou, balbuciando: — Como eu a amo! Como eu a amo! — Ela abriu os braços e refugiou-se em seu peito; depois, levantando o rosto para ele, beijaram-se longamente.

Ele pensava: “É mais fácil do que supus. Vai tudo muito bem”. E quando seus lábios se separaram, ele sorria sem dizer palavra, tentando colocar no olhar um amor infinito.

Ela também sorria um desses sorrisos que elas têm para oferecer seu desejo, seu consentimento, sua ânsia de se entregar. Ela murmurou: — Estamos sozinhos. Mandeí Laurine almoçar na casa de uma amiguinha.

Ele suspirou, beijando seus pulsos: — Obrigado, eu a adoro.

Então, como se fosse seu marido, deu-lhe o braço para ir até o sofá, onde sentaram-se lado a lado.

Ele buscava um início de conversa, hábil e sedutor; não encontrando nada que o agradasse, balbuciou:

— Então, não me quer mais?

Ela tapou-lhe a boca com a mão:

— Cala-te!

Permaneceram silenciosos, olhos mesclados, dedos entrelaçados, ardentes.

— Como eu a desejo!, disse ele.

Ela repetiu: — Cala-te.

Podia-se ouvir a criada mexer nos pratos, na sala, do outro lado da parede.

Ele se levantou: — Não posso ficar tão perto da senhora. Eu perderia a cabeça.

A porta se abriu: — Senhora, o almoço está servido.

Com gravidade, ofereceu-lhe o braço.

Almoçaram frente a frente, olhando-se e sorrindo sem cessar, ocupados unicamente de si mesmo, envoltos pelo doce encanto de uma ternura que se inicia. Comeram sem saber o quê. Ele sentiu um pé, um pequeno pé que errava sob a mesa. Ele o prendeu entre os seus e o guardou, apertando-o com toda força.

A criada ia e vinha, trazia e levava os pratos com ar indiferente, parecendo nada notar.

Quando terminaram de comer, voltaram ao salão e sentaram-se no mesmo lugar do sofá, lado a lado.

Pouco a pouco encostou-se nela, tentando abraçá-la. Mas ela o afastou calmamente: — Tome cuidado, podem entrar.

Ele murmurou: — Quando poderei vê-la sozinha, para lhe dizer o quanto eu a amo?

Ela se inclinou para seu ouvido e disse baixinho:

— Um destes dias irei à sua casa para lhe fazer uma visita.

Ele sentiu-se enrubescer: — é que...minha casa...é...é bem modesta.

Ela sorriu: — Não importa. Vou para ver o senhor, não o seu apartamento.

Então, ele a pressionou para saber quando ela iria. Ela marcou um dia afastado da semana seguinte e ele suplicou para ela avançar a data, com palavras balbuciadas, olhos brilhantes, movendo e apertando suas mãos, o rosto corado, febril, devastado pelo desejo, o desejo impetuoso que acompanha uma refeição a dois.

Ela se divertia ao vê-lo implorar com tal ardor e, de tempos em tempos, cedia um dia. Mas ele repetia: — Amanhã... diga... amanhã.

Por fim, ela consentiu: — Amanhã. Às 5h.

Ele deu um longo suspiro de alegria e passaram a conversar quase tranquilamente, com ares de intimidade, como se conhecessem há vinte anos.

Um toque de campainha os fez estremecer e, de um salto, afastaram-se um do outro.

Ela murmurou: — Deve ser Laurine.

A criança surgiu, parou embargada, depois correu na direção de Duroy batendo palmas, transportada de prazer ao vê-lo, e exclamou: — Ah! Bel-Ami!

A Sra. de Marelle pôs-se a rir:

— Ora veja! Bel-Ami! Laurine o batizou! Esse é um ótimo apelido de amizade para o senhor; também vou chamá-lo de Bel-Ami!

Ele colocou a garotinha sobre os joelhos e precisou brincar com ela todas as brincadeiras que lhe ensinara.

Às 2h40, levantou-se para ir ao jornal. No topo da escada, pela porta entreaberta, murmurou baixinho: — Amanhã. Às 5h.

A jovem mulher respondeu: “Sim”. E com um sorriso, desapareceu.

Assim que terminou sua tarefa jornalística, refletiu no modo como arrumaria o quarto para receber sua amante, dissimulando o melhor possível a pobreza do local. Teve ideia de espalhar pelas paredes pequenos objetos japoneses e, por 5 francos, comprou uma coleção de crepom, bibelôs japoneses, pequenos leques e pequenas telas com as quais escondeu as nódoas mais visíveis do papel de parede. Sobre o vidro das janelas, aplicou imagens transparentes representando barcos navegando sobre rios, pássaros voando através de céus rubros, mulheres multicoloridas em balcões e procissões de pequenos bonecos negros em planícies cheias de neve.

Seu quarto, com tamanho suficiente apenas para dormir e sentar, logo assumiu a aparência do interior de uma lanterna de papel pintado. Ele julgou o efeito satisfatório e passou a noite colando no teto pássaros recortados das folhas coloridas que haviam sobrado.

Depois disso, deitou-se embalado pelo apito dos trens.

No dia seguinte voltou cedo para casa, levando consigo um saco de doces e uma garrafa de vinho Madeira, comprada na mercearia. Precisou sair novamente para comprar dois pratos e dois copos e dispôs a refeição sobre seu toucador, cuja madeira suja foi tapada por um guardanapo que também dissimulava a bacia e o jarro de água.

Depois, esperou.

Ela chegou por volta de 5h15 e, seduzida pelo borboletear colorido dos desenhos, exclamou — Sua casa é muito agradável. Mas tem gente demais na escada.

Ele a tomara nos braços e, arrebatado, beijava seus cabelos através do véu, entre a frente e o chapéu.

Uma hora e meia mais tarde, reconduziu-a à estação de fiacres da Rua Rome. Assim que ela se acomodou no veículo, ele murmurou: — Terça-feira, à mesma hora.

Ela disse: — À mesma hora, terça-feira. — E como a noite chegara, ela colocou a cabeça na portinhola e beijou seus lábios. Em seguida, tendo o cocheiro açoitado seu animal, ela gritou: — Adeus, Bel-Ami! — e o velho cupê partiu, ao trote cansado de um cavalo branco.

Durante três semanas, Duroy recebeu desse modo a Sra. de Marelle a cada dois ou três dias, às vezes de manhã, às vezes à noite.

Uma tarde, enquanto a esperava, um forte barulho na escada o levou até a porta. Uma criança berrava. A voz furiosa de um homem gritou: O que tem esse traste, pra berrar assim? Com um guincho exasperado, uma mulher respondeu: A vadia suja que sempre vai à casa do jornalista derrubou Nicolas no patamar. Não deveríamos permitir a entrada de prostitutas como essa, que não presta atenção às crianças que estão nas escadas!

Mortificado, Duroy recuou, pois ouviu um rápido roçar de saias e um passo precipitado subindo do andar inferior ao dele.

Em seguida, bateram na porta que ele acabara de fechar. Ele abriu e a Sra. De Marelle atirou-se para dentro do quarto, esfalfada, desvairada, balbuciando:

— Ouviste?

Ele fingiu não saber de nada.

— Não, o quê?

— Como fui insultada?

— Quem fez isso?

— Os miseráveis que moram no andar de baixo.

— Mas não, o que aconteceu? Conta-me.

Ela começou a soluçar, sem conseguir dizer palavra.

Ele precisou desmanchar-lhe o penteado, soltar-lhe os laços, deitá-la na cama, dar-lhe leves pancadinhas nas têmporas com um pano molhado; ela sufocava. Depois, quando sua emoção se acalmou, toda sua cólera indignada explodiu.

Queria que ele descesse imediatamente, que se batesse, que os matasse.

Ele repetia: — Esses grosseirões são operários. Imagina que isso poderá acabar na justiça, que poderás ser reconhecida, presa, perdida. Não podemos nos meter com essa gente.

Ela passou a outra ideia: — Como faremos agora? Não posso voltar aqui. Ele respondeu: — Isso é bem simples, vou mudar.

Ela murmurou: — Sim, mas isso vai demorar. — Depois, de repente, ela imaginou uma combinação e, bruscamente tranqüilizada, disse:

— Não, escuta, deixa que eu resolva isso, não te preocupes com nada. Amanhã cedo envio-te um “azulzinho”.

Ela chamava de “azulzinhos” os telegramas fechados que circulavam por Paris.

Ela agora sorria, encantada com a invenção que não queria revelar, e fez mil loucuras de amor.

Entretanto, estava bastante emocionada ao descer a escada e apoiava-se com toda força no braço de seu amante, pois sentia que suas pernas se dobravam.

Não encontraram ninguém.

Como levantava tarde, ainda estava na cama no dia seguinte, quando, por volta de onze horas, o mensageiro do telégrafo levou-lhe o “azulzinho” prometido.

Duroy o abriu e leu:

Encontro daqui a pouco, às 5h, Rua Constantinople, 127.

Pede para te abrirem o apartamento alugado pela Sra. Duroy.

Beija-te CLO.

Precisamente às 5h, entrou na casa do porteiro de uma grande casa mobiliada e perguntou: — Foi aqui que a Sra. Duroy alugou um apartamento?

— Sim, senhor.

— O senhor poderia me conduzir até lá, por favor?

O homem, sem dúvida acostumado às situações delicadas onde a prudência é necessária, fitou-o nos olhos e depois, escolhendo uma chave dentre as que se encontravam em uma longa fica, perguntou:

— É o senhor Duroy?

— Sim, perfeitamente.

Ele abriu um pequeno apartamento composto de duas peças, situado no andar térreo, na frente de sua residência.

O salão, forrado de papel com flores, bastante arejado, possuía móveis de mogno estofados em repes esverdeado com desenhos amarelos, e um pequeno tapete florido, tão fino que o pé sentia a madeira sob ele.

O dormitório era tão exíguo que a cama ocupava três quartos dele. Ficava no fundo e ia de uma parede até a outra, um grande leito de casa de cômodos, envolto em cortinados azuis e pesados, também de repes, esmagado sob um acolchoado de seda vermelha, cheio de manchas suspeitas.

Inquieto e descontente, Duroy pensava: — Esse apartamento vai me custar um dinheirão. Vou precisar pedir outro

empréstimo. Ela fez uma idiotice.

A porta se abriu e Clotilde se precipitou como um pé de vento, com um grande ruído de saias, os braços abertos. Estava encantada: — É bonito, diz, não é bonito? E não é preciso subir escadas, é no nível da rua, no térreo! Pode-se até entrar e sair pela janela, sem que o porteiro veja. Como nós nos amaremos, aqui!

Ele a abraçava friamente, sem ousar fazer a pergunta que lhe aflorava aos lábios.

Ela colocara um grande pacote sobre a mesa de centro, no meio da peça. Depois de abri-lo, dele retirou um sabonete, uma garrafa de água de Lubin, uma esponja, uma caixa de grampos para cabelo, um saca-rolhas e um pequeno ferro de frisar, para reajustar as mechas que lhe caíam na testa e que se desfaziam todas às vezes.

Ela brincava pelo apartamento, procurando os lugares para cada coisa, divertindo-se enormemente.

Falava enquanto abria as gavetas: — Preciso trazer um pouco de roupa branca, para poder trocar quando for necessário. Será muito cômodo. Se por acaso eu me molhar em uma chuvarada, fazendo compras, posso vir para cá para me secar. Teremos cada qual uma chave, e outra será deixada na portaria, para o caso de nos esquecermos das nossas. Aluguei por três meses, no teu nome, é claro, pois não podia dar o meu.

Ele então perguntou:

— Tu me dirás quando deve ser pago?

Ela respondeu simplesmente: — Mas já está pago, meu querido!

Ele continuou: — Então, é para ti que devo?

— Claro que não, meu lindo, não te preocupes, sou eu que desejo fazer esta pequena loucura.

Ele assumiu um ar contrariado: Ah! mas isso não pode ser. Não posso permitir.

Ela se aproximou dele, suplicante, e, colocando as mãos sobre seus ombros, falou: — Eu te peço, Georges, isso me dará tanto prazer, tanto prazer em ser eu a encarregada de nosso ninho, só eu! Em que isso te incomoda? Em que? Eu gostaria de trazer isto para o nosso amor. Dize que concordas meu pequeno Géó, dize que concordas?... Ela implorava com os olhos, com os lábios, com todo seu ser.

Ele permitiu que ela implorasse, recusando com ar irritado, depois cedeu, no fundo achando que era justo.

E quando ela partiu, murmurou esfregando as mãos, sem procurar nos recessos de seu coração de onde lhe vinha essa opinião: “Ela é gentil, apesar de tudo”.

Depois de algumas horas, recebeu outro “azulzinho” que dizia:

Meu marido chegou esta noite, depois de seis semanas de inspeção.

Assim sendo, teremos férias de oito dias. Que tarefa árdua, meu querido!

Tua CLO.

Duroy ficou estupefato. Não mais pensava no fato de ela ser casada. Ali estava um homem cujo rosto ele queria ver pelo menos uma vez, para conhecê-lo.

Esperou pacientemente pela partida do marido, mas passou no Folies-Bergère duas noites que terminaram na casa de Rachel.

Depois, em uma manhã, um novo telegrama contendo apenas três palavras:

Hoje, 5h. CLO.

Ambos chegaram adiantados ao encontro. Ela se atirou em seus braços com um grande ímpeto amoroso, beijando

apaixonadamente todo seu rosto e disse: — Se quiseres, depois de nos amarmos muito poderás me levar para jantar em algum lugar. Estou livre.

Estavam justamente no início do mês, e apesar de há muito tempo receber seu salário adiantado, e de viver de dinheiro recolhido de todos os lados, por acaso Duroy estava provido de fundos e ficou feliz por ter ocasião de gastar alguma coisa com ela.

Ele respondeu: — Claro, minha querida, onde quiseres.

Partiram por volta das 7h e chegaram ao bulevar exterior. Ela se apoiava fortemente nele e dizia-lhe ao ouvido: — Se soubesses o quanto estou feliz por sair de braço contigo, como adoro sentir-te contra mim!

Ele perguntou: — Queres ir ao Père Lathuille?

Ela respondeu: — Oh! Não, é chique demais. Prefiro algo engraçado, comum, como um restaurante frequentado por empregados e operários; adoro as reuniões nas tavernas! Oh! Se tivéssemos tido oportunidade de ir para o campo!

Como ele não conhecia nada desse gênero naquele bairro, erraram pelo bulevar e terminaram por entrar no estabelecimento de um comerciante de vinhos, que tinha um restaurante em uma sala à parte. Através do vidro, ela vira duas mocinhas sentadas à mesa, diante de dois militares.

Três cocheiros de fiacre jantavam no fundo da sala estreita e longa, e um personagem, impossível de ser classificado em qualquer profissão, fumava seu cachimbo com as pernas esticadas, as mãos na cintura das calças, estendido sobre uma cadeira, a cabeça jogada para trás, por sobre o encosto. Sua jaqueta parecia um museu de manchas, e em seus bolsos estufados como ventres via-se o gargalo de uma garrafa, um pedaço de pão, um pacote envolto em um jornal e um pedaço de barbante, pendurado. Tinha cabelos grossos, crespos, despenteados, cinzentos de sujeira; seu boné caíra no chão, sob a cadeira.

A entrada de Clotilde causou sensação pela elegância de sua roupa. Os dois casais pararam de cochichar, os três cocheiros cessaram a discussão, e o indivíduo que fumava, tendo retirado o cachimbo da boca e cuspidito no chão, olhou virando um pouco a cabeça.

A Sra. de Marelle murmurou: — Quanta gentileza! Ficaremos muito bem; na outra vez, vou me vestir de operária. — Sem embaraço nem desgosto, ela sentou-se diante da mesa de madeira, envernizada com a gordura dos alimentos, lavada com as bebidas derrubadas e limpa pelo golpe do guardanapo do garçom. Um pouco incomodado, um pouco envergonhado, Duroy procurava um cabide para pendurar a cartola. Como não encontrasse, depositou-a em uma cadeira.

Comeram um ensopado de ovelha, uma fatia de perna de carneiro e uma salada. Clotilde repetia: — Adoro isto. Tenho gostos acanhados. Divirto-me melhor aqui que no café Anglais. — Depois, disse: — Se quiseres me dar um grande prazer, tu me levarás a um baile popular. Conheço um perto daqui, bastante engraçado, chamado La Reine Blanche.

Surpreso, Duroy, perguntou: — Quem te levou lá?

Ele a fitava e a viu enrubescer, um pouco perturbada, como se essa brusca questão tivesse despertado uma lembrança delicada. Depois de uma dessas hesitações femininas, tão curtas que é preciso adivinhá-las, ela respondeu: — Um amigo... — depois de um silêncio, acrescentou... — que morreu. — E baixou os olhos com uma tristeza bem natural.

Pela primeira vez, Duroy pensou em tudo que não sabia da vida passada dessa mulher, e refletiu que por certo já tivera amantes, mas de que espécie? De que mundo? Um sentimento vago de ciúme, uma espécie de animosidade despertou nele contra ela, uma aversão por tudo que ignorava, por tudo que não lhe pertencera naquele coração e naquela existência. Fitou-a, irritado com o mistério encerrado na cabeça linda e muda que, talvez naquele mesmo momento, sonhava com o outro, com outros, com pesar. Como adoraria consultar essas lembranças, examiná-las e saber de tudo, tudo conhecer!...

Ela repetiu: — Queres me levar ao La Reine Blanche? Será uma festa completa.

Ele pensou: “Ora! Que importância tem o passado? Sou bem tonto de me importar com isso”. E sorrindo, respondeu: — Certamente, minha querida.

Assim que chegaram à rua, ela disse baixinho, com esse tom misterioso usado para confidências: — Eu não ousava te pedir isso, até agora; mas não imaginas como adoro essas escapadas de moleque, para lugares aonde as mulheres não vão. No carnaval, vou me vestir de colegial. Fico muito engraçada vestida de colegial.

Quando entraram no salão de baile, ela o apertou contra si, assustada e contente, olhando encantada para as prostitutas e proxenetas e, de tempos em tempos, como para se tranquilizar contra um possível perigo, dizia, notando um guarda municipal grave e imóvel: “Eis ali um agente que tem uma aparência sólida”. Depois de um quarto de hora, ela se satisfaz e ele a

reconduziu para casa.

Iniciou-se então uma série de excursões para os lugares suspeitos onde o povo se diverte; e Duroy descobriu em sua amante um gosto apaixonado por essa vagabundagem de estudantes ligeiramente embriagados.

Ela chegava aos encontros habituais com um vestido de tecido rústico, a cabeça coberta por um boné de empregadinha, empregadinha de comédia musicada; e apesar da simplicidade elegante, continuava a usar seus anéis, suas pulseiras e seus brincos de brilhantes, dizendo-lhe quando ele lhe suplicava para retirá-los: “Ora! Não achar que são pedras falsas”.

Ela se julgava admiravelmente disfarçada e, apesar de se esconder à maneira dos avestruzes, frequentava as tavernas mais mal afamadas.

Gostaria que Duroy se vestisse de operário, mas ele resistia e mantinha suas vestimentas corretas de frequentador de bulevares, sem mesmo trocar a cartola por um chapéu de feltro mole.

Ela se consolava de sua obstinação raciocinando: “Pensam que sou uma camareira de sorte, com um homem da sociedade”. E achava deliciosa essa comédia.

Entravam em cabarés populares mal frequentados e sentavam-se em cadeiras capengas, no fundo de um cubículo enfumaçado, diante de uma velha mesa de madeira, a sala cheia de uma nuvem de fumaça acre onde pairava um odor de peixe frito, do jantar. Homens em mangas de camisa tagarelavam enquanto bebiam de pequenos copos e, espantado, o garçom encarava aquele casal estranho ao lhe servir dois conhaques com cerejas.

Trêmula, amedrontada e feliz, ela bebia em pequenos goles o suco rubro das frutas, olhando em torno com expressão inquieta e ardente. Cada cereja engolida dava-lhe a sensação de uma falta cometida, cada gota do líquido abrasador e apimentado que descia por sua garganta proporcionava-lhe um prazer acre, alegria de gozo pérfido e proibido.

Depois, dizia em voz baixa: “Vamos embora”. E eles partiam. Com a cabeça baixa, passos miúdos, passos de atriz que deixa o palco, ela se esgueirava vivamente entre os bebedores que, com os cotovelos sobre as mesas, viam-na com um ar suspeito e descontente; e quando passava pela porta, ela dava um grande suspiro, como se acabasse de escapar de algum perigo terrível.

Certas vezes, perguntava a Duroy, com um arrepio: — Se eu fosse injuriada em um daqueles lugares, o que farias?

Ele respondia, em tom decidido: — Eu te defenderia, ora essa!

E ela apertava seu braço, feliz com o desejo talvez confuso de ser injuriada e defendida, de ver homens batendo-se por ela, mesmo esses homens, com seu bem-amado.

Mas essas excursões, renovando-se duas ou três vezes por semana, começaram a cansar Duroy que, por outro lado, tinha dificuldade para ganhar os meio-luíses necessários para pagar o carro e as consumações.

Agora vivia em infinita dificuldade, mais apertado que nos dias em que era empregado da Estrada de Ferro do Norte, pois, tendo gasto à larga durante os primeiros meses de jornalismo, sem contar, na esperança constante de ganhar grandes somas no dia seguinte, esgotara todos os seus recursos e todos os meios de ganhar dinheiro.

Um procedimento muito simples, o de pedir dinheiro emprestado ao caixa, fora logo utilizado, e ele já devia ao jornal quatro meses de salário, mais 600 francos sobre as linhas escritas. Além disso, devia 100 francos a Forestier, 300 francos a Jacques Rival, que era generoso, e estava corroído por uma multidão de pequenas dívidas vergonhosas, de 20 francos ou de 100 soldos.

Consultado sobre os métodos para conseguir mais 100 francos, Saint-Potin não descobrira nenhum expediente, apesar de ser homem inventivo; e Duroy exasperava-se com essa miséria, agora mais dolorosa que antes, pois tinha mais necessidades. Devorava-o uma cólera surda contra todo o mundo, uma irritação constante que se manifestava por qualquer coisa, a todo o momento, pelas causas mais fúteis.

Às vezes perguntava a si mesmo como fizera para gastar em média mil libras por mês, sem qualquer excesso ou fantasia; e constatou que, adicionando um almoço de 8 francos a um jantar de 12, em qualquer café do bulevar, chegava-se a um luís que, somado a uma dezena de francos de dinheiro de bolso, esse dinheiro que se esvai sem que saibamos como, totalizava 30 francos. Ora, 30 francos por dia significam 900 francos no final do mês. E ele não estava computando as despesas com roupas, calçados, roupa branca, lavadeira, etc.

Assim, o dia 14 de dezembro o encontrou sem um centavo no bolso e sem qualquer ideia de como obter algum dinheiro.

Como já fizera com frequência no passado, não almoçou e passou a tarde trabalhando no jornal, enraivecido e preocupado.

Por volta das 4h, recebeu um “azulzinho” de sua amante, que dizia: “Vamos jantar juntos? Em seguida, podemos dar uma escapada”.

Ele respondeu imediatamente: “Impossível jantar”. Depois, refletiu que seria idiotice privar-se dos momentos agradáveis que ela poderia lhe proporcionar e acrescentou: “Mas espero-te às 9h, em nosso apartamento”.

Depois de enviar um dos meninos de recados com a resposta para economizar o preço do telegrama, começou a pensar em como conseguir a refeição da noite.

Às 7h ainda não inventara nada e uma fome terrível roía-lhe as entranhas. Então, recorreu a um estratagem de desesperado. Um depois do outro, esperou que todos os seus colegas partissem e, quando ficou sozinho, tocou vivamente a campainha. O porteiro do patrão, que ficara para guardar os escritórios, se apresentou.

Em pé, nervoso, Duroy remexia nos bolsos e, com voz brusca, disse: — Foucart, esqueci a carteira em casa e preciso jantar no Luxembourg. Pode me emprestar 50 soldos para eu pagar o carro?

O homem tirou três francos do colete, perguntando:

— Senhor Duroy, não quer um pouco mais?

— Não, isso é o suficiente. Muito obrigado.

Pegando as moedas brancas, Duroy desceu correndo as escadas e foi jantar em um bar onde encalhava nos dias de miséria.

Às 9h, esperava sua amante no pequeno salão, com os pés diante do fogo.

Ela chegou muito animada, muito alegre, fustigada pelo frio da rua: — Se quiseres, daremos uma volta antes de voltar para cá às 11h, disse ela. O tempo está admirável para um passeio.

Ele respondeu em um tom rabugento: — Por que sair? Estamos muito bem, aqui.

Ela continuou, sem retirar o chapéu: — Se soubesses como o luar está maravilhoso. È uma verdadeira felicidade, passear esta noite.

— É possível, mas estou sem vontade de passear.

Ele dissera isso com um ar furioso. Ela ficou assustada, ferida, e perguntou: — Que tens? Por que ages desse modo? Tenho desejo de dar um passeio, não entendo por que isso te aborrece.

Ele se levantou, exasperado. — Isso não me incomoda. Isso me irrita!

Ela era dessas que a resistência irrita e a indelicadeza exaspera.

Com desdém, com uma cólera fria, falou:

— Não estou habituada a ser tratada desse modo. Então irei sozinha. Adeus!

Ele compreendeu que era grave e, aproximando-se vivamente, tomou-lhe as mãos e as beijou balbuciando:

— Perdoa-me, minha querida, perdoa-me, estou muito nervoso esta noite, muito irritável. Tive contrariedades, aborrecimentos, tu sabes, coisas de negócios.

Ela respondeu um pouco amolecida, porém não mais calma:

— Não tenho nada com isso; não quero aguentar o contragolpe de teu mau humor.

Ele a tomou nos braços e a puxou para o sofá:

— Escuta, minha querida, eu não desejava te magoar; não pensei no que dizia.

Ele a forçara a sentar-se e, ajoelhando-se diante dela perguntou: — Tu me perdoaste? Dize que me perdoaste.

Ela murmurou com voz fria: — Está bem. — E levantando-se, acrescentou:

— Agora vamos dar uma volta.

Ele continuava ajoelhado, enlaçando seus quadris com os dois braços; balbuciando: — Eu te suplico, fiquemos aqui. Eu te suplico. Concede-me isso. Eu gostaria tanto de te guardar esta noite, só para mim, perto da lareira. Dize “sim”, eu te suplico, dize “sim”.

Ela respondeu com clareza, com dureza: Não, quero sair e não vou ceder aos teus caprichos.

Ele insistiu: — Eu te suplico, tenho uma razão, uma razão muito séria...

Ela repetiu: — Não. E se não queres sair comigo, vou embora. Adeus.

Ela se desvencilhara com um safanão e se aproximava da porta. Ele correu em sua direção e a envolveu em seus braços:

— Escuta-me, Clo, minha pequena Clo, escuta-me, concede-me isso... — Ela fazia que não com a cabeça, sem responder, evitando seus beijos e procurando se desvencilhar de seu abraço para ir embora.

Ele suplicava: — Clo, minha pequena Clo, há uma razão.

Ela se deteve e o olhou no rosto: — Mentas... qual?

Ele enrubesceu, sem saber o que dizer. E ela continuou, indignada: — Está claro que estás mentindo... animal sujo... E com um gesto enraivecido, lágrimas nos olhos, ela o esbofeteou.

Ainda uma vez, segurou-a pelos ombros e, desolado, pronto a confessar tudo para evitar a ruptura, declarou em tom desesperado: — É que não tenho nem um centavo... Aí está.

Ela parou imediatamente e, fitando-o no fundo dos olhos para descobrir a verdade, perguntou: — O que dizes?

Ele corara até a raiz dos cabelos: — Digo que não tenho um centavo. Compreendes? Não tenho 20 soldos, nem 10 soldos, nem com que pagar um copo de cassis em um café onde entrarmos. Tu me forças a confessar coisas vergonhosas. Não poderia sair contigo e, depois de estarmos sentados à mesa diante de duas consumações, dizer tranquilamente que não tenho como pagar...

Ela continuava o fitá-lo no rosto: — Então... isso é verdade?

Em um segundo, ele revirou todos os bolsos, os das calças, os do colete, os do paletó, e murmurou: Vê bem... agora estás contente?

Bruscamente, abrindo os dois braços com um ímpeto apaixonado, ela saltou-lhe ao pescoço, gaguejando.

— Oh! Meu pobre querido... meu pobre querido... se eu soubesse! Como te aconteceu isso?

Ela o fez sentar-se, sentou-se em seus joelhos e depois, segurando-o pelo pescoço, beijando-o a todo instante, beijando seu bigode, sua boca, seus olhos, forçou-o a contar como lhe acontecera aquele infortúnio.

Ele inventou uma história comovente. Fora obrigado a socorrer seu pai que se encontrava sem recursos. Ele não somente lhe dera todas as suas economias, como também se endividara gravemente.

E acrescentou: — Terei que passar fome durante seis meses, pois esgotei todos os meus recursos. Paciência, a vida tem momentos de crise. Afinal das contas, não vale a pena preocupar-se com dinheiro.

Ela soprou-lhe no ouvido: — Eu te emprestarei, queres?

Ele respondeu com dignidade: — És muito gentil, minha pequena, mas não falemos mais nisso, eu te peço. Tu me magoarias.

Ela se calou; depois, apertando-o nos braços, murmurou: — Jamais saberás o quanto eu te amo.

Aquela foi uma das suas melhores noites de amor.

Na hora de partir, ele disse sorrindo:

— Ah! Quando se está na tua situação, como é agradável encontrar dinheiro esquecido em um bolso, uma peça que tinha ficado escondida em uma dobra.

Ele respondeu com convicção: — Ah! Sem dúvida.

Ela quis voltar a pé, pretextando que a lua estava admirável, e extasiava-se ao olhá-la.

Era uma noite fria e serena de início de inverno. Os transeuntes e os cavalos andavam depressa, pungidos por uma claridade gelada. Os saltos dos sapatos soavam sobre as calçadas.

Ao deixá-lo, ela perguntou: — Queres que nos encontremos depois de amanhã?

— Certamente.

— No mesmo horário?

— No mesmo horário.

— Adeus, meu querido.

E beijaram-se com ternura.

Depois, voltou em grandes passadas, pensando consigo mesmo o que poderia inventar no dia seguinte para resolver o assunto. Ao se preparar para abrir a porta de seu quarto, remexeu no bolso do colete à procura de fósforos, espantando-se ao encontrar uma moeda que rolou sob seu dedo.

Assim que acendeu a luz, pegou a moeda para examiná-la. Era um luís de 20 francos!

Julgou ter ficado louco.

Ele a virou e revirou, procurando compreender por que milagre esse dinheiro estava ali. Não podia ter caído do céu para o seu bolso.

De repente adivinhou e uma cólera indignada o invadiu. Com efeito, sua amante falara de dinheiro escondido em uma dobra, que encontramos em horas de necessidade. Fora ela quem lhe dera aquela esmola. Que vergonha!

Ele jurou: — Ah, pois bem! Vou devolver depois de amanhã!

Ela vai ver!

E meteu-se na cama com o coração agitado de furor e humilhação.

Acordou tarde. Estava com fome. Tentou dormir novamente para só se levantar às 2h; depois, disse a si mesmo: Isso não adianta nada, preciso descobrir um meio de conseguir algum dinheiro. — Então saiu, esperando ter alguma ideia, na rua.

Não teve ideia alguma, mas ao passar na frente de cada restaurante, um ardente desejo de comer enchia-lhe a boca de saliva. Ao meio dia, como não imaginara nada, decidiu-se bruscamente: Ora! vou almoçar com os 20 francos de Clotilde. Isso não impedirá que eu os devolva amanhã”.

Então, por 2,50 francos, almoçou em uma cervejaria. No jornal, devolveu os 3 francos ao porteiro. — Obrigado, Foucart, aqui está o que me emprestou ontem, para eu poder pagar o carro.

Trabalhou até as 7h. Depois foi jantar e gastou mais 3 francos do mesmo dinheiro. Os dois copos de cerveja da noite elevaram a 9,30 francos sua despesa do dia.

Mas como não poderia refazer seu crédito nem criar novos recursos em 24 horas, emprestou ainda 6,50 francos dos 20 francos que resolvera devolver naquela noite, de modo que chegou ao encontro com 4,20 francos no bolso.

Estava com um humor de cão raivoso e prometia a si mesmo deixar bem clara a situação. Ele diria à sua amante: — Sabes, encontrei os 20 francos que colocaste no meu bolso, outro dia. Não posso devolvê-los hoje porque minha situação não se alterou. Mas os devolverei assim que voltarmos a nos encontrar.

Ela chegou, terna, solícita, cheia de medos. Como ele a receberia? Beijou-o com persistência para evitar uma explicação nos primeiros momentos.

Por seu lado, ele pensava: — Abordarei o assunto daqui a pouco. Vou achar uma ocasião oportuna.

Não encontrou oportunidade alguma e não disse nada, recuando diante das primeiras palavras que devia pronunciar sobre aquele assunto delicado.

Ela não falou em sair e foi encantadora, de todos as maneiras.

Separaram-se em torno da meia-noite, após marcarem outro encontro apenas para quarta-feira da semana seguinte, pois a Sra. de Marelle tinha vários convites para jantar nos outros dias.

No dia seguinte, ao pagar o almoço, ao procurar as quatro moedas que lhe restavam, Duroy percebeu que eram cinco, e uma era de ouro.

No primeiro momento, acreditou ter recebido, na véspera, 20 francos de troco, por engano, depois compreendeu e sentiu uma palpitação no coração pela humilhação dessa esmola persistente.

Como se arrependeu por não ter dito nada. Se tivesse falado com energia isso não teria acontecido.

Durante quatro dias, fez diligências e esforços tão numerosos quanto inúteis para encontrar 5 luíses, e comeu o segundo

donativo de Clotilde.

Apesar de ele dizer com ar furioso: “Sabes, não recomeça as brincadeiras dos outros dias, pois tu me aborrecerás”, ela encontrou um meio de colocar mais 20 francos no bolso de suas calças, na primeira vez que se reencontraram.

Ao descobri-los, ele protestou: “Em nome de Deus!” Mas guardou-os no bolso do colete para tê-los à mão, pois já não tinha nenhum centavo.

Ele acalmava sua consciência raciocinando: “Vou devolvê-los de uma só vez. Afinal, não passa de dinheiro emprestado”.

Enfim, por causa de seus pedidos desesperados, o caixa do jornal consentiu em lhe dar 100 soldos por dia. Davam para comer, mas não eram suficientes para devolver 60 francos.

Ora, como Clotilde voltasse a sentir seu furor pelas excursões noturnas a todos os lugares suspeitos de Paris, acabou deixando de se irritar ao encontrar uma moeda de ouro em um de seus bolsos, um dia em sua bota, outro dia na caixa do relógio, após seus passeios aventureiros.

Se tinha vontades que ele não podia satisfazer naquele momento, não era natural que ela pagasse, em vez de privar-se delas?

A propósito, anotava tudo que recebia desse modo, para restituir-lhe algum dia.

Um dia, ela lhe disse: — Crês que jamais estive no Folies-Bergère? Queres me levar? — Ele hesitou, temeroso de encontrar Rachel. Depois pensou. Ora! Afinal das contas, não sou casado. Se a outra me vir, compreenderá a situação e não virá falar comigo. “Além disso, tomaremos um camarote”.

Outra razão também o decidiu. Ficava muito feliz por, nessa ocasião, oferecer à Sra. de Marelle um camarote no teatro, sem pagar nada. Era uma espécie de compensação.

Deixou Clotilde no carro para pegar o bilhete, para que ela não visse que era gratuito, depois foi buscá-la e entraram, cumprimentados pelos porteiros.

Uma enorme multidão congestionava o passeio. Tiveram grande dificuldade para atravessar o aglomerado de homens e prostitutas. Enfim, chegaram ao camarote e se instalaram, fechados entre a orquestra imóvel e a ação na galeria.

Mas a Sra. de Marelle não olhava a cena, preocupada unicamente com as meninas que circulavam por detrás de suas costas; virava-se constantemente para vê-las, com vontade de tocá-las, de apalpar seus corpetes, suas faces, seus cabelos, para saber como eram feitas essas criaturas.

Subitamente, ela lhe disse: — Há uma morena gordinha que nos olha o tempo todo. Há pouco, pensei que ela iria falar conosco. Tu a viste?

Ele respondeu: — Não. Deve ser engano teu. — Mas ele já percebera há tempos. Era Rachel que os rodeava com cólera nos olhos e palavras violentas nos lábios.

Duroy roçara nela ao atravessar a multidão, e ela lhe dissera em voz baixa: “Bom dia” com uma piscadela que significava: “Compreendo”. Mas ele não respondera a essa gentileza por medo de ser visto por sua amante e passara friamente, a cabeça alta, o lábio desdenhoso. A menina, aguilhoada por um ciúme inconsciente, voltara em seus passos, esbarrara nele novamente e dissera com voz mais forte: “Bom dia, Georges”.

Ele também não respondera. Então ela se obstinara em ser reconhecida, cumprimentada e, sem cessar, voltava a passar atrás do camarote à espera de um momento favorável.

Assim que percebeu que a Sra. De Marelle a fitava, ela tocou com a ponta do dedo o ombro de Duroy e disse: Bom dia. Estás bem?

Mas ele não se virou.

Ela continuou: — Ora essa? Ficaste surdo depois de quinta-feira?

Ele não respondeu, aparentando um ar de desprezo que o impedia de se comprometer com essa mulher da vida, até mesmo por uma palavra.

Ela começou a rir um riso de raiva, e disse: — E agora também estás mudo? A senhora mordeu tua língua?

Ele fez um gesto furioso, e com voz exasperada, falou:

— Quem lhe permitiu falar comigo? Afaste-se ou farei com que seja presa.

Então, com o olhar inflamado e a garganta inchada, ela berrou: — Ah! É assim! Grosseirão! Quando se dorme com uma mulher deve-se no mínimo cumprimentá-la. O fato de estares com outra não é razão para não me reconheceres hoje. Se tivesses feito pelo menos um sinal quando passei por ti há pouco, eu teria te deixado tranquilo. Mas preferiste fazer-te de orgulhoso, não é! Vou te ajudar! Ah! Nem me dizes bom dia quando te encontro...

Ela gritaria por mais tempo, mas a Sra. De Marelle abriu a porta do camarote e fugira através da multidão, procurando desesperadamente a saída.

Duroy se lançara atrás dela e se esforçava para alcançá-la.

Vendo que fugiam, Rachel gritou triunfante: — Detenham-na! Detenham-na! Ela roubou meu amante.

Risos correram pelo público. Por brincadeira, dois senhores seguraram a fugitiva pelos ombros e quiseram levá-la, tentando beijá-la. Mas Duroy, que a encontrara, livrou-a com violência e levou-a para a rua.

Ela se jogou para dentro de um fiacre vazio parado diante do estabelecimento. Ele saltou atrás dela, e como o cocheiro perguntasse: — Para onde, burguês? — ele respondeu: — Para onde quiser.

O carro se pôs em movimento lentamente, sacudido pelas pedras de pavimentação. Prestes a ter uma crise nervosa, com as mãos cobrindo o rosto, Clotilde asfixiava, sufocava. Duroy não sabia o que fazer nem o que dizer. — Por fim, como a ouvisse chorar, gaguejou: — Escuta, Clo, minha pequena Clo, deixe-me explicar! Não é culpa minha... Conheci essa mulher no passado... nos primeiros tempos...

Ela descobriu bruscamente o rosto e, tomada por um raiva de mulher apaixonada e traída, uma raiva furiosa que lhe devolveu a palavra, balbuciou frases rápidas, entrecortadas, arquejando: — Ah!... Miserável... miserável... que patife és!... Como é possível?... Que vergonha!... Oh! Meu Deus!... Que vergonha!...

Depois, animando-se cada vez mais à medida que as ideias clareavam e que os argumentos lhe acorriam, falou: — Foi com o meu dinheiro que tu a pagaste, não é? E eu te dei dinheiro... para essa vagabunda... Oh! Miserável!...

Por alguns segundos, pareceu procurar outra palavra mais forte que não lhe acorria. Depois, de repente, com o movimento que se faz para escarrar, ela gritou: Oh! Porco... porco... porco. Tu a pagaste com meu dinheiro... porco... porco!..."

Sem encontrar outra coisa, ela repetia: — Porco... porco...

Subitamente, ela se debruçou para fora do carro e, agarrando o cocheiro pela manga, disse: — Pare! — Abrindo a porta, ela saltou para a rua.

Georges quis segui-la, mas ela gritou: — Eu te proíbo de descer! — com voz tão forte que os transeuntes se agruparam em torno dela. Duroy não se mexeu com medo de um escândalo.

Ela então tirou a carteira da bolsa e procurou o dinheiro à luz da lanterna. Pegou 2,50 francos e os enfiou nas mãos do cocheiro, dizendo-lhe em tom vibrante: Toma... eis aqui tua hora... Sou seu que estou pagando... E reconduza esse porco à Rua Boursault, em Batignolles.

Um riso se elevou no grupo que a cercava. Um senhor disse: — Bravo, pequena! E um jovem vagabundo, parado entre as rodas do fiacre, metendo a cabeça pela portinhola aberta, gritou com um sotaque superagudo: — Boa noite, Bibi!

Em seguida, o carro voltou a andar, perseguido pelos risos.

VI

No dia seguinte, Georges Duroy teve um triste despertar.

Vestiu-se lentamente, sentou-se diante da janela e pôs-se a refletir. Sentia no corpo toda uma espécie de curvatura, como se na véspera tivesse recebido uma chuva de bastonadas.

Enfim, a necessidade de conseguir dinheiro o aguilhoou e ele foi à casa de Forestier.

Seu amigo o recebeu em seu gabinete, os pés diante da lareira.

— O que te fez levantar tão cedo?

— Um assunto muito grave. Tenho uma dívida de honra.

— De jogo?

Ele hesitou, depois confessou: — De jogo.

— Grande?

— Quinhentos francos!

Ele só tinha 280.

Cético, Forestier perguntou:

— A quem estás devendo?

Duroy não conseguiu responder imediatamente.

— ...A... a... a um senhor de Carleville.

— Ah! E onde ele mora?

— Rua... rua...

Forestier começou a rir: “Rua das portas, número das horas, não é mesmo? Conheço esse senhor, meu caro. Se quiseres 25 francos, ainda estão à tua disposição, nada mais”.

Duroy aceitou a moeda de ouro.

Depois foi bater na porta de todas as pessoas que conhecia e, por volta das 5h conseguira reunir 80 francos.

Como ainda precisasse conseguir mais 200, tomou uma decisão resoluto e, guardando o que recolhera, murmurou: “Bem, não vou me inquietar por aquela rameira. Pagarei quando puder”.

Durante quinze dias, viveu uma vida de economia, regrada e casta, com o espírito cheio de resoluções enérgicas. Depois disso, foi assaltado por um grande desejo de amor. Parecia que vários anos haviam se passado desde que tivera uma mulher em seus braços, e como um marujo que enlouquece revendo a terra, todas as saias que encontrava o arrepiavam.

Então, uma noite voltou ao Folies-Bergère com esperança de encontrar Rachel. Com efeito, ele a viu, pois não deixara o estabelecimento.

Ele se aproximou dela com a mão estendida. Mas ela o mediu da cabeça aos pés e disse: — O que o senhor deseja comigo?

Ele tentou rir: — Vamos, não te faças de difícil.

Ela o fez girar nos calcanhares, declarando: — Não frequento alcoviteiros.

Ela encontrara a injúria mais grosseira. Ele sentiu o sangue avermelhar seu rosto e voltou sozinho para casa.

Doente, fraco, tossindo sempre, Forestier tornava dolorosa sua existência no jornal, parecia revolver o espírito para encontrar para ele tarefas incômodas. Um dia, em um momento de irritação nervosa, depois de um longo acesso de tosse que o sufocava, como Duroy não lhe entregara ainda algumas informações solicitadas, ele rosnou: — Cristo, és mais imbecil do que eu imaginava.

O outro quase o esbofeteou, mas se conteve e foi embora murmurando: “Espera, eu me vingarei de ti”. Um pensamento rápido atravessou-lhe o espírito, e acrescentou: “Vou te transformar em cornudo, meu velho”. E lá foi ele, esfregando as mãos,

feliz com esse projeto.

Queria começar sua execução já no dia seguinte. Fez uma visita exploratória à Sra. Forestier.

Encontrou-a lendo um livro, deitada em um sofá.

Ela estendeu-lhe a mão sem se mexer, somente virando a cabeça, e disse: — Bom dia, Bel-Ami. — Ele teve a sensação de ter recebido uma bofetada: — Porque me chama assim?

Ela respondeu sorrindo: — Encontrei com a Sra. de Marelle na semana passada e soube como o senhor foi batizado na casa dela.

Ele se tranquilizou diante do ar amável da jovem senhora. A propósito, como poderia temer?

Ela continuou: — O senhor a mim! Quanto a mim, só vêm me visitar quando se lembra disso, no dia 36 de cada mês, ou quase isso!

Sentou-se perto dela e a fitou com uma curiosidade nova, uma curiosidade de colecionista amador. Ela era encantadora, loura, de um louro brando e quente, feito para carícias. Ele pensou: “Ela é melhor que a outra, com certeza”. Não duvidava de seu sucesso, parecia-lhe que só precisava esticar a mão e colhê-la como se colhe uma fruta.

Ele disse resolutamente: — Eu não vinha vê-la porque era melhor assim.

Ela perguntou, sem compreender: — Como? Por quê?

— Por quê? A senhora não adivinha?

— Não, de modo algum.

— Porque estou apaixonado pela senhora... Oh, um pouco, não mais que um pouco... e não quero ficar totalmente apaixonado...

Ela não pareceu espantada, nem chocada, nem lisonjeada; continuava a sorrir com o mesmo sorriso indiferente, e respondeu com tranquilidade:

— Oh! o senhor pode vir assim mesmo. Ninguém se apaixonou por mim por muito tempo.

Ele ficou mais surpreso com o tom do que com as palavras, e perguntou: — Por quê?

— Porque é inútil e eu lhes faço compreender imediatamente. Se o senhor tivesse me contado mais cedo sobre o seu temor, eu o teria tranquilizado e insistido para, ao contrário, vir com a maior frequência possível.

Com um tom patético, ele exclamou: Não se pode mandar nos sentimentos!

Ela se voltou para ele: — Meu caro amigo, para mim, um homem apaixonado está riscado do número dos vivos. Ele se torna idiota, não só idiota, mas perigoso. Com as pessoas que me têm amor, ou que fingem ter, interrompo toda relação íntima porque, antes de tudo, eles me aborrecem, depois, porque, para mim, são tão suspeitos quanto um cão raivoso que pode ter uma crise. Eu os coloco em quarentena moral até sua moléstia esteja curada. Não se esqueça. Sei perfeitamente bem que, para vocês, o amor não é mais que uma espécie de apetite, enquanto que para mim, ao contrário, é uma espécie de... de... de comunhão de almas que não entra na religião dos homens. Os senhores o compreendem ao pé da letra e eu o compreendo através do espírito. Mas... olhe bem para mim...

Ela já não sorria. Seu rosto estava calmo e frio, e ela disse, sublinhando cada palavra: — Jamais, jamais serei sua amante, compreende? Portanto, é absolutamente inútil persistir nesse desejo... Agora que... a operação foi realizada, o senhor quer que sejamos amigos, bons amigos, verdadeiros amigos, sem nenhum motivo escuso?

Ele compreendera que toda tentativa seria estéril diante dessa sentença sem apelação. Resolveu-se de imediato, com franqueza. E encantado de poder ter tal aliada em sua vida, estendeu-lhe as duas mãos:

— Eu lhe pertencço, senhora, como lhe agradar.

Ela sentiu a sinceridade do pensamento em sua voz, e lhe deu as mãos.

Ela as beijou, uma após a outra, depois disse simplesmente, levantando a cabeça: — Cristo, se eu tivesse encontrado uma mulher como a senhora, com que felicidade teria me casado com ela!

Dessa vez ela se emocionou, acariciada por essa frase como as mulheres o são pelos cumprimentos que lhes tocam o coração, e lançou-lhe um desses olhares rápidos e gratos com que as mulheres nos tornam seus escravos.

Em seguida, como ele não encontrasse transição para retomar a conversa, ela disse em voz doce, colocando um dedo sobre seu braço:

— Vou começar imediatamente a desempenhar meu papel de amiga. O senhor é desastrado, meu caro...

Ela hesitou, e perguntou: — Posso falar livremente?

— Sim.

— Completamente?

— Completamente.

— Pois bem! Então vá visitar a Sra. Walter, que gosta muito do senhor, e tente agradá-la. Lá, o senhor encontrará um bom terreno para colocar seus cumprimentos, apesar de ela ser honesta, totalmente honesta. Oh! Nenhuma esperança de caça furtiva, por ali. O senhor poderá achar algo melhor, fazendo-se presente. Sei que ainda ocupa um lugar inferior, no jornal. Mas não se preocupe, eles recebem todos os redatores com a mesma boa vontade. Vá visitá-la, creia em mim.

Sorrindo, ele disse: — Obrigado, a senhora é um anjo...um anjo da guarda. — Depois, falaram sobre vários assuntos.

Ele ali permaneceu por bastante tempo, querendo provar que tinha prazer em ficar ao seu lado. Ao deixá-la, perguntou ainda:

— Estamos combinados? Somos amigos?

— Combinados.

E como sentira o efeito do cumprimento que fizera antes, ele o confirmou, acrescentando:

— E se algum dia ficar viúva, já estou inscrito.

Em seguida, retirou-se depressa para não lhe dar tempo de se aborrecer.

Uma visita à Sra. Walter envergonhava um pouco Duroy, pois ele jamais fora autorizado a se apresentar em sua casa e não desejava cometer nenhuma gafe. O patrão lhe demonstrava benevolência, apreciava seus serviços, dava-lhe preferência nas tarefas difíceis; por que não se aproveitar dessa preferência para penetrar na casa?

Por conseguinte, um dia, tendo se levantado cedo, foi ao mercado no momento das vendas e comprou, por uma dezena de francos, 20 peras admiráveis. Tendo-as embalado com cuidado em uma cesta, para fazê-la crer que vinham de longe, ele as levou até o porteiro da patroa com uma carta onde escrevera:

No dia seguinte, no jornal, encontrou em seu escaninho um envelope contendo, como resposta, uma carta da Sra. Walter “agradecendo vivamente o Sr. Georges Duroy e comunicando-lhe que recebia todos os sábados”.

No sábado seguinte, ele se apresentou.

O Sr. Walter morava no bulevar Malesherbes, em uma casa dupla que lhe pertencia, e da qual alugava uma parte, procedimento econômico das pessoas práticas. Alojado no pórtico, entre as duas portas para carruagens, um único porteiro puxava o cordão para o proprietário e para o locatário, e dava a cada uma das entradas um ar de mansão rica e elegante por sua bela galhardia de suíço da igreja, suas grossas panturrilhas envoltas em meias brancas, e sua vestimenta de representação com botões dourados e escarlates.

Os salões de recepção ficavam no primeiro andar, precedidos por uma antecâmara forrada de tapeçarias e fechada por reposteiros. Dois criados cochilavam sobre cadeiras. Um deles pegou o sobretudo de Duroy, o outro se encarregou de sua bengala, abriu a porta, precedeu o visitante em alguns passos e depois, fazendo-se invisível, deixou-o passar gritando seu nome para um apartamento vazio.

Embaraçado, o jovem olhou para todos os lados e percebeu, em um espelho, pessoas sentadas, parecendo bastante afastadas. No início, enganou-se de direção, pois o espelho perturbara seus olhos, depois atravessou dois salões vazios antes de chegar a uma espécie de pequeno toucador forrado de seda com botões de ouro, onde quatro damas conversavam em voz baixa, ao redor de uma mesa redonda onde havia xícaras de chá.

Apesar da segurança que adquirira em sua existência parisiense e, sobretudo em sua profissão de repórter, que incessantemente o colocava em contato com personagens formidáveis, Duroy sentiu-se um tanto intimidado pela encenação e pela travessia dos salões desertos.

Ele balbuciou: — Senhora, eu me permiti ... — procurando a dona da casa com o olhar.

Ela estendeu-lhe a mão, que ele pegou se inclinando, e disse: — É muita amabilidade sua, senhor, vir me visitar, — indicando-lhe uma cadeira onde, desejando sentar-se, ele se deixou cair, acreditando que fosse bem mais alta.

Todas haviam se calado. Uma das mulheres voltou a falar, comentando sobre o frio que se tornava violento, porém ainda não o suficiente para deter a epidemia de febre tifóide ou para permitir a patinação. E cada qual dava sua opinião sobre a entrada em cena do frio rigoroso em Paris; depois, exprimiram suas preferências pelas estações, com todas as razões banais que se acumulam nos espíritos como a poeira nos apartamentos.

Um leve ruído de porta fez com que Duroy virasse a cabeça, e ele notou, através de dois espelhos sem aço, um portentosa dama que se aproximava. Assim que ela surgiu no toucador, uma das damas se levantou, cumprimentou a todos e partiu; e o jovem seguiu com o olhar, pelos outros salões, suas costas vestidas de negro onde brilhavam pérolas de azeviche.

Quando a agitação dessa mudança de pessoas se acalmou, a conversa passou espontaneamente, sem transição, para a questão do Marrocos, da guerra no Oriente e também para as dificuldades da Inglaterra na extremidade da África.

Aquelas damas discutiam esses assuntos de memória, como se recitassem uma comédia mundana e adequada, repetida várias vezes.

Outra pessoa chegou, uma pequena loura frisada, fato que determinou a saída de uma personagem alta e seca, de meia idade.

E passaram a falar das possibilidades do Sr. Linet entrar na Academia. A recém chegada acreditava firmemente que ele seria derrotado pelo Dr. Cabanon-Lebas, autor da bela adaptação, em versos franceses, de Don Quixote para o teatro.

— Sabem, essa peça será montada no Odéon, no próximo inverno!

— Ah! É verdade. Certamente irei ver essa tentativa muito literária.

A Sra. Walter respondia com graça, calma e indiferença, sem jamais hesitar sobre o que diria, sua opinião sempre pronta de antemão.

Notando que a noite chegava, ela tocou a campainha para que as lâmpadas fossem acesas, enquanto ouvia a conversa que corria como um regato por entre flores, e pensava que se esquecera de passar pela casa do impressor para encomendar os

convites para o próximo jantar.

Ela estava um pouco rechonchuda demais, ainda bela, na idade perigosa em que a ruína se aproxima. Mantinha-se à custa de cuidados, precauções, higiene e cremes para a pele. Parecia sábia em tudo, moderada e razoável, uma dessas mulheres cujo espírito é requintado como um jardim francês. Circula-se nele sem surpresa, ali encontrando certo encanto. Ela possuía sensatez, uma sensatez fina, discreta e segura que lhe fazia às vezes de fantasia, de bondade, de devotamento, e uma benevolência tranquila, grande para todos e por todos.

Notou que Duroy não dissera nada, que ninguém lhe dirigira a palavra e que parecia um pouco contrafeito; como as damas não haviam esgotado o assunto da Academia, o tema preferido ocupando-lhes sempre mais tempo, ela perguntou: — E o senhor, que deve estar mais bem informado que todos, quais são suas preferências, senhor Duroy?

Ele respondeu sem hesitar: — Nessa questão, senhora, eu jamais consideraria o mérito dos candidatos, sempre contestável, e sim sua idade e saúde. Não avaliaria seus títulos, e sim seus males. Não pesquisaria se fazem uma tradução rimada de Lope de Vega, mas teria cuidado de me informar sobre o estado de seu fígado, de seu coração, de seus rins e de sua medula espinhal. Para mim uma boa hipertrofia, uma boa albuminúria e, sobretudo, um bom início de ataxia locomotriz valem mais que quarenta volumes de digressões sobre a idéia de pátria na poesia barbaresca.

Um silêncio atônito seguiu essa opinião.

Sorrindo, a Sra. Walter continuou: — E por quê? — Ele respondeu: — Porque somente procuro o que possa dar prazer às mulheres. Pois bem, as senhoras só se interessam pela Academia quando um acadêmico morre. Quanto mais morrerem, mais felizes sentem-se as senhoras. Mas para que morram depressa, é preciso que sejam eleitos velhos e doentes.

Como continuavam um pouco surpresas, ele acrescentou: Além disso, sou como as senhoras e adoro ler o óbito de um acadêmico nos boatos dos jornais de Paris. Imediatamente pergunto a mim mesmo: “Quem vai substituí-lo?” E faço minha lista. É um jogo, um joguinho muito formoso que é jogado em todos os salões parisienses a cada falecimento de um imortal; “O jogo da morte e dos quarenta velhinhos”.

Ainda um pouco desconcertadas, as damas começavam a sorrir, tão correta era sua observação.

Levantando-se, concluiu: — São as senhoras que os elegem, e os elegem apenas para vê-los morrer. Assim, devem escolher os velhos, os muito velhos, os mais velhos possível, e não precisam se preocupar com o resto.

Em seguida, retirou-se com muita graça.

Assim que partiu, uma das mulheres declarou: Esse jovem é engraçado. Quem é ele? — a Sra. Walter respondeu: — Um de nossos redatores que ainda só se ocupa dos trabalhos miúdos do jornal, mas não duvido que suba depressa.

Alegre, Duroy desceu o bulevar Malesherbes com passos dançantes, contente com sua saída, murmurando: “Boa partida”.

Nessa noite, reconciliou-se com Rachel.

A semana seguinte lhe trouxe dois acontecimentos. Foi nomeado chefe da seção de Boatos e convidado a jantar na casa da Sra. Walter. Ele logo viu uma ligação entre as duas novas.

Antes de tudo, o La Vie Française era um jornal de dinheiro, sendo o dono um homem rico para quem a imprensa e o cargo de deputado haviam servido de alavanca. Usava a simplicidade como arma e sempre agira sob a máscara sorridente de homem honesto, mas, fossem quem fossem, só empregava os serviços daqueles que testara, aprovara, farejara, que considerava astutos, audaciosos e flexíveis. Duroy, nomeado chefe do Boatos, parecia-lhe um rapaz precioso.

Até aquele momento, essa função fora preenchida pelo secretário de redação, Sr. Boisrenard, um velho jornalista correto, pontual e meticuloso como um criado. Em um período de 30 anos, fora secretário de redação de 11 jornais diferentes, sem modificar em nada seu modo de fazer ou de ver. Passava de uma redação à outra como se troca de restaurante, quase sem perceber que a cozinha não tinha exatamente o mesmo gosto. As opiniões políticas e religiosas eram-lhe estranhas. Era devotado ao jornal, não importa qual fosse, conhecedor de seu ofício, precioso por sua experiência. Trabalhava como um cego que nada vê, como um surdo que nada ouve, como um mudo que jamais fala de nada. No entanto, possuía grande lealdade profissional e não se prestava a nada que não considerasse honesto e correto do ponto de vista especial de sua profissão.

Apesar de apreciá-lo, muitas vezes o Sr. Walter desejara confiar a outro homem os Boatos que são, como dizia ele, a espinha dorsal do jornal. É através deles que se lançam as novidades, que se faz correr boatos, que se age sobre o público e sobre o mercado financeiro. Sem demonstrar nada, é preciso saber introduzir algo importante entre duas noitadas mundanas, algo muito mais insinuado do que dito. Por meio de subentendidos, deve-se deixar que se adivinhe o que se deseja, desmentir

de tal modo que o rumor se afirme, ou afirmar de tal maneira que ninguém creia no fato anunciado. Nos boatos, para que todo mundo leia, é preciso que a cada dia, seja encontrada pelo menos uma linha que de interesse. É preciso pensar em tudo e em todos, em todas as sociedades, em todas as profissões, em Paris e na Província, no Exército e nos Pintores, no Clero e na Universidade, nos Magistrados e nas Cortesãs.

O homem que a dirige e que comanda o batalhão de repórteres deve estar sempre atento, em guarda, desconfiado, providente, ardiloso, alerta e flexível, armado com todas as astúcias e dotado de um talento infalível para descobrir uma notícia falsa ao primeiro olhar, para julgar o que é bom para ser dito e o que é bom para ocultar, para adivinhar o que comoverá o público; ele deve saber apresentá-lo de tal modo que o efeito seja multiplicado.

O Sr. Boisrenard, que tinha a seu favor uma longa prática, era destituído de maestria e de elegância; faltava-lhe, sobretudo, a percepção inata necessária para presentir, a cada dia, as ideias secretas do patrão.

Duroy devia desempenhar o cargo com perfeição, e completava admiravelmente a redação dessa folha “que navegava sobre os fundos do Estado e sobre os bastidores da política”, segundo expressão de Norbert de Varenne.

Os inspiradores e verdadeiros redatores do La Vie Française eram meia dúzia de deputados interessados em todas as especulações lançadas ou sustentadas pelo diretor. Na Câmara, eram chamados o bando de Walter, invejados porque deviam ganhar dinheiro com ele e para ele.

Forestier, redator político, não era mais que o títere desses homens de negócios, executor das intenções por eles sugeridas. Eles lhe sopravam seus artigos de fundo, que sempre escrevia em casa para poder estar tranquilo, dizia ele.

Porém, para dar ao jornal uma aparência literária e parisiense, haviam sido contratados dois escritores, célebres em diferentes gêneros, Jacques Rival para a crônica da atualidade, e Norbert de Varenne, poeta e cronista fantasista, isto é, contista, segundo a nova escola.

Depois, a baixo preço, entre a grande tribo mercenária dos escrivães que realizavam qualquer tarefa, haviam contratado críticos de arte, de pintura, de música, de teatro, um redator criminalista e um redator hípico. Duas mulheres da sociedade, “Domino rose” e “Patte blanche”, enviavam artigos sobre variedades mundanas, tratavam das questões da moda, da vida elegante, da etiqueta, da boa educação, e cometiam indiscrições sobre as grandes damas.

E o La Vie Française “navegava sobre eventualidades e intimidades”, manobrado por todas essas mãos diferentes.

Quando estava no auge da alegria por sua nomeação para a função de chefe dos Boatos, Duroy recebeu um pequeno cartão impresso, onde se lia: “O Sr. e a Sra. Walter solicitam ao Sr. Georges Duroy o prazer de sua presença no jantar em sua casa na quinta-feira, dia 20 de janeiro”.

Esse novo benefício, incidindo sobre o outro, o encheu de tal alegria que ele beijou o convite como se fosse uma carta de amor. Depois, foi procurar o caixa para tratar da importante questão pecuniária.

Um chefe dos Boatos em geral tem um orçamento sobre o qual paga seus repórteres e as notícias, boas ou medíocres, levadas por um ou outro, como os agricultores levam seus frutos para um comerciante de frutas.

A princípio, estavam destinados a Duroy 1200 francos por mês, dos quais se propunha guardar boa parte.

Para suas representações mais urgentes, o caixa terminou por lhe adiantar 400 francos. No primeiro momento, teve a intenção formal de devolver à Sra. de Marelle os 280 francos que lhe devia, mas, quase de imediato, refletiu que só lhe sobriariam 120 francos, soma absolutamente insuficiente para fazer andar seu novo serviço de modo conveniente, e voltou a colocar essa restituição para tempos mais longínquos.

Ocupou-se de sua instalação por dois dias, pois herdara uma mesa particular e um escaninho para cartas no vasto aposento comum a toda redação. Ele ocupava uma ponta dessa peça, enquanto a outra ponta era ocupada por Boisrenard, cujos cabelos negros como ébano, apesar de sua idade, estavam sempre caídos sobre uma folha de papel.

A longa mesa de centro pertencia aos repórteres. Geralmente servia de banco onde às vezes sentavam-se com as pernas pendendo ao longo das bordas, ou ao modo turco, no centro. Com frequência, cinco ou seis agrupavam-se nessa mesa, jogando bilboquê com tenacidade, em pose de símios chineses.

Duroy acabara por tomar gosto por esse divertimento e começava a adquirir desenvoltura, sob a direção e graças aos conselhos de Saint-Potin.

Sofrendo cada vez mais, Forestier lhe confiara seu belo bilboquê de madeira das Ilhas, sua última compra, que achava um pouco pesado, e Duroy manejava com braço vigoroso a grande bola negra na ponta de sua corda, enquanto contava baixinho:

“Um - dois - três - quatro - cinco - seis”.

Pela primeira vez, conseguira fazer 20 pontos seguidos exatamente no dia que devia jantar em casa da Sra. Walter. “O dia foi bom, só tive sucessos”, pensou ele. Pois a habilidade no bilboquê verdadeiramente conferia uma espécie de superioridade nos escritórios do La Vie Française.

Saiu cedo da redação para ter tempo de se vestir e subia a Rua de Londres quando viu, caminhando à sua frente, uma pequena mulher que tinha a aparência da Sra. de Marelle. Sentiu um calor lhe subir ao rosto e seu coração disparou. Atravessou a rua para observá-la de perfil. Ela também se deteve para atravessar. Enganara-se. Respirou aliviado.

Repetidas vezes perguntava a si mesmo como deveria se comportar se a encontrasse. Cumprimentá-la-ia ou fingiria não tê-la visto?

“Fingirei não que não a vi”, pensava ele.

Fazia frio, regatos gelados guardavam os acúmulos de gelo. As calçadas estavam secas e cinzentas sob a luz dos lampiões de gás.

Quando o jovem entrou em casa, pensou: “Preciso me mudar. Esta moradia já não me serve”. Sentia-se nervoso, alegre, capaz de correr pelos telhados, e repetiu em voz alta, caminhando da cama até a janela: “É a fortuna que chega? É a fortuna! Preciso escrever ao papai”.

De tempos em tempos, escrevia ao pai; a carta sempre levava alegria de viver à pequena tasca normanda à beira do caminho, no alto da grande encosta que domina Rouen e o grande vale do Sena.

De tempos em tempos, também recebia um envelope azul com o endereço escrito em caligrafia grande e trêmula, e lia infalivelmente as mesmas linhas no início da carta paterna:

“Meu querido filho, a presente é para te dizer que estamos bem, tua mãe e eu. Não há grandes novidades por aqui. No entanto, vou contar que...”

E guardava no coração um interesse pelas coisas da vila, pelas notícias dos vizinhos e pelo estado das terras e das colheitas.

Fazendo o nó da gravata branca diante do espelhinho, repetia a si mesmo: “Preciso escrever ao papai amanhã. Se ele me visse esta noite na casa para onde vou, o velho ficaria assombrado! Com todos os santos! Daqui a pouco vou a um jantar como ele jamais viu”. Bruscamente, reviu a cozinha negra de lá, atrás da sala vazia do café, as caçarolas lançando reflexos amarelos ao longo das paredes, o gato na lareira com o nariz voltado para o fogo, com sua pose de Quimera acocorada, a mesa de madeira engraxada pelo tempo e pelos líquidos derramados, uma sopeira fumegante no centro e uma vela acesa entre dois pratos. E também viu o homem e a mulher, seu pai e sua mãe, dois camponeses de gestos lentos tomando a sopa em pequenas goles. Conhecia as menores rugas de suas velhas figuras, os menores movimentos de seus braços e de suas cabeças. Sabia até o que se diziam todas as noites, ao cear um diante do outro.

Pensou também: “Preciso visitá-los”. Porém, como já terminara de se arrumar, assoprou o lampião e desceu.

As meretrizes o assediaram no bulevar exterior. Ele lhes respondia, puxando o braço: “Deixem-me em paz!” com um desdém violento, como se elas o tivessem insultado, desconhecido... Por quem o tomavam? Essas marafonas não sabiam distinguir os homens? A sensação de vestir a casaca negra para jantar na casa de pessoas muito ricas, muito famosas, muito importantes, provocava nele o sentimento de uma nova personalidade, a consciência de ter se tornado outro homem, um homem da sociedade, da verdadeira sociedade.

Entrou com segurança na antecâmara iluminada por altos tocheiros de bronze e, com um gesto natural, entregou sua bengala e seu sobretudo aos dois criados que haviam se aproximado.

Todos os salões estavam iluminados. A Sra. Walter recebia no segundo, o maior. Ela o acolheu com um sorriso encantador e apertou as mãos dos dois homens que tinham chegado antes dele, o Sr. Firmim e o Sr. Laroche-Mathieu, deputados, redatores anônimos do La Vie Française. O Sr. Laroche-Mathieu tinha no jornal uma autoridade especial, derivada de sua grande influência sobre a Câmara. Ninguém duvidava que um dia seria ministro.

Em seguida, chegaram os Forestier, a mulher vestida de rosa, arrebatadora. Duroy ficou estupefato ao ver como era íntima dos dois representantes do país. Por mais de cinco minutos, conversou em voz baixa com o Sr. Laroche-Mathieu, perto do canto da lareira. Charles parecia extenuado. Emagrecera bastante naquele último mês e tossia sem cessar, repetindo: “Eu deveria me decidir a terminar o inverno no Midi”.

Norbert de Varenne e Jacques Rival chegaram juntos. Depois, uma porta se abriu no fundo do apartamento e o Sr. Walter

entrou com duas jovens altas, de 16 a 18 anos, uma feia e a outra bonita.

Duroy sabia que o patrão era pai de família, mas espantou-se. Sempre pensara nas filhas de seu diretor como se pensa em países distantes que jamais veremos. Além disso, as imaginara crianças e as via mulheres. Sentiu uma ligeira confusão moral produzida pela alteração de visão.

Ambas lhe apertaram a mão depois da apresentação, uma após a outra, e sentaram-se diante de uma pequena mesa que, sem dúvida, lhes estava reservada, onde se puseram a mexer em vários carretéis de seda colocadas dentro de uma cestinha.

Ainda esperavam por alguém, e todos ficaram silenciosos, nessa espécie de silêncio constrangido que precede os jantares com pessoas que não se encontram dentro da mesma atmosfera de espírito, depois das ocupações diferentes de seu dia.

Como, entediado, Duroy levantara os olhos para a parede, o Sr. Walter lhe disse de longe, com visível desejo de mostrar seus bens: “O senhor está olhando para os meus quadros?” — A palavra meus ressoou. — “Vou mostrá-los”. E pegou um lampião para que ele pudesse ver todos os detalhes.

— Aqui, as paisagens, — disse ele.

No centro do painel via-se uma grande tela de Guillemet, uma praia da Normandia sob um céu de tempestade. Abaixo, um bosque de Harpignies, depois uma planície da Argélia, pintada por Guillaumet, com um camelo no horizonte, um grande camelo de pernas altas, parecido com um estranho monumento.

O Sr. Walter passou à parede vizinha e, em tom sério, anunciou como um mestre de cerimônias: — A grande pintura. — “Eram quatro telas: “Visita ao Hospital”, de Gervex; “Ceifeira”, de Bastien-Lepage; “Viúva”, de Bouguereau, e “Execução”, de Jean-Paul Laurens. Essa última obra representava um padre vandeano sendo fuzilado por um destacamento de Azuis, diante da parede de sua igreja.^[1]

Ao indicar o painel seguinte, um sorriso passou sobre o rosto grave do patrão: — Aqui, os fantasistas. — Primeiro, havia uma pequena tela de Jean Béraud, intitulada “O Alto e o Baixo”. Mostrava uma bela parisiense subindo a escada de um bonde em movimento. Sua cabeça surgia no nível superior e os senhores sentados nos bancos descobriam, com satisfação ávida, o rosto jovem que se aproximava, enquanto os homens que estavam em pé na plataforma examinavam as pernas da jovem com diferentes expressões de desprezo e desejo.

O Sr. Walter segurava o lampião bem baixo e repetia com um riso malicioso: — Hein? Não é engraçado? Não é engraçado?

Depois, ele esclareceu: “Um Salvamento”, por Lambert.

No centro de uma mesa desocupada, um jovem gato sentado examinava, com espanto e perplexidade, uma mosca que se afogava em um copo com água. Estava com uma das patas levantada, pronto para apanhar o inseto com um golpe rápido. Mas ainda não se decidira. Hesitava. O que faria ele?

Em seguida, o patrão mostrou um *Detaille*: “A lição”, que representava um soldado em uma caserna, ensinando um cachorrinho a tocar tambor. Ele declarou: — Que espírito!

Duroy ria com um riso de aprovação e se extasiava: — Como é encantador, como é encantador, encan... — Parou de repente, ouvindo atrás de si a voz da Sra. de Marelle, que acabara de entrar.

O patrão continuava a exhibir as telas, explicando-as.

Agora mostrava uma aquarela de Maurice Leloir: “O Obstáculo”. Era uma liteira parada em uma rua obstruída por uma batalha entre dois homens do povo, dois valentões lutando como Hércules. Pela janela da liteira, via-se o belo rosto de uma mulher observando o combate entre os dois brutos... contemplando sem impaciência, sem medo e com certa admiração.

O Sr. Walter continuava: — Tenho outros quadros nos aposentos seguintes, mas são de pessoas menos conhecidas, menos qualificadas. Aqui é meu Salão quadrado. Neste momento, estou comprando obras dos jovens, dos muito jovens, e as coloco de reserva nos apartamentos íntimos, esperando o momento em que os autores alcancem a celebridade. — A seguir, disse baixinho: — Esta é a hora de comprar quadros. Os pintores estão morrendo de fome. Não têm um soldo, nem um soldo...

Mas Duroy não via mais nada, ouvia sem compreender. A Sra. de Marelle estava lá, atrás dele. O que deveria fazer? Se a cumprimentasse, não iria ela voltar-lhe as costas ou lançar-lhe alguma insolência? E se não se aproximasse dela, o que pensariam?

Pensou: — Vou ganhar tempo. — Estava de tal modo perturbado que por um momento teve a ideia de simular uma indisposição que lhe permitisse ir embora.

A visita às paredes terminara. O patrão foi guardar o lampião e receber a recém-chegada, enquanto Duroy, sozinho, passou a reexaminar as telas como se não pudesse deixar de admirá-las.

Seu espírito estava perturbado. Que devia fazer? Ouvia as vozes, distinguia a conversação. A Sra. Forestier o chamou: — Diga, senhor Duroy. — Ele correu em sua direção. Era para lhe recomendar uma amiga que dava uma festa e ficaria bastante contente com uma nota nos Boatos do La Vie Française.

Ele balbuciou: “Mas certamente, senhora, certamente...”

A Sra. de Marelle agora estava muito perto dele. Não ousava voltar-se para sair dali.

De repente, pensou que tivesse enlouquecido; ela dissera, em voz bem alta: — Boa noite, Bel-Ami. Já não me reconhece mais?

Depressa, girou nos calcanhares. Ela estava em pé diante dele, sorridente, os olhos cheios de alegria e afeição. E estendia-lhe a mão.

Ele a tomou, trêmulo, ainda temendo algum ardid, alguma perfídia. Ela acrescentou com serenidade:

— O que aconteceu consigo? Não o vemos mais.

Ele gaguejava, sem conseguir recuperar o sangue frio:

— Estive muito ocupado, senhora, muito ocupado. O Sr. Walter confiou-me um novo trabalho que me ocupa enormemente.

Olhando-o sempre no rosto, ela respondeu, sem que ele pudesse descobrir em seu olhar nada além de bondade: — Eu sei. Mas isso não é razão para esquecer seus amigos.

Foram separados por uma grande dama que entrava, uma senhora gorda, decotada, com os braços vermelhos, vestida e penteada com pretensão, caminhando tão pesadamente que, ao vê-la, era possível sentir o peso e a grossura de suas coxas.

Como parecia ser tratada com muita consideração, Duroy perguntou à Sra. Forestier:

— Quem é aquela pessoa?

— A viscondessa de Percemur, que se assina: “Patte blanche”.

Ficou estupefato, com vontade de rir: — ‘Patte blanche’! ‘Patte blanche’! E eu que imaginava que ela fosse jovem como a senhora! Essa é ‘Patte blanche’? Ah! Essa é boa! É ótima!

Um criado surgiu na porta e anunciou:

— Senhora, o jantar está servido.

O jantar foi banal e alegre, um desses jantares onde se fala de tudo sem dizer nada. Duroy estava colocado entre a filha mais velha do patrão, a feia, e a Sra. de Marelle. Essa última vizinhança o embaraçava um pouco, apesar de ela parecer muito à vontade e conversar com sua graça de sempre. No início, ficou um tanto perturbado, constrangido, hesitante como um músico que perdeu o tom. Contudo, pouco a pouco voltou-lhe a segurança e, encontrando-se sem cessar, seus olhos se interrogavam, seus olhares se mesclavam de modo íntimo, quase sensual, como no passado.

De repente, sentiu sob a mesa algo tocar-lhe o pé. Aproximou a perna devagar e encontrou a da sua vizinha, que não recuou ao contato. Não se falaram nesse momento, os dois voltados para seus outros vizinhos.

Com o coração aos pulos, Duroy empurrou um pouco o joelho. A resposta foi uma ligeira pressão. Então, compreendeu que seus amores haviam recomeçado.

O que disseram em seguida? Nada de mais; porém seus lábios estremeciam cada vez que se entreolhavam.

Mas o jovem, desejando ser amável para com a filha do patrão, dirigia-lhe a palavra de tempos em tempos. Ela lhe respondia como faria a mãe, jamais hesitando quanto ao que devia dizer.

À direita do Sr. Walter, a viscondessa de Percemur assumia ares de princesa. Divertindo-se a olhá-la, Duroy perguntou baixinho à Sra. de Marelle:

— Conhece a outra, a que se assina “Domino rose”?

— Sim, perfeitamente: a baronesa de Livar?

— Ela é da mesma lavra?

— Não. Mas é tão estranha quando esta. Uma mulher alta e seca, com sessenta anos, caracóis falsos, dentes postiços, espírito da restauração e roupas da mesma época.

— Onde descobriram esses fenômenos das letras?

— As ruínas da nobreza são sempre recolhidas pelos novos-ricos burgueses.

— Nenhuma outra razão?

— Nenhuma.

A seguir iniciou-se uma discussão política entre o patrão, os dois deputados, Norbert de Varenne e Jacques Rival. Durou até a sobremesa.

Quando todos voltaram ao salão, Duroy aproximou-se outra vez da Sra. de Marelle e, fitando-a no fundo dos olhos, perguntou: — Quer que eu a leve para casa esta noite?

— Não.

— Por quê?

— Porque o Sr. Laroche-Mathieu, que é meu vizinho, deixa-me na porta de casa cada vez que janto aqui.

— Quando a verei?

— Vá almoçar comigo amanhã.

E separaram-se sem dizer mais nada.

Duroy não ficou até tarde, pois achou monótona a noitada. Ao descer as escadas, encontrou-se com Norbert de Varenne que também estava de partida. O velho poeta segurou seu braço. Não tendo mais por que temer sua rivalidade no jornal, sendo sua colaboração essencialmente diferente, ele agora testemunhava ao jovem uma bondade de avô.

— Muito bem, acompanha-me durante uma parte do caminho? perguntou ele.

Duroy respondeu: — Com alegria, caro mestre.

Puseram-se a caminho, descendo o bulevar Malesherbes com passos pequenos.

Paris estava quase deserta naquela noite, uma noite fria, dessas noites que parecem mais vastas que as outras, em que as estrelas parecem estar mais altas, em que o ar parece carregar em seus sopros gelados algo vindo de mais longe que os astros.

Os dois homens não falaram nos primeiros momentos. Depois, para dizer alguma coisa, Duroy falou:

— O Sr. Laroche-Mathieu parece ser bastante inteligente e instruído.

O velho poeta murmurou: — Acha?

Surpreso, o jovem hesitou: — Sim; além disso, é considerado um dos homens mais capazes da Câmara.

— É possível. No reino dos cegos, quem tem um olho é rei. Veja. Todas essas pessoas são mediócras, pois têm o espírito preso entre duas paredes — o dinheiro e a política. São uns pedantes, meu caro, com os quais é impossível falar sobre qualquer coisa, qualquer coisa que nós amamos. Sua inteligência está no fundo do poço, ou talvez no fundo da privada, como o Sena em Asnières.

Ah! Como é difícil encontrar um homem com o pensamento arejado, que nos dê a sensação das grandes virações do largo que respiramos nas costas do mar. Já conheci alguns, todos mortos, agora.

Norbert de Varenne falava com voz clara, mas contida, que reverberaria no silêncio da noite se ele se deixasse levar. Parecia superexcitado e triste, assaltado por uma dessas tristezas que às vezes caem sobre as almas e as torna vibrantes como a terra sob a geada.

Ele continuou: — Aliás, que importância tem um pouco mais ou um pouco menos de gênio, se tudo deve terminar!

E se calou. Duroy, que sentia o coração alegre naquela noite, disse sorrindo: — Hoje seu humor está negro, caro mestre.

O poeta respondeu: — Sempre está, meu filho, e o seu será tanto quanto o meu, em alguns anos. A vida é uma encosta. Ao subi-la, vemos o pico e sentimo-nos felizes. Mas quando chegamos ao topo, vemos a descida e o fim, que é a morte. Tudo se

passa lentamente durante a subida, mas muito depressa quando se desce. Na sua idade, somos alegres. Esperamos tantas coisas que, aliás, não chegam nunca. Na minha, não se espera nada mais... que a morte.

Duroy pôs-se a rir: — Com todos os santos, o senhor me dá um frio na espinha.

Norbert de Varenne disse: — O senhor não me compreende hoje, porém mais tarde vai se lembrar do que lhe digo neste momento.

Veja bem, chega um dia, e ele chega cedo para muitos, em que cessam todos os risos, como se diz, porque atrás de tudo que olhamos vemos a morte.

Oh! O senhor nem mesmo compreende essa palavra, morte. Na sua idade, ela não significa nada. Na minha, é terrível.

Sim, de repente compreende-se tudo, não se sabe por que, nem a propósito de quê, e então tudo muda de aspecto, na vida. Há quinze anos eu a sinto trabalhar em mim como uma besta roedora. Comecei a senti-la pouco a pouco, mês a mês, degradando-me como uma casa que desmorona. Desfigurou-me tão completamente que já não me reconheço. Já não tenho nada de mim, do homem radioso, fresco e forte que eu era há 30 anos. Eu a vi tingir de branco meus cabelos negros, e com que lentidão sábia e maldosa! Ela roubou-me a pele firme, meus músculos, meus dentes, todo meu corpo de antes, não me deixando mais que a alma desesperada que em breve também levará.

“Sim, ela me desintegrou, a miserável, concluiu doce e terrivelmente a longa destruição do meu ser, segundo a segundo. E agora, sinto-me morrer em tudo que faço. Cada passo me aproxima dela, cada movimento, cada sopro acelera seu odioso mister. Respirar, dormir, beber, comer, trabalhar, sonhar, tudo que fazemos é morrer. Enfim, viver é morrer!

Oh! o senhor saberá tudo isso! Se refletir apenas por um quarto de hora compreenderá.

O que o senhor espera? Amor? Alguns beijos ainda, e logo o senhor será impotente.

E então, e depois? Dinheiro? Para fazer o quê? Para pagar mulheres? Mas que bela felicidade! Para comer muito, tornar-se obeso e chorar noites inteiras devido às ferroadas da gota?

E depois ainda? Glória? Para que serve ela quando não mais se pode colhê-la sob a forma de amor?

E ainda depois? Sempre a morte, para findar.

Vejo-a agora tão perto que amiúde desejo estender os braços para afastá-la. Ela cobre a terra e preenche o espaço. Descubro-a em toda parte. Os pequenos animais esmagados nos caminhos, as folhas que caem, o pelo branco percebido na barba de um amigo confrangem meu coração e gritam para mim: “Ei-la!”

Ela estraga tudo que faço, tudo que vejo, tudo que como e o que bebo, tudo que amo, os luares, as auroras, o grande mar, os belos rios, o ar e as noites de verão, tão doces para respirar!

Ele andava devagar, um pouco sem fôlego, sonhando alto, quase esquecido de que era ouvido.

Ele continuou: — E jamais um ser voltou, jamais... Pode-se guardar os moldes das estátuas, as impressões que sempre refazem objetos parecidos; mas meu corpo, meu rosto, meus pensamentos, meus desejos jamais ressurgirão. Entretanto, nascerão milhões de milhares de seres que terão, em alguns centímetros quadrados, um nariz, olhos, uma frente, faces e uma boca como eu, e também uma alma, como eu, sem que eu jamais volte, sem que jamais qualquer coisa reconhecível de mim reapareça nessas criaturas inumeráveis e diferentes, infinitamente diferentes, se bem que muito parecidas.

Apegar-se a quê? Para quem lançar gritos de socorro? Em que podemos acreditar?

Todas as religiões são estúpidas, com sua moral pueril e suas promessas egoístas, monstruosamente idiotas.

Somente a morte é certa.

Ele se deteve, segurou Duroy pelas duas extremidades da gola do sobretudo e falou com voz lenta:

— Pense em tudo isso, meu jovem, reflita nisso durante dias, meses, anos, e verá a existência de outro modo. Tente se desembaraçar de tudo que o encerra, faça o esforço sobre-humano de sair vivo de seu corpo, de seus interesses, de seus pensamentos e da humanidade inteira, para olhar para longe, e o senhor compreenderá como são pouco importantes as querelas dos românticos e dos naturalista, e a discussão do orçamento.

Voltaram a andar com passo rápido.

— Mas o senhor também sentirá o terrível sofrimento dos desesperados. Debater-se-á, perdido, afogado nas incertezas. Gritará “Socorro” para todos os lados e ninguém responderá. Estenderá os braços, clamará por auxílio, por amor, por consolo,

por salvação. Ninguém aparecerá.

Por que sofremos assim? Sem dúvida, nascemos para viver mais segundo a matéria e menos segundo o espírito; porém, à força de pensar surgiu uma desproporção entre o estado de nossa inteligência aumentada e as condições imutáveis de nossa vida.

Veja as pessoas medíocres: a menos que grandes desastres tombem sobre elas, estão satisfeitas e não sofrem do mal comum. Os animais também não o sentem.

Deteve-se mais uma vez, refletiu por alguns segundos, depois disse com ar cansado e resignado:

— Sou um ser perdido. Não tenho pai, nem mãe, nem irmão, nem irmã, nem mulher, nem filhos, nem Deus.

Depois de um silêncio, acrescentou: — A única coisa que tenho é a rima.

A seguir, levantando a cabeça para o firmamento onde luzia a face pálida da lua cheia, declamou:

E procuro a solução deste problema obscuro

No céu negro e vazio onde flutua um lívido astro

Chegando à ponte da Concorde, atravessaram-na em silêncio e depois contornaram o Palais-Bourbon. Norbert de Varenne voltou a falar: — Case-se, meu amigo. O senhor não sabe o que é viver sozinho, na minha idade. Hoje, a solidão enche-me de uma angústia horrível; a solidão em casa, ao pé do fogo, à noite. Tenho impressão que sou a única pessoa sobre a terra, horrivelmente só, mas rodeado de perigos vagos, de coisas desconhecidas e terríveis. O tabique que me separa de meu vizinho, que não conheço, me afasta dele tanto quanto das estrelas vistas através de minha janela. Uma espécie de febre me invade, uma febre de dor e de medo, e o silêncio das paredes me assusta. É tão profundo e triste o silêncio do quarto onde se vive só... Não é apenas um silêncio em torno do corpo, mas um silêncio em torno da alma. E quando um móvel estala, treme-se até o coração, pois cada ruído é inesperado nessa fria habitação.

Ele se calou ainda um vez, depois acrescentou: — Quando se é velho, bom seria ter filhos, apesar de tudo!

Haviam chegado mais ou menos no meio da Rua de Bourgogne. O poeta parou diante de uma casa alta, apertou a mão de Duroy, e disse:

— Esqueça-se de todo esse matraquear de velho, meu jovem, e viva de acordo com sua idade. Adeus!

E desapareceu no corredor negro.

Duroy retomou seu caminho com o coração apertado. Parecia-lhe que acabavam de lhe mostrar uma cova cheia de ossos, uma cova inevitável onde cairia um dia. Ele murmurou: “Nossa! A casa dele não deve ser nada alegre. Eu não gostaria de ocupar uma poltrona de balcão para assistir ao desfile de suas idéias. Santo Deus!”

Porém, tendo parado para deixar passar uma senhora perfumada que descia de um carro para entrar em casa, aspirou avidamente o aroma de verbena e de íris flutuando no ar. Bruscamente, seus pulmões e seu coração palpitararam de esperança e de alegria, e a lembrança da Sra. de Marelle, que reveria no dia seguinte, o invadiu dos pés à cabeça.

Tudo lhe sorria, a vida o acolhia com ternura. Como era boa a realização das esperanças!

Dormiu nessa embriaguês e levantou cedo para dar uma volta a pé na Avenida do Bois-de-Boulogne antes de comparecer ao seu encontro.

Como o vento mudara, o tempo ficara mais brando durante a noite. Estava quente e fazia um sol de abril. Todos os frequentadores habituais do Bois haviam saído naquela manhã, cedendo ao apelo do céu claro e doce.

Duroy caminhava lentamente, sorvendo o ar leve, saboroso como uma guloseima de primavera. Passou pelo Arco do Triunfo da Étoile e tomou a grande avenida, do lado oposto aos cavaleiros. Ele os olhou trotando e galopando, homens e mulheres, os ricos do mundo, e agora quase não os invejava. Conhecia quase todos pelo nome, sabia o montante de suas fortunas e a história secreta de suas vidas, pois suas funções haviam feito dele uma espécie de almanaque das celebridades e dos escândalos parisienses.

As Amazonas passaram delgadas e moldadas no tecido escuro de suas roupas, com algo de altivo e inabordável, como várias mulheres à cavalo; e Duroy se divertia recitando em voz baixa, como se repete litânias em uma igreja, os nomes, títulos e qualidades dos amantes que haviam tido ou que lhes atribuíam; e algumas vezes, em lugar de dizer:

Barão de Tanquet,
Príncipe de la Tour-Enguerrand;

ele murmurava:

Essa brincadeira o divertia muito, como se, sob as aparências severas, houvesse constatado a eterna, profunda infâmia do homem e isso o tivesse alegrado, excitado, consolado.

Em seguida, disse bem alto: “Bando de hipócritas!” e passou os olhos pelos cavaleiros sobre os quais corriam as histórias mais escabrosas.

Viu vários suspeitos de trapacear no jogo, para quem, de qualquer modo, as mesas eram o grande recurso, o único recurso infalível.

Sabia-se que outros, muito conhecidos, viviam unicamente das rendas de suas mulheres; outros ainda, das rendas de suas amantes, afirmava-se. Muitos tinham pago suas dívidas (ato honrado), sem que jamais se adivinhasse de onde viera o dinheiro necessário para isso (mistério bem duvidoso). Viu homens de finanças cuja imensa fortuna tivera um roubo como origem e eram recebidos em todos os lugares, até nas casas mais nobres; depois, homens tão respeitados que os pequenos burgueses lhes tiravam o chapéu quando passavam, mas cujas intrigas afrontosas nas grandes empresas nacionais não eram mistério para os que conheciam os bastidores daquele mundo.

Todos tinham ar altivo, a palavra orgulhosa, o olhar insolente, alguns de suíças, outros de bigodes.

Duroy ria e repetia: “Está perfeito, quadrilha de crápulas, súcia de bandidos!”

Passou mais um carro descoberto, baixo e atraente, puxado por delgados cavalos brancos a trote, crina e cauda esvoaçante, conduzidos por uma juvenzinha loura, cortesã conhecida, com dois palafreiros sentados atrás dela. Duroy parou, desejoso de saudar e aplaudir essa emergente do amor que, com audácia, exibia-se no passeio, nessa hora de hipócritas aristocratas, o luxo arrogante ganho entre os lençóis. Sentia vagamente que havia algo em comum entre eles, uma ligação entre suas naturezas, que possuíam a mesma raça, a mesma alma, e que seu sucesso provinha de processos audaciosos da mesma estirpe.

Voltou mais devagar, o coração aquecido pela satisfação, e chegou um pouco adiantado à casa de sua antiga amante.

Ela o recebeu oferecendo os lábios, como se não tivesse havido qualquer ruptura entre eles e, durante alguns instantes, até esqueceu a sábia prudência com que se opunha às suas carícias, quando estavam na casa dela. Depois, beijando as pontas frisadas de seus bigodes, ela disse: — Tu não sabes o aborrecimento que tive, meu querido. Eu esperava uma boa lua de mel, e eis que meu marido me tomba sobre as costas durante seis semanas; ele pediu uma licença. Mas não quero passar seis semanas sem te ver, sobretudo depois de nosso pequeno desentendimento, e foi assim que arranjei as coisas. Convido-te para jantar na segunda-feira, já falei de ti para ele. Apresentar-te-ei a ele.

Duroy hesitou, um pouco perplexo, pois jamais encontrara de frente um homem cuja mulher possuía. Teve medo que qualquer coisa o traísse, um pouco de constrangimento, um olhar, qualquer coisa: — Não, prefiro não conhecer teu marido. — Espantada, ela insistiu, em pé diante dele, abrindo olhos ingênuos: — Mas por quê? Que coisa estranha! Isso acontece todos os dias! Não imaginei que pudesses ser tão tolo.

Ele ficou magoado: — Está bem, que seja, virei jantar na segunda-feira.

Ela acrescentou: — Para que seja bem natural, convidarei também os Forestier. Apesar de ainda não gostar de receber em minha casa.

Até segunda-feira, Duroy não mais pensou nesse encontro; mas ao subir a escada da casa da Sra. de Marelle, sentiu-se estranhamente perturbado. Não que lhe repugnasse apertar a mão desse marido, beber seu vinho, comer seu pão, mas temia qualquer coisa, não sabia o que.

Fizeram-no entrar no salão, e ele esperou, como sempre. Depois, a porta do quarto se abriu e ele viu um homem alto, de barba branca, condecorado, grave e correto, que se aproximou dele com meticulosa polidez — Minha mulher falou muitas vezes sobre o senhor e estou encantado por conhecê-lo.

Duroy se aproximou, tentando dar à fisionomia um ar de cordialidade expressiva e, com energia exagerada, apertou a mão estendida do dono da casa. Depois de sentar-se, não achou nada para lhe dizer.

O Sr. de Marelle colocou uma acha de lenha na lareira e perguntou: — Faz muito tempo que o senhor se ocupa do jornalismo?

Duroy respondeu: — Apenas alguns meses.

— Ah! O senhor subiu depressa.

— Sim, bastante depressa; — e pôs-se a falar ao acaso, sem pensar muito no que dizia, pronunciando todas as banalidades usadas pelas pessoas que não se conhecem. Sentia-se mais seguro agora, e começava a achar a situação bastante divertida. Observava a figura séria e respeitável do Sr. de Marelle com desejo de rir, pensando: “Faço-te de corno, meu velho, faço-te de corno”. E invadia-lhe uma satisfação íntima, viciosa, uma louca alegria de viver. De repente, sentiu vontade de ser amigo daquele homem, de ganhar sua confiança, de fazer-lhe contar coisas secretas de sua vida.

A Sra. de Marelle entrou bruscamente e, tendo-os coberto com um olhar sorridente e impenetrável, aproximou-se de Duroy que, diante do marido, não ousou beijar-lhe a mão, como sempre fazia.

Estava tranquila e alegre como uma pessoa habituada a tudo. Em sua libertinagem inata e franca, achava esse encontro natural e simples. Laurine apareceu e, mais prudente que de costume, achando intimidante a presença do pai, foi oferecer a frente a George. Sua mãe lhe disse: Ora, ora, tu não o chamas de Bel-Ami, hoje. A criança corou como se fosse uma grande indiscrição revelar algo que não se devia dizer, de desvendar um segredo de seu coração, íntimo e um pouco culpado.

Quando os Forestier chegaram, todos se espantaram com o estado de Charles. Em uma semana, emagrecera e empalidecera de modo terrível, e tossia sem cessar. A propósito, anunciou que partiriam para Cannes na quinta-feira seguinte, seguindo ordens expressas do médico.

Retiraram-se cedo e Duroy disse, levantando a cabeça:

— Ceio que ele não está nada bem. Não vai durar muito. — A Sra. de Marelle afirmou com serenidade: — Oh! Ele está perdido! Teve muito sorte de encontrar uma mulher como a dele.

Duroy perguntou: — Ela o ajuda bastante?

— Na verdade, faz tudo. Está ao corrente de tudo, conhece todo mundo sem parecer ver ninguém; obtém tudo que quer, como quer e quando quer. Oh! Ela é fina, hábil e intrigante como ninguém. Um tesouro para um homem que quer vencer na vida.

Georges acrescentou: — Ela vai voltar a se casar bem depressa, sem dúvida?

A Sra. de Marelle respondeu: — Sim. Não me espantaria se ela já tivesse alguém em vista... um deputado... a menos que... que ele não queira... pois... pois... haveria grandes obstáculos morais... Enfim, é isso. Não sei de nada.

O Sr. de Marelle resmungou com lenta impaciência:

— Tu sempre fazes conjecturas sobre várias coisas, e não gosto disso. Não nos envolvamos nos assuntos dos outros. Nossa consciência é suficiente para nos governar. Isso deveria ser uma regra para todo mundo.

Duroy retirou-se com o coração perturbado e o espírito cheio de planos indefinidos.

No dia seguinte, foi fazer uma visita aos Forestier e os encontrou terminando de fazer as malas. Estendido sobre um sofá, Charles exagerava o cansaço de sua respiração e repetia: — Eu já deveria ter partido há um mês — depois, fez uma série de recomendações a Duroy, com relação ao jornal, apesar de já estar tudo estabelecido e combinado com o Sr. Walter.

Quando Georges partiu, apertou energicamente as mãos de seu camarada: — Bem, meu velho, até logo! — Porém, quando a Sra. Forestier o acompanhou até a porta, ele lhe disse vivamente: — Não se esqueceu de nosso pacto? Somos amigos e aliados, não é verdade? Então, se tiver necessidade de mim, no que quer que seja, não hesite. Um telegrama ou uma carta, e atenderei

Ela murmurou: — Obrigada, não me esquecerei. — E seu olhar também lhe disse: “Obrigada”, de um modo mais profundo e mais doce.

Ao descer a escada, Duroy encontrou o Sr. Vaudrec que subia a passos lentos. Ele já o encontrara uma vez na casa dela. O conde parecia triste — devido àquela partida, talvez?

Desejando mostrar que era um homem da sociedade, o jornalista o cumprimentou diligentemente.

O outro lhe respondeu com cortesia, mas de maneira um tanto orgulhosa.

O casal Forestier partiu na quinta-feira à noite.

[\[1\]](#) Referência ao episódio da guerra entre os exércitos Branco e Azul na Revolução Francesa de 1789, conhecido como Insurreição Vandeanã

VII

O sumiço de Charles deu a Duroy uma importância maior na redação do *La Vie Française*. Assinou alguns artigos de fundo, ao mesmo tempo em que assinava seus Boatos, pois o patrão desejava que cada qual assumisse a responsabilidade por sua seção. Houve algumas polêmicas das quais ele saiu com espírito; e suas constantes relações com os homens de Estado pouco a pouco o prepararam para se tornar um redator político habilidoso e perspicaz.

Ele via uma única nuvem em todo seu horizonte. Vinha de um pequeno jornal fundibulário que o atacava constantemente, ou melhor, atacava nele o chefe dos Boatos do *La Vie Française*, o chefe da caixinha de surpresas do Sr. Walter, dizia o redator anônimo dessa folha chamada *La Plume*. Todos os dias eram publicadas perfídias, ditos mordentes e insinuações de toda natureza.

Um dia, Jacques Rival disse a Duroy: — O senhor é paciente.

O outro balbuciou: — O que o senhor quer? Não há ataques diretos.

Pois bem, uma tarde, ao entrar na sala da redação, Boisrenard lhe estendeu um número do *La Plume*:

— Veja, novamente traz uma nota desagradável para o senhor.

— Ah! A propósito de quê?

— A propósito de nada, da prisão de uma senhora Aubert pelos agentes dos costumes.

Georges apanhou o jornal e leu, sob o título: Duroy se diverte:

“O ilustre repórter do *La Vie Française* conta-nos hoje que a senhora Aubert, cuja prisão por um agente da odiosa brigada dos costumes nós anunciamos, só existe em nossa imaginação. Ora, a pessoa em questão mora no número 18 da Rua Écureuil, em Montmartre. Aliás, compreendemos perfeitamente o interesse, ou interesses, dos agentes do banqueiro Walter em apoiar os do chefe de polícia, que tolera esse comércio. Quanto ao repórter em questão, ele faria melhor se nos desse essas boas notícias sensacionalistas das quais ele tem o segredo: notícias de mortes desmentidas no dia seguinte, notícias de batalhas que não aconteceram, anúncio de palavras graves pronunciadas por soberanos que não disseram absolutamente nada, enfim, todas as informações que constituem os “Lucros Walter”, ou até algumas pequenas indiscrições sobre as noitadas de mulheres de sucesso, ou sobre a excelência de certos produtos que são de grande proveito para alguns de nossos companheiros”.

O jovem ficou mais na defensiva que irritado, compreendendo apenas que ali havia algo muito desagradável para ele.

Boisrenard continuou: — Quem lhe contou esse boato?

Duroy procurou na memória, não mais se lembrando. De repente, recordou-se:

— Ah! Sim, foi Saint-Potin. — Em seguida, releu o parágrafo do *La Plume*, e enrubescou bruscamente, revoltado com a acusação de venalidade.

Ele exclamou: — Como, ele insinua que sou pago para...

Boisrenard o interrompeu: — Sim, com os diabos. É desagradável para o senhor. O patrão presta muita atenção a esses assuntos. Isso poderia acontecer com muita frequência, nos Boatos...

Exatamente nesse momento, Saint-Potin entrou. Duroy correu para ele:

— Viu a nota do *La Plume*?

— Sim, estou chegando da casa da senhora Aubert. Ela existe, mas não foi presa. Esse boato não tem qualquer fundamento.

Duroy então procurou o patrão, que achou um pouco frio, com ar de suspeita. Depois de ouvir o caso, o Sr. Walter respondeu: “Vá o senhor mesmo à casa dessa senhora e desminta de modo que não mais escrevam tais coisas sobre sua pessoa. Falo do seguinte. E muito aborrecido para o jornal, para mim e para o senhor. Assim como a mulher de César, um jornalista não pode ser alvo de qualquer suspeita”.

Duroy apanhou um fiacre, tendo Saint-Potin como guia, e disse ao cocheiro: — Rua Écureuil 18, em Montmartre.

Era uma casa imensa, e foi preciso subir as escadas para chegar ao sexto andar. Uma mulher idosa, de corpete de lã, abriu a porta: — Que mais o senhor deseja? — disse ela ao ver Saint-Potin.

Ele respondeu: — Trouxe este senhor que é inspetor de polícia e quer saber do caso.

Então, ela os fez entrar e contou: — Depois do senhor, vieram ainda duas pessoas de um jornal, não sei qual. — Em seguida, voltando-se para Duroy, perguntou: — Pois bem, o que deseja saber?

— A senhora foi presa por um agente dos costumes?

Ela levantou os braços: — Jamais, em toda minha vida, meu bom senhor, jamais. Veja bem. Tenho um açougueiro que serve bem, mas pesa mal. Percebi muitas vezes sem dizer nada, mas quando lhe pedi duas libras de costeletas, pois receberia minha filha e meu genro, percebi que ele estava pesando os ossos das sobras. Eram ossos de costeletas, é verdade, mas não das minhas. Eu poderia fazer um cozido, também é verdade, mas quando peço costeletas não quero levar os ossos dos outros. Então recusei e ele me chamou de rata velha, e respondi que ele era um velho patife; em pouco tempo, tínhamos brigado tanto que havia mais de 100 pessoas diante do açougue, rindo loucamente! Riam tanto que um policial foi atraído pela confusão e pediu para nos explicarmos na delegacia. Fomos para lá e ele nos mandou embora, juntos. Agora, deixei até de passar na frente da sua porta, para evitar escândalos.

Ela se calou e Duroy perguntou: — Isso é tudo?

— Essa é toda a verdade, meu caro senhor — e, oferecendo-lhe um cálice de cassis, que ele recusou, a velha insistiu para que a reportagem falasse sobre as falsas pesagens do açougueiro.

De volta ao jornal, Duroy redigiu sua resposta:

Um escrevinhador anônimo do La Plume, tendo arrancado uma de si mesmo, procura encrenca comigo por causa de uma velha senhora que, segundo ele, foi presa por um agente dos costumes, algo que eu nego. Visitei pessoalmente a senhora Aubert, que tem pelo menos 60 anos e relatou sua querela com um açougueiro devido à pesagem de algumas costeletas, que terminou com uma explicação diante do comissário de polícia.

Essa é toda a verdade.

Quanto às outras insinuações do redator do La Plume, considero-as desprezíveis. Tais coisas não merecem resposta quando escritas sob uma máscara.

GEORGES DUROY.

O Sr. Walter e Jacques Rival, que acabara de chegar, acharam a nota suficiente e decidiu-se que seria publicada naquele mesmo dia, nos Boatos.

Duroy voltou para casa um pouco agitado, um pouco inquieto. O que responderia o outro? Quem era ele? Qual a razão daquele ataque brutal? Com os costumes bruscos dos jornalistas, essa bobagem poderia ir longe, muito longe. Ele dormiu mal.

Quando releu sua nota no jornal, no dia seguinte, achou-a mais agressiva impressa que manuscrita. Pareceu-lhe que poderia ter atenuado certos termos.

Sentiu-se febril durante todo o dia e novamente dormiu mal outra noite. Levantou-se com o sol para comprar o número do La Plume, que devia trazer a resposta à sua réplica.

Voltara a fazer frio; estava gelado. As águas ainda corriam, deixando nas calçadas duas listras de gelo.

Os jornais ainda não haviam sido entregues nas lojas e Duroy lembrou-se do dia de seu primeiro artigo: Reminiscências de um caçador na África. Inchando, suas mãos e pés ficaram doloridas, sobretudo as pontas dos dedos, e ele se pôs a correr em torno do quiosque envidraçado onde a vendedora, acocorada sobre seu aquecedor portátil, só deixava ver, pela pequena janela, o nariz e as faces vermelhas envoltas em um cachecol de lã.

Enfim, o distribuidor de jornais passou o pacote esperado pela abertura da vidraça, e a boa mulher estendeu a Duroy o La Plume, aberto. Procurou seu nome e no início não viu nada. Já respirava aliviado quando percebeu a coisa, fechada entre dois travessões.

O senhor Duroy, do La Vie Française, nos dá um desmentido; e ao nos desmentir, ele mente. Entretanto, admite que existe uma senhora chamada Aubert, e que um agente a conduziu à polícia. Portanto, só me resta acrescentar duas palavras: “dos costumes” depois da palavra “agente”, e estará correto.

Mas a consciência de alguns jornalistas possui o nível de seu talento.

LOUIS LANGREMONT.

Então, o coração de Georges se pôs a bater violentamente e ele voltou para casa para se vestir, sem saber direito o que fazia. Fora insultado de tal maneira que não poderia haver qualquer hesitação. E por quê? Sem motivo. A propósito de uma velha senhora que discutira com o açougueiro.

Vestiu-se rapidamente e foi à casa do Sr. Walter, apesar de mal serem 8h da manhã.

O Sr. Walter já se levantara e estava lendo o *La Plume*. — Bem, disse ele com rosto sério, ao ver Duroy. O senhor não pode recuar!

O jovem não respondeu. O diretor continuou: — Vá imediatamente procurar Rival, que se encarregará de seus interesses.

Duroy balbuciou algumas palavras vagas e saiu para ir à casa do cronista que ainda dormia. Ele se levantou da cama ao som da campainha e, depois de ler os Boatos, exclamou: — Diabos, é preciso tratar disso. Quem pode ser sua outra testemunha?

— Não sei.

— Boisrenard? — O que acha?

— Sim, Boisrenard.

— O senhor é bom no manejo da espada?

— De modo algum.

— Ah! Diabos! E na pistola?

— Atiro um pouco.

— Bom. Vá se exercitar enquanto eu trato de tudo. Espere-me por um minuto.

Foi ao toalete e logo reapareceu lavado, barbeado, correto.

— Venha comigo, disse ele.

Ele morava no andar térreo de um pequeno hotel e levou Duroy para o andar inferior, uma adega enorme transformada em sala de armas e de tiro, onde todas as aberturas para a rua haviam sido tapadas.

Depois de acender uma fileira de bicos de gás que conduziam ao fundo de uma segunda adega onde havia um homem de ferro pintado de vermelho e azul, colocou sobre uma mesa dois pares de pistolas com um sistema novo, que as carregava pela culatra, e começou a lhe dar instruções em voz breve, como se já estivessem no campo de batalha.

Pronto?

Fogo! — um, dois, três.

Aniquilado, Duroy obedecia, levantava os braços, mirava, atirava, e como em geral atingia o manequim em pleno ventre, pois em sua primeira juventude servira-se com frequência de uma velha pistola cavalo que seu pai possuía, para matar pássaros no pátio, Jacques Rival ficou satisfeito e declarou: Bem — muito bem — muito bem — o senhor irá — o senhor irá”.

Depois, ele o deixou: — Continue a treinar assim até o meio-dia. Aqui está a munição, não tenha medo de gastá-la. Virei buscá-lo para almoçar e lhe contar as novidades. — E saiu.

Sozinho, Duroy atirou algumas vezes, depois sentou-se para refletir.

Como eram idiotas essas coisas! O que isso provava? Um trapaceiro era menos trapaceiro depois de ter duelado? O que ganhava um homem honesto em arriscar sua vida contra um crápula? E com o espírito vagabundeando pelo escuro, lembrou-se das coisas ditas por Norbert de Varenne sobre a pobreza de espírito dos homens, sobre a mediocridade de suas idéias e de suas preocupações, sobre o quão patética era sua moral!

E falou em voz alta: “Como ele estava certo, santo Deus!”

Depois, sentindo sede e tendo ouvido um ruído de água pingando atrás dele, notou um aparelho de duchas e foi beber na

ponta da agulheta. Em seguida, pôs-se a sonhar. A adega era um lugar triste, triste como uma tumba. O barulho longínquo e surdo dos carros parecia o rumor de uma tempestade distante. Que horas seriam? Lá embaixo, as horas transcorriam como devem passar no fundo das prisões, sem que nada as indique, sem que nada as marque, exceto os retornos do carcereiro trazendo a comida. Ele esperou por muito, muito tempo.

De repente, ouviu passos, vozes, e Jacques Rival reapareceu acompanhado de Boisrenard. Quando viu Duroy, exclamou: — Está tudo arranjado!

O outro imaginara que o caso terminaria com alguma carta de desculpas; seu coração deu um salto e ele balbuciou: — Ah!.. obrigado. — O cronista continuou: — Esse Langremont é muito resoluto, aceitou todas as nossas condições. Serão 25 passos, uma bala ao comando de apontar a pistola. O braço fica mais seguro assim do que ao abaixá-lo. Olhe, Boisrenard, veja o que eu lhe disse.

E, pegando as armas, pôs-se a atirar para demonstrar como se conserva melhor a mira ao levantar o braço.

A seguir, disse: — Agora vamos almoçar. Já passa de meio-dia.

Foram a um restaurante vizinho. Duroy não falava nada. Comeu para não parecer amedrontado, depois foi ao jornal com Boisrenard e fez suas tarefas de modo distraído e maquinal. Acharam-no decidido.

Jacques Rival foi apertar-lhe a mão lá pelo meio da tarde; combinaram que suas testemunhas iriam de landô apanhá-lo em casa, às 7h da manhã do dia seguinte, para irem ao bosque Vésinet, onde o encontro teria lugar.

Tudo isso fora feito inesperadamente, sem que ele tomasse parte em nada, sem que dissesse uma única palavra, sem que desse sua opinião, sem que aceitasse ou recusasse, e com tamanha rapidez que ele ficou aturdido, assustado, sem compreender direito o que se passava.

Encontrou-se novamente em casa por volta das 9h da noite, após ter jantado com Boisrenard, que não o largara o dia todo, por devotamento.

Assim que ficou sozinho, caminhou por alguns minutos pelo quarto, com passos grandes e decididos. Estava perturbado demais para refletir. Uma única ideia inundava-lhe o espírito: — Um duelo no dia seguinte — sem que essa ideia lhe despertasse mais que uma emoção confusa e poderosa. Fora soldado, atirara nos árabes, sem grande perigo para si mesmo, um pouco como se atira em um javali, em uma caçada.

Em suma, fizera o que devia ser feito. Havia lhe mostrado o que fazer. Falariam dele, aprová-lo-iam, fecilitá-lo-iam. Então, falou em voz alta, como se fala nos grandes conflitos de pensamento:

“Que bronco esse homem!”

Sentou-se e pôs-se a refletir. Havia jogado sobre a mesinha o cartão de seu adversário, para guardar o endereço. Releu-o como já fizera 20 vezes naquele dia. Louis Langremont, Rua Montmartre, 176. Nada mais.

Examinou essas letras reunidas que lhe pareciam misteriosas, cheias de significados inquietantes. ‘Louis Langremont’, quem era aquele homem? Qual sua idade? Seu tamanho? Sua aparência? Não era revoltante que um estrangeiro, um desconhecido, viesse perturbar nossa vida desse modo, de repente e sem motivo, por puro capricho, a propósito de uma mulher velha que brigara com o açougueiro?

Mais uma vez, repetiu em voz alta: “Que bronco!”

E continuava imóvel, pensando, o olhar plantado no cartão. Aquele pedaço de papel despertou uma cólera dentro dele, uma cólera cheia de ódio, mesclada a um sentimento de inquietação. Essa história era idiota! Pegou uma tesourinha de unhas que sempre trazia com ele e a enfiou no meio do nome impresso, como se apunhalasse alguém.

Então, iria se bater, bater-se à pistola! Por que não escolhera a espada? Poderia sair de lá com um machucado no braço, enquanto que com uma pistola não se sabia jamais o que poderia acontecer.

Ele disse: “Vamos, é preciso ter coragem”.

O som da sua voz fez com que estremecesse, e ele olhou em torno. Começava a sentir-se bastante nervoso. Bebeu um copo de água, depois se deitou.

Assim que se meteu na cama, soprou a vela e fechou os olhos.

Entre os lençóis, sentiu muito calor se bem que o quarto estivesse extremamente frio, mas não conseguia se acomodar. Virava-se e revirava-se, passava cinco minutos deitado de costas, depois se virava para o lado esquerdo, em seguida rolava

sobre o lado direito.

Ainda estava com sede. Levantou-se para beber, mas uma inquietude o invadiu: “Será que estou com medo?”

Por que seu coração punha-se a bater loucamente a cada ruído conhecido de seu quarto? Quando seu relógio cuco ia bater, o pequeno ranger da mola causou-lhe um sobressalto; durante alguns segundos, precisou abrir a boca para respirar, tanto se sentia oprimido.

Começou a pensar filosoficamente sobre essa possibilidade: “Estarei com medo?”

Com certeza não era medo, pois estava decidido a ir até o fim, tinha uma vontade bem firme de se bater, de não tremer. Mas sentia-se tão profundamente emocionado que perguntou a si mesmo: “Pode-se sentir medo, apesar da vontade?” E a dúvida o invadiu, essa inquietude, esse horror! O que aconteceria se uma força mais poderosa que sua vontade o invadisse, dominadora, irresistível? Sim, o que poderia acontecer?

Claro, ele iria ao campo porque desejava ir. Mas, e se tremesse? Se desmaiasse? E pensou na sua situação, na sua reputação, em seu futuro.

De repente, sentiu uma necessidade singular de se levantar e se olhar no espelho. Voltou a acender a vela. Quando viu seu rosto refletido no vidro polido foi difícil se reconhecer e pareceu-lhe que jamais se vira antes. Seus olhos se lhe afiguraram enormes; estava pálido, sim, estava pálido, muito pálido.

De súbito, um pensamento o atingiu como uma bala: “Amanhã há esta hora poderei estar morto”. E seu coração voltou a bater furiosamente.

Ele se voltou para a cama e viu-se distintamente estendido de costas sobre os mesmos lençóis que acabara de deixar. Tinha o rosto que têm os mortos, e essa brancura de mãos que não mais se movimentariam.

Sentiu medo de sua cama, e para não vê-la abriu a janela para olhar para fora.

Um frio glacial mordeu-lhe a carne, dos pés à cabeça, e recuou ofegante.

Pensou em acender a lareira. Atiçou-a lentamente, sem se voltar. Suas mãos tremiam um pouco, um tremor nervoso quando tocava os objetos. Sua cabeça delirava; seus pensamentos, agitados, entrecortados, tornavam-se fugidios, dolorosos; uma embriaguês invadiu seu espírito como se tivesse bebido.

Perguntava-se sem cessar: “O que vou fazer? Que acontecerá comigo?”

Voltou a andar, repetindo continua e maquinalmente: “É preciso que eu seja enérgico, muito enérgico”.

Depois, disse a si mesmo: “Vou escrever aos meus pais, em caso de acidente”.

Sentou-se novamente, pegou um bloco de papéis de carta e escreveu: Querido papai, querida mamãe...”

Julgou os termos muito familiares em uma situação tão trágica. Rasgou a primeira folha e recomeçou: “Meu caro pai, minha cara mãe; vou me bater em duelo no início do dia, e como pode acontecer que...”

Não ousou escrever o resto e levantou-se de um salto.

Agora, esse pensamento o esmagava. “Bater-se-ia em duelo. Não podia evitar. O que se passava com ele? Queria se bater; essa intenção e essa resolução estavam firmemente tomadas e lhe parecia que, apesar de todo esforço de sua vontade, não conseguia conservar a força necessária para ir ao local do encontro”.

De tempos em tempos, seus dentes de entrechocavam na boca com um pequeno ruído seco e ele perguntava:

“Será que meu adversário já se bateu? Será que já frequentou aulas de tiro? É conhecido? Tem categoria?” Jamais ouvira pronunciar seu nome. No entanto, se aquele homem não fosse um atirador notável, na pistola, não teria aceitado essa arma perigosa sem hesitação, sem discussão.

A seguir, Duroy passou a imaginar seu encontro, sua atitude e a de seu inimigo. Fatigava-se imaginando os menores detalhes do combate; repentinamente, viu diante de si o pequeno orifício negro e profundo do cano de onde sairia uma bala.

Bruscamente, foi presa de uma terrível crise de desespero. Todo seu corpo vibrava, percorrido por tremores entrecortados. Cerrava os dentes para não gritar, com uma necessidade louca de rolar no chão, de rasgar alguma coisa, de morder. Porém, notou um copo sobre a lareira e lembrou-se que em seu armário havia um litro de aguardente, quase cheio, pois guardara o hábito militar de matar o verme todas as manhãs.

Pegou a garrafa e bebeu no próprio gargalo, goles longos, ávidos. E só a deixou quando faltou-lhe a respiração. Bebera um terço.

Um calor semelhante a uma chama logo lhe queimou o estômago, alastrou-se pelos membros e fortaleceu-lhe a alma, aturdindo-o.

Disse a si próprio: “Tenho o meio”. E como agora sentia a pele queimar, reabriu a janela.

O dia nascia, calmo e glacial. Lá no alto, as estrelas pareciam morrer no fundo do firmamento que clareava; na vala profunda da estrada de ferro, empalideciam os sinais verdes, vermelhos e brancos.

As primeiras locomotivas saíam da garagem e, apitando, vinham procurar os primeiros trens. Na distância, outros lançavam apelos agudos e repetidos, gritos de despertar, como fazem os galos nos campos.

Duroy pensava: “Talvez eu não veja mais tudo isto”. Mas como sentia que novamente iria se enternecer por si mesmo, reagiu violentamente: “Vamos, não se pode pensar em nada até o momento do encontro, é o único meio de ser corajoso”.

Foi se vestir. Ao se barbear, teve ainda um segundo momento de fraqueza, pensando que poderia ser a última vez que via seu próprio rosto.

Bebeu outro gole de aguardente e acabou de se vestir.

A hora seguinte foi difícil de passar. Caminhava de lá para cá, esforçando-se para imobilizar sua alma. Quando ouviu baterem na porta, quase caiu de costas, tal a violência de sua comoção. Eram suas testemunhas. — Já!

Estavam envoltos em peles. Depois de apertar a mão de seu cliente, Rival declarou:

— Faz um frio siberiano. — Depois, perguntou: — Tudo bem?

— Sim, tudo bem.

— Calmo?

— Muito calmo.

— Vamos, tudo correrá bem. Comeu e bebeu alguma coisa?

— Sim, não preciso de nada.

Para a circunstância, Boisrenard ostentava uma condecoração estrangeira, verde e amarela, que Duroy jamais vira.

Desceram. Um senhor os esperava no landô. Rival o apresentou: “O doutor Le Brument”. Duroy apertou-lhe a mão, balbuciando: “Agradeço-lhe”, depois, preferiu sentar na banquetta da frente e sentou-se em algo duro que o fez se levantar como que empurrado por uma mola. Era a caixa das pistolas.

Rival repetia: — Não! O combatente e o médico ao fundo! — Duroy acabou por compreender e prostrou-se ao lado do médico.

Por sua vez, as duas testemunhas subiram e o cocheiro partiu. Sabia para onde devia ir.

Mas a caixa das pistolas incomodava a todos, sobretudo a Duroy, que teria preferido não vê-la. Tentaram colocá-la atrás das costas, ela machucava os rins; depois a puseram em pé, entre Rival e Boisrenard, ela caía o tempo todo. Terminaram por metê-la debaixo dos pés.

A conversação desfalecia, apesar de o médico contar anedotas. Apenas Rival respondia. Duroy gostaria de mostrar presença de espírito, mas temia perder o fio das ideias, mostrar a perturbação de sua alma; e estava assombrado pelo medo torturante de se pôr a tremer.

O carro logo chegou ao campo. Eram quase 9h de uma rude manhã de inverno em que a natureza brilha, cortante e dura como cristal. As árvores, vestidas de geadas, parecem ter suado gelo; a terra soa sob os passos; o ar seco leva para longe os menores ruídos: o céu azul parece brilhar como espelho e o sol passa pelo espaço, refulgente, ele mesmo frio, lançando raios que nada aquecem sobre a criação gelada.

Rival dizia a Duroy: — Peguei as pistolas na casa Gastine-Renette. Ele mesmo as carregou. A caixa está lacrada. Aliás, vamos sortear entre estas e as de nosso adversário.

Duroy respondeu mecanicamente:

— Agradeço.

Rival fez-lhe recomendações minuciosas, pois queria certificar-se de que seu cliente não cometeria nenhum erro. Insistia várias vezes sobre cada um dos pontos: — Quando perguntarem: — ‘Estão prontos, senhores?’ o senhor responderá com voz forte: Sim!

“Quando disserem ‘Fogo!’ o senhor levantará rapidamente o braço e atirárá assim que pronunciarem: ‘três’”.

Duroy repetia mentalmente: — Quando disserem fogo, levantarei o braço — quando disserem fogo, levantarei o braço.

Aprendia como as crianças aprendem suas lições, murmurando repetidamente, para gravar bem na cabeça — Quando disserem fogo, levantarei o braço.

O landô entrou em um bosque, virou à direita em uma avenida, e novamente à direita. Bruscamente, Rival abriu a portinhola para gritar ao cocheiro: “Ali, por aquele caminho pequeno”. E o carro enveredou por um caminho cheio de sulcos, entre dois taludes onde tremiam folhas mortas bordadas com uma orla de gelo.

Duroy continuava a murmurar:

— Quando disserem fogo, levantarei o braço. — Pensou que um acidente de carro arranjaría tudo. Oh! se ele virasse, que sorte! Se ele pudesse quebrar uma perna!...

Mas divisou outro carro no fundo de uma clareira onde quatro senhores sapateavam para aquecer os pés; foi obrigado a abrir a boca, de tal modo sua respiração se tornou difícil.

As testemunhas desceram antes, depois o médico e o combatente. Rival pegou a caixa com as pistolas e, com Boisrenard, caminhou na direção dos estranhos que se aproximavam. Duroy os viu cumprimentarem-se cerimoniosamente e depois caminharem juntos pela clareira, examinando tanto o chão quanto as árvores, como se procurassem alguma coisa que pudesse ter caído ou voado. Em seguida, contaram passos e, com grande dificuldade, enterraram duas bengalas no solo gelado. A seguir, reuniram-se em grupos e fizeram movimentos do jogo de cara ou coroa, como crianças que se divertem.

O doutor Le Brument perguntou a Duroy: — Sente-se bem? Não precisa de nada?

— Nada, obrigado.

Parecia-lhe que ficara louco, que dormia, que sonhava, que algo de sobrenatural acontecera e o envolvera.

Estava com medo? Talvez? Mas não sabia. Tudo mudara ao redor dele.

Jacques Rival voltou e anunciou baixinho, com satisfação:

— Está tudo pronto. A sorte nos favoreceu quanto às pistolas.

Isso era indiferente para Duroy.

Retiraram o seu sobretudo. Ele deixou que o fizessem. Apalparam os bolsos de seu casaco para certificarem-se de que não havia papéis nem carteira para protegê-lo.

Repetia para si mesmo, como uma prece: — Quando disserem fogo, levantarei o braço.

Em seguida, levaram-no até uma das bengalas enterradas e entregaram-lhe sua pistola. Viu então um homem em pé diante dele, bem perto, um homenzinho barrigudo, calvo, de óculos. Era seu adversário.

Ele o viu muito bem, mas não pensou em nada mais, a não ser: “Quando disserem fogo, levantarei o braço e atirarei.” Uma voz ressoou no grande silêncio do espaço, uma voz que parecia vir de muito longo, e essa voz perguntou: — Estão prontos, senhores?

Georges gritou: — Sim.

Então, a mesma voz ordenou: — Fogo!...

Não escutou mais nada, não percebeu nada, não se deu conta de nada, sentiu apenas que levantava o braço e apertava o gatilho com toda força.

E não ouviu nada.

Mas logo viu um pouco de fumaça na ponta do cano de sua pistola; e como o homem diante dele continuava em pé, na mesma postura, notou outra pequena nuvem branca voando acima da cabeça de seu adversário.

Os dois haviam atirado. Terminara.

Suas testemunhas e o médico o tocavam, apalpavam, desabotoavam suas roupas, perguntando com ansiedade:

— O senhor não está ferido? — Ele respondeu ao acaso. — Não, creio que não.

Aliás, Langremont permanecia tão intacto quanto seu inimigo, e Jacques Rival murmurou em um tom descontente:

— Com essa maldita pistola, é sempre assim, a gente erra ou se mata. Que droga de arma!

Duoy não se mexia, paralisado pela surpresa e pela alegria: “Terminara!” Foi preciso tirar-lhe a arma, que ele continuava a segurar. Parecia-lhe agora que se bateria contra o universo inteiro. Terminara. Que felicidade. Repentinamente, sentia-se bravo, poderia provocar qualquer um.

Todas as testemunhas conversaram por alguns minutos, marcando um encontro para aquele dia, para a redação do processo verbal, depois voltaram ao carro; rindo em seu banco, o cocheiro partiu, estalando seu chicote.

Os quatro jantaram no bulevar, conversando sobre o acontecimento. Duoy descrevia suas impressões.

— Não senti nada, absolutamente nada. Aliás, os senhores devem ter visto.

Rival respondeu: — Sim, o senhor se portou bem.

Depois de o processo verbal ser redigido, foi apresentado a Duoy que devia inseri-lo nos Boatos. Ele se espantou ao ver que trocara duas balas com o Sr. Louis Langremont, e, um pouco inquieto, perguntou a Rival: — Mas nós só atiramos uma única bala.

O outro sorriu: — Sim, uma bala...uma bala cada um...isso perfaz duas balas.

E Duoy não insistiu, achando a explicação satisfatória. O Sr. Walter o abraçou:

— Bravo, bravo, o senhor defendeu a bandeira do La Vie Française, bravo!

À noite, Georges mostrou-se nos principais grandes jornais e nos principais grandes cafés do bulevar. Encontrou duas vezes seu adversário, que também se mostrava.

Não se cumprimentaram. Se um deles tivesse se ferido, teriam apertado as mãos. Entretanto, cada qual jurava, com convicção, ter ouvido o silvar da bala do outro.

No dia seguinte, mais ou menos às 11h da manhã, Duoy recebeu um azulzinho: “Meu Deus, fiquei com tanto medo! Vá bem cedo para a Rua Constantinople, beijo-te, meu amor. Como és corajoso — eu te adoro. — Clo.”

Ele foi ao encontro e ela se lançou em seus braços, cobrindo-o de beijos:

— Oh! meu querido, se soubesses o quanto me emocionei ao ler os jornais esta manhã. Oh! Conte-me, Diga-me tudo. Quero saber.

Ele precisou contar todos os detalhes, com minúcia. Ela perguntou:

— Deves ter passado uma péssima noite antes do duelo!

— Mas não. Dormi bem.

— Eu não teria fechado os olhos. E no campo, dize-me como foi.

Ele fez um relato dramático: — Assim que ficamos um diante do outro, a 20 passos, somente quatro vezes o comprimento deste quarto, depois de perguntar se estávamos prontos, Jacques deu a ordem: — Fogo — Levantei meu braço imediatamente, mirando bem, mas cometi o erro de mirar a cabeça. Minha arma era bastante dura, de modo que a resistência o gatilho elevou o golpe; Não importa, não deve ter passado longe. Ele também atira bem, o canalha. Sua bala roçou minha têmpora. Senti-lhe o vento.

Ela estava ajoelhada e o segurava nos braços como para tomar parte no perigo. Ela balbuciava: — Oh! Meu pobre querido...

Depois, quando ele terminou de contar, ela disse: — Tu não sabes, não posso mais passar sem ti! Preciso te ver, mas com meu marido em Paris, isso não é nada cômodo. Em geral, eu teria uma hora livre durante a manhã, antes de te levatares, e poderia ir te beijar, mas não quero voltar à tua casa horrível. Como fazer?

Bruscamente, ele teve uma inspiração e perguntou:

— Quanto pagas, aqui?

— Cem francos por mês.

— Muito bem, assumo o apartamento por minha conta e venho morar aqui. O meu não me serve mais, na minha nova posição.

Ela refletiu por alguns instantes, depois respondeu:

— Não. Não quero.

Ele se espantou:

— E por quê?

— Porque sim...

— Isso não é uma razão. Este apartamento é muito conveniente para mim. Aqui estou. Aqui fico.

Ele se pôs a rir:

— Além disso, está em meu nome.

Mas ela continuava recusando: — Não, não, não quero...

— Por que isso, enfim?

Ela então sussurrou bem baixinho, ternamente: — Porque vais trazer mulheres para cá, e eu não quero.

Ele se indignou: — Jamais faria isso. Eu te prometo.

— Não, tu as traria do mesmo jeito.

— Eu juro.

— De verdade?

— Verdade. Palavra de honra. Esta é a nossa casa, só nossa.

Ela o abraçou em um arroubo de amor: — Então está bem, meu querido. Mas sabes, se tu me enganares uma vez, uma única vez, tudo estará terminado entre nós. Terminado para sempre.

Ele voltou a jurar, com promessas, e ficou acertado que se instalaria ali naquele mesmo dia, para que ela pudesse vê-lo quando passasse por sua porta.

Depois, ela lhe disse:

— Em todo caso, vem jantar no domingo. Meu marido te acha encantador.

Ele ficou lisonjeado:

— Ah! verdade?...

— Sim, tu o conquistaste. Mas ouve, tu me disseste que cresceste em um castelo, no campo, não é?

— Sim, por quê?

— Então, conheces um pouco de agricultura?

— Sim.

— Bem, conversa com ele sobre jardinagem, sobre colheitas, ele gosta muito disso.

— Certo. Não me esquecerei.

Ele a deixou depois de tê-la beijado indefinidamente, pois aquele duelo estimulara sua ternura.

E ao se dirigir ao jornal, Duroy pensava: “Que criatura esquisita! Que cabeça de passarinho! Sabe-se lá o que quer e o que gosta? E que casal estranho! Que fantasista preparou o casamento desse velho com essa desmiolada? Que raciocínio fez com que esse inspetor se casasse com essa estudante? Mistério! Quem sabe? O amor, talvez?”

Depois, concluiu: “Mas é uma amante bem gentil. Eu seria muito idiota se a abandonasse”.

VIII

O duelo fez com que Duroy passasse para o número de cronistas principais do *La Vie Française*; mas como tinha infinita dificuldade para descobrir ideias, especializou-se em comentar a decadência dos costumes, o empobrecimento do caráter, o declínio do patriotismo e a anemia da honra francesa (descobrira a palavra ‘anemia’, da qual se orgulhava).

E quando a Sra. de Marelle, cheia desse espírito arrogante, cético e ligeiro que chamamos espírito de Paris, caçoava de suas tiradas, que rebatia com um epigrama, ele respondia sorrindo: “Bah! isso fará com que eu tenha boa reputação, mais tarde”.

Ele agora morava na Rua Constantinople, para onde transportara sua mala, seu pincel de barba, sua navalha e seu sabonete, que constituíam toda sua mudança. Duas ou três vezes por semana, a jovem senhora chegava antes que ele se levantasse, despia-se em um minuto e deslizava para dentro da cama, toda arrepiada devido ao frio que fazia lá fora.

Por seu lado, Duroy jantava todas as quintas-feiras com o casal e fazia a corte ao marido falando sobre agricultura; e como também amava as coisas relacionadas com a terra, às vezes ambos se interessavam de tal forma pela conversa que se esqueciam da mulher que cochilava no sofá.

Laurine também dormia, ora sobre os joelhos de seu pai, ora sobre os joelhos de Bel-Ami.

E quando o jornalista partia o Sr. de Marelle não deixava de declarar no tom doutrinário com que falava sobre as menores coisas: “Esse rapaz é verdadeiramente agradável. Tem o espírito muito culto”.

O mês de fevereiro chegava ao fim. Começava-se a sentir o aroma das violetas nas ruas, ao passar de manhã perto dos carrinhos puxados pelos comerciantes de flores.

Duroy vivia sem que houvesse uma única nuvem em seu céu.

Uma noite, ao chegar em casa, encontrou uma carta em baixo de sua porta. Examinou o carimbo e viu “Cannes”. Abrindo-a, leu:

Cannes, Villa Jolie

Caro senhor e amigo, não é verdade que me disse que eu podia contar consigo para o que quer que fosse? Pois bem, preciso lhe pedir o favor cruel de vir me auxiliar, de não me deixar só nos últimos momentos de Charles, que vai morrer. Talvez não consiga chegar ao fim da semana, se bem que ainda se levante, mas o médico já me avisou.

Não tenho mais força nem coragem para ver esse tormento, dia e noite. Penso com terror nos últimos momentos que se aproximam. Não posso pedir algo assim a ninguém mais, só ao senhor, pois meu marido não tem família. O senhor foi seu companheiro; ele lhe abriu as portas do jornal. Venha, eu lhe suplico. Não tenho ninguém mais a quem apelar.

Creia-me sua amiga mais devotada.

MADELEINE FORESTIER

Um sentimento singular entrou como um sopro de ar no coração de Georges, um sentimento de libertação, de espaço que se abria diante de si, e ele murmurou: “Claro que irei. Pobre Charles! Mas o que será de nós!”

O patrão, para quem ele comunicou sobre a carta da jovem senhora, autorizou resmungando. Ele repetia:

“Mas volte logo, o senhor nos é indispensável”.

Georges Duroy partiu para Cannes no dia seguinte, pelo rápido de 7h, após avisar o casal de Marelle por telegrama.

Chegou no outro dia, por volta das 4h de tarde.

Um moço de recados o guiou até a Vila Jolie, construída meio de lado nessa floresta de abetos povoada de casa brancas, que vai de Cannes até o golfo Juan.

A casa era pequena, baixa, de estilo italiano, na beira do caminho que sobe ziguezagueando através das árvores, mostrando

vistas admiráveis a cada curva.

A criada abriu a porta e exclamou:

— Oh! Senhor, a senhora o espera com muita impaciência.

Duroy perguntou: — Como vai seu patrão?

— Oh! Nada bem, senhor. Não vai durar muito.

O salão onde o jovem entrou era forrado de chita da Índia, cor de rosa com desenhos azuis. A janela larga e alta se abria para a cidade e sobre o mar.

Duroy murmurou: “Nossa, é elegante aqui, como casa de campo. Onde diabos eles arranjam todo esse dinheiro?”

O farfalhar de um vestido fê-lo se voltar.

A Sra. Forestier estendia-lhe as duas mãos: — Como o senhor é gentil, como é gentil de ter vindo! — E bruscamente, ela o beijou. Depois, olharam-se.

Ela estava um pouco pálida, um pouco mais magra, mas sempre fresca e talvez ainda mais bonita com seu ar mais delicado. Ela murmurou: — Veja, é terrível! Ele sabe que está perdido e me tiraniza de modo atroz. Disse-lhe que o senhor viria. Mas onde está a sua mala?

Duroy respondeu: — Deixei-a na estrada de ferro, pois não sabia em que hotel poderia me hospedar para ficar perto da senhora.

Ela hesitou, depois continuou: — O senhor ficará aqui na vila. Além de tudo, seu quarto está pronto. Ele pode morrer de um momento para outro, e se acontecer durante a noite, estarei sozinha. Vou mandar alguém buscar sua bagagem.

Ele se inclinou: — Como desejar.

— Agora vamos subir, disse ela.

Ele a seguiu. Ela abriu uma porta no primeiro andar, e Duroy viu, perto de uma janela, sentado em uma poltrona, enrolado nos cobertores, lívido sob a claridade rubra do sol poente, uma espécie de cadáver que o fitava. Era difícil reconhecê-lo; na verdade, adivinhou que era seu amigo.

Naquele quarto, sentia-se a febre, a tisana, o éter, aquele odor inominável e pesado dos apartamentos onde respira um tísico.

Forestier levantou a mão com um gesto penoso e lento:

— Eis-te aqui; vens para me ver morrer. Eu te agradeço, disse ele.

Duroy fingiu rir: — Ver-te morrer! Esse não seria um espetáculo divertido, e eu não escolheria esta ocasião para visitar Cannes. Vim para te cumprimentar e descansar um pouco.

O outro murmurou: — Senta-te, — e baixou a cabeça como se estivesse mergulhado em meditações desesperadas.

Respirava de modo rápido, extenuado, e às vezes dava uma espécie de gemido, como se quisesse lembrar aos outros o quanto estava doente.

Vendo que ele não falaria nada, sua mulher foi se debruçar na janela e disse, mostrando o horizonte com um movimento de cabeça: — Veja isso! Não é belo?

Diante deles, a encosta semeada de vilas descia até a cidadezinha deitada ao longo do rio em semicírculo, com a cabeça à direita, voltada para o paredão que dominava a velha cidade dominada por uma velha guarita, e os pés à esquerda, na ponta da Croiselle, na frente das ilhas de Lérins. Essas ilhas pareciam duas manchas verdes sobre a água toda azul. Dir-se-ia que ele flutuavam como duas folhas imensas, tão planas pareciam lá de cima.

E ao longe, fechando o horizonte do outro lado do golfo, acima do paredão e da guarita, sobre um céu fulgurante, uma longa fila de montanhas azuladas desenhavam uma linha bizarra e encantadora de picos arredondados, aduncos, pontudos, terminando por um grande monte em forma de pirâmide, que mergulhava seu sopé em pleno mar.

A Sra. Forestier o apontou: — É o Estérel.

O espaço atrás dos cumes sombrios estava vermelho, um vermelho sangrento e dourado que os olhos não podiam sustentar.

Apesar de tudo, Duroy apreciou a majestade desse fim de tarde.

Não encontrando outro termo descritivo para exprimir sua admiração, Duroy murmurou:

— Oh! sim, é sublime!

Forestier levantou a cabeça para sua mulher e disse:

— Dá-me um pouco de ar.

Ela respondeu: — Toma cuidado, é tarde, o sol se põe, vais pegar friagem e sabes que isso não é bom em teu estado de saúde.

Com a mão direita, ele fez um gesto febril e débil, pretendendo que fosse um soco, e murmurou com uma máscara de cólera, um esgar de moribundo que revelava a finura dos lábios, a magreza das faces e a saliência de todos os ossos: — Digo-te que sufoco. Que te importa que eu morra um dia mais cedo ou um dia mais tarde, já que estou fodido...

Ela abriu totalmente a janela.

O sopro de ar que entrou surpreendeu os três como uma carícia. Era uma brisa suave, tépida, pacífica, uma brisa de primavera já nutrida pelos perfumes dos arbustos e das flores embriagadores que crescem nessa encosta. Nela, sentia-se o poderoso gosto da resina e o acre sabor dos eucaliptos.

Forestier a sorvia com respiração curta e febril. Enterrou as unhas das mãos nos braços de sua poltrona e disse com voz baixa, silvante, enraivecida: — Fecha a janela. Isso me faz mal. Melhor seria rebentar em uma cova.

E sua mulher fechou a janela lentamente, depois olhou para longe, a fronte contra o vidro.

Pouco à vontade, Duroy gostaria de conversar com o doente, tranquilizá-lo.

Mas não conseguia imaginar nada próprio para reconfortá-lo.

Ele balbuciou: — Então, melhoraste depois de vir para cá?

O outro levantou os ombros com uma impaciência arrasada: Estás vendo muito bem. — E baixou novamente a cabeça.

Duroy continuou: — Santo Deus, aqui está tão bom, comparado a Paris. Lá ainda estamos em pleno inverno. Neva, cai granizo, chove e fica tão escuro que é preciso acender os lampiões às 3h da tarde.

Forestier perguntou: — Nada de novo, no jornal?

— Nada de novo. Pegaram o pequeno Lacrin, que saiu do Voltaire, para te substituir; mas ele não está maduro. Já é tempo de voltares!

O doente balbuciou: — Eu? Agora vou escrever crônicas a seis pés da superfície da terra.

A ideia fixa voltava a propósito de tudo, como o bater das horas de um relógio, reaparecendo sem cessar em cada pensamento, em cada frase.

Fez-se um longo silêncio; um silêncio doloroso e profundo. O ardor do poente acalmava-se lentamente; as montanhas tornavam-se negras sobre o céu rubro que escurecia. Entrava no quarto uma sombra colorida, um início de noite que guardava as luzes de braseiros moribundos parecia tingir os móveis, as paredes, as tapeçarias, os cantos, com tons mesclados de azul e púrpura. Refletindo o horizonte, o espelho da lareira parecia uma placa de sangue.

A Sra. Forestier permanecia imóvel, em pé, as costas viradas para o apartamento, o rosto encostado na vidraça.

E Forestier pôs-se a falar em voz agitada, cansada, devastadora de escutar: — Quantos ocasos ainda verei?... Uns 8... 10... 15 ou 20... talvez 30, não mais que isso... Vocês têm tempo... para mim, terminou... E isso continuará... depois de mim, como se eu estivesse aqui...

Calou-se durante alguns minutos, depois continuou: — Tudo que vejo me lembra que em poucos dias não verei mais... É horrível... não verei mais nada... nada do que existe... os menores objetos que usamos... copos... pratos... os leitos onde repousamos tão bem... os carros. É bom passear de carro à noite... Como eu amava tudo isso.

Fazia movimentos nervosos e leves com os dedos das mãos, como se tocasse piano sobre os braços de sua poltrona. E cada silêncio era mais penoso que suas palavras, pois sentia-se que devia pensar em coisas terríveis.

De repente, Duroy lembrou-se do que lhe havia dito Norbert de Varenne algumas semanas antes: “Agora vejo a morte de

tão perto que frequentemente tenho vontade de estender o braço para afastá-la... Descubro-a em todos os lugares. Os pequenos animais esmagados nas estradas, as folhas que caem, o pelo branco visto na barba de um amigo devastam meu coração e gritam para mim: Ei-la!”

Naquele dia não entendera, mas agora compreendia, ao olhar para Forestier. E uma angústia o invadiu, desconhecida, atroz, como se houvesse sentido bem perto, sobre a poltrona onde arquejava aquele homem, a hedionda morte ao alcance da mão. Tinha vontade de se levantar, de ir-se embora, de fugir, de voltar imediatamente a Paris! Oh! Se soubesse não teria vindo.

Agora, a noite se espalhara pelo quarto como um luto precoce que tombara sobre aquele moribundo. Apenas a janela ainda estava visível, desenhando em seu quadrado mais claro a silhueta imóvel da jovem senhora.

Forestier perguntou com irritação: — Bem, hoje não se traz o lampião? É a isso que chamam cuidar de um doente?

A sombra do corpo que se recortava sobre a vidraça desapareceu e ouviu-se o soar de uma campainha elétrica na casa sonora.

Um criado logo entrou e colocou um lampião sobre a lareira. A Sra. Forestier disse ao seu marido: — Queres deitar ou descerás para jantar?

Ele murmurou: — Descerei.

E a espera pela refeição os fez aguardar ainda quase uma hora, imóveis os três, às vezes pronunciando uma palavra, uma palavra qualquer, inútil, banal, como se houvesse perigo, um perigo misterioso em deixar o silêncio perdurar por muito tempo, em deixar congelar-se o ar mudo do quarto, daquele quarto onde rondava a morte.

Enfim, o jantar foi anunciado. A Duroy pareceu longo, interminável. Não falavam, comiam sem fazer qualquer ruído, depois esmigalhavam o pão com a ponta dos dedos. E o criado servia a mesa, caminhava, ia e vinha sem que sem que se lhe ouvissem os pés, pois, como o barulho das solas do sapato irritavam Charles, o homem calçava chinelos. Apenas o tique-taque de um relógio de madeira perturbava a calma das paredes com seu movimento mecânico e regular.

Assim que terminaram de comer, Duroy pretextou fadiga e se retirou para o quarto; com os cotovelos apoiados na janela, olhou a lua cheia, no meio do céu como uma lâmpada imensa, lançar sua claridade seca e velada sobre os muros brancos das vilas, e semear sobre o mar uma espécie de escama de luz, movediça e doce. E procurava uma razão para ir-se embora bem depressa, inventando truques, telegramas que receberia, um apelo do Sr. Walter.

Mas, ao acordar no dia seguinte, suas resoluções lhe pareceram mais difíceis de realizar. A Sra. Forestier não se deixaria convencer pelas suas desculpas e, por covardia, ele perderia todo o benefício de seu devotamento. Disse a si mesmo: “Ora! isso é muito aborrecido, mas paciência, existem coisas desagradáveis na vida; depois, não durará muito”.

O céu estava azul, esse azul do Midi, que enche o coração de alegria; e Duroy foi até o mar, achando que ainda era cedo demais para ver Forestier naquele dia.

Quando voltou para tomar seu desjejum, o criado lhe disse:

— O Senhor já perguntou duas ou três vezes pelo senhor. Se quiser, pode subir.

Ele subiu. Forestier parecia dormir em sua poltrona. Sua mulher lia, deitada no sofá.

O doente levantou a cabeça. Duroy perguntou: — Bem, como estás? Tens uma aparência bem disposta, esta manhã.

O outro murmurou: — Sim, estou melhor, recuperei as forças. Tome seu desjejum bem depressa com Madeleine, pois vamos dar uma volta de carro.

Assim que ficou sozinha com Duroy, a jovem senhora lhe disse: — Pois bem! Hoje ele acredita que vai se salvar, Começou a fazer projetos nesta manhã. Daqui a pouco vamos ao golfo Juan, comprar cerâmicas para nosso apartamento de Paris. Ele quer sair de qualquer jeito, mas tenho um medo horrível de um acidente. Ele não conseguirá suportar as sacudidelas do caminho.

Quando o landô chegou, Forestier desceu a escada passo a passo, auxiliado pelo criado. Mas assim que viu o carro, quis que lhe baixassem a capota.

Sua mulher resistia. Vais tomar friagem. É uma loucura.

Ele se obstinava: — Não, estou muito melhor. Sabes muito bem.

No início, passaram por esses caminhos sombreados que sempre cruzam dois jardins e fazem de Cannes um tipo de parque inglês, depois alcançaram a estrada de Antibes, ao longo do mar.

Forestier descrevia o lugar. Primeiro, mostrou a vila do conde de Paris. Em seguida nomeou outras. Estava alegre, uma alegria desejada, artificial e débil de condenado. Levantava o dedo, não tendo forças para levantar o braço.

— Vê, eis a Ilha Sainte-Marguerite e o castelo de onde Bazaine se evadiu. Fizeram com que acreditássemos nessa história!

Depois, teve memórias do regimento; nomeou os oficiais que lhe lembravam histórias. De repente, depois de uma curva na estrada, viu-se o golfo Juan inteiro, com sua cidadezinha branca ao fundo e a ponta de Antibes do outro lado.

E Forestier, subitamente tomado por uma alegria infantil, balbuciou: — Ah! A Esquadra, tu verás a esquadra!

No meio da vasta baía, via-se, com efeito, uma meia dúzia de navios que pareciam rochedos cobertos de ramagens. Eram bizarros, disformes, enormes, com excrescências, torres, esporões que mergulhavam na água como se fossem fincar raízes sob o mar.

Não se compreendia como podiam sair dali, movimentar-se, tão pesados e presos ao fundo pareciam. Uma bateria flutuante, redonda, alta, em forma de observatório, assemelhava-se a um desses faróis construídos sobre recifes.

Um grande navio de três mastros passava perto deles para alcançar o largo, todas as velas desdobradas, brancas e jubilosas. Eram graciosas e belas ao lado dos monstros de guerra, monstros de ferro, monstros vilãos acorados sobre a água.

Forestier esforçava-se para reconhecê-los. Dizia seus nomes: “Colbert”, “Suffren”, “Amiral-Duperré”, “Redoutable”, “Dévastation”, depois se corrigia: — Não, eu me enganei, aquele ali é que é o “Dévastation”.

Chegaram diante de uma espécie de pavilhão onde se lia: “Cerâmicas de arte do golfo Juan”, e o carro, dando a volta em torno de um canteiro, parou na frente da porta.

Forestier desejava comprar dois vasos para colocar na sua biblioteca. Como não podia descer do carro, levaram-lhe os modelos, um depois do outro. Ele demorou muito para escolher, consultando sua mulher e Duroy: — Sabes, é para o móvel que há no fundo do meu escritório. Da minha poltrona, eu os terei sob os olhos o tempo todo. Prefiro uma forma antiga, uma forma grega. — Examinava as amostras, fazia com que trouxessem outras, voltava a pegar as primeiras. Enfim decidiu-se, e tendo pago, exigiu que a entrega fosse feita imediatamente. Volta para Paris em alguns dias, dizia ele.

Voltavam quando, ao longo do golfo, uma corrente de ar que rolava no fundo do vale os açoitou subitamente e o doente pôs-se a tossir.

No início, não foi nada de mais, apenas uma pequena crise; mas ela se avolumou, tornou-se um acesso ininterrupto, depois uma espécie de soluço, um estertor.

Forestier sufocava, e cada vez que desejava respirar a tosse lhe dilacerava a garganta, vinda do fundo do peito. Nada a acalmava, nada a apaziguava. Foi preciso carregá-lo do landô até o quarto, e Duroy, que lhe segurava as pernas, sentia seus pés se sacudirem a cada convulsão de seus pulmões.

O calor do leito não deteve o acesso que durou até a meia-noite; depois, enfim, os narcóticos entorpeceram os mortais espasmos da tosse. E o doente permaneceu sentado na cama, olhos abertos, até o dia clarear.

As primeiras palavras que pronunciou foram para pedir a presença do barbeiro, pois fazia questão de ser barbeado todas as manhãs. Levantou-se para essa operação, mas logo foi necessário voltar a se deitar, e ele passou a respirar de modo tão curto, tão duro, tão difícil que, assustada, a Sra. Forestier pediu que Duroy, que acabara de se deitar, fosse despertado para ir buscar o médico.

Ele chegou quase imediatamente com o doutor Gavaut, que prescreveu uma beberagem e deu alguns conselhos; mas quando o jornalista o conduziu e perguntou sua opinião, ele disse: — Está agonizando. Estará morto amanhã, pela manhã. Previna essa pobre senhora e vá buscar um padre. Não posso fazer mais nada. No entanto, estou à sua inteira disposição.

Duroy pediu que a Sra. Forestier fosse chamada: — Ele vai morrer. O doutor aconselha que se chame um padre. O que deseja fazer?

Ela hesitou bastante tempo e depois, com voz lenta, tendo analisado tudo, disse: — Sim, é melhor... sob muitos aspectos... Vou prepará-lo, dizer-lhe que um cura deseja vê-lo... Enfim não sei o quê. O senhor seria muito gentil se fosse procurar, escolher um cura. Traga um que não exagere demais, que se contente com a confissão e permita que nos encarreguemos do resto.

O jovem conseguiu um velho eclesiástico complacente que se prestava à situação. Assim que ele entrou na residência do moribundo, a Sra. Forestier saiu e sentou-se com Duroy no aposento vizinho.

— Isso o perturbou, disse ela. Quando falei sobre um padre, seu rosto assumiu uma expressão assustadora, como... como se

tivesse sentido... sentido... um sopro... o senhor sabe... Ele compreendeu que estava acabado, enfim, que era uma questão de horas...

Ela estava muito pálida, mas continuou: — Jamais esquecerei a expressão de seu rosto. Certamente viu a morte naquele momento. Ele a viu...

Ouviram o padre que, por ser um pouco surdo, falava um tanto alto, e dizia:

— Mas não, não, o senhor não está tão mal assim. Está doente, mas não está em perigo. E a prova é que venho como amigo, como vizinho.

Não conseguiram distinguir o que Forestier respondeu. O velho continuou: — Não, não o farei comungar. Conversaremos sobre isso quando o senhor melhorar. Se desejar aproveitar minha visita para, por exemplo, confessar-se, não pedirei mais que isso. Sou um pastor e aproveito todas as ocasiões para arrebanhar minhas ovelhas.

Seguiu-se um longo silêncio. Forestier devia falar com voz ofegante e sem cor.

Depois, abruptamente, o padre pronunciou em timbre diferente, em tom de oficiante no altar:

— A misericórdia de Deus é infinita, recite o Confiteor, meu filho. — O senhor talvez o tenha esquecido, vou ajudá-lo. — Repita comigo: Confiteor Deo omnipotenti... Beatae Mariae semper virgini...

Ele parava de tempos em tempos para permitir que o moribundo o alcançasse. Em seguida, disse:

— Agora, sua confissão...

A jovem senhora e Duroy não se mexiam, tomados por uma singular perturbação, emocionados com a espera ansiosa.

O doente murmurara alguma coisa. O padre repetiu:

— O senhor tem cometido complacências condenáveis... de que natureza, meu filho?

A jovem senhora levantou-se e disse simplesmente: — Desçamos um pouco ao jardim. Não devemos escutar seus segredos.

E foram sentar-se em um banco diante da porta, debaixo de uma roseira florida, atrás de um canteiro de cravos que espalhavam pelo ar seu perfume doce e potente.

Após alguns momentos de silêncio, Duroy perguntou:

— Vai demorar muito para voltar a Paris?

Ela respondeu: — Oh! não. Voltarei assim que tudo terminar.

— Dentro de uns dez dias?

— Sim, no máximo.

Ele continuou:

— Ele não tem parentes?

— Nenhum, exceto seus primos. Seu pai e sua mãe morreram quando era ainda muito jovem.

Ambos observaram uma borboleta colhendo sua vida nos cravos, voando de um para outro com uma rápida palpitação de asas que continuavam a bater lentamente quando ela pousava sobre a flor. Permaneceram silenciosos por muito tempo.

O criado chegou para preveni-los de que o “senhor cura já terminara”. Subiram juntos.

Forestier parecia ter emagrecido ainda mais, desde a véspera.

O padre segurava-lhe a mão. — Até logo, meu filho. Voltarei amanhã cedo.

E se foi.

Assim que saiu, o moribundo que arquejava tentou levantar as duas mãos para sua mulher, gaguejando:

— Salva-me... salva-me... minha querida... não quero morrer... não quero morrer... Oh! Salva-me... Dize o que é preciso fazer, vai buscar o médico... Farei o que for preciso... Não quero... Não quero...

Ele chorava. Grossas lágrimas escorriam de seus olhos e desciam por suas faces descarnadas; e os cantos magros de sua boca enrugavam-se como os das crianças pequenas, quando têm alguma tristeza.

Então, suas mãos que haviam voltado a cair sobre o leito começaram um movimento contínuo, como se para pegar algo sobre os lençóis.

Sua mulher que começara a chorar, também balbuciava:

— Mas não, isso não é nada. É uma crise, amanhã estarás melhor, ficaste fatigado com o passeio.

A respiração de Forestier era mais rápida que a de um cão que acabou de correr, tão acelerada que não se podia contá-la e tão fraca que quase não se ouvia.

Ele continuava a repetir:

— Não quero morrer!... Oh! meu Deus... meu Deus... meu Deus... o que me acontecerá? Não verei mais nada... Mais nada... nunca mais... Oh! meu Deus!

Olhava para alguma coisa invisível para os outros, hedionda, pois seus olhos fixos refletiam o pavor. Juntas, suas duas mãos repetiam o gesto horrível e fatigante.

Subitamente, notaram que um arrepio brusco percorreu seu corpo todo, e ele balbuciou: — O cemitério...eu...meu Deus!...

Não falou mais. Permaneceu imóvel, desvairado e arquejante.

O tempo passava; souu meio-dia no relógio de um convento vizinho. Duroy saiu do quarto para comer alguma coisa. Voltou uma hora depois. A Sra. Forestier recusou-se a tomar algo. O doente não se mexera. Continuava a passar os dedos magros sobre o lençol, como se desejasse levá-lo ao rosto.

A jovem senhora sentara-se em uma poltrona, ao pé do leito. Duroy sentou-se em outra, ao lado dela, e esperaram em silêncio.

Chegara uma enfermeira, enviada pelo médico; ela cochilava perto da janela.

O próprio Duroy começara a adormecer quando teve a sensação de que algo acontecia. Abriu os olhos apenas com tempo para ver Forestier fechar os seus, como duas velas se extinguindo. Um pequeno soluço agitou a garganta do moribundo, dois filetes de sangue surgiram nos cantos de sua boca e depois correram sobre sua camisa. Suas mãos interromperam a hedionda peregrinação. Ele deixara de respirar.

Sua mulher compreendeu e, dando uma espécie de grito, caiu de joelhos, soluçando sobre o lençol. Surpreso e assustado, Georges fez maquinalmente o sinal de cruz. Tendo despertado, a enfermeira se aproximou do leito: “Acabou”, disse ela. Recuperando o sangue frio, Duroy murmurou com um suspiro de alívio: “Foi menos longo do que eu esperava”.

Logo que o primeiro sobressalto se dissipou, depois de vertidas as primeiras lágrimas, ocupou-se de todos os cuidados e de todas as diligências reclamadas por um morto. Duroy correu até a noite.

Ao voltar para casa, estava faminto. A Sra. Forestier comeu um pouco; depois, ambos se instalaram no quarto fúnebre para velar o corpo.

Duas velas queimavam sobre a mesa de cabeceira, ao lado de um prato onde boiava um ramo de mimosas, pois não haviam encontrado o ramo de pinheiro necessário.

O jovem senhor e a jovem senhora estavam sozinhos ao lado dele, que já não existia. Permaneceram ali sem falar, pensando, fitando-o.

Mas Georges, inquieto com o escuro perto daquele cadáver, o contemplava obstinadamente. Seus olhos e seu espírito não se despregavam dele, atraídos, fascinados por aquele rosto descarnado que a luz vacilante fazia parecer ainda mais escavado. Ali estava seu amigo, Charles Forestier, que lhe falara ainda ontem! Que coisa estranha e assustadora o fim completo de um ser! Oh! Lembrava-se agora das palavras de Norbert de Varenne, assombrado pelo medo da morte. — “jamais um ser voltou”. Nasceriam milhões e milhares de seres semelhantes, com olhos, nariz, boca, uma cabeça, e dentro dela um cérebro, sem que jamais aquele ser reaparecesse, o ser deitado naquele leito.

Ele vivera durante alguns anos, comera, rira, amara, esperara como todo mundo. E para ele terminara, findara para sempre. Uma vida! Alguns dias e nada mais! Nasce-se, cresce-se, é-se feliz, espera-se, depois se morre. Adeus! Homem ou mulher, jamais voltarão para a terra! Ainda assim, cada qual traz em si o desejo febril e irrealizável de alcançar a eternidade, cada qual é uma espécie de universo dentro do universo, e cada qual logo se aniquila totalmente no estrume dos novos germes. As plantas, os animais, os homens, as estrelas, os mundos, tudo se anima e depois morre para se transformar. E jamais um ser volta, seja inseto, homem ou planeta!

Um terror confuso, imenso e esmagador pesava sobre a alma de Duroy, o terror desse nada ilimitado, inevitável, destruindo indefinidamente todas as existências tão momentâneas e tão miseráveis. Ele já curvava a frente sob sua ameaça. Pensava nas moscas que vivem algumas horas, nos animais que vivem alguns dias, nos homens que vivem alguns anos, nas terras que vivem alguns séculos. No entanto, qual a diferença entre uns e outros? Algumas auroras a mais, eis tudo.

Desviou os olhos para não ver o cadáver.

De cabeça baixa, a Sra. Forestier também parecia pensar em coisas dolorosas. Seus cabelos louros estavam tão belos sobre seu rosto triste, que uma sensação doce como o toque de uma esperança passou pelo coração do rapaz. Por que ficar desolado, quando tinha ainda tantos anos diante dele?

Pôs-se a contemplá-la. Mas ela não o via, perdida em sua meditação. Ele pensava consigo mesmo: “No entanto, eis aí a única coisa na vida: o amor! Segurar nos braços uma mulher amada! Esse é o limite da felicidade humana”.

Que sorte tivera o morto que encontrar aquela companheira inteligente e encantadora. Como teriam se conhecido? Como consentira ela em se casar com aquele rapaz medíocre e pobre? Como conseguira que ele se tornasse alguém?

Então, pensou em todos os mistérios ocultos nas existências. Lembrou-se do que se sussurrava sobre o conde de Vaudred, que lhe dera um dote e a casara, pelo que diziam.

Que faria ela, agora? Com quem se casaria? Com um deputado, como acreditava a Sra. de Marelle, ou algum bonito de futuro, um Forestier superior? Teria ela projetos, planos, idéias decididas? Como desejaria saber! Mas por que essa preocupação com o que ela faria? perguntou-se ele, e percebeu que sua inquietude vinha de um desses pensamentos reservados, confusos e secretos que escondemos de nós mesmos e só descobrimos quando buscamos no fundo de nosso ser.

Sim, por que não tentar, ele mesmo, essa conquista? Como seria forte com ela, e temível! Como poderia subir depressa, ir longe, de modo seguro!

E por que não teria sucesso? Sentia que a agradava, que ela tinha por ele, mais que simpatia, uma dessas afeições que nascem entre duas naturezas semelhantes, que têm tanta sedução recíproca quanto uma espécie de cumplicidade muda. Ela sabia que ele era inteligente, resoluto, tenaz; podia ter confiança nele.

Não o fizera vir nessa circunstância tão grave? E por que o chamara? Não devia ver nisso uma espécie de escolha, uma espécie de confissão, uma espécie de desígnio? Se o escolhera exatamente nesse momento em que ficaria viúva, não seria porque, talvez, pensara naquele que poderia se tornar seu novo companheiro, seu aliado?

E um desejo impaciente de saber o invadiu, de interrogar, de conhecer suas intenções. Devia partir no dia seguinte, não podendo ficar sozinho com essa jovem senhora naquela casa. Assim sendo, precisava se apressar antes de voltar a Paris, precisava, com habilidade, com delicadeza, descobrir seus projetos, não deixar que ela voltasse e cedesse às solicitações de outro, talvez se comprometesse para sempre.

O silêncio do quarto era profundo; só se ouvia o balançar do pêndulo do relógio que, sobre a lareira, fazia seu tique-taque metálico e regular.

Ele murmurou:

— Deve estar muito cansada.

Ela respondeu:

— Sim, mas estou sobretudo acabrunhada.

O ruído de suas vozes os surpreendeu, soando de modo estranho naquele apartamento sinistro. Subitamente olharam para o rosto do morto como se esperassem vê-lo se mexer, escutá-lo falar, como fazia algumas horas antes.

Duroy continuou:

— Oh! É um grande golpe e uma mudança completa em sua vida, um verdadeiro transtorno no coração e na existência toda.

Ela suspirou longamente, sem responder.

Ele continuou:

— É muito triste uma mulher tão jovem encontrar-se sozinha como a senhora ficará.

Depois se calou. Ela não disse nada. Ele balbuciou: — Em todo caso, há o pacto celebrado entre nós. Sabe que pode dispor

de mim como desejar. Eu lhe pertença.

Ela estendeu-lhe a mão, lançando-lhe um desses olhares melancólicos e doces que nos comovem até a medula dos ossos:

— Obrigada, o senhor é bom, é excelente. Se eu ousasse ou pudesse fazer qualquer coisa pelo senhor, também diria: Conte comigo.

Ele tomara a mão oferecida e a prendera com um ardente desejo de beijá-la. Enfim decidiu-se e, aproximando devagar sua boca, segurou longamente contra os lábios a pele fina, cálida, febril e perfumada.

Quando sentiu que essa carícia de amigo tornar-se-ia prolongada demais, soube deixar cair à mão pequena. Ela voltou molemente para o joelho da jovem senhora, que disse gravemente:

— Sim, ficarei muito sozinha, mas esforçar-me-ei para ser corajosa.

Ele não sabia como fazê-la compreender que ficaria feliz, muito feliz de tê-la como esposa. Certamente não poderia lhe dizer naquela hora, naquele lugar, diante daquele corpo ; contudo, parecia-lhe que podia encontrar uma dessas frases ambíguas, convenientes e complicadas, que têm um sentido escondido sob as palavras, que exprimem tudo que se quer dizer através de reticências calculadas.

Mas o cadáver o constrangia, o cadáver rígido, estendido diante deles, que sentia entre eles. Aliás, há algum tempo parecia-lhe perceber no ar viciado do aposento um odor suspeito, um hálito podre vindo daquele peito decomposto, primeiro sopro que os pobres mortos, deitados em seus leitos, lançam aos parentes que os velam, o sopro horrível com o qual logo enchem o espaço oco de seus ataúdes.

Duroy perguntou:

— Não poderíamos abrir um pouco a janela? O ar me parece corrompido.

Ela respondeu:

— Claro que sim. Também acabei de perceber.

Ele foi até a janela e a abriu. Todo frescor perfumado da noite penetrou no aposento, agitando a chama das duas velas acesas perto do leito. Como na outra noite, a lua espalhava sua luz abundante e calma sobre os muros brancos das vilas e sobre o grande tapete lúcido do mar. Respirando a plenos pulmões, Duroy sentiu-se bruscamente cheio de esperanças, como que alçado pela fremente aproximação da felicidade.

Ele se voltou. — Venha então respirar um pouco de ar fresco, disse ele. O tempo está admirável.

Ela se aproximou tranquilamente e acomodou-se perto dele.

Então, ele murmurou em voz baixa: — Escute, e compreenda bem o que vou dizer. Sobretudo, não fique indignada por eu lhe falar tal coisa neste momento, mas eu a deixarei depois de amanhã, e quando voltar a Paris talvez já seja tarde demais. Eis o que tenho a dizer... Não sou mais que um pobre diabo sem fortuna, cuja posição ainda está para ser conquistada, como sabe. Porém, creio que tenho vontade, alguma inteligência, e estou em bom caminho. Com um homem bem sucedido, sabe-se o que se tem ; com um homem que começa, não se sabe onde irá chegar. Tanto pior, ou tanto melhor. Enfim, já lhe disse antes, em sua casa, que meu sonho mais caro seria me casar com uma mulher como a senhora. E repito-lhe hoje esse desejo. Não me responda. Deixe-me continuar. Este não é um pedido que lhe faço. O lugar e o instante torná-lo-iam odioso. Só desejo que não ignore que a senhora poderá fazer de mim um amigo fraterno ou um marido, como desejar, e que meu coração e minha pessoa lhe pertencem. Não quero que me responda agora ; não quero que falemos novamente sobre isso. Quando nos virmos novamente em Paris, a senhora me fará compreender o que resolveu. Até lá, nem mais uma palavra, está bem?

Falara isso tudo sem olhar para ela, como se tivesse semeado suas palavras na noite diante dele. Ela parecia não ter compreendido, pois permanecera imóvel, também olhando, com olhar fixo e vago, a grande e pálida paisagem iluminada pela lua.

Ficaram muito tempo lado a lado, cotovelo contra cotovelo, silenciosos, meditando.

Depois, ela murmurou: — Está um pouco frio — e voltou a se aproximar do leito. Ele a seguiu.

Ao se avizinhar, viu que, verdadeiramente, Forestier começava a cheirar ; afastou sua poltrona, pois não poderia suportar por muito tempo aquele odor de podridão, e disse: — Será preciso colocá-lo no caixão logo cedo.

Ela respondeu:

— Sim, sim, já está combinado ; o carpinteiro virá por volta das 8h.

Duroy suspirou: “Pobre rapaz!” Por sua vez, ela soltou um grande suspiro de resignação ferida.

Olhavam para ele com menos frequência, já acostumados com a ideia desse falecimento, começando a admitir mentalmente essa morte que há pouco ainda os revoltava e indignava; eles, que também eram mortais.

Não falaram mais, continuando a velar de modo conveniente, sem dormir. Contudo, perto da meia-noite, Duroy foi o primeiro a adormecer. Quando acordou, viu que a Sra. Forestier também cochilava e, tendo adotado uma postura mais cômoda, fechou os olhos outra vez, resmungando: “Santo Deus! Apesar de tudo, é mais confortável entre os lençóis”.

Um ruído súbito o sobressaltou. A enfermeira entrava. Já era dia claro. Na poltrona diante dele, a jovem senhora também parecia tão surpresa quanto ele. Estava um pouco pálida, mas bonita como sempre, fresca e gentil apesar da noite passada em uma cadeira.

Tendo olhado para o cadáver, Duroy estremeceu — Oh! sua barba! — Em algumas horas, sobre aquela carne em decomposição, a barba crescera tanto quanto teria crescido em alguns dias no rosto de um vivente. Espantaram-se com a vida que continuava nesse morto como diante de um prodígio horrendo, diante de uma ameaça sobrenatural de ressurreição, diante de uma das coisas anormais, assustadoras, que transtornam e confundem a inteligência.

Em seguida, os dois foram repousar até onze horas. Depois, colocaram Charles no caixão e logo sentiram-se mais leves e mais serenos. Sentaram-se um diante do outro para almoçar, com uma vontade viva de falar de coisas consoladoras, mais alegres, de voltar a viver, pois haviam terminado com a morte.

Pela janela aberta entrava o doce calor da primavera, trazendo consigo o sopro perfumado do canteiro de cravos, florido diante da porta.

A Sra. Forestier propôs a Duroy darem uma volta pelo jardim e eles caminharam devagar ao redor do pequeno relvado, respirando deliciosamente o ar cálido, cheio do odor dos pinheiros e dos eucaliptos.

De repente, ela lhe falou sem voltar a cabeça em sua direção, como ele lhe falara durante a noite, lá em cima. Pronunciou as palavras lentamente, com voz baixa e séria:

— Ouça, caro amigo, já... refleti bastante... sobre o que me propôs, e não quero deixá-lo partir sem uma resposta. Aliás, não lhe direi que sim, nem que não. Esperaremos, veremos, iremos nos conhecer melhor. Por sua vez, também reflita bastante. Não se deixe levar por um arrebatamento fácil demais. Porém, se eu lhe falo sobre isso antes mesmo que o pobre Charles tenha descido à tumba é porque acho importante que saiba bem quem eu sou para não alimentar por muito tempo o pensamento que me exprimi, se não possuir um caráter que lhe permita me compreender e tolerar.

Compreenda bem. Para mim, o casamento não é uma prisão, é uma associação. Quero ser livre, totalmente livre em todos os meus atos, meus passos, minhas saídas, sempre. Eu não toleraria controle, ciúmes, nem discussões sobre minha conduta. Que fique bem entendido que me eu comprometeria a jamais prejudicar o nome do homem com quem me casasse, e jamais o tornaria odioso ou ridículo. Mas também seria preciso que esse homem visse em mim uma igual, uma aliada, não uma inferior nem uma esposa obediente e submissa. Sei que minhas ideias não são as de todo mundo, mas eu não mudaria de maneira alguma. Isso é tudo.

Também acrescentou: Não me responda, seria inútil e inconveniente. Tornaremos a nos ver mais tarde, e falaremos de tudo isso.

— Agora, vá dar uma volta. Eu voltarei para perto dele. Até a noite.

Ele beijou longamente sua mão e afastou-se sem pronunciar qualquer palavra.

À noite, viram-se somente na hora do jantar. Em seguida, recolheram-se aos seus quartos, pois estavam moídos de cansaço.

Sem qualquer pompa, Charles Forestier foi enterrado no dia seguinte no cemitério de Cannes. Georges Duroy quis embarcar no expresso de Paris que passava à 1h30.

A Sra. Forestier o conduziu à estação. Ambos passearam tranquilamente pela plataforma enquanto aguardavam a hora da partida, e falaram de coisas indiferentes.

O trem chegou, muito pequeno, um verdadeiro expresso, não tendo mais que cinco vagões.

O jornalista escolheu seu lugar, depois voltou a descer para conversar com ela mais alguns instantes, invadido por uma tristeza, uma amargura, um violento sofrimento por deixá-la, como se fosse perdê-la para sempre.

Um funcionário gritou: “Marseille, Lyon, Paris, embarcar!” Duroy subiu, depois postou-se na portinhola para lhe dizer ainda algumas palavras. A locomotiva apitou e o comboio pôs-se em marcha devagar.

Pendurado para fora do vagão, o rapaz olhava a moça imóvel sobre a plataforma, seguido-o com o olhar. Subitamente, quando estava prestes a perdê-la de vista, levou as duas mãos até a boca e enviou-lhe um beijo.

Ela retribuiu com um gesto mais discreto, hesitante, apenas esboçado.

SEGUNDA PARTE

Georges Duroy voltara a todos os seus antigos hábitos.

Agora instalado no pequeno apartamento térreo da Rua Constantinople, vivia economicamente, como homem que se prepara para uma nova existência. Suas relações com a Sra. de Marelle tinham adquirido uma feição conjugal, como se ele tivesse se acostumado ao acontecimento seguinte ; e sua amante, frequentemente espantada com a tranquilidade regrada de sua união, repetia rindo: “És ainda mais caseiro que meu marido, não valia a pena trocá-lo”.

A Sra. Forestier ainda não voltara. Permanecera por mais tempo em Cannes. Ele recebeu uma carta anunciando sua volta apenas para o meio de abril, sem uma palavra de alusão à despedida deles. Esperou. Estava resolvido a empregar todos os meios para desposá-la, se ela parecesse hesitar. Porém, tinha confiança em sua sorte, confiança nessa força de sedução que sentia possuir, força vaga e irresistível que afetava todas as mulheres.

Um bilhete curto avisou que a hora decisiva estava para soar.

Estou em Paris. Venha me visitar.

MADELEINE FORESTIER

Nada mais. Fora entregue pelo correio das 9h. Ele entrou na casa dela às 3h do mesmo dia.

Ela lhe estendeu as duas mãos, sorrindo seu sorriso amável ; fitaram-se durante alguns segundos, no fundo dos olhos.

Depois, ela murmurou: — Como foi bom o senhor ter ido para lá naquelas circunstâncias terríveis.

Ele respondeu: — Eu faria tudo que me ordenasse.

Sentaram-se. Ela se informou das novidades, dos Walter, de todos os companheiros do jornal. Sempre pensava no jornal.

— Faz-me muita falta, dizia ela, muita, mesmo. Acabei tendo alma de jornalista. O que posso fazer? Adoro esse trabalho.

Depois, calou-se. Nesse sorriso, no tom de sua voz, nas próprias palavras, ele acreditou perceber uma espécie de convite ; e apesar de ter prometido a si mesmo não precipitar as coisas, balbuciou: — Bem!...por que...por que não retomar... esse trabalho ... sob... sob o nome Duroy?

De imediato, ela ficou séria e, colocando a mão em seu braço, murmurou: — Não vamos falar sobre isso, ainda.

Mas ele adivinhou que ela aceitava, e ajoelhando diante dela, beijou apaixonadamente suas mãos, repetindo, gaguejando: — Obrigado, obrigado, como eu a amo!

Ela se levantou. Ele fez o mesmo e notou que ela estava muito pálida. Então, compreendeu que lhe agradava, talvez há tempos ; e como estavam face a face, ele a abraçou e beijou-lhe a fronte, um beijo longo, terno e sério.

Quando se desvencilhou, deslizando sobre seu peito, ela continuou em tom grave:

— Escute, meu amigo, ainda não me decidi. Contudo, pode ser que seja sim. Mas vai me prometer segredo absoluto até que eu o libere.

Ele jurou, depois partiu com o coração transbordando de alegria.

Dali por diante, foi muito discreto nas visitas que lhe fez e não solicitou um consentimento mais preciso, pois ela possuía um jeito de falar do futuro, de dizer “mais tarde”, de fazer projetos em que se mesclavam suas existências, que respondiam sem cessar, melhor e mais delicadamente que uma aceitação formal.

Duroy trabalhava com afinco, gastava pouco, tratava de economizar para não chegar sem um soldo ao momento do casamento, e tornara-se tão avarento quanto fora pródigo.

Passou-se o verão, depois o outono, sem que qualquer pessoa suspeitasse de qualquer coisa, pois viam-se pouco e do modo mais natural do mundo.

Uma noite, Madeleine lhe disse, olhando-o no fundo dos olhos: — Ainda não anunciou nosso projeto à Sra. De Marelle?

— Não, minha amiga. Como lhe prometi segredo, não abri a boca a nenhuma alma vivente.

— Muito bem, mas já é tempo de preveni-la. Eu me encarrego dos Walter. Isso será feito ainda esta semana, não é?

Ele enrubescera. — Sim, amanhã.

Ela desviou os olhos devagar, como para não presenciar sua perturbação, e continuou: — Se quiser, podemos nos casar no início de maio. Será bastante conveniente.

— Obedeço-lhe em tudo, com alegria.

— Dia 10 de maio, que é um sábado, me agradaria muito, pois é meu aniversário.

— Que seja, 10 de maio.

— Seus pais moram perto de Rouen, não é? Pelo menos, foi o que me disse.

— Sim, perto de Rouen, em Canteleu.

— O que fazem eles?

— São... são pequenos capitalistas.

— Ah! Tenho grande desejo de conhecê-los.

Ele hesitou, perplexo: — Mas...é que, são ...

Depois, resolveu agir como homem verdadeiramente forte: — Cara amiga, são camponeses, estalajadeiros que mourejaram muito para que eu pudesse estudar. Não me envergonho deles, mas sua... simplicidade... sua... rusticidade talvez pudesse constrangê-la.

Ela sorriu deliciosamente, o rosto iluminado por uma doce bondade.

— Não. Amá-los-ei muito. Iremos vê-los. Eu o desejo. Voltarei a lhe falar sobre isso. Também sou filha de pessoas simples... mas perdi meus pais. Não tenho mais ninguém no mundo... — ela estendeu-lhe a mão e acrescentou... — além do senhor.

Ele se sentiu enternecido, emocionado, conquistado como jamais se sentira por nenhuma outra mulher.

— Pensei em algo, mas é bastante difícil de explicar.

Ele perguntou: — Em quê?

— Está bem, meu querido, é que sou como todas as mulheres e tenho minhas... fraquezas, minhas pequenezas, amo tudo que brilha, tudo que soa bem. Adoraria ter um nome nobre. Será que, na ocasião do nosso casamento, o senhor não poderia se enobrecer um pouco?

Ela corou como se houvesse proposto uma indelicadeza.

Ele respondeu simplesmente: — Já pensei nisso com alguma frequência, mas não me parece fácil.

— E por quê?

Ele pôs-se a rir: — Porque temo tornar-me ridículo.

Ela levantou os ombros: — Mas de modo nenhum. Todo mundo faz isso e ninguém ri. Separe seu nome em dois: “Du Roy”. Fica muito bem.

Ele respondeu de imediato, como homem que conhece a questão:

— Não, não fica. É um procedimento simples demais, comum demais, conhecido demais. No início, pensei em adotar o nome de minha terra como pseudônimo literário, depois, pouco a pouco juntá-lo ao meu, e ainda mais tarde, separar meu nome em dois, como sugeri.

Ela perguntou: — Sua terra é Canteleu?

— Sim.

Mas ela hesitava: — Não. Não gosto da terminação. Vejamos, será que não poderíamos modificar um pouco essa palavra... Canteleu?

Ela pegara uma caneta que estava sobre a mesa e rabiscava nomes, estudando sua aparência. Subitamente, exclamou: Veja, veja, eis aqui.

E estendeu-lhe o papel onde se lia “Senhora Duroy de Cantel”.

Ele refletiu por alguns segundos, depois declarou com gravidade:

— Sim, está muito bom.

Ela estava encantada e repetia:

— Duroy de Cantel, Duroy de Cantel, Senhora Duroy de Cantel. Excelente, excelente!

Com ar convencido, acrescentou: — E verá como é fácil fazer com que seja aceito por todo mundo. Mas é preciso agarrar a ocasião, ou será tarde demais. A partir de amanhã, assinará suas crônicas como D. de Cantel, e seus boatos simplesmente como Duroy. Isso é feito todos os dias na imprensa e ninguém se espantará com o fato de ter adotado um nome de guerra. No momento de nosso casamento, podemos modificar um pouco tudo isso dizendo aos amigos que o senhor havia renunciado ao du por modéstia, devido à sua posição, ou não dizer absolutamente nada. Qual o prenome de seu pai?

— Alexandre.

Ela o repetiu duas ou três vezes: “Alexandre, Alexandre”, ouvindo a sonoridade das sílabas, depois escreveu em uma folha em branco: “O Senhor e a Senhora Alexandre du Roy de Cantel têm a honra de participar o casamento do Senhor Georges du Roy de Cantel, seu filho, com a Senhora Madeleine Forestier”.

Ela olhou o que escrevera de um pouco mais longe, e declarou: — Com um pouco de método, conseguimos tudo o que queremos.

Quando chegou à rua, bem determinado a agora se chamar du Roy, e mesmo du Roy de Chantel, pareceu-lhe que acabava de atingir uma nova importância. Caminhava com mais confiança, a cabeça mais alta, o bigode mais orgulhoso, como deve andar um cavalheiro. Sentia uma espécie de alegre vontade de contar aos transeuntes: — Meu nome é du Roy de Cantel.

Porém, assim que chegou em casa, a lembrança da Sra. de Marelle o inquietou e ele lhe escreveu para marcar um encontro para o dia seguinte.

“Vai ser duro, pensou ele. Vou enfrentar uma tempestade de primeira ordem”.

Depois, pensou em outra coisa com a indiferença natural que o fazia se esquecer das coisas desagradáveis da vida, e pôs-se a escrever um artigo fantasioso sobre os novos impostos que deviam ser estabelecidos para assegurar o equilíbrio do orçamento.

Nele, apresentou a partícula nobilitária pagando cem francos por ano, e os títulos, de barão até príncipe, de quinhentos a mil francos.

E assinou: “D. de Cantel”.

No dia seguinte, recebeu um azulzinho de sua amante, anunciando que chegaria à lh.

Ele a esperou um pouco febril, resolvido a precipitar as coisas, a dizer tudo desde o início e depois, após a primeira emoção, argumentar com sabedoria para demonstrar que não podia permanecer mancebo indefinidamente, e como o Sr. de Marcelle obstinava-se a continuar vivo, ele precisara procurar outra pessoa para torná-la sua companheira legítima.

Contudo, sentia-se emocionado. Quando ouviu a campainha, seu coração disparou.

Ela se atirou em seus braços. — Boa tarde, Bel-Ami. — Em seguida, achando frio o seu abraço, olhou para ele e perguntou: — Que tens?

— Senta-te, disse ele. Precisamos conversar seriamente.

Ela sentou-se sem tirar o chapéu, somente levantando o véu até acima da testa, e esperou.

Ele baixara os olhos. Preparara o início. Começou com voz lenta:

— Minha querida amiga, tu me vês muito perturbado, muito triste e muito envergonhado pelo que tenho a dizer. Amo-te muito, amo-te de verdade, do fundo do coração, e o medo de te magoar me aflige mais que a própria notícia que vou te dar.

Ela empalideceu, trêmula, e balbuciou: — O que houve? Dize depressa!

Ele disse com um tom triste, mas resoluto, com aquele desânimo fingido usado para anunciar as desgraças felizes: — O que há é que vou me casar.

Ela deu um suspiro de mulher que vai perder a consciência, um suspiro doloroso vindo do fundo do peito, e começou a sufocar, ofegante, sem poder falar.

Vendo que ela não dizia nada, continuou: — Não imaginas o quando sofri antes de tomar essa resolução. Mas não tenho situação nem dinheiro. Estou sozinho, perdido em Paris. Precisava de alguém que fosse sobretudo conselheira, consolo e apoio. Foi uma associada, uma aliada que procurei e encontrei!

Calou-se esperando que ela respondesse, esperando uma cólera furiosa, violência, injúrias.

Ela apoiou uma das mãos sobre o coração como para contê-lo, respirando sempre por tremores penosos que lhe levantavam os seios e movimentavam sua cabeça.

Ele pegou a mão que ficara sobre o braço da poltrona, mas ela a retirou bruscamente. Depois, murmurou como se tomada por uma espécie de entorpecimento: — Oh!... Meu Deus...

Ele se ajoelhou diante dela, sem ousar tocá-la, e balbuciou, mais emocionado por esse silêncio do que ficaria com demonstrações de cólera: — Clo, minha pequena Clo, compreende bem minha situação, compreende bem quem eu sou. Oh! se eu pudesse te desposar, que felicidade! Mas és casada. Que posso fazer? Reflete, vamos, reflete! Preciso encontrar um lugar no mundo e não conseguirei fazê-lo sem ter uma casa. Se soubesses!... Havia dias em que eu tinha vontade de matar teu marido...

Ele falava com voz doce, velada, sedutora, uma voz que entrava pelos ouvidos como música. Viu duas lágrimas crescerem lentamente nos olhos fixos de sua amante, depois rolares pelo seu rosto enquanto outras duas já se formavam na borda de suas pálpebras.

Ele murmurou: — Oh! não chora, Clo, não chora, eu te suplico. Partes meu coração.

Então, ela fez um esforço, um grande esforço para ser digna e corajosa, e perguntou com aquele tom trêmulo de mulheres que estão prestes a soluçar: — Quem é?

Ele hesitou um segundo, depois, compreendendo que era preciso, disse:— Madeleine Forestier.

A Sra. de Marelle teve um estremecimento que lhe sacudiu todo o corpo. Em seguida permaneceu muda, pensando com tal atenção que parecia ter esquecido que ele estava aos seus pés.

E duas gotas transparentes se formavam sem cessar em seus olhos, tombavam e voltavam a se formar.

Levantou-se. Duroy adivinhou que ela partiria sem lhe dizer uma palavra. Sem recriminações e sem perdão ; sentiu-se magoado com isso, humilhado até o fundo da alma. Desejando retê-la, segurou seu vestido, abraçando através do tecido suas pernas roliças, que sentiu se retesarem para resistir.

Ele suplicou: — Eu rogo, não te vás assim. Então, ela o olhou de alto a baixo com aquele olhar alagado, desesperado, tão encantador e tão triste que mostrava toda a dor de um coração de mulher, e balbuciou: — Não tenho... Não tenho nada a dizer... não tenho... nada a fazer... Tens... tens razão... tu... tu... escolheste bem o que era melhor para ti ...

E desvencilhando-se com um movimento para trás, ela se foi sem que ele tentasse prendê-la por mais tempo.

Sozinho, levantou-se aturdido como se tivesse recebido uma pancada na cabeça ; depois, aprumando-se, murmurou: — Pois bem, tanto pior ou tanto melhor. Terminou... sem cenas. Foi melhor assim. — E aliviado de um peso enorme, sentindo-se livre, liberto, à vontade para viver sua nova vida, pôs-se a boxear contra a parede, lançando grandes golpes de punho em uma espécie de embriaguês de sucesso e de força, como se tivesse lutado contra o Destino.

Quando a Sra. Forestier lhe perguntou: — Avisou a Sra. de Marelle?

Ele respondeu com tranquilidade: — Sim...

Ela o fitou com seu olhar claro.

— E ela não se perturbou?

— Não, absolutamente. Ao contrário, achou muito bom.

A notícia logo foi conhecida. Alguns se espantaram, outros fingiram ter previsto, outros ainda sorriram, dando a entender que isso não os surpreendia.

O jovem que agora assinava suas crônicas como D. de Cantel, seus boatos como Duroy, e os artigos políticos que começava a escrever de tempos em tempos como du Roy, passava metade dos dias na casa de sua noiva, a quem tratava com uma familiaridade fraternal onde havia, porém, uma ternura verdadeira, mas velada, uma espécie de desejo dissimulado como

fraqueza. Ela decidira que o casamento seria realizado em segredo, somente com a presença das testemunhas, e que partiriam no mesmo dia para Rouen. No dia seguinte, beijariam os velhos pais do jornalista e ficariam com eles durante alguns dias.

Duroy esforçara-se para ela renunciar a esse projeto, mas como não conseguira, por fim se submetera.

Portanto, no dia 10 de maio, julgando inúteis as cerimônias religiosas, pois não haviam convidado ninguém, depois de uma curta passagem pelo cartório de paz, os recém casados voltaram para casa para fechar as malas e, na Estação Saint-Lazare, pegaram o trem das 6h da tarde, que os levou para a Normandie.

Não haviam trocado 20 palavras até o momento em que se encontraram sozinhos no vagão. Assim que se sentiram a caminho, puseram-se a rir para esconder certo acanhamento que não queriam demonstrar.

O trem atravessou devagar a longa plataforma dos Batignolles, depois transpôs a planície horrível que vai das fortificações até o Sena.

De tempos em tempos, Duroy e sua mulher pronunciavam algumas palavras inúteis, depois voltavam-se de novo para a janela.

Quando passaram a ponte Asnières, uma alegria os invadiu à vista do rio coberto de barcos, de pescadores e de canoieiros. O sol, um possante sol de maio, espalhava sua luz oblíqua sobre as embarcações e sobre o rio calmo que parecia imóvel, sem corrente e sem redemoinhos, congelado sob o calor e a claridade do dia que findava. No meio do rio, tendo desfraldado seus dois triângulos de tela branca para colher os menores sopros de brisa, um barco a vela parecia um enorme pássaro prestes a levantar voo.

Duroy murmurou:

“Adoro os arredores de Paris, tenho lembranças de almoços que foram os melhores de minha vida”.

Ela respondeu:

“E os botes! Como é bom deslizar sobre a água ao por do sol”.

Depois calaram-se como se não ousassem continuar esses desabafos sobre suas vidas passadas, e permaneceram calados, talvez já saboreando a poesia dos queixumes.

Sentado diante de sua mulher, Duroy tomou-lhe a mão e a beijou lentamente.

“Quando voltarmos iremos jantar em Chatou algumas vezes”, disse ele.

Ela murmurou: “Teremos tantas coisas para fazer!”, com um tom que parecia significar: “Será preciso sacrificar o agradável em favor do útil”.

Ele continuava a segurar sua mão, perguntando-se com inquietude como chegaria às carícias. Ele jamais se perturbara diante da ignorância de uma mocinha; mas a inteligência alerta e sagaz que sentia em Madeleine embaraçava sua atitude. Temia parecer simplório, tímido demais ou brutal demais, muito lento ou muito afoito.

Ele segurava essa mão com pequenas pressões, sem que ela respondesse ao seu apelo. Ele disse: “Parece muito engraçado a senhora ser minha mulher”.

Ela pareceu surpresa:

“Por quê?”

— Não sei. Parece-me engraçado. Tenho vontade de beijá-la e espanto-me por não ter esse direito.

Ela ofereceu-lhe tranquilamente o rosto, que ele beijou como beijaria uma irmã.

Ele continuou:

A primeira vez que a vi (sabe, aquele jantar para o qual fui convidado por Forestier), pensei: “Santo Deus, se eu pudesse descobrir uma mulher como essa...”. Pois bem, está feito. Eu a tenho.

Ela murmurou:

“É muito gentil”. E olhava diretamente para ele, com delicadeza, com o olhar sempre sorridente.

Ele pensava: “Sou muito frio. Estúpido. Devia ir mais rápido”. Então perguntou:

“Como conheceu Forestier?”

Com malícia provocante, ela respondeu:

“Vamos a Rouen para falar sobre ele?”

Ele corou: “Sou um tolo. A senhora me intimida muito”.

Ela ficou encantada: “Eu? Não é possível? Por quê?”

Ele sentara ao lado dela, bem perto. Ela exclamou: “Oh! Um cervo!”

O trem atravessava a floresta de Saint-Germain e ela vira um assustado cabrito montês atravessar uma aleia com um único salto.

Como Duroy estava inclinado enquanto ela observava pela janela aberta, ele pousou um longo beijo, um beijo de amante nos cabelos de seu pescoço.

Ela permaneceu imóvel durante alguns momentos; depois, levantando a cabeça, disse:

“O senhor me faz cócegas, pare com isso”.

Mas ele não parou e, em uma carícia enervante e prolongada, continuou passeando o bigode frisado pela sua pele branca.

Ela estremeceu:

“Pare com isso”.

Ele segurava sua cabeça com a mão direita, que deslizara para trás dela, e a virou para si. Depois, atirou-se sobre sua boca como um falcão se atira sobre sua presa.

Ela se debatia, o empurrava, tentava se desvencilhar. Por fim, conseguiu e repetiu:

“Pare com isso”.

Ele deixara de ouvir e a abraçava, beijava com boca ávida e fremente, tentando deitá-la de costas sobre as almofadas do vagão.

Ela se desvencilhou com grande esforço e, levantando-se com vivacidade, falou:

“Oh! O que é isso, Georges? Pare. Não somos mais crianças. Podemos esperar até Rouen”.

Ele continuou sentado, muito vermelho, gelado por essas palavras razoáveis; depois, tendo recuperado algum sangue frio, disse: “Está bem, esperarei, mas não mais cairei no ridículo de dizer mais 20 palavras até a chegada, disse ele alegremente. E olhe que estamos atravessando Poissy.

— Sou eu quem falará, disse-ela.

E sentou-se docemente ao lado dele.

Então, falou com precisão do que fariam quando voltassem. Deviam conservar o apartamento onde ela morara com seu primeiro marido, e Duroy também herdaria as funções e o tratamento de Forestier no La Vie Française.

Além disso, antes de sua união, com uma segurança de homem de negócios, ela tomara conta de todos os detalhes financeiros do casal.

Estavam casados sob o regime de separação de bens, e todos os casos que pudessem ocorrer estavam previstos: morte, divórcio, nascimento de um ou de vários filhos. O rapaz levava quatro mil francos, segundo declarara, mas para completar essa soma, fizera um empréstimo de mil e quinhentos francos. O resto provinha de economias feitas durante o ano, na previsão do acontecimento. A moça levava 40 mil francos, deixados como herança por Forestier, segundo declaração sua.

Ela voltou a falar sobre ele, citando seu exemplo:

“Era um rapaz muito econômico, muito organizado, muito trabalhador. Teria feito fortuna em pouco tempo”.

“Duroy deixara de escutar, ocupado com outros pensamentos”.

Ela às vezes parava para refletir sobre uma ideia íntima, depois continuava:

“Daqui a três ou quatro anos, você pode ganhar entre 30 e 40 mil francos por ano. Seria o que Charles ganharia, se vivesse”.

Georges, que começava a achar essa lição muito longa, respondeu:

“Pensei que não fôssemos a Rouen para falar sobre ele”.

Ela lhe deu um tapinha no rosto:

“É verdade, procedi mal”.

Ela ria.

Com afetação, mantinha as mãos sobre os joelhos, como os meninos bem comportados.

“Desse modo, o senhor parece bem simplório”, disse ela.

Ele replicou:

“É meu papel, como, aliás, a senhora lembrou-me há pouco, e não vou abandoná-lo mais”.

— Por quê?

— Porque caberá à senhora a direção da casa e também de minha pessoa. Na verdade, como viúva, isso lhe compete!

Ela se espantou:

“O que quer dizer com isso?

— Que a senhora tem uma experiência que deve dissipar minha ignorância, e uma prática com o casamento que deve abolir minha inocência de celibatário, só isso!

Ela exclamou:

“Isso é demais!”

Ele respondeu:

“É isso mesmo. Não conheço as mulheres, enquanto que a senhora conhece os homens, e como é viúva, é a senhora quem deve se encarregar da minha educação... esta noite. Se desejar, poderá começar agora mesmo”.

Ela exclamou, muito divertida:

“Oh! Não conte comigo para isso!...”

Ele continuou, com voz de colegial que gagueja sua lição:

“Mas... estou contando com isso... Espero mesmo que seja uma instrução sólida... em 20 lições... dez para os elementos... leitura e gramática... dez para os aperfeiçoamentos e a retórica... Não sei absolutamente nada”.

Ela exclamou, divertindo-se muito:

“É um tolo”.

Ele continuou:

“Como começa a me tratar por tu, passarei a imitar teu exemplo e te direi meu amor, que te adoro cada vez mais, de segundo a segundo, e que acho que Rouen fica muito longe!”

Ele agora falava com entonações de ator, com caretas agradáveis que divertiam a moça habituada às maneiras e jovialidades da grande boemia dos homens de letras.

Ela o observava de lado, achando-o verdadeiramente encantador, experimentando essa vontade que se tem de provar o fruto ao pé da árvore, e a hesitação da razão, que aconselha esperar o jantar para comê-lo na hora certa.

Então, enrubescendo um pouco devido aos pensamentos que a assaltava, ela disse:

“Meu pequeno discípulo, acredite em minha experiência, na minha grande experiência. Os beijos dados no trem não valem nada. Só perturbam o estômago”.

Em seguida, corou ainda mais e murmurou:

“Não se deve cortar o trigo cedo demais”.

Ele riu, excitado pelos subentendidos que ouvia saindo daquela boca bonita; fez o sinal da cruz com um resmungo, como se tivesse murmurado uma prece, e depois declarou: “Acabo de me colocar sob a proteção de Santo Antônio, patrono das Tentações. Agora sou de bronze”.

A noite chegava docemente, sua sombra transparente envolvendo o extenso campo que se estendia à direita, como um leve crepe. O trem acompanhava o Sena, e os jovens puseram-se a olhar o rio que se desenrolava com uma larga fita de metal polido ao lado da via férrea, reflexos rubros, manchas tombadas dos céus que o sol poente salpicara de púrpura e de fogo. Essas luzes se extinguíam pouco a pouco, tornando-se escuras, sombreando-se. E o se campo afogava no negrume com um arrepio sinistro, um arrepio de morte que cada crepúsculo faz passar pela terra.

Entrando pela janela aberta, essa melancolia noturna penetrava nas almas dos dois esposos agora silenciosos, tão alegres há pouco tempo.

Haviam se aproximado um do outro para observar a agonia do dia, desse belo e claro dia de maio.

Em Mantes, tinham acendido um pequeno candeeiro a óleo que espalhava sua claridade amarela e trêmula sobre o tecido cinzento dos estofados.

Duroy enlaçou a cintura de sua mulher e a apertou contra si. Seu agudo desejo de pouco tempo atrás se transformara em ternura, uma ternura enlanguescida, uma vontade branda de pequenas carícias consoladoras, dessas carícias com que embalamos crianças.

Ele murmurou baixinho:

“Eu te amarei muito, minha pequena Made”.

A doçura dessa voz emocionou a moça, fez passar sobre sua pele um frêmito rápido, e ela lhe ofereceu a boca inclinando-se sobre ele, pois o moço encostara o rosto sobre o tépido apoio dos seios.

Foi um beijo longo, mudo e profundo, depois um sobressalto, uma loucura brusca e esmagadora, uma curta luta sufocada, uma posse violenta e desajeitada. Depois, ficaram nos braços um do outro, ambos um pouco desapontados, cansados e ainda ternos, até que o apito do trem anunciou uma estação próxima.

Ajeitando com a ponta dos dedos os cabelos desfeitos sobre as têmporas, ela declarou: “Isso é muito tolo. Somos umas crianças”.

Mas beijando-lhe as mãos, indo de uma para outra com uma rapidez febril, ele respondeu: “Eu te adoro, minha pequena Made”.

Ficaram quase imóveis até Rouen, face contra face, olhos na noite divisada pela janela onde, às vezes, viam passar as luzes das casas; e sonharam, contentes por estarem tão próximos, sentindo a crescente esperança de uma união mais íntima e mais livre.

Hospedaram-se em um hotel cujas janelas davam para o cais e meteram-se na cama logo depois de terem ceado um pouco, muito pouco. A camareira os acordou no dia seguinte, logo depois do soar das 8 horas.

Depois de tomarem a xícara de chá colocada na mesa de cabeceira, Duroy olhou para sua mulher e, bruscamente, em um arrebatamento alegre de homem feliz que acaba de encontrar um tesouro, tomou-a nos braços, balbuciando: “Minha pequena Made, sinto que te amo muito... muito... muito...”

Ela sorriu seu sorriso confiante e satisfeito e murmurou, retribuindo-lhe os beijos:

“Eu também... talvez”.

Porém, ele continuava inquieto com relação à visita aos seus pais.

Já avisara várias vezes sua mulher; ele a preparara, admoestara. Achou que seria melhor recomeçar.

“Sabes, são camponeses, camponeses do campo e não da ópera cômica”.

Ela riu:

“Já sei, já me disseste muitas vezes. Vamos, levanta-te e deixa que eu também me levante”.

Ele saiu da cama, e calçando os chinelos, disse:

“Ficaremos muito mal acomodados, na casa. Muito mal. No meu quarto só há um velho leito de palha. Em Canteleu ninguém conhece os colchões”.

Ela pareceu encantada:

“Tanto melhor. Vai ser ótimo dormir mal... perto de... perto de ti... e despertar com o canto dos galos”.

Ela vestiu seu roupão, um grande roupão de flanela branca que Duroy reconheceu de imediato. Essa vista lhe foi desagradável. Por quê? Sabia que sua mulher possuía uma dúzia de roupas matutinas. Ela não podia destruir seu enxoval para comprar um novo? Ora, ele desejaria que suas roupas de quarto, suas roupas de noite, suas roupas de amor não fossem as mesmas que ela usara com o outro. Parecia-lhe que o tecido macio e quente guardara qualquer coisa do contato com Forestier.

Foi até a janela, acendendo um cigarro. Apesar de conhecer há muito tempo, ficou emocionado a vista do porto, do largo rio cheio de navios de mastros leves, dos vapores atarracados que máquinas giratórias descarregavam no cais, fazendo grande ruído. Exclamou:

“Santo Deus, que bonito!”

Madeleine se aproximou e, pousando as duas mãos sobre um ombro do marido, inclinada sobre ele em um gesto de abandono, encantou-se emocionada. Ela repetia: “Oh! Como é lindo! Como é lindo! Não sabia que havia tantos navios!”

Partiram uma hora mais tarde, pois deviam almoçar na casa dos velhos, já avisados há alguns dias. Um fiacre descoberto e enferrujado os levou, com barulho de latas sacudidas. Seguiram por um longo bulevar bastante feio, depois atravessaram praias por onde corria um rio e a seguir começaram a subir a encosta.

Cansada, Madeleine adormecera sob a penetrante carícia do sol que a aquecia deliciosamente no fundo do carro, como se estivesse deitada em um tépido banho de luz e de ar campestre.

Seu marido a despertou.

“Olha”, disse ele.

Haviam parado a dois terços da subida da encosta, um local famoso pela vista, para onde levavam todos os viajantes.

Dali, dominava-se o imenso vale, longo e largo, que o rio percorria de uma ponta à outra, em grandes ondulações. Era possível vê-lo vindo de longe, pontilhado por numerosas ilhas, descrevendo uma curva antes de atravessar Rouen. Depois, a cidade surgia na margem direita, um pouco afogada na bruma matinal, com o reflexo do sol sobre os telhados e seus mil campanários delicados, pontiagudos ou atarracados, frágeis ou trabalhados como jóias gigantes, suas torres quadradas ou redondas cobertas de coroas heráldicas, suas torres de vigia, seus torreões, toda a multidão gótica dos picos das igrejas, dominada pela flecha aguda da catedral, surpreendente agulha de bronze, feia, estranha e desmesurada, a mais alta em todo o mundo. Na frente, redondas ou dilatadas, elevavam-se as pequenas chaminés das usinas do vasto arrabalde de Saint-Sever.

Mais numerosas que seus irmãos campanários, erguiam suas longas colunas de tijolos até o campo longínquo e sopravam para o céu azul seu negro hálito de carvão.

E mais elevada que todas, tão alta quanto a pirâmide de Quéops, o segundo dentre os picos criados pelo trabalho humano, quase igual à sua orgulhosa comadre, a flecha da catedral, a grande bomba à combustão da Foudre parecia a rainha do povo trabalhador e fumegante das usinas, como sua vizinha era a rainha da multidão pontiaguda dos monumentos sagrados.

Lá embaixo, atrás de cidade operária, estendia-se uma floresta de pinheiros; e tendo passado entre as duas cidades, o Sena continuava seu caminho, costeava uma grande vertente arborizada no alto, mostrando em alguns lugares seus ossos de pedra branca, depois desaparecia no horizonte, após descrever uma grande curva arredondada. Viam-se navios subindo e descendo o rio, puxados por barcos a vapor semelhantes a moscas, cuspidos uma fumaça espessa. Dispersas sobre a água, as ilhas alinhavam-se uma após a outra ou deixavam grandes intervalos, como as contas desiguais de um rosário verdejante.

O cocheiro do fiacre esperou que os viajantes terminassem de se extasiar. Por experiência, conhecia a duração da admiração de toda espécie de excursionistas.

Mas assim que se pôs novamente em marcha, subitamente, Duroy viu, a algumas centenas de metros, duas pessoas idosas que se aproximavam. Saltou do carro, gritando: “Ei-los ali. Eu os reconheço”.

Eram dois camponeses, homem e mulher caminhando com passo regular, balançando-se e às vezes esbarrando o ombro um no outro. O homem era pequeno, atarracado, vermelho e um pouco barrigudo, vigoroso apesar da idade; a mulher, alta, seca, arqueada e triste, uma verdadeira operária do campo que trabalhara desde a infância e jamais rira, enquanto o marido mentia, bebendo com os fregueses.

Madeleine também descera do carro e observava aqueles dois pobres seres com o coração apertado, com uma tristeza que não previra. Não reconheceram seu filho, aquele belo senhor, e jamais teriam adivinhado que aquela bela dama de vestido claro era sua nora.

Andavam depressa e sem falar diante do filho esperado, sem olhar para as pessoas da cidade que seguiam um carro.

Passaram por eles. Rindo, Georges, bradou:

“Boa tarde, pai Duroy”.

Detiveram-se imediatamente, primeiro estupefatos, depois embaçados com a surpresa. A velha se recuperou primeiro e balbuciou, sem dar um passo: “Será nosso filho?”

O moço respondeu:

“Sim, sou eu, mãe Duroy!” E aproximando-se dela, beijou-a nas duas faces, com um grande beijo de filho. Em seguida, esfregou a testa do pai, que tirara o barrete à moda de Rouen, de seda negra, muito alto, parecido com a dos comerciantes de bois.

Depois, Georges anunciou: “Eis aqui minha mulher”. E os dois camponeses fitaram Madeleine. Olharam-na como se olha para um fenômeno, com temor inquieto aliado a uma espécie de aprovação satisfeita por parte do pai, e uma inimizade ciumenta por parte da mãe.

O homem, que era de natureza jovial, embebida em uma alegria de sidra doce e de álcool, animou-se e perguntou com malícia no canto dos olhos: “Será que se pode beijá-la?”

O filho respondeu: “Claro”. E Madeleine, pouco à vontade, estendeu as duas faces para receber as sonoras beijocas do camponês que, em seguida, usou as costas da mão para enxugar os lábios.

Por sua vez, a velha beijou a nora com uma reserva hostil. Não, aquela não era a nora de seus sonhos, uma fazendeira gorda e fresca, corada como uma maçã e redonda como uma jumenta parideira. Aquela mulher parecia uma perdida, com seus enfeites exagerados e seu perfume de almíscar. Porque para a velha, todos os perfumes eram de almíscar.

Puseram-se em marcha atrás do fiacre que levava a mala dos recém-casados.

O velho pegou o filho pelo braço e, segurando-o para ficar mais atrás, perguntou com interesse: “Teus negócios vão bem?”

— Sim, muito bem.

— Então, tanto melhor! Diga-me, tua mulher é rica?”

Georges respondeu:

“Quarenta mil francos”.

O pai soltou um pequeno assobio de admiração e só conseguiu murmurar: “Espertalhão!” tanto se emocionou com a soma. Depois, acrescentou com séria convicção: “Santo nome de Deus, é uma bela mulher”, pois a achava de seu gosto. Quando jovem, consideravam-no um conhecedor.

Madeleine e a mãe caminhavam lado a lado, sem dizer palavra. Os dois homens juntaram-se a elas.

Chegaram à cidadezinha, uma pequena vila emoldurando a estrada, formada de dez casas de cada lado, casas particulares e casebres de herdades, umas de tijolos, outras de argila, algumas cobertas de palha, outras de ardósia. O café do pai de Duroy, “A bela vista”, uma casinhola composta de um andar térreo e de um celeiro, encontrava-se na entrada da aldeia, à esquerda. À moda antiga, um tronco de pinheiro pregado à porta indicava que pessoas alteradas podiam entrar.

O serviço de mesa estava posto na sala da taverna, sobre duas mesas juntas, cobertas por duas toalhas. Uma vizinha, vinda para ajudar a servir, cumprimentou com grande reverência ao ver surgir uma dama tão bela. Depois, reconhecendo Georges, exclamou: “Senhor Jesus, és tu, pequeno?”

Ele respondeu alegremente:

“Sim, sou eu, mãe Brulin”

E logo a beijou como beijara seu pai e sua mãe.

Em seguida, voltou-se para sua mulher:

“Vem para nosso quarto para retirares teu chapéu”.

Pela porta da direita, ele a fez entrar em um aposento frio, ladrilhado, todo branco, as paredes nuas pintadas de cal, a cama com cortinas de algodão. Os únicos enfeites desse apartamento limpo e desolador eram um crucifixo acima de um recipiente de água benta, duas imagens coloridas representando Paulo e Virgínia sob uma palmeira azul, e Napoleão sobre um cavalo amarelo.

Assim que ficaram sozinhos, ele beijou Madeleine:

“Minha querida Made. Estou feliz por rever os velhos. Quando se está em Paris não se pensa muito, mas quando a gente se reencontra, que prazer”.

Mas o pai gritava, batendo no tabique com o punho:

“Vamos, vamos, a sopa está pronta”.

E foi preciso sentar-se à mesa.

Foi um longo jantar de camponeses, com uma série de pratos mal combinados: um chouriço depois de uma perna de carneiro, uma omeleta depois do chouriço. O pai Duroy, alegre depois de beber sidra e alguns copos de vinho, abriu a torneira de suas brincadeiras preferidas, reservadas para as grandes festas, histórias licenciosas e sujas acontecidas aos seus amigos, afirmava ele. Entretanto, apesar de conhecer todas, Georges ria, embriagado pelo ar natal, novamente tomado pelo amor inato à aldeia e aos lugares familiares da infância, por todas as sensações, todas as lembranças reencontradas e todas as coisas do passado que revia — uma marca de faca em uma porta, uma cadeira manca relembrando um pequeno fato, os cheiros do chão, o aroma de resina e das árvores, vindo da floresta vizinha, os odores da casa, do regato, do estrume.

A mãe de Duroy não dizia absolutamente nada, sempre triste e severa, espiando a nora com ódio desperto no coração, rancor de velha trabalhadora, de velha rústica com dedos gastos, membros deformados pelos trabalhos pesados, contra essa mulher da cidade que lhe inspirava uma repulsa de maldita, de réproba, de ser impuro criado para a indolência e o pecado. Ela se levantava a todo o momento para buscar os pratos, para servir a bebida amarela e azeda da jarra ou a sidra doce e espumante das garrafas cuja rolha saltava como a de limonada gasosa.

Madeleine não comia nada, não falava nada, permanecia triste, com seu sorriso de sempre fixado nos lábios, mas um sorriso morno, resignado. Desiludida, aflita. Por quê? Ela quisera ir. Sabia que iria à casa de camponeses. De pequenos camponeses. Como teria ela imaginado que eram, ela que em geral não imaginava?

Será que ela sabia? Será que as mulheres não esperam sempre outra coisa diferente da realidade, teria ela visto ambos de longe como pessoas mais poéticas? Não, talvez mais literárias, mais nobres, mais afetuosas, mais decorativas. No entanto, não queria que eles fossem distintos como os dos romances. Então, por que a chocavam as mil coisas pequenas, invisíveis, as mil grosserias impalpáveis, a sua natureza rústica, aquilo que diziam, seus gestos e sua alegria?

Lembrava-se de sua mãe, de quem jamais falava a ninguém, uma professora seduzida, educada em Saint-Denis e morta a miséria quando Madeleine estava com 12 anos. Um desconhecido educara a menina. Seu pai, sem dúvida? Quem era ele? Nunca soube ao certo, apesar de ter vagas suspeitas.

O almoço não terminava. Os fregueses agora entravam, apertavam as mãos do pai Duroy, soltavam exclamações ao ver o filho e, olhando de lado a jovem senhora, piscavam o olho com malícia, o que significava: “Por todos os santos! A mulher de Georges Duroy não é de se jogar fora”.

Outros, menos íntimos, sentavam-se diante das mesas de madeira e gritavam: “Um litro! — Uma cerveja!

Duas, da melhor! — Um licor!”. E punham-se a jogar dominó, batendo com grande ruído as pequenas peças de osso, brancas e pretas.

A mãe Duroy não parava de ir e vir, servindo os fregueses com seu ar lamentável, recebendo o dinheiro, limpando as mesas com a ponta do avental azul.

A fumaça dos cachimbos de cerâmica e dos charutos de um soldo enchia a sala. Madeleine começou a tossir e perguntou: “E se saíssemos? Não aguento mais”.

Ainda não haviam terminado. O velho Duroy ficou aborrecido. Ela então se levantou e foi sentar-se em uma cadeira diante da porta, na estrada, esperando que seu sogro e seu marido acabassem de beber o café em pequenos copos.

Georges logo se juntou a ela.

“Queres descer até o Sena?” — perguntou.

Ela aceitou com alegria:

“Oh! Sim. Vamos”.

Desceram a montanha, alugaram um barco em Croisset e passaram o resto da tarde em uma ilha, sob os salgueiros, no doce calor da primavera, embalados pelas pequenas vagas do rio.

Voltaram ao cair da noite.

Para Madeleine, a refeição da noite, à luz de uma vela, foi ainda mais penosa que o almoço. Meio embriagado, o pai Duroy não mais falava. A mãe continuava de cara amarrada.

A luz diminuta projetava as sombras das cabeças nas paredes cinzentas, com narizes enormes e gestos desmesurados. Às vezes, quando alguém se virava um pouco e apresentava seu perfil à chama amarela e trêmula, via-se uma gigantesca mão levando um garfo parecido com um forcado até a boca que se abria como a goela de um monstro.

Assim que o jantar terminou, Madeleine levou o marido para fora para não ficar naquela sala onde sempre flutuava um odor acre de cachimbos velhos e bebidas derramadas.

Quando saíram:

“Tu já te aborreces”, disse ele.

Ela quis protestar. Ele a deteve:

“Não. Vi muito bem. Se desejares, partiremos amanhã”.

Ela murmurou:

“Sim. É o que desejo”.

Caminhavam lentamente. Era uma noite tépida cuja sombra acariciante e profunda parecia cheia de leves ruídos, de roçadelas, de sopros. Tinham entrado em uma alameda estreita sob árvores muito altas, entre duas castanheiras de um negro impenetrável.

Ela perguntou:

“Onde estamos?”

Ele respondeu:

“Na floresta.

— Ela é grande?

— Muito grande, uma das maiores da França”.

Um odor de terra, de árvores e de musgo parecia dormir nessa aléia, perfume fresco e velho de bosques copados, feito de seiva dos brotos e de vegetação morta e úmida forrando o solo. Levantando a cabeça, Madeleine viu estrelas entre as copas das árvores, e apesar de uma leve brisa agitar os ramos, sentiu em torno dela a vaga palpitação daquele oceano de folhas.

Um frêmito singular passou por sua alma e correu por sobre sua pele; uma angústia confusa apertou-lhe o coração. Por quê? Não compreendia. Mas parecia-lhe estar perdida, afogada, cercada de perigos, abandonada por todos, desamparada, sozinha no mundo sob aquela abóbada viva que estremecia lá no alto.

Ela murmurou:

“Estou com um pouco de medo. Gostaria de voltar.

— Está bem, voltemos.

— E... voltaremos amanhã para Paris?

— Sim, amanhã.

— Amanhã, pela manhã?

— Amanhã cedo, se quiseres”.

Voltaram. Os velhos já estavam deitados. Ela dormiu mal, acordada sem cessar por todos os barulhos do campo, novos para ela, pios de corujas, o ronco de um porco preso em uma choça contra a parede, o canto de um galo que cacarejava desde a meia-noite.

Levantou-se e ficou pronta para partir às primeiras luzes da aurora.

Quando Georges contou aos pais que iria embora, ambos se surpreenderam, depois compreenderam de onde vinha aquele desejo.

O pai perguntou simplesmente:

“Vamos te rever logo?”

— Claro que sim. No verão.

— Bem, tanto melhor”.

A velha resmungou:

“Espero que não te arrependas do que fizeste”.

Ele os presenteou com 200 francos, para acalmar seu descontentamento; e quando o fiacre que um moleque fora buscar chegou às 10h, os recém casados beijaram os velhos camponeses e partiram.

Enquanto desciam a encosta, Duroy começou a rir:

“Aí está, eu já te prevenira. Eu não devia ter te feito conhecer o Sr. e a Sra. du Roy de Cantel, pai e mãe”.

Ela também riu e replicou:

“Agora estou encantada. São pessoas corajosas que começo a amar bastante. Enviar-lhes-ei presentes de Paris”.

Depois, ela murmurou:

“Du Roy de Cantel... Verás que ninguém se espantará com nossas cartas de participação. Contaremos que passamos oito horas na propriedade de teus pais”.

Aproximando-se dele, beijou-lhe levemente a ponta do bigode: “Bom dia, Géo!”

Enlaçando sua cintura, ele respondeu: “Bom dia, Made”.

No fundo do vale via-se o grande rio, desenrolado como um turbante de prata sob o sol matutino, todas as chaminés das usinas que sopravam para o céu suas nuvens de carvão, e todos os campanários pontiagudos erguidos sobre a velha cidade.

II

Os Du Roy haviam voltado a Paris dois dias depois e o jornalista retomara seu velho trabalho, esperando deixar o serviço dos boatos para assumir definitivamente as funções de Forestier e realmente se consagrar à política.

Naquela noite, voltava para casa, habitação de seu predecessor, coração alegre, com o desejo desperto de beijar imediatamente sua mulher, a cujo encanto físico e insensível dominação ele vivamente se sujeitava. Ao passar por uma floricultura no fundo da Rua Notre-Dame-de-Lorette, teve ideia de comprar um ramalhete para Madeleine e escolheu um grande ramo de rosas que apenas começavam a se abrir, um maço de botões perfumados.

A cada andar de sua nova escada, olhava-se complacentemente naquele espelho cuja vista sempre o lembrava da primeira vez que entrara naquela casa.

Como esquecera sua chave, tocou a campainha e a mesma criada, que também conservara, aconselhado por sua mulher, abriu-lhe a porta.

Georges perguntou:

“A senhora já voltou?”

— Sim, senhor”.

Porém, ao atravessar a sala de jantar, ficou bastante surpreso ao ver três lugares postos; e como o reposteiro do salão estava levantado, viu Madeleine que arrumava, em um vaso da lareira, um maço de rosas muito semelhante ao seu. Ficou contrariado como se alguém lhe tivesse roubado a ideia, a atenção e todo o prazer que esperava.

Perguntou, ao entrar:

“Convidaste alguém?”

Ela respondeu sem se voltar, continuando a arrumar as flores: “Sim e não. É meu velho amigo, o conde de Vaudrec, que tem o hábito de jantar aqui toda segunda-feira e vem, como antes”.

Georges murmurou:

“Ah! Muito bem”.

Permanecia em pé atrás dela com o ramalhete na mão, com vontade de escondê-lo, de jogá-lo fora. Entretanto, disse: “Trouxe rosas para ti!”

Ela se voltou bruscamente, toda sorridente, exclamando:

“Ah! Como és gentil de pensar nisso”.

E estendeu-lhe os braços e os lábios com um transporte de prazer tão verdadeiro que ele se sentiu consolado.

Ela pegou as flores, as aspirou e, com vivacidade de criança feliz, colocou-as no vaso vazio, diante do primeiro. Depois murmurou, examinando o efeito: “Como estou contente! Agora minha lareira está enfeitada”.

Quase imediatamente, acrescentou com ar convencido:

“Sabes, Vaudrec é fascinante e ficarás íntimo dele em pouco tempo”.

Um toque de campainha anunciou o conde. Ele entrou tranquilo, muito à vontade, como se estivesse em casa. Após beijar galantemente os dedos da jovem senhora, voltou-se para o marido e estendeu-lhe a mão com cordialidade, perguntando:

“Está bem, meu caro Du Roy?”

Deixara de ter seu aspecto rígido e posudo de antes, e agora mostrava um ar afável, revelando que a situação já não era a mesma. Surpreso, o jornalista tratou de se mostrar gentil para responder a esse progresso. Depois de cinco minutos, qualquer pessoa acreditaria que eles se conheciam e se adoravam há dez anos.

Então, com o rosto radioso, Madeleine lhes disse:

“Vou deixá-los juntos. Preciso dar uma olhada na minha cozinha”. E desapareceu, seguida pelo olhar dos dois homens.

Ao voltar, encontrou-os conversando sobre teatro, a propósito de uma peça nova, e estavam tão completamente de acordo que uma espécie de rápida amizade despertara em seus olhos, descobrindo essa absoluta paridade de ideias.

O jantar foi encantador, íntimo e cordial, e o conde ficou até tarde da noite, tão bem se sentia naquela casa, naquele novo e belo lar.

Quando ele partiu, Madeleine disse a seu marido:

“Não é verdade que foi perfeito? Ele fica muito melhor quando o conhecemos bem. Eis um bom amigo, certo, devotado, fiel. Ah! Sem ele...”

Ela não concluiu seu pensamento, e Georges respondeu:

“Sim, eu o acho muito agradável. Creio que nos entenderemos muito bem”.

Mas ela logo continuou:

“Tu não sabes, mas temos que trabalhar esta noite, antes de nos deitarmos. Não tive tempo para te contar antes do jantar porque Vaudrec chegou cedo. Mas recebi notícias graves, notícias do Marrocos. Foi o deputado Laroche-Mathieu, o futuro ministro, quem me deu. Tenho os fatos e os números. Vamos começar a trabalhar imediatamente. Vamos, leva o lampião”.

Ele o apanhou e eles passaram ao gabinete de trabalho.

Os mesmos livros se alinhavam na estante que agora exibía sobre o topo os três vasos comprados no golfo Juan por Forestier, na véspera de seu último dia de vida. Sob a mesa, o apoio para os pés que pertencera ao morto agora esperava os pés de Du Roy que, depois de sentar-se, apoderou-se da caneta de marfim, um pouco mastigada na ponta pelos dentes do outro.

Madeleine se apoiou na lareira e, depois de acender um cigarro, contou as notícias e o plano do artigo que imaginara.

Ele ouviu com atenção, rabiscando notas, e quando terminou levantou objeções, retomou a questão, a ampliou e desenvolveu, não o plano para o artigo, mas um plano de campanha contra o ministério atual. Esse ataque seria o início. Sua mulher cessara de fumar, tamanho o interesse nela desperto, de tal modo ela via grande e longe, seguindo o pensamento de Georges.

Murmurava de tempos e tempos:

“Sim... sim... Ótimo... Excelente... Muito bom...”.

E quando, por sua vez, ele terminou de falar:

“Agora escrevamos”, disse ela.

Mas para ele sempre fora difícil começar e ele procurava as palavras penosamente. Então, ela se debruçou docemente sobre seu ombro e começou a soprar-lhe as frases baixinho, em seu ouvido.

De tempos em tempos ela hesitava e perguntava:

“É bem isso que queres dizer?”

Ele respondia:

“Sim, perfeitamente”.

Ela tinha frases picantes, sentenças venenosas de mulher para ferir o chefe do Conselho, e mesclava os sarcasmos sobre seu rosto com deboches sobre sua política, de um modo divertido que fazia rir ao mesmo tempo em que prendia atenção pela justeza da observação.

Algumas vezes, Du Roy acrescentava algumas linhas que tornavam mais profundo e poderoso o objetivo do ataque. Além disso, conhecia a arte dos subentendidos pérfidos, que aprendera aguçando os boatos, e quando um fato dado como certo por Madeleine lhe parecia duvidoso ou comprometedor, ele mostrava sua excelência ao dá-lo a entender e impô-lo ao espírito com mais força do que se tivesse afirmado.

Quando terminaram o artigo, Georges o releu em voz alta, declamando. De comum acordo, ambos o consideraram admirável e sorriram, encantados e surpresos como se tivessem acabado de se revelar um para o outro. Olharam-se no fundo dos olhos, emocionados de admiração e ternura, e beijaram-se com arrebatamento, com uma ardência de amor comunicada por seus espíritos aos seus corpos Du Roy tomou novamente o lampião: “E agora, para a cama”, disse com um olhar brilhante.

Ela respondeu:

“O senhor primeiro, meu mestre, pois é quem ilumina o caminho”.

Ele passou e ela o seguiu até o quarto, fazendo-lhe cócegas no pescoço com a ponta dos dedos, entre o colarinho e os cabelos, para fazê-lo andar mais depressa, pois ele temia essa carícia.

O artigo foi publicado sob a assinatura de Georges Du Roy de Cantel e teve grande repercussão. Na Câmara, provocou emoção. O Sr. Walter felicitou o autor e o encarregou da redação política do *La Vie Française*. Os boatos voltaram para Boisrenard.

Então, começou no jornal uma campanha hábil e violenta contra o ministério que dirigia os negócios. Sempre hábil e nutrido por fatos, às vezes irônico, outras vezes sério ou virulento, o ataque atingia com segurança e continuidade que espantava a todos. Os outros periódicos citavam o *La Vie Française* sem cessar, transcreviam passagens inteiras, e os homens do poder se informaram se seria possível calar esse inimigo desconhecido e encarniçado dando-lhe uma prefeitura.

Du Roy ficou célebre nos grupos políticos. Ele sentia aumentar sua influência pela pressão dos apertos de mão e pelo modo como lhe tiravam o chapéu. Além disso, sua mulher o enchia de espanto e admiração pela engenhosidade do espírito, idoneidade das informações e número de seus conhecidos.

A todo o momento, encontrava em seu salão um senador, um deputado, um magistrado, um general, que tratavam Madeleine como uma velha amiga, com familiaridade séria. Onde ela conhecera todas essas pessoas? No mundo, dizia ela. Mas como soubera ela captar sua confiança e afeição? Ele não compreendia.

“Ela seria uma perfeita diplomata”, pensava ele.

Ela frequentemente chegava atrasada para as refeições, extenuada, corada, trêmula e, antes mesmo de retirar o véu, dizia: “Hoje tenho um pitêu. Imagina que o ministro da Justiça acaba de nomear dois magistrados que faziam parte das comissões mistas. Vamos lançar-lhe um ataque do qual não se esquecerá”.

E lançaram um ataque ao ministro, e mais outro no dia seguinte, e um terceiro no outro dia. O deputado Laroche-Mathieu, que jantava na Rua Fontaine todas as terças-feiras, apertou vigorosamente as mãos da mulher e do marido, com demonstrações excessivas de alegria. Não parava de repetir: “Cristo, que campanha. Se não conseguirmos depois disso...!”

Com efeito, esperava conseguir a pasta dos Negócios Estrangeiros, que visava há muito tempo.

Era um desses homens políticos com muitas caras, sem convicção, sem grandes meios, sem audácia e sem relações importantes, advogado de província, um cavaleiro de sede de distrito que cultivava um equilíbrio de espertalhão entre todos os partidos extremos, uma espécie de jesuíta republicano e de cogumelo liberal de natureza duvidosa, à exemplo das centenas que medram no estrume do sufrágio universal.

Seu maquiavelismo de cidade pequena o fazia passar por forte entre seus colegas, entre todos os desclassificados e os abortos feitos deputados. Era bastante cuidadoso, bastante correto, bastante familiar, bastante amável para conseguir vencer. Tinha sucesso no mundo, na sociedade mesclada, turva e pouco fina dos altos funcionários do momento.

Em todos os lugares, dizia-se dele: “Laroche será ministro”, e ele também pensava, tão firmemente quanto os outros, que Laroche seria ministro.

Era um dos principais acionistas do jornal do Sr. Walter, seu colega e sócio em vários negócios de finanças.

Du Roy o apoiava com confiança e com esperanças confusas para mais tarde. Na verdade, não fazia mais que continuar a obra iniciada por Forestier, a quem Laroche-Mathieu prometera a cruz da Legião de Honra quando chegasse o dia de seu triunfo. A condecoração iria para o peito do novo marido de Madeleine; isso era tudo. Em suma, nada mudara.

Sentia-se que nada mudara, se bem que os colegas de Du Roy insistissem em um refrão que começava a irritá-lo.

Só o chamavam de Forestier.

Assim que chegava ao jornal, um deles gritava: “Dize, Forestier”.

Ele fingia não escutar e procurava cartas em seu escaninho. A voz repetia mais alto: “Ei! Forestier”. Seguiam-se alguns risos.

Quando Du Roy se dirigia ao escritório do diretor, aquele que o chamara o detinha: “Oh! Perdão; é contigo que quero falar. É estúpido, mas confundo-te sempre com o pobre Charles. Isso porque teus artigos se parecem tanto dos os dele. Todo mundo se engana”.

Du Roy não respondia nada, mas ficava roído de raiva; e uma cólera surda nasceu nele contra o morto.

O próprio Sr. Walter declarara que era espantoso como havia semelhanças flagrantes de estilo e de inspiração entre as crônicas do novo redator político e as do antigo: “Sim, parece com Forestier, mas é um Forestier mais forte, mais nervoso, mais

viril”.

Certa vez, abrindo por acaso o armário dos bilboquês, Du Roy encontrou os de seu predecessor com uma tarja negra em torno do cabo, e o seu, do qual se servia quando se exercitava sob a direção de Saint-Potin, estava enfeitado com uma fita de cor rosa. Todos estavam arrumados na mesma prateleira, por ordem de tamanho; e um cartaz parecido com os usados nos museus trazia os dizeres: “Antiga coleção Forestier e Companhia, Forestier-Du Roy, sucessor, registrado S.G.D.G. Artigos garantidos que podem servir em todas as circunstâncias, até mesmo em viagens”.

Fechou o armário com calma, dizendo suficientemente alto para ser ouvido: “Há imbecis e invejosos em todos os lugares”.

Mas seu orgulho estava ferido, ferido em sua vaidade, essa vaidade e esse orgulho suscetível de escritor, que produz essa susceptibilidade nervosa sempre desperta, como no repórter e no poeta genial.

Esse nome: “Forestier” dilacerava seu ouvido; tinha medo de ouvi-lo e sentia-se corar ao escutá-lo.

Para ele, era uma zombaria mordaz, mais que uma zombaria, um insulto. Gritava para ele: “É tua mulher quem faz teu trabalho como fazia o do outro. Não serias nada sem ela”.

Admitia perfeitamente que Forestier não teria sido nada sem Madeleine; mas quanto ele, tenha paciência!

Depois, voltando para casa, a obsessão continuava. A casa inteira lembrava-lhe o morto, todo o mobiliário, todos os enfeites, tudo o que tocava, Não pensava nisso nos primeiros tempos. Mas o refrão criado por seus colegas criara em seu espírito uma espécie de ferida, agora envenenada pelos vários nadas despercebidos até então.

Não conseguia mais pegar um objeto sem que visse a mão de Charles sobre ele. Somente via e usava coisas que o haviam servido no passado, coisas que ele comprara, que ele amara e possuía. E Georges começava a se irritar pensando nas antigas relações de seu amigo com sua mulher.

Às vezes se espantava com essa revolta de seu coração, que não compreendia, e perguntava a si mesmo: “Como diabos isso acontece? Não tenho ciúmes dos amigos de Madeleine. Jamais me inquieto com o que ela faz. Ela entra e sai quando quer, e a lembrança do estúpido do Charles me enraivece!”

Mentalmente, acrescentava: “No fundo, não passava de um cretino; Sem dúvida, é isso que me machuca. Aborreço-me por Madeleine ter podido se casar com tamanho imbecil”.

E repetia sem cessar: “Como é possível essa mulher ter suportado semelhante animal por um único instante?”

E seu rancor aumentava a cada dia devido a mil detalhes insignificantes que o incomodavam como picadas de agulha, pela lembrança incessante do outro, vinda de uma palavra de Madeleine, de uma palavra da criada ou da camareira.

Uma noite, Du Roy, que gostava de pratos açucarados, perguntou:

“Porque nunca temos doces? Tu jamais os serves?”

A moça respondeu alegremente:

“É verdade, nunca me lembro. Talvez seja por que Charles tivesse horror...”

Ele a interrompeu com um movimento de impaciência que não conseguiu conter.

“Ah! Sabe, Charles começa a me incomodar. É sempre Charles isto, Charles aquilo. Charles gostava disto, Charles gostava daquilo. Já que Charles não está mais conosco, melhor seria deixá-lo tranquilo”.

Madeleine olhava o marido espantada, sem compreender aquela súbita cólera. Depois, como era inteligente, adivinhou um pouco o que se passava com ele, o trabalho lento dos ciúmes póstumos que a cada segundo cresciam por tudo que o lembrava o outro.

Talvez ela tenha achado aquilo pueril, mas ficou lisonjeada e não respondeu nada.

Ele se envergonhou da irritação que não conseguira esconder. Naquela noite, após o jantar, precisavam escrever um artigo para o dia seguinte e ele se atrapalhou com o regalo para os pés. Não conseguindo virá-lo, afastou-o com um chute e perguntou rindo: “Charles sempre sentia frio nas patas?”

Ela respondeu, também rindo:

“Oh! Ele vivia com terror dos resfriados; seu peito não era saudável”.

Du Roy respondeu ferozmente: “Aliás, ele provou isso muito bem”. Em seguida, acrescentou com galanteria: “Felizmente

para mim”. E beijou a mão de sua mulher.

Porém, ao se deitar, perseguido pelo mesmo pensamento, perguntou ainda: “Charles usava barretes de algodão para evitar correntes de ar nas orelhas?”

Ela se prestou à brincadeira e respondeu:

“Não, uma almofada amarrada à testa”.

Georges levantou os ombros e disse com desprezo superior:

“Que tonto!”

Daí por diante, Charles tornou-se para ele um assunto de entretenimento contínuo. Falava dele a propósito de tudo, chamando-se sempre de: “aquele pobre Charles”, com um ar de infinita piedade.

E quando voltava do jornal, onde ouvira duas ou três vezes chamarem-no pelo nome de Forestier, vingava-se perseguindo o morto com deboches rancorosos lançados ao fundo de sua tumba. Lembrava seus defeitos, seus ridículos, suas pequenezas, que enumerava com complacência, desenvolvia e exagerava como se desejasse combater a influência de um temível rival no coração de sua mulher.

Ele repetia:

“Dize, Made, lembra-te do dia em que aquele tolo do Forestier quis provar que os homens gordos eram mais vigorosos que os magros?”

Depois, quis saber um monte de detalhes íntimos e secretos que a moça, envergonhada, recusou-se a dizer. Mas ele insistia, obstinava-se.

“Vamos, conta-me. Ele devia ser bem engraçado nesse momento”.

Ela murmurava, na ponta dos lábios:

“Ora, deixa-o descansar em paz”.

Ele insistia:

“Não, dize-me! É verdade que ele devia ser desastrado na cama, aquele animal!”

E terminava sempre concluindo:

“Era um grosso!”

Uma noite, no final de junho, fumando um cigarro diante da janela, o calor da noite despertou-lhe o desejo de dar uma volta.

Ele perguntou:

“Minha pequena Made, queres ir ao Bois?”

— Sim, certamente”.

Pegaram um fiacre descoberto, alcançaram os Champs-Élysées e depois a Avenida do Bois-de-Boulogne. Era uma noite sem vento, uma dessas noites de estufa em que o ar superaquecido de Paris entra no peito como um vapor de forno. Sob as árvores, um exército de fiacres carregava uma multidão de enamorados. Os fiacres passavam sem cessar, um após o outro.

Georges e Madeleine divertiam-se observando todos os casais abraçados passando nesses carros, a mulher vestida de cores claras e o homem de escuro. Era um imenso rio de amantes que corria no Bois, sob o céu estrelado e fulgurante. Não se ouvia ruído algum além do surdo rolar das rodas sobre a terra. Eles passavam, passavam, dois seres em cada fiacre, estendidos sobre as almofadas, mudos, abraçados, perdidos na alucinação do desejo, trêmulos na expectativa do próximo abraço. A sombra cálida parecia repleta de beijos. Uma sensação de ternura flutuante e de amor bestial entorpecia o ar, tornava-o mais sufocante. Todas essas pessoas abraçadas, embebedadas pelo mesmo pensamento, faziam correr uma febre em torno delas. Todos esses carros carregados de amor, sobre os quais pareciam voltear carícias, lançavam à sua passagem uma espécie de sopro sensual, sutil e perturbador.

Georges e Madeleine também se sentiram envolvidos pelo contágio da ternura. Tomaram docemente a mão um do outro sem dizer palavra, um pouco oprimidos pelo peso da atmosfera e pela emoção que os invadia.

Chegando à curva que segue as fortificações, beijaram-se e ela balbuciou, um pouco confusa: “Somos tão crianças quanto na viagem para Rouen”.

A grande corrente de carros separara-se à entrada do bosque. No caminho dos Lagos, seguido pelos jovens, os fiacres se espaçavam um pouco, mas o negrume espesso das árvores, o ar vivificado pelas folhas e pela umidade dos córregos que podiam ser ouvidos correndo sob os galhos, uma espécie de frescor do largo espaço noturno todo enfeitado de astros, davam aos beijos dos casais um encanto mais penetrante, uma sombra mais misteriosa.

Georges murmurou: “Oh! Minha pequena Made”, estreitando-a contra ele.

Ela lhe disse:

“Lembra-te da floresta perto da tua casa, como era sinistra? Parecia não ter fim, estar cheia de animais assustadores. Enquanto que aqui é encantadora. Sente-se a carícia no vento, e sei que Sèvres está do outro lado do Bois”.

Ele respondeu:

“Oh! Na floresta perto de minha casa só havia cervos, raposas, cabritos monteses e javalis e, aqui e ali uma casa de guarda florestal”.

Essa palavra, esse nome saído de sua boca o surpreendeu como se alguém o tivesse gritado do fundo da mata, e ele se calou bruscamente, novamente invadido por esse mal-estar estranho e persistente, por essa irritação ciumenta, atormentadora, invencível, que lhe arruinava a vida há algum tempo.

Depois de um minuto, ele perguntou:

“Vinhas às vezes aqui, à noite, com Charles?”

Ela respondeu:

“Sim, com frequência”.

De repente, teve vontade de voltar para casa, um desejo nervoso que lhe apertava o coração. Mas a imagem de Forestier invadira seu espírito, o possuía, o apertava. Só conseguia pensar nele, falar nele.

Perguntou em tom maldoso:

“Dize, Made?”

— O quê, meu amigo?

— Enganaste o pobre Charles?”

Ela murmurou, desdenhosa:

“Estás te tornando indelicado com tua lengalenga”.

Mas ele não abandonava a ideia.

“Vamos, minha pequena Made, sê franca. Tu o enganaste? Tu o enganaste? Confessa, tu o fizeste corno?”

Ela se calava, chocada por essa palavra, como todas as mulheres.

Ele insistia, obstinado:

“Por todos os santos, ninguém mereceria isso mais que ele. Oh! Sim, oh! Sim. Ficaria contente de saber que Forestier era cornudo. Hein! Que cara de tonto!”

Ele sentiu que ela sorria, talvez se lembrando de algo, e insistiu:

“Vamos, dize. Tu o enganaste? Seria bem engraçado tu me contares que o enganaste”.

Com efeito, ele tremia de esperança e desejo que Charles, o odioso Charles, o morto detestado, o morto execrado, tivesse passado por esse ridículo vergonhoso. E ainda... ainda outra emoção, mais confusa, aguilhoava seu desejo de saber.

Ele repetia:

“Made, minha pequena Made, eu te peço, dize. Ele merecia. Terias feito muito mal em não fazê-lo. Vamos, Made, confessa.

Sem dúvida ela agora achava agradável essa insistência, pois ria pequenos risos breves, intermitentes.

Ele agora colocara os lábios muito perto do ouvido de sua mulher:

“Vamos... vamos... confessa”.

Ela se afastou com um movimento seco e declarou bruscamente:

“Como és estúpido. Achas que se responde a perguntas como essa?”

Dissera isso em um tom tão singular que um arrepio frio correu pelas veias do marido e ele permaneceu embargado, assustado, um pouco sufocado, como se tivesse recebido um abalo moral.

O fiacre agora margeava o lago, onde o céu parecia ter debulhado suas estrelas. Dois cisnes nadavam muito lentamente, quase invisíveis no escuro.

Georges gritou para o cocheiro:

“Voltemos”. E o carro fez a volta, cruzando os outros que iam a passo, cujas grandes lanternas brilhavam como olhos na noite do Bois.

Como ela falara de modo estranho! Du Roy perguntou a si mesmo: “Fora uma admissão?” Agora, aquela quase certeza que ela enganara seu primeiro marido despertava sua cólera. Tinha vontade de espancá-la, de estrangulá-la, de arrancar seus cabelos!

Oh! Se ele tivesse respondido: “Mas meu querido, se eu tivesse que enganá-lo, teria sido contigo”. Como ele a teria beijado, abraçado, adorado!

Ele permaneceu imóvel, braços cruzados, olhos voltados para o céu, o espírito agitado demais para continuar refletindo. Sentia fermentar nele aquele rancor, aquela cólera que existe latente no coração de todos os homens diante dos caprichos do desejo feminino. Pela primeira vez, sentia essa angústia confusa de esposo que suspeita! Enfim, sentia ciúmes, ciúmes pelo morto, ciúmes por conta de Forestier! Ciúmes de um modo estranho e pungente, onde subitamente entrara o ódio contra Madeleine. Se enganara o outro, como poderia ter confiança nela?

Depois, pouco a pouco, uma espécie de calma se instalou em seu espírito e, protegendo-se contra o sofrimento, pensou: “Todas as mulheres são vadias, melhor servir-se delas sem nada lhes dar”.

A amargura de seu coração subia-lhe aos lábios em palavras de desprezo e desgosto. Mas ele não as deixou escapar. Repetia para si mesmo: “O mundo é dos fortes. É preciso ser forte. E preciso estar acima de tudo”.

O carro andava mais depressa. Passou novamente pelas fortificações. Du Roy via diante dele uma claridade avermelhada no céu, parecida com a luz de uma forja desmesurada; ouvia um rumor confuso, imenso, contínuo, feito de ruídos inumeráveis e diferentes, um barulho surdo, próximo, longínquo, uma vaga e enorme palpitação de vida, o alento de Paris respirando como um colosso esgotado pela fadiga naquela noite de verão.

Georges pensava: “Eu seria bem idiota se estragasse meu fígado. Cada qual por si. A vitória pertence aos audaciosos. Tudo não passa de egoísmo. O egoísmo para a ambição e a fortuna é melhor que o egoísmo para a mulher e para o amor”.

O Arco do Triunfo da Praça da Étoile surgiu na entrada da cidade, em pé sobre suas duas pernas monstruosas, uma espécie de gigante informe que parecia pronto a se pôr em marcha para descer a larga avenida aberta diante dele.

Georges e Madeleine voltaram a se encontrar no desfile de carros que retornavam para casa, para o leito desejado, o eterno casal, silencioso e enlaçado. Parecia que a humanidade inteira deslizava ao lado deles, bêbada de alegria, de prazer, de felicidade.

Presentindo algo do que se passava com seu marido, a jovem perguntou com voz doce: “Em que pensas, meu amigo? Há meia hora não dizes uma única palavra”.

Ele respondeu em tom de zombaria:

“Penso em todos esses imbecis que se beijam e digo a mim mesmo que, verdadeiramente, há outras coisas para se fazer na vida”.

Ela murmurou:

“Sim... mas algumas vezes é bom.

— É bom... é bom... Quando não há nada melhor para se fazer!”

O pensamento de Georges continuava, sempre despindo a vida de sua roupagem de poesia, em uma espécie de raiva perversa: “Eu seria bem idiota de me incomodar, de me privar do que quer que seja, de me perturbar, de me inquietar, de roer minha alma como faço há algum tempo”. A imagem de Forestier atravessou-lhe o espírito sem lhe causar qualquer irritação. Pareceu-lhe que acabavam de se reconciliar, que voltavam a ser amigos. Ele tinha vontade de lhe dizer: “Boa noite, meu velho”.

Incomodada por esse silêncio, Madeleine perguntou:

“E se fôssemos tomar um sorvete no Tortoni, antes de voltar para casa?”

Ele a olhou de esguelha. Seu fino perfil louro apareceu-lhe sob o vivo brilho da guirlanda de luzes que anunciava um café concerto.

Ele pensou: “Ela é bela! Tanto melhor! Para um bom gato, um bom rato, meu camarada. Mas se voltar a me atormentar, fará calor no polo norte”. Então, respondeu: “Certamente, minha querida”. E para que não percebesse nada, ele a beijou.

Pareceu à moça que o lábios do marido estavam gelados.

No entanto, ele sorria seu sorriso de sempre ao lhe dar a mão para descer diante dos degraus do café.

[\[1\]](#) Em francês, forestier.

Ao entrar no jornal no dia seguinte, Du Roy foi procurar Boisrenard.

“Caro amigo, preciso te pedir um favor. Há algum tempo, acha engraçado me chamar de Forestier. Começo a achar que isso é uma estupidez. Podes fazer a gentileza de prevenir delicadamente aos colegas que esbofetarei o primeiro que mais uma vez se permitir essa brincadeira?”

“Eles devem refletir se essa zombaria vale um golpe de espada. Dirijo-me a ti porque és um homem calmo que pode impedir extremos desagradáveis, e também porque me serviste de testemunha no duelo”.

Boisrenard se encarregou da missão.

Du Roy saiu para dar uma volta e retornou uma hora mais tarde. Ninguém o chamou de Forestier.

Ao chegar a casa, ouviu vozes femininas no salão e perguntou: “Quem está aqui?”

A criada respondeu: “A Sra. Walter e a Sra. de Marelle”.

Sentiu um pequeno baque no coração, depois falou consigo mesmo:

“Bem, vejamos”, e abriu a porta.

Clotilde estava no canto da lareira, em um raio de luz vindo da janela. Georges achou que ela empalidecera um pouco ao vê-lo. Tendo antes cumprimentado a Sra. Walter e suas duas filhas, sentadas como duas sentinelas ao lado da mãe, voltou-se para sua antiga amante. Ela estendeu-lhe a mão que ele apertou com intenção, como que dizendo: “Ainda te amo”. Ela respondeu a essa pressão.

Ele perguntou:

“Passou bem durante o século que se passou depois de nosso último encontro?”

Ela respondeu com naturalidade:

“Sim, e o senhor, Bel-Ami?”

Depois. Virando-se para Madeleine, ela acrescentou:

“Tu permites que eu continue a chamá-lo de Bel-Ami?”

— Certamente, minha cara, permito tudo que quiseres”.

Um tom de ironia parecia se esconder nessas palavras.

A Sra. Walter falava de uma festa que Jacques Rival daria em sua casa de rapaz solteiro, um grande torneio de esgrima no qual tomariam parte várias mulheres da sociedade; ela dizia: “Será muito interessante. Mas estou desolada, pois não temos quem nos acompanhe. Meu marido estará viajando nessa época”.

Du Roy se ofereceu imediatamente. Ela aceitou. “Ficaremos muito agradecidas, minhas filhas e eu”.

Ele olhou para a mais jovem das senhoritas Walter e pensou: “Essa pequena Suzanne não é de todo mal, na verdade, nada mal”. Ela tinha o ar de uma frágil boneca loura, muito pequena, porém esbelta, com a cintura fina, quadris e busto de uma figura de miniatura, olhos de esmalte de um azul acinzentado, desenhados a pincel, que pareciam matizados por um pintor minucioso e fantasista, a pele muito branca, muito lisa, brilhante, igual, sem grânulos, sem cor, e cabelos crespos, frisados, uma selva controlada, leve, uma nuvem encantadora semelhante à cabeleira das belas bonecas de luxo que vemos nos braços das meninas menores que seu brinquedo.

A irmã mais velha, Rose, era feia, sem formas, insignificante, uma dessas moças que a gente não enxerga, com quem a gente não fala e que não diz nada.

A mãe se levantou e, voltando-se para Georges, disse:

“Então, conto com o senhor na quinta-feira próxima, às duas horas”.

Ele respondeu:

“Conte comigo, senhora”.

Assim que ela saiu, a Sra. de Marelle se levantou.

“Até logo, Bel-Ami”.

Então, foi ela quem apertou sua mão com muita força, por muito tempo; ele sentiu-se emocionado por essa confissão silenciosa, novamente tomado por um brusco desejo por essa pequena burguesa boêmia e afável que talvez o amasse de verdade.

“Irei vê-la amanhã”, pensou.

Assim que ficou sozinho com sua mulher, Madeleine começou a rir com um riso franco e alegre, olhando-o bem de frente: “Sabes que inspiraste uma paixão à Sra. Walter?”

Ele respondeu incrédulo:

“Ora, vamos!

— Mas é verdade, afirmo-te, ela me falou de ti com um entusiasmo louco. É tão singular de sua parte! Ela gostaria de encontrar dois maridos como tu para suas filhas!... Felizmente, com ela essas coisas não têm importância”.

Ele não entendeu o que ele queria dizer:

“Como, sem importância?”

Ela respondeu com convicção de mulher segura de seu julgamento:

“Oh! A Sra. Walter é uma dessas mulheres da qual jamais se disse nada, compreendes, jamais, jamais. Ela é inatacável sob todos os aspectos. Seu marido, tu o conheces como eu. Mas ela, é outra coisa. Além disso, sofreu muito por ter se casado com um judeu, mas permaneceu fiel. É uma mulher honesta”.

Du Roy se surpreendeu:

“Pensei que ela também fosse judia.

— Ela? De modo algum. Ela patrocina todas as obras de caridade da Madeleine. Até se casou no religioso. Não sei que houve um simulacro de batismo do diretor ou se a Igreja fechou os olhos”.

Georges murmurou:

Ah!...Então...ela...aprecia-me?

— Positiva e completamente. Se não estivesse comprometido, eu te aconselharia a pedir a mão de... de Suzanne, não é, preferentemente à de Rose?”

Ele respondeu, revirando o bigode:

“Ora! A mãe ainda está em forma”.

Mas Madeleine se impacientou:

“Sabes, meu pequeno, acho que a mãe seria boa para ti. Mas não a temo. Não seria na sua idade que cometeria a primeira falta. É preciso começar mais cedo”.

Georges pensou: “Será verdade que eu poderia ter me casado com Suzanne?...”

Depois, levantou os ombros: “Ora!...Que loucura!...O pai jamais me aceitaria!”

Entretanto, prometeu a si mesmo observar com mais cuidado os modos da Sra. Walter com relação à sua pessoa, sem se perguntar se poderia obter disse alguma vantagem.

Durante toda a noite foi perseguido pelas lembranças de seu amor com Clotilde, lembranças ao mesmo tempo ternas e sensuais. Recordou suas loucuras, suas gentilezas, as escapadas dos dois. Repetia a si mesmo: “Ela é realmente muito gentil. Sim, irei vê-la amanhã”.

No dia seguinte, logo depois do almoço, dirigiu-se à Rua Verneuil. A mesma criada abriu-lhe a porta e, com familiaridade, à moda das domésticas dos pequenos burgueses, perguntou: “Tudo bem, senhor?”

Ele respondeu:

“Sim, minha filha”

E entrou no salão onde uma pequena mão desajeitada tocava escalas no piano. Era Laurine. Julgou que ela pularia em seu pescoço. Mas ela se levantou gravemente, cumprimentou-o com cerimônia, como teria feito uma grande personagem, e retirou-se de modo digno.

Tinha tal aparência de mulher ultrajada que ele ficou surpreso. A mãe entrou. Ele tomou e beijou suas mãos.

“Como tenho pensado em ti, disse ele.

— E eu”, disse ela.

Sentaram-se. Sorriram um para o outro, olhos nos olhos, com vontade de beijarem-se na boca.

“Minha querida pequena Clo, eu te amo.

— Eu também.

— Então... então... não ficaste com muita raiva de mim?

— Sim e não... Sofri bastante, mas depois compreendi tua razão e disse a mim mesma: “Ora! Mais cedo ou mais tarde ele voltará para mim”.

— Eu não ousava vir; perguntava-me como seria recebido. Não ousava, mas desejava muito. A propósito, dize-me o que acontece com Laurine. Ela mal me cumprimentou e saiu daqui com ar furioso.

— Não sei. Mas não se pode falar de ti depois de teu casamento. Na verdade, creio que está com ciúmes.

— Ora essa!

— Mas sim, meu querido. Deixou de te chamar de Bel-Ami para te chamar de Sr. Forestier”.

Du Roy corou, depois, aproximando-se da moça, pediu:

“Dá-me tua boca”.

Ela deu.

“Onde poderemos nos rever?” perguntou ele.

— Ora...na Rua Constantinople.

— Ah!...O apartamento não está alugado?

— Não, eu o conservei!

— Tu o conservaste?

— Sim, achei que voltarias”.

Uma rajada de alegria orgulhosa encheu seu peito. Então, ela o amava com um amor verdadeiro, constante, profundo.

Ele murmurou: “Eu te adoro”. Em seguida, perguntou: “Teu marido vai bem?

— Sim, muito bem. Acabou de passar três meses aqui; partiu anteontem”.

Du Roy não pôde deixar de rir:

“Que conveniente!”

Ela respondeu ingenuamente:

“Oh! sim, muito conveniente”.

“Mas também não incomoda quando está aqui. Sabes disso!

— Isso é verdade. A propósito, é um homem encantador.

— E tu, como estás em tua nova vida?, perguntou ela

— Nem bem nem mal. Minha mulher é boa companheira, uma sócia.

— Nada mais?

— Nada mais... Quanto ao coração...

— Compreendo. Mas ela é gentil.

— Sim, e não me incomoda”.

Ele se aproximou de Clotilde e murmurou:

“Quando poderemos nos rever?

— Amanhã... se quiseres?

— Sim. Amanhã às 2h?

— Às 2h”.

Ele se levantou para partir, depois balbuciou, um pouco incomodado:

“Sabes, tenho intenção de retomar, sozinho, o apartamento da Rua Constantinople. Quero assim. Só faltava que fosse pago por ti”.

Foi ela quem lhe beijou as mãos com um movimento de adoração, murmurando: “Farás como quiseres. Para mim, foi suficiente tê-lo conservado para que pudéssemos nos rever ali”.

E Du Roy se foi com a alma plena de satisfação.

Passando diante da vitrine de um fotógrafo, o retrato de uma grande dama de olhos grandes lembrou-lhe a Sra. Walter: “É igual, ela ainda não está mal. Por que jamais reparei nela antes? Quero ver que cara me fará na quinta-feira”.

Ele esfregava as mãos, caminhando com uma alegria íntima, alegria provocada pelo sucesso sob todas as formas, alegria egoísta de homem hábil que venceu, alegria sutil feita de vaidade adulada e de sensualidade feliz, proporcionada pela ternura das mulheres.

Na quinta-feira, disse a Madeleine:

Não vais à competição na casa de Rival?

— Oh! Não. Isso não me diverte. Vou à Câmara dos Deputados”.

E ele foi buscar a Sra. Walter em um landô descoberto, pois fazia um tempo admirável.

Teve uma surpresa ao vê-la tão bonita e jovem.

Estava com uma roupa clara cujo corpete aberto permitia adivinhar a elevação dos seios sob a renda amarela. Ela jamais lhe parecera tão fresca. Julgou-a verdadeiramente desejável. Ela mantinha seu ar calmo e correto, certo ar de mamãe tranquila que a fazia passar quase despercebida aos olhos galantes dos homens. E também só falava para dizer coisas conhecidas, convenientes e moderadas, suas ideias sendo sábias, metódicas, bem ordenadas, ao abrigo de todos os excessos.

Toda em cor de rosa, sua filha Suzanne parecia um Watteau recém pintado; e sua irmã mais velha parecia a professora encarregada de fazer companhia àquele belo enfeito que era a mocinha.

Havia uma fila de carros diante da porta de Rival. Du Roy ofereceu o braço à Sra. Walter e eles entraram.

A competição estava sendo realizada em prol dos órfãos do sexto distrito de Paris, sob o patrocínio de todas as mulheres dos senadores e deputados que tinham relações com o La Vie Française.

A Sra. Walter prometera comparecer com suas filhas, recusando o título de patrocinadora, pois, com seu nome, só auxiliava as obras realizadas pelo clero, não por ser muito devotada, mas por acreditar que seu casamento com um israelita a forçava a uma certa postura religiosa; a festa organizada pelo jornalista tinha uma espécie de significado republicano que poderia parecer anticlerical.

Há três semanas, lia-se em todos os jornais:

“Nosso eminente colega Jacques Rival acaba de ter a ideia, tão engenhosa quanto generosa, de organizar, em prol dos órfãos do sexto distrito de Paris, uma grande competição de esgrima em sua bela sala de armas, anexa ao seu apartamento de solteiro.

Os convites são feitos pelas senhoras Laloigne, Remontel e Rissolin, esposas dos senadores do mesmo nome, e pelas senhoras Laroche-Mathieu, Percerol e Firmin, esposas de deputados muito conhecidos. Um simples oferecimento de donativo terá lugar durante o intervalo da competição, e o montante será imediatamente passado para as mãos do prefeito do sexto

distrito, ou de seu representante “

Era uma publicidade monstruosa que o hábil jornalista imaginara para seu proveito.

Jacques Rival recebia os recém-chegados à entrada de seu apartamento, onde fora instalado um bufê. As despesas seriam descontadas da receita.

Com um gesto amável, ele indicava a escada que levava à adega onde instalara a sala de armas e de tiro, e dizia: “No andar de baixo, senhoras. A esgrima terá lugar nos apartamentos subterrâneos”.

Precipitou-se para a mulher de seu diretor; depois, apertando a mão de Du Roy, disse: “Boa tarde, Bel-Ami”.

O outro se surpreendeu:

“Quem lhe disse que...”

Rival cortou-lhe a palavra:

“A Sra. Walter, aqui presente, que acha esse apelido muito gentil”.

A Sra. Walter enrubesceu:

“Sim, confesso que se eu o tivesse conhecido antes, faria como a pequena Laurine e também o chamaria de Bel-Ami. Cai-lhe muito bem”.

Du Roy riu:

Mas eu lhe peço senhora, chame-me assim”.

Ela baixara os olhos:

Não. Não somos tão íntimos”.

Ele murmurou:

“Posso esperar que isso aconteça?

— Bem, veremos”, disse ela.

Ele lhe deu passagem para a entrada da estreita descida iluminada por um bico de gás; a brusca transição da luz do dia para essa claridade amarela tinha algo de lúgubre. Um odor de subterrâneo subia por essa escada em caracol, um cheiro de umidade aquecida, de paredes bolorentas enxutas para a circunstância, e também de sopros de benjoim que lembravam ofícios sagrados, e de emanações femininas de Lubin, verbena, íris, violeta.

Ouvia-se no fundo um grande ruído de vozes, um frêmito de multidão agitada.

Toda a adega estava iluminada por guirlandas de gás e lanterna venezianas escondidas por folhagens que cobriam as paredes de pedra de salitre. Não se via nada além de ramagens. O teto estava enfeitado com plantas e o chão, coberto de folhas e de flores.

Todos achavam tudo aquilo cativante, de uma imaginação deliciosa. Na pequena adega do fundo elevava-se um estrado para os esgrimistas, entre duas fileiras de cadeiras para os juízes.

E em toda a adega, banquetas alinhadas de dez em dez, tanto à direita quanto à esquerda, podiam acomodar perto de duzentas pessoas. Havia sido convidadas quatrocentas.

Na frente do estrado, jovens em uniforme de esgrima, delgados, membros longos, cintura curvada, bigode em gancho, já posavam diante dos espectadores. Eram nomeados, designavam-se os mestres e os amadores, todos notabilidades da esgrima. Em torno deles conversavam senhores de casaca, jovens e velhos que tinham um ar de intimidade com os atiradores em roupa de combate. Também tentavam ser vistos, reconhecidos e nomeados, eram os príncipes da espada, à paisana, especialistas em golpes de florete.

Quase todas as banquetas estavam ocupadas por mulheres que se remexiam com amplo farfalhar de sedas e grande murmúrio de vozes. Abanavam-se como no teatro, pois já fazia um calor de estufa nessa gruta cheia de folhas. De tempos em tempos, um brincalhão gritava: “Refrescos! Limonada! Cerveja!”

A Sra. Walter e suas filhas ocuparam seus lugares, reservados na primeira fila. Depois de instalá-las, antes de se retirar, Du Roy murmurou: Sou obrigado a deixá-las, pois os homens não podem ocupar as banquetas”.

Mas a Sra. Walter respondeu, hesitante:

“Assim mesmo, gostaria muito que o senhor ficasse. Desse modo poderá me dizer os nomes dos esgrimistas. Veja, não atrapalhará ninguém se ficar em pé no canto deste banco.

Ela o olhou com seus grandes olhos doces e insistiu: “Vamos, fique conosco... senhor... senhor Bel-Ami. Temos necessidade do senhor”.

Ele respondeu:

“Obedecerei... com prazer, senhora”.

Ouvia-se repetir de todos os lados: “Esta adega é muito alegre, muito interessante”.

Georges conhecia bem aquela sala abobadada! Lembrava-se da manhã que ali passara na véspera de seu duelo, sozinho diante de um cartão branco que o fitava do fundo da segunda adega, como um olho enorme e apavorante.

A voz de Jacques Rival ressoou, vinda da escada: “Vamos começar, senhoras”.

E seis senhores, muito apertados em suas vestes para melhor exibir o tórax, subiram no estrado e sentaram-se nas cadeiras destinadas aos jurados.

Seus nomes correram: General de Raynaldi, presidente, homem pequeno com grandes bigodes; pintor Joséphin Rouget, homem alto, com barba longa; Matthéo de Ujar, Simon Ramoncel, Pierre de Carvin, três cavalheiros elegantes, e Gaspard Merleron, mestre.

Dois cartazes foram afixados dos dois lados da adega. O da direita dizia: Sr. Crèveœur, e o da esquerda: Sr. Plumeau.

Eram dois mestres, dois bons mestres de segunda ordem. Eles surgiram, ambos magros, ar militar, gestos um pouco rígidos. Depois de fazer a saudação das armas com movimentos automáticos, começaram a se atacar de modo semelhante, em seus costumes de tecido e de couro branco, como dois soldados palhaços que se batessem para fazer rir.

De tempos em tempos, ouvia-se a palavra: “Toque!” e os senhores do júri inclinavam a cabeça com ar de conhecedores. O público não via nada além de duas marionetes vivas que se agitavam estendendo o braço; não compreendia nada, mas estava contente. Entretanto, aqueles dois bonecos lhe pareciam pouco graciosos e vagamente ridículos. Lembravam os lutadores de madeira vendidos nos bulevares, no dia de Ano Novo.

Os dois primeiros esgrimistas foram substituídos pelos senhores Planton e Carapin, um mestre civil e um mestre militar. O Sr. Planton era baixinho e o Sr. Carapin, muito gordo. Dir-se-ia que o primeiro golpe de florete esvaziaria aquele balão como um elefante de tripa. Houve risos. O Sr. Planton saltava como um símio. O Sr. Carapin somente mexia o braço, o resto do corpo imobilizado pela gordura, e a cada cinco minutos caía a fundo, para frente, com tal lentidão e tal esforço que parecia ter tomado a resolução mais enérgica de sua vida. Em seguida, fazia grande esforço para se levantar.

Os conhecedores declaravam que seu jogo era muito firme, muito fechado. E confiante, o público o apreciou.

Depois vieram os senhores Porion e Lapalme, um mestre e um amador que se entregaram a uma ginástica desenfreada, correndo com fúria, um sobre o outro, forçando os jurados a fugir levando suas cadeiras, atravessando e reatravessando o estrado de lá para cá, um avançando e o outro recuando com saltos vigorosos e cômicos. Davam pulinhos para trás que faziam com que as damas rissem, e grandes impulsos para frente que, no entanto, emocionavam um pouco. Essa luta em passo de ginástica foi caracterizada por um desconhecido que gritou: “Vocês não acabam nunca, já está na hora!” Melindrada por essa falta de gosto, a assistência fez “Sh...!” O julgamento dos especialistas circulou. Os esgrimistas haviam demonstrado bastante vigor, mas às vezes lhes faltara resolução.

A primeira parte foi encerrada por uma bela demonstração de esgrima entre Jacques Rival e o famoso professor belga Lebègue. Rival foi muito apreciado pelas mulheres. Verdadeiramente, era um belo rapaz, bem feito de corpo, leve, ágil e mais gracioso que todos os que o haviam precedido. Mostrava certa elegância mundana no modo de se colocar em guarda e de se bater, que agradava e fazia contraste com a maneira enérgica, mas comum, de seu adversário. “Vê-se que é um homem bem educado”, dizia-se.

Ele venceu. Foi aplaudido.

Porém, depois de alguns minutos, vindo do andar superior, um ruído singular inquietou os espectadores. Era um grande sapatear acompanhado de risos estrepitosos. Sem dúvida, os duzentos convidados que não haviam podido descer para a adega divertiam-se a seu modo. Na pequena escada em caracol espremiavam-se cerca de 50 homens. Em baixo, o calor tornava-se

insuportável. Gritava-se: “Ar! Bebida!”. O mesmo folgazão esganiçava em um tom agudo que dominava o murmúrio das conversas:

“Refrescos! Limonada! Cerveja!”

Rival surgiu muito vermelho, ainda em costume de esgrima. “Vou mandar servir os refrescos”, disse ele, e correu para a escada. Mas toda comunicação fora cortada com o andar térreo. Teria sido mais fácil abrir o teto que atravessar a muralha humana comprimida nos degraus.

Rival gritava: “Façam passar os sorvetes para as damas!”

Cinquenta vezes repetiram: “Os sorvetes!” Enfim, apareceu um prato. Mas não continha mais que taças vazias, os refrescos tendo sido colhidos pelo caminho.

Uma voz forte gritou:

“Sufoca-se lá dentro. Vamos terminar depressa para irmos embora.”

Outra voz berrou: “A coleta!” E todo o público, arquejante, mas alegre, repetiu: “A coleta... a coleta...”

Então, seis damas puseram-se a circular entre as banquetas e ouviu-se um barulhinho de dinheiro caindo nas bolsas.

Du Roy nomeava os homens célebres para a Sra. Walter. Pessoas da sociedade, jornalistas dos grandes jornais, dos velhos jornais, que encaravam o *La Vie Française* com certa reserva nascida de sua experiência. Tinham visto morrer essas folhas político-financeiras, filhas de uma combinação turva, esmagadas pela queda de um ministério. Também se viam pintores e escultores, em geral homens afeitos ao esporte, um poeta acadêmico, dois músicos e vários nobres estrangeiros, cujos nomes Du Roy pronunciava, acompanhados pela sílaba *Rast* (significando *Rastaquera*), para imitar os ingleses que colocam *Esq.* em suas cartas, dizia ele. [\[1\]](#)

Alguém exclamou: “Boa tarde, caro amigo”. Era o Conde de Vaudrec. Desculpando-se com as damas, Du Roy foi apertar-lhe a mão.

Ao voltar, declarou: “Vaudrec é muito simpático. Nele, sente-se a raça”.

A Sra. Walter não respondeu. Estava um pouco cansada e seu peito erguia-se com esforço a cada arfar de seus pulmões, o que atraía os olhos de Du Roy. De tempos em tempos, ele encontrava o olhar da “Patroa” - um olhar perturbado, hesitante, que pousava sobre ele e logo se esquivava. Ele pensava consigo mesmo: “Ora... ora... ora... Será que também a conquistei?”

As encarregadas da coleta passavam. Suas bolsas estavam cheias de prata e ouro. Um novo cartaz foi afixado sobre o estrado, anunciando: “Grrrrande surpresa”. Os membros do júri voltaram aos seus lugares. Todos esperaram.

Apareceram duas mulheres, florete na mão, costume adequado, vestidas com malha escura, saia curta que lhes chegava até a metade das coxas e um peitilho tão estufado que eram obrigadas a manter a cabeça bem alta. Eram belas e jovens. Sorriam ao cumprimentar a audiência. Foram aclamadas por muito tempo.

Um sorriso amável fixara-se nos lábios dos jurados, que aprovavam os golpes com pequenas exclamações.

O público apreciou bastante essa luta e deu testemunho disso às duas combatentes que acendiam os desejos dos homens e despertavam nas mulheres o gosto natural do público parisiense pelas gentilezas um pouco marotas, pelas elegâncias do gênero canalha, pelo falso belo e pelo falso gracioso, pelas cantoras de café concerto e pelos casais de opereta.

Cada vez que uma das esgrimistas atacava, um arrepio corria pelo público. A que voltava as costas à sala, possuindo um traseiro bem fornido, fazia com que bocas se abrissem e olhos se arregalassem; e não já não era o jogo de punho que se olhava. Foram aplaudidas com delírio.

Seguiu-se uma luta de sabre, mas ninguém prestou atenção, pois toda atenção se voltara para o que acontecia no andar superior. Durante alguns minutos, ouviu-se um grande ruído de móveis arrastados, empurrados sobre o assoalho como se o apartamento estivesse sendo esvaziado. De repente, o som de um piano atravessou o teto e ouviu-se distintamente o barulho ritmado de pés saltando cadenciadamente. As pessoas do andar de cima estavam oferecendo um baile a si mesmas, para compensar o fato de não terem visto absolutamente nada.

No início, um grande riso se elevou no público da sala de armas, depois, o desejo de dançar despertou nas mulheres e elas deixaram de se ocupar com o que se passava no estrado e puseram-se a falar alto.

Consideram divertida essa ideia de baile organizado pelos retardatários. O pessoal do andar superior não devia estar nada aborrecido. Gostariam de lá estar.

Porém, dois novos combatentes cumprimentaram-se e puseram-se em guarda com tanta autoridade que todos os olhares seguiram seus movimentos.

Atacavam e se defendiam com graça elástica, com vigor comedido, com tamanha segurança de força, tal sobriedade de gestos, tanta correção de postura, tão grande severidade no jogo que a multidão ignorante ficou surpresa e encantada.

Sua calma prontidão, sua sábia flexibilidade, seus movimentos rápidos, tão calculados que pareciam lentos, atraíam e cativavam o olhar pelo poder da perfeição. O público sentiu que via algo belo e raro, que dois grandes artistas em sua profissão demonstravam o que poderia haver de melhor, toda a possibilidade que tinham dois mestres para expandir a habilidade, a astúcia, a ciência do raciocínio e da destreza física.

Ninguém mais falava, tamanha a atenção com que olhavam. Depois, quando se apertaram as mãos após o último golpe de florete, explodiram os gritos, os hurras. Sapatearam, berraram. Todo mundo conhecia seus nomes: eram Sergent e Ravignac.

Os espíritos exaltados tornaram-se briguentos. Os homens olhavam seus vizinhos com desejos de disputa. Seriam provocados por um simples sorriso. Os que jamais haviam tido um florete nas mãos esboçavam ataques e defesas com suas bengalas.

Pouco a pouco, a multidão voltava a subir a pequena escada. Finalmente, iriam beber. Mas foi uma indignação geral quando se constatou que as pessoas do baile haviam limpado o bufê e ido embora declarando que era desonesto incomodar 200 pessoas e não lhes mostrar nada.

Não restava um único doce, nem uma gota de champanha, de xarope ou de cerveja, nem um bombom, nem uma fruta, nada, nada, nada de nada. Havia saqueado, devastado, limpado tudo.

Os criados contavam todos os detalhes mostrando rostos tristes, escondendo sua vontade de rir. “As damas estavam mais enraivecidas que os homens e comeram e beberam a ponto de sentirem-se doentes”, afirmavam eles. Ao ouvi-los, acreditar-se-ia serem sobreviventes descrevendo a pilhagem e o saque de uma cidade, durante uma invasão.

Só restavam irem embora. Os senhores lamentavam os 20 francos oferecidos na coleta; indignavam-se com o fato de as pessoas do andar superior terem comido e bebido sem pagar nada.

As damas patrocinadoras haviam recolhido mais de 3 mil francos. Depois de pagas todas as despesas, restaram 220 francos para os órfãos do sexto distrito.

Escutando a família Walter, Du Roy esperava por seu landô. Reconduzindo a Patroa para casa, encontrou-se sentado diante dela e voltou a notar seu olhar acariciante e fugidio, que parecia perturbado. Ele pensou: “Com todos os santos, creio que ela está mesmo fisgada”, e sorriu, reconhecendo que realmente atraía as mulheres, pois a Sra. de Marelle, depois do reinício de seus amores, parecia amá-lo com delírio.

Entrou em casa alegremente.

Madeleine o esperava no salão.

“Tenho novidades, disse ela. O assunto do Marrocos se complica. A França bem poderia enviar para lá uma expedição daqui a alguns meses. Em todo caso, vamos nos aproveitar disso para fazer cair o ministério, e Laroche se aproveitará da ocasião para agarrar os Negócios Estrangeiros”.

Para arreliar sua mulher, Du Roy fingiu não acreditar em nada. Não seriam suficientemente loucos para recomeçar a asneira da Túnis.

Ela levantava os ombros com impaciência. “Digo-te que sim! Digo-te que sim! Não compreendes que para eles é uma questão de dinheiro. Hoje em dia, meu caro, nas combinações políticas não se deve dizer: ‘Procure pela mulher’, e sim ‘procure pelos negócios’”.

Ele murmurou: “Bah!” com ar de desprezo, para excitá-la.

Ela se irritou:

“Ora, és tão ingênuo quanto Forestier”.

Ela queria feri-lo e esperava que ele se encolerizasse. Mas ele sorriu e respondeu: “Tanto quanto aquele cornudo do Forestier?”

Ela ficou passada, e murmurou:

“Oh! Georges!”

Ele mostrava um ar insolente e trocista, e continuou:

“Quê? Não me confessaste, na outra noite, que Forestier era cornudo?”

E acrescentou: “Pobre diabo!” com um tom de profunda piedade.

Madeleine virou-lhe as costas, recusando-se a responder; depois, após um minuto de silêncio, disse: “Receberemos na terça-feira: a Sra. Laroche-Mathieu virá jantar com a condessa de Percemur. Queres convidar Rival e Norbert de Varenne? Amanhã irei visitar as senhoras Walter e de Marelle. Talvez a Sra. Rissolin também venha”.

Há algum tempo ela cultivava suas relações, usando a influência política do marido para, por vontade ou por necessidade, atrair à sua casa as mulheres dos senadores e dos deputados que precisavam do apoio do La Vie Française.

Du Roy respondeu:

“Muito bem. Eu me encarrego de Rival e de Norbert”.

Estava contente e esfregava as mãos, pois havia encontrado um bom refrão para aborrecer sua mulher e satisfazer o obscuro rancor, o confuso e mordente ciúme que despertara nele depois do passeio ao Bois. Não mais falaria de Forestier sem qualificá-lo de cornudo. Sentia que isso terminaria por enraivecer Madeleine. E durante a noite, encontrou um meio de dizer dez vezes, com bonomia irônica, o nome daquele “cornudo do Forestier”.

Deixara de odiar o morto; vingava-se.

Sua mulher fingia não ouvir e continuava, sorridente e indiferente diante dele.

No dia seguinte, como ela devia enviar o convite para a Sra. Walter, ele quis precedê-la para encontrar a Patroa sozinha e ver se, verdadeiramente, estava apaixonada por ele. Isso o divertia e lisonjeava. E depois... porque não, se fosse possível...

Ele se apresentou no bulevar Malesherbes às 2h. Fizeram-no entrar no salão. Ele esperou.

A Sra. Walter apareceu, a mão estendida com uma diligência feliz

“Que bons ventos o trazem?”

— Nenhum vento bom, mas um desejo de vê-la. Uma força me empurrou para sua casa, não sei por que, e não tenho nada para dizer. Vim, eis-me aqui! A senhora me perdoa esta visita matinal e a franqueza da explicação?”

Dizia isso com um tom galante e brincalhão, com um sorriso nos lábios e um acento sério na voz

Ela ficou surpresa, um pouco vermelha, balbuciando:

“Mas...verdadeiramente...não compreendo...O senhor me surpreende...”

Ele acrescentou:

“É uma declaração em tom alegre, não para assustá-la”.

Sentavam-se um ao lado do outro. Ela levou a coisa para o lado da brincadeira.

“Então, é uma declaração... séria?”

— Claro que sim! Há tempos queria fazê-la, realmente há muito tempo, Mas não ousava. A senhora é considerada tão severa, tão rígida...”

Ela reencontrara sua segurança. Respondeu:

“Por que o senhor escolheu o dia de hoje?”

— Não sei”. Em seguida, baixou a voz “Ou talvez, por que só consigo pensar na senhora, depois de ontem”.

Ela balbuciou, de repente pálida:

“Vamos, chega de infantilidades. Falemos de outra coisa”.

Mas ele se pusera de joelhos tão bruscamente que ela teve medo. Quis se levantar; ele a manteve sentada pela força de seus dois braços enlaçando sua cintura, e repetiu com voz apaixonada: “Sim, é verdade que eu a amo com loucura, há muito tempo. Não me responda. Que quer? Sou louco! Eu a amo... Oh! Se soubesse como eu a amo!”

Ela sufocava, arquejava, tentava e não conseguia pronunciar uma única palavra. Ela o empurrava com as duas mãos, segurando-o pelos cabelos para impedir a aproximação daquela boca que sentia vir na direção da sua. E virava a cabeça da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, com um movimento rápido, fechando os olhos para não vê-lo.

Ele a tocava através do vestido, tateava, apalpava; e ela desfalecia sob essa carícia brutal e forte. Ele se levantou bruscamente e tentou abraçá-la, mas, livre por um segundo, ela escapou atirando-se para trás, e agora fugia de poltrona em poltrona.

Ele julgou ridícula essa perseguição e deixou-se cair em uma cadeira, o rosto nas mãos, fingindo soluços convulsivos.

Em seguida, controlou-se e gritou: “Adeus! Adeus!”, e fugiu.

Pegou tranquilamente a bengala no vestibulo e ganhou a rua dizendo a si mesmo: “Cristo, creio que já chega”. E passou pelo telégrafo para mandar um azulzinho para Clotilde, marcando um encontro para o dia seguinte.

Voltando para casa no horário de sempre, disse à sua mulher:

“Bem, convidaste todo mundo para teu jantar?”

Ela respondeu:

“Sim; somente a Sra. Walter não tem certeza se estará livre. Hesitou; ela falou sei lá o quê sobre compromisso, sobre consciência. Enfim, pareceu-me muito estranha. Não importa, espero que venha, assim mesmo”.

Ele levantou os ombros:

“Oh, claro que sim, ela virá”.

Entretanto, ele não tinha certeza e ficou inquieto até o dia do jantar.

Na manhã daquele dia, Madeleine recebeu um recado da Patroa: “A duras penas consegui ficar livre e estarei presente. Mas meu marido não poderá me acompanhar”.

Du Roy pensou: “Fiz bem em não voltar lá. Ela já se acalmou. Cuidado”.

No entanto, esperou sua chegada com um pouco de inquietude. Ela surgiu bastante calma, um pouco fria, um pouco altiva. Ele se mostrou muito humilde, muito discreto e submisso.

As senhoras Laroche-Mathieu e Rissolin acompanhavam seus maridos. A viscondessa de Percemur representava a alta sociedade. A Sra. de Marelle estava arrebatadora em uma roupa de singular fantasia, amarela e negra, um costume espanhol que acentuava seu belo talhe, seu busto e seus braços roliços, e tornava enérgica sua pequena cabeça de passarinho.

Du Roy sentava-se à direita da Sra. Walter e durante o jantar só lhe falou de coisas sérias, com respeito exagerado. De tempos em tempos, olhava para Clotilde. “Ela está realmente mais bonita e mais fresca”, pensava ele. Depois, seus olhos voltavam para sua mulher que ele não achava nada mal, se bem que guardasse contra ela uma cólera recolhida, tenaz e maldosa.

Mas a Patroa o excitava pela dificuldade da conquista e por essa novidade sempre desejada pelos homens.

Ela quis se retirar cedo.

“Eu a acompanharei”, disse ele.

Ela recusou. Ele insistiu:

“Por que não quer? Seria uma enorme bênção para mim. Não me faça crer que não me perdoou. Veja como estou calmo”.

Ela respondeu:

“O senhor não pode abandonar assim seus convidados”.

Ele sorriu:

“Ora! Eu só ficaria ausente por vinte minutos. Ninguém notaria. Se recusar ficarei magoado até o coração”.

Ela murmurou:

“Está bem, aceito”.

Porém, assim que se encontraram no carro, ele tomou sua mão e a beijou com paixão: “Eu a amo, eu a amo. Permita-me

dizer. Não a tocarei. Só quero repetir que a amo”.

Ela balbuciava:

“Oh! Depois do que o senhor prometeu... Isso não é direito... não é direito...”.

Ele pareceu fazer um grande esforço e disse em voz contida:

“Está bem, veja como me controlo. Ainda assim... Deixe-me dizer apenas isso. Eu a amo... e vou repetir todos os dias... sim, permitam-me ir à sua casa e me ajoelhar cinco minutos aos seus pés para pronunciar essas três palavras olhando seu rosto adorado”.

Ela lhe abandonara sua mão, e respondeu ofegante:

“Não, não posso, não quero. Pense nos comentários, nos meus criados, nas minhas filhas. Não, não, é impossível...”

Ele continuou:

“Não posso mais viver sem vê-la. Seja em sua casa ou em outro lugar, preciso vê-la, nem que sejam por um minuto todos os dias, preciso tocar sua mão, respirar o ar agitado por seu vestido, contemplar a linha do seu corpo, seus belos olhos grandes que me enlouquecem”.

Ela escutava fremente, essa banal música de amor, e gaguejava:

“Não... não... é impossível. Cale-se!”

Ele lhe falava baixinho, no ouvido, compreendendo que era preciso conquistar pouco a pouco aquela mulher simples, que era preciso fazê-la decidir-se a encontrar com ele, no início onde ela quisesse, em seguida, onde ele desejasse: “Ouça... é preciso... eu a verei... esperarei diante de sua porta... como um mendigo... Se a senhora não descer, eu subirei à sua casa... mas eu a verei... eu a verei... amanhã”.

Ela repetia: “Não, não, não venha. Não o receberei. Pense em minhas filhas.

— Então diga-me onde encontrá-la... na rua... não importa onde... na hora que quiser... desde que eu a veja. Eu a cumprimentarei... Direi ‘eu a amo’ e irei embora”.

Ela hesitava, desvairada. E como o cupê se aproximava da porta de sua casa, murmurou muito depressa: “Está bem, estarei na Trinité amanhã, às 3h30”.

Em seguida, depois de descer, disse ao seu cocheiro:

“Leve de volta o Sr. Du Roy à casa dele”.

Quando voltou, sua mulher lhe perguntou:

“Onde estavas?”

Ele respondeu com voz baixa:

“Fui até o telégrafo para enviar um telegrama urgente”.

A Sra. de Marelle se aproximou:

“Bel-Ami, pode me levar para casa? Sabe que não venho jantar tão longe a não ser sob essa condição?”

Depois, voltando-se para Madeleine:

“Não ficas com ciúmes?”

A Sra. Du Roy respondeu lentamente:

“Não, não muito”.

Os convívios se retiravam. A Sra. Laroche Mathieu parecia uma empregadinha de província. Era filha de um notário, desposada por Laroche na época em que não passava de um advogado medíocre. A Sra. Rissolin, velha e pretensiosa, dava ideia de uma antiga parteira cuja educação fora feita nos gabinetes de leitura. A viscondessa de Percemur os olhava do alto. Sua “pata branca” tocava com repugnância as mãos comuns.

Envolvida em rendas, Clotilde disse a Madeleine, ao atravessar a porta que dava para as escadas: “Teu jantar estava perfeito. Em pouco tempo terás o principal salão político de Paris”.

Assim que ficou sozinha com Georges, ela o tomou nos braços:

“Oh! meu querido Bel-Ami, ama-te mais a cada dia”.

O fiacre que os levava balançava como um navio.

“Isto não vale nosso quarto”, disse ela.

Ele respondeu: “Oh! não”. Mas pensava na Sra. Walter.

[\[1\]](#) Esq. – Ilustríssimo Senhor

IV

A Praça da Trinité estava quase deserta sob o fulgurante sol de julho. Um calor pesado esmagava Paris, como se o ar lá de cima, mais maciço, escaldante, tivesse caído sobre a cidade, um ar espesso e pungente que provocava dor no peito.

O repuxos diante da igreja derrubavam a água molemente. Pareciam cansados de correr, também indolentes e preguiçosos, e o líquido do tanque, onde boiavam folhas e pedaços de papel, tinha aparência um pouco esverdeada, espessa e musgosa.

Tendo saltado sobre o rebordo de pedra, um cão banhava-se nessa onda duvidosa. Sentadas nos bancos do pequeno jardim redondo que contornava o portal, algumas pessoas olhavam invejosamente o animal.

Du Roy tirou o relógio. Ainda não eram 3h. Estava meia hora adiantado.

Ria pensando nesse encontro. “As igrejas são boas para todos os usos”, dizia a si mesmo. “Elas consolam, propiciam uma atitude de protesto no mundo político, um comportamento correto na sociedade e um abrigo para encontros galantes. Acaba sendo um hábito servir-se da religião como se usa um guarda-sol. Se o tempo está bonito é uma bengala, se faz sol é uma sombrinha; se chove é um guarda-chuva, e quando não se sai de casa, deixa-se na vestibulo. Existem centenas como ela, que se servem do bom Deus como de um velhote aferrado aos velhos costumes, que não querem que se fale mal dele, mas o tomam como alcoviteiro assim que surge uma oportunidade. Se lhes propuséssemos entrar em um hotel, considerariam uma infâmia, mas lhes parece muito simples cultivar o amor ao pé dos altares”.

Ele andava devagar em torno do tanque; voltou a olhar as horas no relógio do campanário, que estava dois minutos adiantado, comparado com o seu. Ele indicava 3h05.

Ele achou que seria melhor dentro da igreja, e entrou.

Um frescor de adega o envolveu; ele o aspirou feliz, depois deu uma volta pela nave para conhecer bem o lugar.

Do fundo do vasto monumento, outro andar regular, às vezes interrompido, depois recomeçando, respondia ao ruído de seus passos, sonoros sob a abóbada alta. Sentiu curiosidade de conhecer esse visitante. Ele o procurou. Era um homem gordo e calvo que andava com o nariz levantado, segurando o chapéu atrás das costas.

Aqui e ali, uma velha senhora ajoelhada rezava com o rosto entre as mãos.

Uma sensação de solidão, de deserto, de repouso, invadia o espírito. A luz era doce aos olhos, matizada pelos vitrais.

Du Roy achou que era “bom demais”, ali dentro.

Voltou para perto da porta e de novo consultou o relógio. Ainda eram 3h15. Sentou-se na entrada da ala principal, lamentando não poder fumar um cigarro. No fundo da igreja, perto do coro, continuava-se a ouvir o passeio lento do senhor gordo.

Alguém entrou. Georges voltou-se bruscamente. Era uma mulher do povo, vestindo uma saia de lã, uma mulher pobre que caiu de joelhos perto da primeira cadeira, ficou imóvel, dedos cruzado, olhar voltado para o céu, alma imersa na prece.

Du Roy olhou-a com interesse, perguntando-se que mágoa, que dor, que desespero poderia esmagar aquele ínfimo coração. Ela estava afundada na miséria; era visível. Talvez ainda tivesse um marido que a moesse de pancadas, ou mesmo um filho à beira da morte.

Ele murmurava mentalmente: “Pobres seres. Como sofrem”. E uma cólera o invadiu contra a natureza impiedosa. Depois, refletiu que aqueles infelizes pelo menos acreditavam que alguém se ocupava deles lá no alto, que sua identidade estava inscrita nos registros do céu com o confronto entre seus débitos e créditos.

“Lá no alto. Onde?”

E Du Roy, em quem o silêncio da igreja despertara grandes sonhos, julgando a criação em um único pensamento, disse entre dentes: “Como tudo isso é idiota”.

Um farfalhar de vestido o fez estremecer. Era ela.

Ele se levantou e se aproximou vivamente. Ela não lhe estendeu a mão e murmurou em voz baixa: “Tenho apenas alguns instantes. Preciso voltar. Ajoelhe perto de mim para não chamarmos atenção”.

E avançou pela nave central procurando um local conveniente e seguro, como mulher que conhecia bem a casa. Seu rosto estava escondido por um véu espesso, e ela caminhava com passos surdos que quase não se ouviam.

Quando chegou perto do coro, ela se voltou e sussurrou, com o tom misterioso usado nas igrejas: “As alas laterais são melhores. Aqui, ficamos muito expostos”.

Ela saudou o sacrário do altar principal com uma grande inclinação de cabeça, reforçada por uma ligeira reverência, depois virou à direita, voltou um pouco na direção da entrada e, tomando uma resolução, pegou um genuflexório e se ajoelhou.

Georges se apossou do genuflexório vizinho e, assim que estavam imóveis, em atitude de oração, disse: “Obrigado, obrigado. Eu a adoro. Gostaria de lhe repetir sempre, de contar como comecei a amá-la, como fiquei seduzido desde a primeira vez que a vi... Permite-me, um dia, esvaziar meu coração e lhe dizer tudo isso?” Ela ouvia em atitude de meditação profunda, como se não tivesse escutado nada, e respondeu entre os dedos: “Sou louca de permitir que me fale assim, louca por ter vindo, louca por fazer o que estou fazendo, por permitir que acredite que esta... esta... esta aventura possa prosseguir. E preciso que esqueça tudo isso e não volte a falar comigo, nunca mais”.

Ele esperou. Procurava uma resposta, palavras decisivas, apaixonadas, mas como não podia juntar gestos às palavras, sua ação estava paralisada.

Ele falou:

“Não almejo nada... Não espero nada. Eu a amo. Não importa o que faça, repetirei com tanta frequência, com tanta força e ardor, que a senhora acabará por compreender. Quero que minha ternura a penetre, que preencha sua alma, palavra por palavra, dia por dia, de sorte que, enfim, ela a invada como um licor derramado gota a gota, que ela a enterneça, que a comova e, mais tarde, a obrigue a responder: “Também o amo”.

Ele sentiu seu ombro tremer contra o seu, sua garganta palpitar; e, muito depressa, ela balbuciou: “Também o amo”.

Ele teve um sobressalto, como se tivesse recebido um grande golpe na cabeça, e suspirou:

“Oh! Meu Deus!...”

Ela continuou com voz ofegante:

“Será que eu devia lhe dizer isso? Sinto-me culpada e desprezível... Eu... que tenho duas filhas... mas não consigo... não posso... não acreditava... jamais pensei... é mais forte... é mais forte que eu. Ouça... ouça... Jamais amei outro... além do senhor... Juro. Há um ano eu o amo em segredo, no segredo de meu coração. Oh! Sofri, lutei, mas não posso mais, eu o amo...”

Ela chorava nos dedos cruzados sobre o rosto, e todo seu corpo tremia, sacudido pela violência de sua emoção.

George murmurou:

“Dê-me sua mão, quero tocá-la, apertá-la...”

Ela retirou lentamente a mão do rosto. Ele viu a face molhada, uma gota de lágrima prestes a cair da borda de cílios.

Segurou aquela mão, estreitou-a:

“Oh! Como eu gostaria de beber suas lágrimas!”

Ela disse com voz baixa e alquebrada, parecendo um gemido:

“Não abuse de mim... estou perdida!”

Ele teve vontade de sorrir. Como poderia ele abusar dela naquele lugar? Ele depositou sobre seu coração a mão que segurava e perguntou: “Sente como bate?”. Pois esgotara as frases apaixonadas.

Porém, depois de alguns instantes, o passo regular do visitante se aproximou. Ele inspecionara todos os altares e, pela segunda vez, descia pela pequena nave direita. Quando a Sra. Walter o ouviu perto do pilar que a escondia, puxou os dedos que Georges segurava e voltou a cobrir o rosto.

E ambos ficaram imóveis, ajoelhados, como se, juntos, enviassem ao céu suas súplicas ardentes. O senhor gordo passou próximo deles, lançou-lhes um olhar indiferente e se afastou na direção do fundo da igreja, sempre segurando o chapéu atrás das costas.

Mas Du Roy, que sonhava obter um encontro em um lugar diferente da Trinité, murmurou: “Onde poderei vê-la amanhã?”

Ela não respondeu. Parecia inanimada, transformada na estátua da Prece.

Ele repetiu:

“Quer que a encontre amanhã no parque Monceau?”

Ela virou para ele seu rosto descoberto, um rosto lívido, crispado por um sofrimento atroz e, com voz entrecortada, falou: “Deixe-me... deixe-me, agora... vá... vá embora... somente cinco minutos; sofro demais perto do senhor... quero rezar... não posso... vá... deixe-me rezar... sozinha... cinco minutos... não posso... cinco minutos...”

Seu rosto estava de tal modo alterado, era um rosto tão dorido que ele se levantou sem dizer palavra. Após um momento de hesitação, perguntou: “Devo voltar daqui a pouco?”

Ela fez um sinal de cabeça que queria dizer: “Sim, daqui a pouco”. E ele caminhou na direção do coro.

Ela tentou rezar. Fez um esforço sobre-humano de invocação a Deus e, com o corpo vibrante, a alma perdida, bradou aos céus: “Piedade!”

Fechou os olhos, com raiva por não mais poder ver o homem que acabara de deixá-la! Ela o expulsava de seu pensamento, debatia-se contra ele, mas em lugar da aparição celeste que esperava na angústia de seu coração, via sempre o bigode frisado do moço.

Lutava desse modo há um ano, todos os dias, todas as noites, contra essa obsessão crescente, contra essa imagem que assombrava seus sonhos, que perseguia sua carne e perturbava suas noites. Sentia-se presa como um animal em uma armadilha, atirada para os braços daquele macho que a vencera, que a conquistara apenas com os pelos sobre seus lábios e a cor de seus olhos.

E agora, naquela igreja, bem perto de Deus, sentia-se mais fraca, mais abandonada, mais perdida que em sua própria casa. Não conseguia mais rezar, só podia pensar nele. Já sofria por ele ter se afastado. Lutava em desespero, defendia-se, pedia socorro com todas as forças de sua alma. Preferiria morrer que sucumbir desse modo, ela que jamais falhara. Murmurava perdidas palavras de súplica, mas ouvia os passos de George enfraquecendo-se na distância, sob as abóbodas.

Por fim, compreendeu que a luta era inútil! Mas não queria ceder; foi tomada por uma dessas crises de nervos que atiram as mulheres ao solo, palpitantes, uivantes, retorcidas. Todos os seus membros tremiam e ela sentia que cairia, rolaria por entre as cadeiras, lançando gritos agudos.

Alguém se aproximava em passos rápidos. Ela voltou a cabeça. Era um padre. Então, levantou-se e correu para ele com as mãos juntas, balbuciando: “Oh! Salve-me! Salve-me!”

Ele se deteve, surpreso:

“Que deseja, senhora?”

— Quero que o senhor me salve. Tenha piedade de mim. Se não me ajudar, estarei perdida”.

Ele a olhou perguntando a si mesmo se ela era louca. Ele disse:

“Que posso fazer pela senhora?”

Era um homem jovem, alto, um pouco gordo, com faces cheias e caídas, sombreadas de negro pela barba feita com cuidado, um belo vigário de cidade, de bairro opulento, habituado aos penitentes ricos.

“Receba minha confissão, disse ela, e aconselhe-me, ajude-me, diga-me o que fazer!”

Ele respondeu:

“Ouço confissões todos os sábados, de 3h às 6h”.

Tendo agarrado seu braço, ela o apertava, repetindo:

“Não! Não! Não! Agora! É preciso! Ele está aqui! Neste igreja! Espera por mim”.

O padre perguntou:

Quem a espera?

— Um homem...que vai me perder...que vai me possuir se o senhor não me salvar...Não consigo fugir dele...

Sou fraca demais...fraca demais...tão fraca...tão fraca!..”

E caiu de joelhos, soluçando:

“Oh! Tenha piedade de mim, padre!

Salve-me, em nome de Deus, salve-me!”

Ela o agarrara pela batina negra para que ele não escapasse; e ele, inquieto, olhava para todos os lados, procurando ver se algum olhar maledicente ou devoto observava aquela mulher caída a seus pés.

Enfim, compreendendo que não poderia escapar, falou:

“Levante-se, tenho comigo a chave do confessionário”. Remexendo do bolso, dali retirou um anel cheio de chaves, escolheu uma delas e, com passos rápidos, dirigiu-se para as pequenas cabanas de madeira, espécie de lixeiras das almas onde os crentes esvaziavam seus pecados.

Ele entrou pela porta do meio, que fechou sobre si, e a Sra. Walter, tendo se entrado na estreita casinhola lateral, balbuciou com fervor, com um ímpeto apaixonado de esperança: “Abençoe-me padre, porque pequei”.

.....

Depois de andar pelo coro, Du Roy desceu a nave da esquerda. Chegara até a metade quando encontrou o senhor gordo e calvo que continuava a andar com seu passo tranquilo, e pensou consigo mesmo: “O que esse esquisito estará fazendo aqui?”

O visitante também passara a andar mais devagar e olhava Georges com visível desejo de lhe falar. Quando chegou perto, cumprimentou-o e disse muito polidamente: “Senhor, peço-lhe que me perdoe por incomodá-lo, mas poderia me dizer em que época foi construído este monumento?”

Du Roy respondeu:

“Com todos os santos, não tenho ideia, mas acho que foi há uns 20, 25 anos. A propósito, esta é a primeira vez que entro aqui.

— Eu também. Ainda não o tinha visto”.

Então, interessando-se, o jornalista disse:

“Parece-me que o senhor o visita com grande cuidado, examinando todos os detalhes”.

O outro respondeu com resignação:

“Não o visito, senhor, espero pela minha mulher, que ficou de se encontrar comigo aqui e está muito atrasada”.

Em seguida, calou-se e, depois de alguns segundos, continuou:

“Está um calor horrível, lá fora”.

Du Roy o analisou, achando-o com boa cabeça e, de repente, imaginou que ele se parecia com Forestier.

“O senhor é do interior? perguntou.

— Sim. Sou de Rennes. E o senhor, entrou na igreja por curiosidade?

— Não. Espero por uma mulher”.

E despedindo-se dele, o jornalista se afastou com um sorriso nos lábios.

Aproximando-se da porta principal, reviu a mulher pobre, sempre ajoelhada, rezando, e pensou:

“Cristo! Ela é teimosa, em sua invocação”. Não mais estava emocionado, não mais a lamentava.

Passou e, devagar, começou a percorrer a nave direita para reencontrar a Sra. Walter.

De longe, espiou o lugar onde a deixara, espantando-se ao não vê-la. Acreditou ter se enganado de pilar, foi até o último e em seguida voltou. Então, ela partira! Ficou surpreso e furioso. Depois, imaginou que ela provavelmente o procurava e deu outra volta na igreja. Como não a encontrou, sentou-se na cadeira que ela ocupara, esperando que ela se juntasse a ele. Aguardou.

Logo, um leve murmúrio de vozes despertou sua atenção. Não vira ninguém naquele canto da igreja. De onde vinham aqueles sussurros? Levantou-se para procurar e notou as portas do confessionário na capela vizinha. Uma ponta de vestido saía de uma delas, arrastando-se pelo pavimento. Aproximou-se para examinar a mulher e a reconheceu. Ela se confessava!..

Sentiu um violento desejo de agarrá-la pelos ombros e arrancá-la daquela caixa. Depois pensou: “Bah! hoje é a vez do cura, amanhã será a minha”. E sentou-se tranquilamente diante dos guichês das penitências, esperando sua hora, zombando da aventura.

Esperou por muito tempo. Enfim, a Sra. Walter se levantou, o viu e aproximou-se dele. Seu rosto estava frio e severo.

“Senhor, disse ela, peço-lhe para não me acompanhar, não me seguir e não voltar à minha casa sozinho. O senhor não seria recebido. Adeus!”

E foi embora, caminhando com toda dignidade.

Ele deixou que ela se afastasse, pois tinha por princípio jamais forçar os acontecimentos. Depois, como o padre sáísse de seu reduto um pouco perturbado, caminhou diretamente para ele, olhou-o no fundo dos olhos e resmungou-lhe na cara: “Se o senhor não usasse saias levaria um par de bofetadas nesse focinho abjeto”.

Depois, girou nos calcanhares e saiu da igreja, assobiando.

Em pé sob o portal, chapéu na cabeça e as mãos atrás das costas, cansado de esperar, o senhor gordo percorria com o olhar a vasta praça e todas as ruas que ali se reuniam.

Quando Du Roy passou por perto, cumprimentaram-se.

Como estava livre, o jornalista foi ao La Vie Française. Assim que entrou, percebeu pela cara atarefadas dos rapazes que ali se passavam coisas anormais, e entrou bruscamente no escritório do diretor.

Em pé, nervoso, o Sr. Walter ditava um artigo por frases picadas e, entre dois parágrafos, distribuía tarefas para os repórteres que o rodeavam, fazia recomendações a Boisrenard e abria cartas.

Quando Du Roy entrou, o patrão lançou um grito de alegria:

“Ah! Que sorte, eis aqui Bel-Ami!”

Ele se deteve um pouco confuso e se desculpou:

“Peço-lhe que me perdoe por chamá-lo assim, estou muito perturbado pelas circunstâncias. Além disso, ouço minha mulher e minhas filhas chamarem-no de “Bel-Ami” desde a manhã até a noite, e acabei por me habituar. Não se aborreça por isso, está bem?”

Georges riu:

“De modo algum. Esse apelido não tem nada que me desgoste”.

O Sr. Walter continuou:

“Ótimo, agora eu o batizo de Bel-Ami, como todo mundo. Muito bem! Temos grandes novidades. O ministério caiu por 310 votos contra 102, Nossas férias estão adiadas, adiadas até as Calendas Gregas, e aqui estamos, no dia 28 de julho. A Espanha se zangou com o Marrocos e por isso derrubou Durand de l’Aine e seus acólitos. Estamos cheios de trabalho, até o pescoço. Marrot está encarregado de formar um novo gabinete. Ele escolheu o general Boutin d’Acre para o posto de Ministro da Guerra e nosso amigo Laroche-Mathieu para os Negócios Estrangeiros. Guarda para si mesmo a pasta do Interior, com a presidência do Conselho. Vamos nos tornar um jornal oficioso. Faço o artigo de fundo, uma simples declaração de princípios, traçando os caminhos para os ministros”.

O velho sorriu e continuou:

“O caminho que eles acham que vão seguir bem entendido. Mas preciso de algo interessante sobre a questão do Marrocos, uma atualidade, uma crônica de efeito que faça sensação, sei lá. Vocês se encarregam disso”.

“Tenho a solução para o senhor. Eu lhe darei um estudo sobre a situação política de toda nossa colônia africana, com a Tunísia à esquerda, a Argélia no centro e o Marrocos à direita, a história das raças que povoam esse grande território e o relato de uma excursão, da fronteira marroquina até o grande oásis Figuig, onde jamais penetrou nenhum europeu e que é a causa do atual conflito. O que acha?”

O Sr. Walter exclamou:

“Admirável! E o título?”

— De Túnis a Tanger!

— Soberbo”.

E Du Roy foi remexer na coleção do La Vie Française para encontrar seu primeiro artigo: “Reminiscências de um caçador na África” que, trocado o título, remodelado e modificado, serviria admiravelmente para o negócio, de ponta a ponta, pois era

questão de política colonial, da população argelina e de uma excursão à província de Orã.

Em três quartos de hora, a coisa foi refeita, remendada, retocada com um sabor de atualidade e elogios para o novo gabinete.

Depois de ler o artigo, o diretor declarou:

“Está perfeito... perfeito... perfeito. O senhor é um homem precioso. Todos os meus cumprimentos”.

E Du Roy foi para casa jantar, encantado com seu dia, apesar da falha na Trinité, pois sentia que a partida estava ganha.

Sua mulher o esperava, febril. Assim que o viu, exclamou:

“Sabes que Laroche é Ministro dos Negócios Estrangeiros?”

— Sim, acabei de escrever um artigo sobre a Argélia, a esse respeito.

— Como?

— Tu o conheces, o primeiro que escrevemos juntos: ‘Reminiscências de um caçador na África’, revisto e corrigido para a circunstância”.

Ela sorriu.

“Ah! Sim, serve muito bem”.

Depois de pensar alguns instantes, falou:

“Estava pensando, aquela continuação que devias escrever e que... deixaste encaminhada. Poderíamos escrevê-la agora. Isso nos daria uma bela série sobre a situação atual”.

Ele respondeu, sentando-se diante da sopa:

“Perfeitamente. Nada se opõe a isso, agora que aquele cornudo do Forestier bateu as botas”.

Ela replicou vivamente, em tom seco, ferido:

“Essa brincadeira está mais que mal colocada, e peço-te para terminar com isso. Já esta durando tempo demais”.

Ele ia responder com ironia; mas recebeu um telegrama contendo uma única frase, sem assinatura: “Perdi a cabeça. Perdoe-me e encontre-me amanhã às 4h, no parque Monceau”.

Ele compreendeu e, de repente com o coração cheio de alegria, disse à sua mulher, deslizando o papel azul para dentro do bolso: “Não repetirei, minha querida. É idiota. Reconheço”.

E recomeçou a jantar.

Enquanto comia, repetia para si mesmo aquelas palavras:

“Perdi a cabeça, perdoe-me e encontre-me amanhã às 4h, no parque Monceau”. Então, ela cedia. Aquilo queria dizer: “Rendo-me, serei sua onde quiser, quando quiser”.

Começou a rir. Madeleine perguntou:

“O que tens?”

— Nada demais. Pensei em um cura que encontrei há pouco, que tinha uma cara de tonto”.

Du Roy chegou na hora exata ao encontro do dia seguinte. Em todos os bancos do parque, sentavam-se burgueses extenuados pelo calor e criadas apáticas que pareciam sonhar enquanto as crianças rolavam na areia dos caminhos.

Encontrou a Sra. Walter na pequena ruína antiga onde corre uma fonte. Ela fazia a volta do estreito círculo de colunatas, com ar inquieto e infeliz

Assim que ele a cumprimentou, ela disse:

“Como tem gente, neste jardim!”

Ele aproveitou a ocasião:

Sim, é verdade; quer ir a outro lugar?

— Mas para onde?

— Não importa, para dentro de um carro, por exemplo. Baixando a cortina do seu lado, pode ficar bem abrigada.

— Sim, gosto disso; aqui, morro de medo.

— Bem, encontre-me dentro de cinco minutos na porta que dá para o bulevar exterior. Chegarei com um fiacre”.

E partiu correndo. Assim que se reuniu a ele e depois de velar bem o vidro de seu lado, ela perguntou: “Para onde o cocheiro nos conduz?”

Georges respondeu:

“Não se preocupe com nada, ele sabe para onde ir”.

Dera ao homem o endereço de seu apartamento da Rua Constantinople.

Ela falou:

“O senhor não sabe como sofro por sua causa, como estou atormentada, torturada. Ontem, fui dura na igreja, mas queria fugir do senhor a qualquer preço. Tenho tanto medo de me encontrar sozinha com o senhor... O senhor me perdoou?”

Ele tomou suas mãos:

“Sim, sim. Como não a perdoaria, amando-a como eu a amo?”

Ela o olhou com ar suplicante.

“Ouça, precisa prometer que vai me respeitar... não vai... não vai... Caso contrário, não poderei mais revê-lo”.

Ele não respondeu logo; tinha sob o bigode aquele sorriso fino que perturbava as mulheres. Acabou por murmurar: “Sou seu escravo”.

Ela então se pôs a contar como percebera que o amava, ao saber que ele se casaria com Madeleine Forestier. Ela dava detalhes, pequenos detalhes de datas e de coisas íntimas.

De repente, calou-se. O carro acabara de parar. Du Roy abriu a portinhola.

“Onde estamos?” perguntou.

Ele respondeu:

“Desça e entre nessa casa. Ficaremos mais tranquilos, aqui.

— Mas, onde estamos?

— Em minha casa. É meu apartamento de solteiro, que retomei... por alguns dias... para ter um cantinho onde pudéssemos nos ver”.

Ela se agarrara ao coxim do fiacre, apavorada diante da ideia de ficar sozinha com ele, e balbuciava: “Não, não, não quero! Não quero!”

Com voz enérgica, ele disse:

“Juro que a respeitarei. Venha. Veja, estão nos olhando, vão acabar se reunindo em torno de nós. Ande logo... vamos... desça”.

E repetiu:

“Juro que a respeitarei”.

Parado na porta de sua loja, um comerciante de vinhos os observava com ar curioso. Ela foi tomada de terror e se lançou para dentro da casa.

Ia subir as escadas. Ele a segurou pelo braço:

“É aqui, no térreo”.

E a empurrou para dentro do apartamento.

Assim que fechou a porta, ele a agarrou como se ela fosse uma presa. Ela se debatia, lutava, gaguejava: “Oh! Meu Deus!... Oh! Meu Deus!...”

Arrebatado, ele beijava seus olhos, seus lábios, sem que ela pudesse evitar suas carícias furiosas; e ao empurrá-lo fugindo de sua boca, apesar de tudo entregava-se aos seus beijos.

De repente, parou de se debater e, vencida, resignada, deixou-se despir por ele. Rápida e habilmente, com dedos leves de camareira, ele retirou uma a uma as partes de seu costume.

Ela lhe arrancara das mãos o corpete para nele esconder o rosto e permanecia em pé, toda branca no meio das roupas caídas aos seus pés.

Deixou-lhe as botinas e a levou nos braços para a cama. Então, ela murmurou em seu ouvido, com voz partida: “Juro... juro... que jamais tive um amante”, como uma adolescente que dissesse: “Juro que sou virgem”.

E ele pensava: “Até parece que me importo com isso”.

O outono chegara. Os Du Roy haviam passado todo o verão em Paris, comandando, no La Vie Française, uma enérgica campanha em favor do novo gabinete, durante as curtas férias dos deputados.

As Câmaras recomençariam as sessões apesar de ser apenas início de outubro, pois o assunto do Marrocos estava se tornando ameaçador.

No fundo, ninguém acreditava em uma expedição a Tanger, se bem que no dia da separação do Parlamento um deputado da direita, o conde de Lambert-Sarrazin, em um discurso cheio de espírito que foi aplaudido até pela ala do centro, tenha proposto uma aposta e dado seu bigode como garantia (como fizera no passado o vice-rei das Índias contra os favoritos do chefe do Conselho), que o novo gabinete não deixaria de imitar o antigo e enviaria um exército a Tanger, correspondente ao de Tûnis, por amor à simetria, como se coloca dois vasos sobre a lareira. E acrescentara: “Com efeito, a terra da África é uma lareira para a França, senhores, uma lareira que queima nossas melhores florestas, uma lareira de grande tiragem que acendemos com dinheiro.

“Os senhores tiveram a fantasia artística de enfeitar o canto esquerdo com uma estatueta tunisiana que lhes custa caro, e verão que o Sr. Marrot quererá imitar seu predecessor e enfeitar o canto direito com uma estatueta marroquina”.

Esse discurso, que ficou célebre, serviu de tema a Du Roy para dez artigos sobre a colônia argelina, toda a série interrompida assim que estreara no jornal, e ele defendeu energicamente a ideia de uma expedição militar, se bem que estivesse convencido que ela não aconteceria. Fez vibrar a corda patriótica e bombardeou a Espanha com todo arsenal de argumentos desprezíveis que se emprega contra povos cujos interesses são contrários aos seus.

O La Vie Française ganhara uma importância considerável por suas conhecidas ligações com o poder. Antes das folhas mais sérias, publicava as novidades políticas, insinuava as intenções dos ministros, seus amigos, e todos os jornais de Paris e da província nele procuravam suas informações. Era citado, temido, e começava-se a respeitá-lo. Deixara de ser o órgão suspeito de um grupo de manipuladores políticos e se tornara o órgão ratificado pelo gabinete. Laroche-Mathieu era a alma do jornal e Du Roy, seu porta-voz. Comentava-se que o Sr. Walter, deputado mudo e diretor cauteloso, sabendo se apagar, trabalhava nas sombras com um grande negócio de cobre, no Marrocos.

O salão de Madeleine transformara-se em centro influente onde se reuniam, a cada semana, vários membros do gabinete. O próprio presidente do Conselho jantara duas vezes em sua casa; e as mulheres dos homens de Estado, que no passado haviam hesitado em transpor suas portas, agora se vangloriavam desse fato e a visitavam mais do que recebiam suas visitas.

O ministro dos Negócios Estrangeiros reinava na casa, quase como seu dono. Aparecia a qualquer hora, levando despachos, dados, informações que ditava ao marido ou à mulher, como se fossem seus secretários.

Após a partida do ministro, quando ficava sozinho com Madeleine, Du Roy encolerizava-se contra o comportamento desse arrivista medíocre, com ameaças na voz e insinuações pérfidas nas palavras.

Mas ela levantava os ombros com desprezo e repetia:

“Faze como ele. Torna-te ministro e poderás enfrentá-lo. Até lá, fica calado”.

Ele revirava o bigode, olhando-a de esguelha.

“Não sabem do que sou capaz, mas um dia talvez venham, a saber”, dizia ele.

Ela respondia filosoficamente:

“Quem viver verá”.

Na manhã do reinício dos trabalhos das Câmaras, a moça, ainda deitada, fazia mil recomendações ao marido que se vestia para almoçar na casa do Sr. Laroche-Mathieu para, antes da sessão, receber suas instruções para o artigo político do dia seguinte, no La Vie Française, o artigo devendo ser uma espécie de declaração oficiosa dos projetos reais do gabinete.

Madeleine dizia:

“Sobretudo, não te esqueças de lhe perguntar se o general Belloncle será enviado a Orã, como se comenta. Isso teria um grande significado”.

Nervoso, Georges respondeu:

“Sei tão bem quanto tu o que tenho que fazer. Deixa-me em paz com tuas matraqueações”.

Ela respondeu tranquilamente:

“Meu caro, tu te esqueces da metade dos recados que peço para dares ao ministro”.

Ele resmungou:

“Teu ministro me aborrece. É um idiota”.

Ela disse com calma:

“Ele é tão meu ministro quanto teu. E é mais útil para ti que para mim”.

Ele se voltara um pouco para ela, zombando:

“Perdão, não é a mim que ele faz a corte”.

Ela falou lentamente:

“Nem a mim; mas ele faz nossa fortuna”.

Ele se calou, depois, após alguns instantes:

“Se eu tivesse que escolher entre teus adoradores, ainda preferiria aquele velho palerma do Vaudrec. O que acontece com ele? Não o vejo há oito dias”.

Ela respondeu, sem se comover:

“Está doente. Escreveu-me dizendo que está de cama com um ataque de gota. Deverias passar por lá para saber notícias dele. Sabes que ele gosta muito de ti, e isso lhe dará prazer”.

Georges respondeu:

“Sim, certamente irei”.

Ele terminara de se vestir e, com o chapéu na cabeça, procurava se certificar que não se esquecera de nada. Como achou tudo a contento, aproximou-se da cama, beijou a testa de sua mulher e disse: “Até logo, minha querida, não chegarei antes das 7h”.

E saiu. O Sr. Laroche-Mathieu o esperava. Naquele dia almoçaria às 10h, pois o conselho se reuniria ao meio dia, antes da reabertura do Parlamento.

Assim que se sentaram à mesa, sozinhos com o secretário particular do ministro, pois a Sra. Laroche-Mathieu não quisera mudar a hora de seu almoço, Du Roy lhe falou sobre seu artigo e indicou-lhe a orientação consultando as notas rabiscadas em cartões de visita. Ao terminar, perguntou:

“Há algo que queira modificar, meu caro ministro?”

— Muito pouco, caro amigo. Você talvez seja um pouco afirmativo demais quanto ao assunto do Marrocos. Fale da expedição como se devesse acontecer, mas dando a entender que não acontecerá, que o senhor não acredita nisso, absolutamente. Faça com que o público leia nas entrelinhas que não vamos nos meter nessa aventura.

— Perfeitamente. Entendi e farei com que me compreendam bem. A propósito, minha mulher me encarregou de lhe perguntar se o general Belloncle será enviado a Orã. Depois do que disse, concluo que não”.

O homem de Estado respondeu:

“Não”.

Em seguida conversaram sobre a sessão que teria início. Laroche-Mathieu pôs-se a falar com afetação, preparando o efeito das frases que iria espalhar sobre seus colegas, algumas horas mais tarde. Ele agitava a mão direita, levantando ora o garfo, ora a faca, ora um bocado de pão e, sem olhar para ninguém, dirigindo-se à Assembleia invisível, expectorava sua eloquência licorosa de rapaz bonito e bem penteado. Sobre seu lábio, um bigodinho enrolado levantava as pontas iguais, semelhantes a duas caudas de escorpião, e seus cabelos empapados de brilhantina, separados no meio da testa, arredondavam sobre suas têmporas duas pastinhas de provinciano presunçoso. Estava um pouco gordo, um pouco inchado, apesar de jovem, e seu ventre esticava o colete. O secretário particular comia e bebia tranquilamente, sem dúvida acostumado aos seus derramamentos de eloquência; mas Du Roy, com o ciúme do sucesso que ele obtivera mordendo seu coração, pensava: “Mas que idiota! Como são

cretinos esses políticos!”

E comparando seu valor à importância tagarela daquele ministro, dizia a si mesmo: “Cristo, se eu tivesse 100 mil francos líquidos para apresentar minha candidatura de deputado na minha bela terra de Rouen e para enrolar na massa de sua grande malícia meus bravos normandos finórios e bravos, que homem de Estado eu seria, ao lados desses malandros imprevidentes”.

O Sr. Laroche-Mathieu falou até a hora do café. Depois, vendo estava tarde, tocou a campainha para que lhe trouxessem seu cupê e, apertando a mão do jornalista, disse: “Estamos bem entendidos, caro amigo?”

— Perfeitamente, meu caro ministro, pode contar comigo”

E Du Roy foi lentamente para o jornal para começar seu artigo, pois não tinha nada para fazer até as 4h. Nesse horário, na Rua Constantinople, devia encontrar a Sra. de Marelle, que via regularmente duas vezes por semana, às segundas e sextas-feiras.

Mas, ao entrar na redação, entregaram-lhe um telegrama fechado. Era da Sra. Walter, e dizia:

É preciso que eu fale contigo hoje, sem falta. É grave, muito grave. Espera-me na Rua Constantinople às duas horas. Posso te prestar um grande serviço.

Tua amiga até a morte,

VIRGINIE.

Ele praguejou: “Com todos os santos! Que encrenca! E, tomado por um excesso de mau humor, saiu imediatamente, irritado demais para trabalhar.

Há seis semanas tentava romper com ela, sem conseguir exaurir sua dedicação encarniçada.

Depois de sua queda, ela tivera um assustador acesso de remorsos e, em três encontros sucessivos, esmagara seu amante com recriminações e maldições. Aborrecido com essas cenas e já farto dessa mulher madura e dramática, simplesmente se afastara, esperando que a aventura terminasse desse modo. Mas ela se agarrara a ele apaixonadamente, atirando-se a esse amor como alguém se atira em um rio com uma pedra amarrada ao pescoço. Por fraqueza, por complacência, por atenção, deixara-se novamente apanhar, e ela o aprisionara em uma paixão desenfreada e fatigante, perseguindo-o com sua ternura.

Queria vê-lo todos os dias, chamava-o a todo o momento por telegramas, para encontros rápidos nas esquinas, em uma loja, em um jardim público.

Ele então lhe repetia em algumas frases, sempre as mesmas, que a adorava, idolatrava. Depois, ela o deixava, jurando “que estava muito feliz por tê-lo visto”.

Mostrara-se muito diferente do que ele sonhara, tentando seduzi-lo com graças pueris, infantilidades de amor, ridículas em sua idade. Tendo até ali se mantido estritamente honesta, virgem de coração, impermeável a todo sentimento, ignorante de toda sensualidade, aquilo fora um golpe para aquela mulher séria, cujos quarenta anos tranquilos pareciam um outono pálido depois de um verão frio, uma espécie de primavera murcha, cheia de pequenas flores mal desabrochadas e de rebentos abortados, uma estranha eclosão de amor adolescente, de amor tardio, ardoroso e inocente, feito de arrebatamentos imprevisos, de gritinhos próprios para adolescentes de dezesseis anos, de bajulações embaraçantes, de favores envelhecidos sem jamais terem sido jovens. Ela lhe escrevia dez cartas em um dia, cartas tolamente loucas, de estilo bizarro, poético e risível, empolado como o dos hindus, cheio de nomes de animais e de pássaros.

Assim que ficavam sozinhos, ela o beijava com enfadonhas gentilezas de menina grande, beicinhos um pouco grotescos, pulinhos que sacudiam seu peito um pouco pesado sob o tecido do corpete. Sobretudo, estava farto de ouvir dizer “Meu ratão”, “Meu cão”, “Meu gato”, “Minha joia”, “Meu passarinho azul”, “Meu tesouro”, e de vê-la se oferecer a cada vez como uma pequena comédia de pudor infantil, com pequenos movimentos de temor que ela julgava atraentes, e pequenas manobras de colegial depravada.

Ela perguntava: “De quem é essa boca?” E quando ele não respondia de imediato: “É minha”, ela insistia até fazê-lo empalidecer de nervosismo.

Achava que ela deveria saber que no amor é necessário ter tato, habilidade, prudência e justeza extremas, que tendo se entregado a ele, sendo madura, mãe de família, mulher de sociedade, deveria se entregar com seriedade, com uma espécie de ímpeto contido, severo, talvez com lágrimas, mas lágrimas de Dido, não de Julieta.

Ela lhe repetia sem cessar:

“Como eu te amo, meu pequeno! Tu me amas tanto quanto eu, meu bebê?”

Não podia mais ouvi-la dizer “meu pequeno”, nem “meu bebê”, sem desejar chamá-la de “minha velha”.

Ela lhe dizia:

“Que loucura fiz em ceder a ti. Mas não me arrependo. É tão bom amar”.

A Georges, tudo isso parecia irritante naquela boca. Ela murmurava: “É tão bom amar”, como diria uma ingênua, no teatro.

E depois, ela o exasperava pela imperícia de suas carícias. Subitamente sensual sob os beijos desse belo rapaz que lhe aquecera o sangue tão fortemente, ela colocava em seu abraço um ardor inábil e uma diligência tão séria que provocavam riso em Du Roy e o fazia pensar nos velhos que tentam aprender a ler.

E quando deveria machucá-lo em seus braços, fitando-o ardentemente com aquele olhar profundo e terrível que têm algumas mulheres já não tão frescas, soberbas em seu último amor, quando deveria mordê-lo, muda, esmagando-o sob sua carne cálida, fatigada, mas insaciável, ela tremia como uma mocinha e falava como uma criancinha, para ser graciosa: “Amo-te tanto, meu pequeno. Amo-te tanto. Faze um belo amor à tua mulherzinha!”

Ele então tinha uma vontade louca de blasfemar, pegar o chapéu e ir embora batendo a porta.

Nos primeiros tempos, viam-se com frequência na Rua Constantinople, mas Du Roy, temendo um encontro com a Sra. de Marelle, encontrava mil pretextos para recusar essas entrevistas.

Agora, era obrigado ir quase todos os dias à sua casa, ora para almoçar, ora para jantar. Ela apertava-lhe a mão sob a mesa, oferecia-lhe a boca atrás das portas. Mas ele se divertia, sobretudo com Suzanne, que o alegrava com suas pilhérias. Em seu corpo de boneca agitava-se um espírito ágil e travesso, imprevisível e sagaz que exibía sempre, como uma marionete de feira. Com oportunismo mordente, zombava de tudo e de todos. Georges estimulava sua vivacidade, incitava-a à ironia, e eles se entendiam às mil maravilhas.

Ela o chamava a todo instante:

“Escute, Bel-Ami. Venha aqui, Bel-Ami”.

Ele logo deixava a mãe para correr para a filha que lhe murmurava alguma malícia ao ouvido, e eles riam de todo coração.

No entanto, seu desgosto com a amor da mãe transformou-se em incontrolável repugnância; não conseguia mais vê-la, ouvi-la ou pensar nela sem sentir cólera. Assim sendo, deixou de ir à sua casa, de responder suas cartas, de ceder aos seus apelos.

Por fim, ela compreendeu que ele deixara de amá-la e sofreu horrivelmente. Mas obstinou-se. Ela o espiava, seguia, esperava por ele, em um fiacre com as cortinas abaixadas, à porta do jornal, à porta de sua casa, nas ruas por onde imaginava que ele passaria.

Ele tinha vontade de maltratá-la, de injuriá-la, de bater nela e lhe dizer claramente: “Já não dá mais, a senhora me incomoda”. Mas mantinha alguma consideração por causa do La Vie Française e tentava, à custa de sua frieza, de durezas envoltas em atenções, e até de palavras rudes em alguns momentos, fazê-la compreender que tudo terminara.

Ela insistia principalmente em encontrar ardis para atraí-lo à Rua Constantinople e ele temia, sem cessar, que as duas mulheres um dia se encontrassem cara a cara diante da porta.

Ao contrário, sua afeição pela Sra. de Marelle aumentara durante o verão. Ele a chamava sua “moleca” e, decididamente, ela o agradava. As naturezas de ambos possuíam aspectos semelhantes; os dois eram da raça aventureira dos vagabundos da vida, esses vagabundos mundanos que, sem desconfiar, se parecem muito com os ciganos das estradas.

Haviam passado um verão de amor sublime, um verão de estudantes que se divertem, escapando para almoçar ou jantar no Argenteuil, no Bougival, no Maisons, em Poissy, passando horas em um barco, colhendo flores ao longo das margens. Ela adorava as fritadas do Sena, os fricassês com vinho branco, as caldeiradas de peixe, os caramanchões dos cabarés e os gritos dos barqueiros. Ele gostava de sair com ela durante um dia claro, na plataforma de um trem de subúrbio e atravessar, dizendo bobagens alegres, o feio campo de Paris onde surgem horrendas casas de burgueses. E quando precisava jantar na casa da Sra. Walter, odiava a velha amante obstinada lembrando-se da jovem que acabara de deixar, que satisfizera seus desejos e saciara seu ardor às margens do rio.

Acreditava que enfim conseguira se livrar da Patroa, a quem comunicara, de modo claro e quase brutal, sua resolução de

romper com ela, quando recebeu no jornal o telegrama chamando-o para a Rua Constantinople às 2h.

Ele o relia enquanto caminhava:

*É preciso que eu fale contigo hoje, sem falta. É grave, muito grave.
Espera-me na Rua Constantinople às 2h. Posso te prestar um grande serviço.*

Tua amiga até a morte.

VIRGINIE.

Ele pensava: “O que quer ainda comigo essa velha coruja? Aposto que não tem nada para me dizer. Vai repetir que me adora. Mas é preciso ver. Ela fala de uma coisa muito grave e de um grande serviço; talvez seja verdade. E Clotilde chega às 4h. Preciso me livrar da primeira às 3h, o mais tardar. Cristo! Tomara que não se encontrem. Droga de mulheres!”

E pensava que, certamente, sua mulher era a única que jamais o atormentava. Vivía à parte e parecia amá-lo bastante nas horas destinadas ao amor, pois não admitia que fosse alterada a ordem imutável das ocupações rotineiras da vida.

Ele caminhava com passos lentos para seu apartamento de encontro, excitando-se mentalmente contra a Patroa: “Ah! Vou recebê-la de uma bela maneira se ela não tiver nada para me dizer. O francês de Cambronne será acadêmico perto do meu. Vou lhe dizer que não coloco mais os pés em sua casa, só para começar”.

Entrou para ouvir a Sra. Walter.

Ela chegou quase que imediatamente, e assim que o viu, exclamou:

“Ah! Recebeste meu telegrama! Que sorte!”

Ele assumira uma expressão sombria:

“Por Deus, encontrei-o no jornal, no momento em que saía para ir à Câmara. O que quer de mim, ainda?”

Ela levantara o pequeno véu para beijá-lo e aproximou-se dele com ar amedrontado e submisso de cão que apanha com frequência.

“Como és cruel para comigo... Como falas com dureza... Que foi que te fiz? Não imaginas como sofro por ti!”

Ele rosnou:

“Vais recomeçar?”

Ela estava em pé perto dele, esperando um sorriso, um gesto para se atirar em seus braços.

Murmurou:

“Não deverias ter me seduzido para me tratar assim, era melhor ter me deixado séria e feliz, como eu era. Lembra-te do que me dizias na igreja, e como me fizeste entrar à força nesta casa? E agora, é assim que falas comigo! Assim que me recebes! Meu Deus! Meu Deus! Como me magoas!”

Ele bateu o pé e disse com violência:

“Ah! Cala-te! Já chega. Não posso te ver por um minuto sem ouvir essa lengalenga. Até parece que te possuí aos doze anos e que eras ignorante como um anjo. Não, minha cara, vamos restabelecer os fatos, não houve sedução de menores. Tu te entregaste a mim em plena idade da razão. Eu te agradeço, sou totalmente reconhecido por isso, mas não prometi que permaneceria grudado à tua saia até a morte. Tens um marido e eu tenho uma mulher. Não somos livres, nem um nem outro. Oferecemo-nos um capricho, não visto nem conhecido, e agora acabou”.

Ela respondeu:

“Oh! Como és brutal! Como és grosseiro, infame! Não! Eu não era mais uma adolescente, mas jamais amara antes, jamais errara...”

Ele a interrompeu:

“Já me repetiste isso tudo umas 20 vezes, já sei. Mas tinhas duas filhas... não te deflorei..”

Ela recuou:

“Oh! Georges, isso é indigno!”

Levando as duas mãos ao peito, começou a sufocar com soluços que lhe subiam à garganta.

Quando ele viu as lágrimas aflorando, pegou seu chapéu no canto da lareira, e disse: “Ah! Vais chorar! Então adeus. Foi por essa representação que me fizeste vir aqui?”

Ela deu um passo para barrar-lhe o caminho e, tirando vivamente um lenço do bolso, enxugou os olhos com um gesto brusco. Sua voz se firmou pela sua força de vontade e ela disse, interrompida por um estremecimento de dor: “Não... vim para... para te dar uma notícia... uma notícia política... para te dar uma oportunidade de ganhar 50 mil francos... talvez mais... se quiseres”.

Ele perguntou, amansado de repente:

“Como assim! Que queres dizer com isso?”

— Ontem à noite, ouvi por acaso uma conversa entre meu marido e Laroche. Aliás, eles não escondem muito diante de mim. Mas Walter recomendava ao ministro para não te incluir no segredo, pois divulgarias tudo”.

Du Roy repusera o chapéu em uma cadeira e esperava com muita atenção.

“Então, de que se trata?”

— Eles vão se apossar do Marrocos!

— Ora essa. Almocei com Laroche, que praticamente ditou para mim as intenções do gabinete.

Não, meu caro, eles te enganaram porque temem que sua combinação se torne conhecida.

— Senta-te”, disse Georges.

E também sentou-se em uma poltrona. Ela então colocou um pequeno tamborete no chão e se acomodou entre as pernas do rapaz. Continuou com voz meiga: “Como sempre penso em ti, agora presto atenção a tudo que se cochicha em torno de mim”.

Docemente, começou a explicar como há algum tempo adivinhara que estavam preparando alguma coisa sem que ele soubesse, que se serviam dele temendo sua colaboração.

Ela dizia:

“Sabes, amando a gente se torna astuciosa”.

Enfim, na véspera compreendera. Era um negócio grande, muito grande, preparado no escuro. Ela agora sorria, feliz com sua habilidade; exaltava a si mesma falando como mulher de financista, habituada a presenciar a maquinação de golpes da bolsa, a evoluções dos valores, os acessos de alta e de baixa que, em duas horas de especulação, arruinavam milhões de pequenos burgueses, de pequenos arrendatários que haviam colocado suas economias nos fundos garantidos pelos nomes de homens honrados e respeitados, políticos ou banqueiros.

Ela repetia:

“Oh! É muito forte o que fizeram. Muito forte. Aliás, foi Walter quem planejou tudo, e ele entende disso. Verdadeiramente, é de primeira ordem”.

Ele se impacientava com essas preparações.

“Vamos, dize depressa.

— Está bem, aí vai. A expedição de Tanger foi decidida entre eles no dia em que Laroche assumiu a pasta dos Negócios Estrangeiros. Pouco a pouco, resgataram todo o empréstimo do Marrocos que caíra para 64, 65 francos. Resgataram de modo muito hábil, utilizando agentes suspeitos, espertos, que não despertaram qualquer desconfiança. Enrolaram até os Rothschild, que se espantaram ao ver como sempre saíam os títulos marroquinos. Responderam-lhes indicando os intermediários, todos corrompidos, todos sem recursos. Isso tranquilizou o grande banco. E agora a expedição vai se realizar, e quando estivermos lá o Estado francês garantirá a dívida. Nossos amigos ganharão 50 ou 60 milhões. Compreendes o negócio? Também compreendes como temem todo mundo, como temem a menor indiscrição?”

Ela apoiara a cabeça no colete de rapaz e, com os braços sobre suas pernas, apertava-se, colava-se a ele, sentindo que

agora o interessava, pronta para fazer tudo, a cometer tudo por uma carícia, por um sorriso.

Ele perguntou:

“Tens certeza?”

Ela respondeu com confiança:

“Oh! Acredito que sim!”

Ele declarou:

“Com efeito, é muito forte! Quanto a esse sujo do Laroche, ainda vou pegá-lo. Oh! Que patife! Ele que tome cuidado!... Que tome cuidado... Sua carcaça de ministro estará em minhas mãos!”

Depois, pôs-se a refletir e murmurou:

“No entanto, preciso me aproveitar disso.

— Tu ainda podes comprar os títulos do empréstimo. Não custam mais que 72 francos”.

Ele disse:

“Sim, mas não tenho dinheiro disponível”.

Ela levantou os olhos para ele. Olhos cheios de súplica.

“Pensei nisso, meu caro, e se fosses bem gentil, muito gentil, se me amasses um pouco, deixarias que eu te emprestasse”.

Ele respondeu bruscamente, quase com dureza:

“Quanto a isso, de modo algum”.

Ela murmurou, em tom de imploração:

“Escuta, há algo que podes fazer sem tomar dinheiro emprestado. Eu queria comprar 10 mil francos desses títulos para ter uma pequena reserva só minha. Pois bem, comprarei 20 mil! Ficas com a metade, Compreende que não vou reembolsar o Walter, agora. Assim, no momento, não há nada para ser pago. Se der certo, ganhas 70 mil francos. Se não der certo, ficas me devendo 10 mil, que pagarás como puderes”.

Ele ainda disse:

“Não, não gosto desse tipo de combinação”.

Então, ela argumentou para decidi-lo, provou que, na realidade, estaria empregando apenas 10 mil francos sob palavra, que ele estaria correndo riscos e, conseqüentemente, ela não estava lhe adiantando nada, pois os adiantamentos eram feitos pelo Banco de Walter.

Além disso, demonstrou que fora ele quem dirigira, no La Vie Française, toda campanha política que possibilitara esse negócio, e seria muito ingênuo se não se aproveitasse disso.

Ele ainda hesitava. Ela acrescentou:

“Mas então pensa que na verdade é Walter quem está adiantando esses 10 mil francos, e que tu lhe prestaste serviços que valem mais que isso.

— Pois bem, que seja, disse ele. Fico como teu sócio. Se perdermos, pago-te 10 mil francos”.

Ela ficou tão contente que se levantou, agarrou sua cabeça com as duas mãos e pôs-se a beijá-lo avidamente.

No início, ele não se defendeu, depois como ela se animava e o devorava com suas carícias, pensou que a outra chegaria em pouco tempo e que, se cedesse, perderia tempo e deixaria nos braços da velha um ardor que seria melhor guardar para a jovem.

Então, afastou-a docemente.

“Vamos, sê ajuizada”, disse ele.

Ela o fitou com olhos desolados:

“Oh! Georges, nem mesmo posso te beijar”.

Ele respondeu:

“Não, hoje não. Estou com um pouco de dor de cabeça e isso me faz mal”.

Dócil, ela voltou a sentar entre suas pernas e perguntou:

“Queres jantar lá em casa amanhã? Eu teria tanto prazer!”

Ele hesitou, depois não ousou recusar.

“Sim, certamente.

— Obrigada, meu querido”.

Ela esfregava lentamente o rosto no peito do rapaz, com um movimento terno e regular, e um de seus longos cabelos negros prendeu-se em seu colete.

Ela percebeu e uma ideia louca atravessou seu espírito, uma dessas ideias supersticiosas que, com frequência, são toda a razão das mulheres. Ela pôs-se a enrolar lentamente aquele cabelo em torno de um botão. Depois, passou ao botão seguinte, e ainda ao que se encontrava embaixo do segundo. Enrolava um fio em cada botão.

Ele iria arrancá-los em pouco tempo, ao se levantar. Sentiria menos dor que felicidade! E, sem saber de nada, ele levaria algo dela, levaria uma pequena mecha de seus cabelos, que jamais pedira. Era um elo pelo qual ela o prendia, um elo secreto, invisível! Um talismã que deixava nele. Sem querer, ele pensaria nela, sonharia com ele, a amaria um pouco mais, no dia seguinte.

Subitamente, ele disse:

“É preciso que eu te deixe porque sou esperado na Câmara, para o fim da sessão. Hoje não posso faltar”.

Ela suspirou:

“Oh! Já?” Depois, resignada:

“Vai, meu querido, mas irás jantar amanhã”.

Ela se afastou bruscamente. Sentiu na cabeça uma dor curta e viva, como se ele a houvesse picado com agulhas. Seu coração batia; estava contente por ter sofrido um pouco por ele.

“Adeus!” disse ela.

Ele a tomou nos braços com um sorriso afetuoso e beijou-lhe os olhos com frieza.

Enlouquecida por esse contato, ela murmurou ainda uma vez “Já!” E seu olhar suplicante mostrava o quarto, cuja porta estava aberta.

Ele se afastou dela e, em um tom apressado, falou:

“Preciso sair ou vou chegar atrasado”.

Então, ela estendeu-lhe os lábios que ele mal roçou, e devolvendo-lhe o guarda-chuva que ela esquecera, ele falou: “Vamos, vamos, precisamos nos apressar. Já são mais de 3h”.

Ela saiu antes dele e repetiu:

“Amanhã, às 7h”.

Ele respondeu:

“Amanhã, às 7h”.

Separaram-se. Ela virou à direita, ele à esquerda.

Du Roy foi até o bulevar exterior. Depois desceu o bulevar Malesherbes, que subiu com passos lentos. Passando na frente de uma confeitaria, viu castanhas glaceadas dentro de uma taça de cristal, e pensou: “Vou comprar uma libra para Clotilde”. Comprou um saquinho desses frutos açucarados que ela adorava. Às 4h, voltou para esperar sua jovem amante.

Ela chegou um pouco atrasada porque seu marido chegara para passar oito horas. Ela perguntou: “Podés vir jantar amanhã? Ele ficará encantado de te ver.

— Não, janto na casa do Patrão. Temos várias combinações políticas e financeiras que nos ocupam”.

Ela tirara o chapéu. Agora, retirava o corpete que a apertava demais.

Ele lhe mostrou o saquinho sobre a lareira:

“Trouxe castanhas glaceadas para ti”.

Ela bateu palmas:

“Que maravilha! Como és gentil”.

Ela as pegou, experimentou uma e declarou:

“Estão deliciosas. Sinto que não deixarei nenhuma”.

Depois acrescentou, olhando para Georges com uma alegria sensual:

“Então, estimulas meus vícios?”

Ela degustava as castanhas lentamente e, sem cessar, lançava um olhar para o fundo do saquinho, para ver se ainda restava alguma.

Ela disse:

“Vem, senta-se nesta poltrona. Vou me acomodar entre tuas pernas para saborear meus doces.

Ficarei muito bem”.

Ele sorriu, sentou-se e prendeu-a entre as coxas abertas, como fizera há pouco com a Sra. Walter.

Ela levantava a cabeça para lhe falar, e dizia com a boca cheia:

“Sabes, meu querido, sonhei contigo, sonhei que nós dois fazíamos uma grande viagem em um camelo. Ele tinha duas corcovas e cada um de nós montava uma, e atravessávamos o deserto. Havíamos levado sanduíches embrulhados em um papel, e uma garrafa de vinho, e comíamos nosso jantarzinho sobre as corcovas. Mas isso me aborrecia porque não podíamos fazer outra coisa, pois estávamos muito longe, um do outro, e eu queria descer”

Ele respondeu:

“Também quero descer”.

Ela ria, divertindo-se com a história, e ele a estimulava a dizer bobagens, a tagarelar, a contar todas essas infantilidades, todas essas ternas ninharias que os amantes dizem um ao outro. Essas puerilidades que ele achava graciosas na boca da Sra. de Marelle e que o irritavam na da Sra. Walter.

Clotilde também o chamava: “Meu querido, meu pequeno, meu gato”. Essas palavras pareciam-lhe doces e acariciantes. Ditas pela outra, há pouco, elas o haviam exasperado e aborrecido. As palavras de amor, que são sempre as mesmas, adquirem o gosto dos lábios de onde saem.

Mas enquanto se divertia com essas loucuras, pensava nos 70 mil francos que ganharia e, com dois pequenos golpes de dedo na cabeça, interrompeu a tagarelice de sua amiga: “Ouça, querida. Vou te encarregar de um recado para teu marido. Dize-lhe para comprar amanhã 10 mil francos de títulos de empréstimo do Marrocos, que estão custando 72 francos, e prometo que ele vai ganhar de 60 a 80 mil francos antes de três meses. Mas recomenda-lhe segredo absoluto sobre isso. Dize-lhe de minha parte que a expedição para Tanger está decidida e que o Estado francês vai garantir a dívida marroquina. É um segredo de Estado que te confio”.

Ela ouvia, séria, e murmurou:

“Eu te agradeço. Falarei com meu marido esta noite. Podes contar com ele; ele ficará calado. É um homem muito sério. Não há nenhum perigo”.

Mas comera todas as castanhas. Amassou o saquinho com as mãos, atirou-o na lareira e disse: “Vamos para a cama”. E, sem se levantar, começou a desabotoar o colete de Georges.

De repente, parou e, segurando entre os dedos um longo fio de cabelo preso em um botão, começou a rir: “Vê. Trouxeste um cabelo de Madeleine. Eis aqui em marido fiel!”

Depois, ficando séria, examinou longamente o fio imperceptível que encontrara e murmurou: “Não é de Madeleine, é castanho”.

Ele sorriu:

“Provavelmente é da camareira”.

Mais ela inspecionava o colete com atenção de policial e recolheu um segundo fio de cabelo enrolado em torno de outro botão; em seguida percebeu um terceiro e, pálida, tremendo um pouco, exclamou: “Oh! Foste para a cama com uma mulher que colocou cabelos em todos os teus botões”.

Espantado, ele balbuciou:

“Mas não. Estás louca...”

Subitamente, lembrou-se, compreendeu. Primeiro se perturbou, depois negou zombando, no fundo não se importando por ela suspeitar que ele tivesse outras mulheres.

Ela continuava a procurar e encontrava fios de cabelo que desenrolava com um movimento rápido e, em seguida, jogava no tapete.

Com astúcia instintiva de mulher, adivinhara e balbuciava furiosa, enraivecida e prestes a chorar: “Essa te ama... quis que tu levasses algo dela... Oh! É um traidor...”

Então deu um grito, um grito estridente de alegria nervosa: “Oh!... oh!... É uma velha... eis um cabelo branco... Ah! Tu agora te envolve com velhas... Elas te pagam... digam, elas te pagam?... Ah! Gostas de mulheres velhas... Então não precisas mais de mim... fica com a outra...”

Levantou-se, correu para seu corpete atirado em uma cadeira e o vestiu rapidamente.

Ele quis segurá-la, envergonhado, balbuciando:

“Mas não... Clo... tu és boba... não sei do que se trata... escuta... fica... vamos... fica...”

Ela repetia:

“Fica com tua velha... fica com ela... faz um anel com seus cabelos... com seus cabelos brancos... aqui tem o suficiente para isso...”

Com gestos bruscos e decididos, ela se vestira, penteara e velara; e como ele queria segurá-la, lançou-lhe, com toda força, uma bofetada no rosto. Enquanto ele permanecia aturdido, ela abriu a porta e saiu.

Assim que ficou sozinho, foi invadido por uma raiva furiosa contra aquela velha bruxa de senhora Walter. Ah! Ela pagaria por isso, e muito duramente.

Jogou água no rosto vermelho. Depois, também partiu, meditando em sua vingança. Dessa vez não a perdoaria. Ah! De modo algum!

Desceu até o bulevar e, vagueando, parou diante de uma joalheria para olhar um cronômetro que desejava há muito tempo, que custava 1800 francos.

De repente, com um estremecimento de alegria no coração, pensou: “Se eu ganhar meus 70 mil francos, poderei comprá-lo”. E pôs-se a sonhar com todas as coisas que faria com aqueles 70 mil francos.

Antes de tudo, seria nomeado deputado. Depois, compraria seu cronômetro, depois jogaria na Bolsa, e mais tarde... mais tarde...

Não queria voltar ao jornal, preferindo conversar com Madeleine antes de rever o Sr. Walter e escrever seu artigo. Retomou o caminho para voltar para casa.

Estava na Rua Drouot quando se deteve de repente; esquecera-se de ir saber notícias do conde de Vaudrec, que morava na Chaussée-d’Antin. Então voltou, sempre caminhando devagar, pensando em mil coisas em uma divagação feliz, em coisas doces, em coisas boas, na fortuna próxima e também naquele crápula do Laroche e naquela velha tihosa da Patroa. Não se inquietava com a cólera de Clotilde, sabendo muito bem que ela perdoava depressa.

Quando perguntou ao porteiro da casa onde morava o conde de Vaudrec:

“Como vai o Sr. de Vaudrec? Soube que ele não está se sentindo bem nestes últimos dias”.

O homem respondeu:

“O Sr. conde está muito mal, senhor. Achamos que ele não passará desta noite, pois a gota subiu ao coração”.

Du Roy ficou de tal modo espantado que não sabia o que fazer! Vaudrec estava morrendo! Ideias confusas passavam por sua cabeça, numerosas, perturbadoras, que não ousava confessar a si mesmo.

Ele balbuciou: “Obrigado...eu voltarei...”, sem compreender o que dizia.

Em seguida, pegou um fiacre e deu ordens para que o conduzissem para casa.

Sua mulher já voltara. Sem fôlego, entrou em seu quarto e anunciou imediatamente: “Tu não sabes? Vaudrec está morrendo!”

Ela estava sentada e lia uma carta. Levantou os olhos e repetiu três vezes seguidas: “Hein? Que dizes?... Que dizes?... Que dizes?...”

— Digo-te que Vaudrec está morrendo de um ataque de gota que subiu para o coração”. Depois, acrescentou: “Que pretendes fazer?”

Ela se levantara, lívida, as faces movidas por um tremor nervoso; depois se pôs a chorar convulsivamente, escondendo o rosto entre as mãos. Permanecia em pé, sacudida por soluços, destroçada pelo sofrimento.

Mas subitamente controlou sua dor e, enxugando os olhos, falou:

“Vou para lá... vou para lá... não te preocupes comigo... não sei a que horas voltarei... não me esperes...”

Ele respondeu:

“Muito bem. Vai”.

Apertaram-se a mão e ela partiu tão depressa que se esqueceu de abotoar as luvas.

Depois de jantar sozinho, Georges começou a escrever seu artigo. Fê-lo exatamente de acordo com as intenções do ministro, dando a entender aos leitores que a expedição do Marrocos não teria lugar. Depois, levou-o ao jornal, conversou alguns instantes com o Diretor e retirou-se fumando, o coração leve, sem compreender bem a razão.

Sua mulher ainda não voltara para casa. Deitou-se e dormiu.

Madeleine chegou por volta da meia-noite. Georges sentou-se na cama, acordado bruscamente.

Ele perguntou:

“E então?”

Ele jamais a vira tão pálida, tão emocionada. Ela murmurou:

“Ele morreu.

— Ah! E... não te disse nada?

— Nada. Já perdera a consciência, quando cheguei”.

Georges pensava. Vinham-lhe perguntas aos lábios, que não ousava fazer.

“Deita”, disse ele.

Ela se despiu rapidamente e deslizou para perto dele.

Ele falou:

“Havia parentes ao lado de seu leito de morte?

— Somente um sobrinho.

— Ah! Esse sobrinho o via com frequência?

— Jamais. Não se encontravam há dez anos.

— Ele tinha outros parentes?

— Não... Não creio.

— Então... É o sobrinho quem deve herdar?

— Não sei.

— Vaudrec era muito rico?

— Sim, muito rico.

— Sabes quanto ele possuía, mais ou menos?

— Não, não com certeza. Talvez um ou dois milhões”.

Ele não disse mais nada. Ela soprou a vela. Permaneceram estendidos lado a lado na noite, silenciosos, despertos, pensando.

Ele não queria mais dormir. Agora achava magros os 70 mil francos prometidos pela Sra. Walter. De repente, achou que Madeleine chorava. Para se certificar, perguntou: “Estás dormindo?”

— Não”.

Sua voz estava molhada e trêmula. Ele continuou:

“Esqueci de te dizer que teu ministro nos enganou.

— Como?”

E ele lhe contou, com todos os detalhes, a combinação preparada entre Laroche e Walter.

Quando terminou, ela perguntou:

“Como sabes de tudo isso?”

Ele respondeu:

“Tu vais me permitir não dizer. Tens tuas fontes de informação, que não conheço. Tenho as minhas, que desejo manter incógnitas. Em todo caso, respondo pela exatidão das minhas informações”.

Ela então murmurou:

“Sim, é possível... Eu duvidava que eles fizessem qualquer coisa sem contar conosco”.

Mas Georges, que não conseguia conciliar o sono, aproximou-se de sua mulher e, docemente, beijou-lhe a orelha. Ela o empurrou com vivacidade: “Peço-te, deixa-me tranquila, sim? Não estou com humor para brincar”.

Resignado, ele se virou para a parede e, fechando os olhos, acabou por dormir.

VI

A igreja estava enfeitada de negro e, sobre a porta principal, um grande brasão encimado por uma coroa anunciava aos passantes que se enterrava um cavalheiro.

A cerimônia acabara de terminar, os assistentes desfilavam lentamente diante do esquife e do sobrinho de Vaudrec, que apertava as mãos e retribuía os cumprimentos.

Quando Georges Du Roy e sua mulher saíram, voltaram para casa andando lado a lado. Mantinham-se calados, preocupados.

Enfim, Georges disse, como se falasse consigo mesmo:

“É verdadeiramente espantoso!”

Madeleine perguntou:

“O quê, meu amigo?”

— Que Vaudrec não tenha nos deixado nada!”

Ela enrubescou bruscamente, como se de repente um véu rosa tivesse sido estendido sobre sua pele branca, subindo da garganta até o rosto. Ela disse: “Porque iria ele nos deixar alguma coisa? Não havia qualquer razão para isso!”

Em seguida, após alguns instantes de silêncio, ele continuou: “Talvez exista um testamento com um tabelião. Ainda não saberíamos de nada”.

Ele refletiu, depois murmurou:

“Sim, é provável, pois, enfim, era nosso melhor amigo. Jantava em casa duas vezes por semana e aparecia a todo o momento. Sentia-se à vontade em nossa casa, como se estivesse na sua. E te amava como um pai, não tinha família, nem filhos, nem irmãos, nem irmãs, apenas um sobrinho, um sobrinho distante. Sim, deve haver um testamento. Não espero grande coisa, apenas uma lembrança para provar que pensou em nós, que nos amava, que reconhecia a afeição que tínhamos por ele. Ele bem que nos devia uma prova de amizade”.

Com ar pensativo e indiferente, ela disse:

“Na verdade, é possível que haja um testamento”.

Assim que entraram em casa, a criada entregou uma carta a Madeleine. Ela a abriu, depois entregou-a ao marido.

Cartório do Senhor Lamaneur, Tabelião

Rue des Vosges, 17.

Senhora,

Tenho a honra de lhe pedir para vir ao meu escritório na terça, quarta ou quinta-feira, entre 2h e 4h da tarde, para tratar de um assunto de seu interesse.

Receba, etc.

LAMANEUR

Por sua vez, Georges corara, “Deve ser isso. Engraçado que ele te chame, e não mim que, legalmente, sou o chefe da família”

No início, ela não respondeu, depois, após curta reflexão, disse: “Queres ir imediatamente?”

— Sim, quero”.

Puseram-se a caminho assim que terminaram de almoçar.

Quando entraram no cartório do senhor Lamaneur, o primeiro escrevente levantou-se com grande solicitude e os fez entrar no escritório do patrão.

O tabelião era um homenzinho todo redondo, redondo por todo lado. Sua cabeça parecia uma bola pregada em outra bola,

com duas pernas tão pequenas, tão curtas, que também quase se pareciam com bolas.

Ele os cumprimentou, indicou as cadeiras e disse, voltando-se para Madeleine: “Senhora, eu a chamei para lhe dar conhecimento do testamento do conde de Vaudrec, no que lhe concerne”.

Georges não pode deixar de murmurar:

“Não me enganei”.

O tabelião acrescentou:

“Vou ler o documento, aliás, bem curto”.

Ele pegou um papel dentro de uma pasta diante dele, e leu:

Eu, abaixo assinado, Paul-Émile-Cyprien-Gontran, conde de Vaudrec, são de corpo e de espírito, aqui exprimo o minhas últimas vontades.

Como a morte pode nos atingir a qualquer momento, prevendo seu ataque, desejo tomar a precaução de escrever meu testamento, que será confiado ao senhor Lamaneur.

“Não possuindo herdeiros diretos, lego toda minha fortuna, composta de títulos da Bolsa no valor de 600 mil francos, e bens de raiz no valor aproximado de 500 mil francos, a Sra. Claire-Madeleine Du Roy, sem qualquer ônus ou condição. Peço-lhe que aceite esse donativo de um amigo morto, com o prova de afeição devotada, profunda e respeitosa.

O tabelião acrescentou:

“Isso é tudo. O documento está datado de mês de agosto próximo passado, e substituiu um documento da mesma natureza, feito há dois anos, no nome da Sra. Claire-Madeleine Forestier. Posso esse primeiro testamento que, em caso de contestação por parte da família, poderia provar que a vontade do Sr. Conde de Vaudrec não se alterou”.

Muito pálida, Madeleine olhava para os pés. Nervoso, Georges, enrolava entre os dedos a ponta do bigode. Após um momento de silêncio, o tabelião continuou: “Fica esclarecido, senhor, que a senhora não poderá aceitar esse legado sem seu consentimento”.

Du Roy se levantou e, com um tom seco, declarou:

“Peço um tempo para refletir”.

O tabelião, que sorria, inclinou-se e disse em tom amável: “Compreendo o escrúpulo que o faz hesitar, senhor. Devo acrescentar que o sobrinho do Sr. de Vaudrec, que nesta manhã tomou conhecimento das intenções do tio, declara-se pronto a respeitá-las se receber uma soma de 100 mil francos. Minha opinião é que o testamento é inatacável, mas um processo provocaria um escândalo que talvez lhe conviesse evitar. Frequentemente, o mundo faz julgamentos maldosos. Em todo caso, o senhor poderia dar-me conhecimento de sua resposta antes do próximo sábado, sobre todos os pontos?”

Georges se inclinou: “Sim, senhor”. Em seguida, cumprimentou-o com cerimônia, fez passar sua mulher que ficara muda, e saiu com ar tão inflexível que o tabelião deixou de sorrir.

Assim que entraram em casa, Du Roy fechou bruscamente a porta e, jogando o chapéu na cama, perguntou: “Foste amante de Vaudrec?”

Madeleine, que retirava o véu, voltou-se de repente:

“Eu? Oh!

— Sim, tu. Não se deixa toda fortuna para uma mulher, sem que...”

Ela começara a tremer e não conseguia retirar os grampos que prendiam o tecido transparente.

Depois de um momento de reflexão, balbuciou com voz agitada: “Ora... ora... és louco... és... és... Não esperavas... há pouco... não esperavas... que ele deixasse alguma coisa para ti?”

Georges continuava em pé perto dela, examinando todas as suas emoções como um magistrado que procura surpreender as menores falhas em um acusado. Ele falou, sublinhando cada palavra: “Sim... ele poderia ter deixado alguma coisa para mim... para mim, teu marido... para mim, seu amigo... compreendes? Mas não para ti... sua amiga... para ti, minha mulher. A diferença é fundamental, essencial do ponto de vista das conveniências... e da opinião pública”.

Madeleine o fitava fixamente na transparência dos olhos, de modo profundo e singular, como se quisesse ler algo neles, como se desejasse ali descobrir o ignoto do ser, que jamais conseguimos penetrar e que apenas entrevemos por alguns rápidos segundos em momentos de descuido, de abandono ou de desatenção que são como portas deixadas entreabertas sobre o misterioso âmago do espírito. Então, disse lentamente: “No entanto, parece-me que... que a estranheza seria a mesma se ele legasse essa importância... para ti”.

Ele perguntou bruscamente:

“Por quê?”

Ela disse:

“Porque...”

Ela hesitou, em seguida continuou:

“Porque és meu marido... e o conheces há pouco tempo... porque sou sua amiga há muito tempo... porque seu primeiro testamento, feito enquanto Forestier ainda vivia... já era em meu favor”.

Georges começou a andar com passos largos. Ele declarou: “Tu não podes aceitar”.

Ela respondeu com indiferença:

“Perfeitamente; então não vale a pena esperar até sábado; podemos avisar imediatamente o senhor Lamaneur”.

Ele parou diante dela e eles novamente passaram alguns instantes olhando-se nos olhos, esforçando-se para descobrir o impenetrável segredo de seus corações, de sondarem até a essência de seus pensamentos. Procuravam ver despidas suas consciências, em uma interrogação ardente e muda; luta íntima de dois seres que, vivendo lado a lado, se ignoram, suspeitam um do outro, se espreitam, mas não se conhecem até o fundo lodoso da alma.

E, repentinamente, ele lançou-lhe no rosto, em voz baixa: “Vamos, confessa que foste amante de Vaudrec”.

Ela levantou os ombros:

“Tu és estúpido... Vaudrec tinha muita afeição por mim, muita... mas nada mais... jamais”.

Ele bateu o pé:

“Mentes. Isso não é possível”.

Ela respondeu tranquilamente:

“Entretanto, é assim”.

Ele pôs-se a andar. Depois, novamente se detendo, falou: “Então, explique-me porque ele te deixa toda sua fortuna...”.

Com ar indiferente e desinteressado, ela respondeu:

“Muito simples. Como já disseste antes, ele só tinha a nós como amigos, ou melhor, a mim, pois me conheceu quando eu ainda era criança. Minha mãe foi dama de companhia na casa de seus pais. Ele vinha aqui sem cessar e como não tinha herdeiros naturais pensou em mim. É possível que tivesse um pouco de amor por mim. Mas qual a mulher que jamais foi amada desse modo? Que tenha sido essa ternura oculta, secreta, que colocou meu nome sob sua pena quando ele pensou em tomar suas últimas disposições, por que não? Ele me trazia flores todas às segundas-feiras. Tu não te espantavas nem um pouco e ele não as oferecia para ti, não é mesmo? Hoje, ele me dá sua fortuna pela mesma razão e por que não havia outra pessoa a quem pudesse deixar. Seria, ao contrário, extremamente surpreendente se ele a tivesse deixado para ti. Por quê? Quem eras tu, para ele?”

Ela falava com tanta naturalidade e tranquilidade que Georges hesitou.

Mas continuou:

“Seja como for, nessas condições não podemos aceitar essa herança. Fará um efeito deplorável. Todo mundo acreditaria na coisa, todo mundo falaria e riria de mim. Meus colegas já têm disposição demais para terem ciúmes de mim e para me atacar. Mais que qualquer um, preciso me preocupar com minha honra e cuidar de minha reputação. É impossível admitir ou permitir que minha mulher aceite um legado dessa natureza de um homem que o rumor público já considerou seu amante. Forestier talvez pudesse tolerar tudo isso, mas eu não”.

Ela murmurou com doçura:

“Bem, meu amigo, não aceitemos, será um milhão a menos em nosso bolso, só isso”.

Ele continuava andando, e pôs-se a pensar alto, falando para sua mulher, sem se dirigir a ela.

“Bem, sim... um milhão... tanto pior... Ao fazer o testamento, ele não compreendeu a falta de tato que cometia, o esquecimento das conveniências. Não percebeu em que posição falsa e ridícula iria me colocar... Tudo é questão de aparência, na vida... Seria preciso que tivesse me deixado a metade, isso arranjará tudo”.

Sentou-se, cruzou as pernas e começou a enrolar as pontas dos bigodes, como fazia nas horas de aborrecimento, de inquietude, ou de reflexão difícil.

Madeleine apanhou uma tapeçaria na qual trabalhava de tempos em tempos e disse, enquanto escolhia suas lãs: “Não posso fazer nada além de me calar. Tu deves decidir”.

Passou-se um longo tempo antes de ele responder, depois disse, hesitante: “O mundo não compreenderá jamais que Vaudrec tenha feito de ti sua única herdeira e que eu tenha admitido isso. Receber essa fortuna, dessa maneira, será confessar... confessar de tua parte uma ligação culposa, e da minha, uma complacência infame... Compreendes como será interpretada nossa aceitação? Será preciso encontrar um subterfúgio, um modo hábil para atenuar o caso. Será preciso deixar subentendido que ele dividiu essa fortuna entre nós, dando metade ao marido, metade à mulher”.

Ela declarou:

“Não vejo como isso possa ser feito, pois o testamento é formal”.

Ele respondeu:

“Oh! É bem simples. Tu poderias me deixar a metade da herança por doação entre vivos. Não temos filhos, portanto isso é possível. Desse modo, fecharemos a boca à malignidade pública”.

Ela replicou, um pouco impaciente:

“Não vejo como fecharemos a boca à malignidade pública, pois o ato está lá, assinado por Vaudrec”.

Ele continuou, encolerizado:

“Temos necessidade de mostrá-lo, afixá-lo nas paredes? És estúpida. Diremos que o conde de Vaudrec nos deixou sua fortuna, repartindo-a entre nós... aí está... Ora, não podes aceitar esse legado sem minha autorização. Eu a dou, com a condição de que haja uma partilha que impedirá que eu me torne motivo de riso, na sociedade”.

Ela o fitou com um olhar penetrante.

“Como queiras. Estou pronta”.

Ele então se levantou e voltou a andar, Parecia novamente hesitar e agora evitava o olhar penetrante de sua mulher. Dizia: “Não... decididamente não... talvez seja melhor renunciar totalmente... é mais digno... mais correto... mais honrado... Desse modo, ninguém poderá supor nada, absolutamente nada. As pessoas mais escrupulosas não poderão fazer nada, a não ser se inclinar”.

Ele parou diante de Madeleine:

“Bem, se quiseres, minha querida, volto sozinho ao cartório do senhor Lameur para consultá-lo e explicar tudo a ele. Falarei de meus escrúpulos e acrescentarei que tivemos a ideia da partilha por conveniência, para que não haja falatório. A partir do momento em que aceito metade dessa herança, fica bem evidente que ninguém mais tem o direito de sorrir. É dizer em voz bem alta: ‘Minha mulher aceita porque eu aceito, eu, seu marido, que sou juiz do que ela pode fazer sem se comprometer.’” De outro modo, seria um escândalo”.

Madeleine murmurou simplesmente:

“Como quiseres”.

Ele começou a falar profusamente: “Sim, está claro como o dia esse arranjo de partilha. Herdamos de um amigo que não quis estabelecer diferença entre nós, que não desejou fazer qualquer distinção, que não quis dizer: ‘Prefiro um ou outro depois de morto como preferi durante minha vida’. É certo que ele gostava mais da mulher, mas deixando sua fortuna para os dois, desejava deixar claro que sua preferência era totalmente platônica. E tenha certeza que teria feito exatamente assim, se tivesse pensado nisso. Ele não refletiu, não previu as consequências. Como disseste há pouco, era a ti que ele oferecia flores todas as semanas, foi para ti que ele quis deixar sua última lembrança, sem se dar conta...”.

Ela o interrompeu um laivo de irritação:

“Está certo. Compreendi. Não há necessidade de tantas explicações. Vai logo ao cartório do tabelião”.

Corando, ele balbuciou:

“Tens razão. Já vou”.

Pegou o chapéu e, no momento de sair, acrescentou:

“Tentarei resolver a dificuldade do sobrinho por 50 mil francos, está bem?”.

Ela respondeu com altivez

“Não. Dá-lhe os 100 mil francos que ele pede e retira essa soma da minha parte, se quiseres”.

Ele murmurou, subitamente envergonhado:

“Ah! não, dividiremos. Tirando 50 mil francos de cada um, ainda nos restará um milhão, líquido”. Em seguida, acrescentou: “Até logo, minha pequena Made”.

E foi ao tabelião explicar a combinação que fingiu ter sido imaginada por sua mulher.

No dia seguinte, assinaram uma doação entre vivos de 500 mil francos, que Madeleine Du Roy oferecia a seu marido.

Depois, saindo do cartório, como fazia bom tempo, Georges propôs descerem a pé até os bulevares. Ele se mostrava gentil, cheio de cuidados, de atenções, de ternura. Ria, feliz com tudo, enquanto ela permanecia pensativa e um pouco severa.

Era um dia de outono, bastante frio. A multidão parecia apressada e caminhava com passos rápidos. Du Roy conduziu sua mulher para a loja onde, com tanta frequência, olhara o cronômetro desejado.

“Queres que eu te ofereça uma joia?” perguntou ele.

Ela murmurou com indiferença:

“Se te agradar”.

Eles entraram. Ele perguntou:

“O que preferes um colar, uma pulseira, brincos?”.

A vista dos enfeites de ouro e pedras preciosas levou sua frieza e, com olhar ardente e curioso, ela examinou as vitrinas cheias de joias.

De repente, ficou emocionada por um desejo:

“Eis ali uma bela pulseira”.

Era uma corrente de forma bizarra, na qual cada elo continha uma pedra diferente.

Georges perguntou:

“Quanto custa essa pulseira?”.

O joalheiro respondeu:

“Três mil francos, senhor.

— Se deixar por 2500 será negócio fechado”.

O homem hesitou, depois respondeu:

“Não, senhor, é impossível”.

Du Roy continuou:

“Bem, o senhor acrescentará esse cronômetro por 1500 francos, o que dará 4000, que pagarei em dinheiro. Combinado? Se não aceitar, vou a outro lugar”.

Perplexo, o joalheiro acabou por aceitar.

“Está bem, que seja senhor”.

E o jornalista, depois de dar seu endereço, acrescentou: “O senhor mandará gravar minhas iniciais no cronômetro - G.R.C., em letras enlaçadas sobre uma coroa de barão”.

Surpresa, Madeleine, pôs-se a sorrir. Quando saíram, ela tomou seu braço com certa ternura. Considerava-o verdadeiramente astuto e forte. E agora que possuía renda, precisava de um título, estava correto.

O comerciante o cumprimentou:

“Pode contar comigo, ficará pronto na quinta-feira, senhor barão”.

Passaram diante do Vaudeville. Apresentavam uma nova peça.

“Se quiseres, iremos ao teatro esta noite. Vamos comprar um camarote”, disse ele.

Encontraram um camarote e o compraram. Ele acrescentou: “E se jantássemos no restaurante?

— Oh! Sim, eu gostaria”.

Ele estava feliz como um soberano e procurava o que mais poderiam fazer de bom.

“E se fôssemos procurar a Sra. de Marelle para passar a noite conosco? Soube que seu marido está aqui. Ficarei feliz por apertar-lhe a mão”.

Foram para lá. Georges, que temia um pouco o primeiro encontro com sua amante, não estava aborrecido por sua mulher estar presente, assim evitava explicações.

Mas Clotilde parecia não se lembrar de nada e até forçou seu marido a aceitar o convite.

O jantar foi alegre e a noitada, encantadora.

Georges e Madeleine voltaram tarde para casa. O gás estava apagado. Para clarear os degraus, o jornalista acendia um fósforo de tempos em tempos.

Chegando ao patamar do primeiro andar, a chama súbita surgida com o atrito fez aparecer no espelho suas duas figuras iluminadas em meio às trevas da escada.

Pareciam fantasmas prestes a desaparecer na noite.

Du Roy levantou a mão para iluminar melhor suas imagens e, com um riso de triunfo, disse: “Aí vão dois milionários”.

VII

A conquista do Marrocos terminara há dois meses. A França, senhora de Tanger, possuía toda a costa africana, desde o Mediterrâneo até a regência de Trípoli, e garantira a dívida do novo país anexado.

Dizia-se que dois ministros tinham ganho com isso uma vintena de milhões e citava-se abertamente Laroche-Mathieu.

Quanto a Walter, ninguém em Paris ignorava que ele fizera jogo duplo e embolsara de 30 a 40 milhões sobre os títulos de empréstimo, e de 8 a 10 milhões sobre as minas de cobre e ferro, assim como sobre imensos terrenos adquiridos por nada antes da conquista, revendidos às companhias de colonização um dia depois da ocupação francesa.

Em alguns dias, tornara-se um dos senhores da sociedade, um desses financistas onipotentes, mais fortes que os reis, que fazem com que as cabeças se curvem, que as bocas balbuciem e que apareça toda baixaza, pusilanimidade e inveja do fundo do coração humano.

Deixara de ser o judeu Walter, dono de um banco duvidoso, diretor de um jornal suspeito, deputado acusado de negociatas sujas. Era o Senhor Walter, o rico israelita.

E quis mostrar isso.

Sabendo das dificuldades do príncipe de Carlsbourg, que possuía um dos mais belos palácios da Rua do Faubourg-Saint-Honoré, com jardins nos Champs-Élysées, propôs-lhe comprar o imóvel em 24 horas, mobiliado, sem trocar de lugar uma única poltrona. Ofereceu 3 milhões. Tentado pela soma, o príncipe aceitou.

No dia seguinte, o Sr. Walter se instalou no novo domicílio.

Então, teve outra ideia, uma verdadeira ideia de conquistador que desejava conquistar Paris, uma ideia à Bonaparte.

Naquele momento, toda cidade ia ver um grande quadro do pintor húngaro Karl Marcowitch, exposto na casa do perito Jacques Lenoble, representando Cristo caminhando sobre as ondas.

Entusiasmados, os críticos de arte declararam essa tela a obra de arte mais magnífica do século.

Walter a adquiriu e levou por 500 mil francos, cortando do dia para a noite a corrente de curiosidade pública, forçando Paris inteira a falar dele para invejá-lo, criticá-lo ou aprová-lo.

Depois, anunciou pelos jornais que convidaria todas as pessoas conhecidas na sociedade parisiense para contemplar a tela magistral por uma noite, em sua casa, para que não se dissesse que ele sequestrara uma obra de arte.

Sua casa seria aberta. Compareceria quem quisesse. Seria suficiente mostrar o convite na porta.

Este estava assim redigido: “O Sr. e a Sra. Walter rogam que lhes dê a honra de comparecer à sua casa no dia 30 de dezembro, entre 9h e meia-noite, para admirar a tela de Karl Marcowitch: Jesus Caminhando Sobre as Ondas, iluminada por ‘luz elétrica’”.

Em seguida, em post-scriptum, em letras pequenas, podia-se ler: “Haverá um baile após a meia-noite”.

Assim, os que desejassem ficar, ficariam e, entre eles, os Walter recrutariam seus futuros conhecidos.

Os outros olhariam a tela, o palácio e os proprietários, com uma curiosidade mundana, insolente ou indiferente, depois iriam embora como tinham vindo. E o senhor Walter sabia perfeitamente que voltariam mais tarde, como acontecera com seus irmãos israelitas que haviam enriquecido como ele.

Primeiro, era preciso que entrassem na casa todos os pobretões possuidores de títulos, citados nos jornais; ali entrariam para ver a figura de um homem que ganhara 50 milhões em seis semanas; também entrariam para ver e enumerar os que ali estavam; e ainda compareceriam por seu bom gosto e fineza de convidá-los a admirar um quadro cristão em sua casa, na casa de um filho de Israel.

Ele pareceria lhes dizer: “Vejam, paguei 500 mil francos pela obra-prima religiosa de Marcowitch, Jesus Caminhando Sobre as Ondas. E essa obra-prima ficará em minha casa, para sempre sob meus olhos, na casa do judeu Walter”.

Na sociedade, na sociedade das duquesas e do Jôquei, discutira-se muito esse convite que, em suma, não obrigava a nada. Ir-se-ia para lá como se vai ver as aquarelas na casa do Sr. Petit. Os Walter possuíam uma obra-prima; eles abriam suas portas uma noite para que todo mundo pudesse admirá-la. Nada melhor.

Há quinze dias, a cada manhã o La Vie Française publicava uma nota sobre essa noite de 30 de dezembro, esforçando-se para acender a curiosidade pública.

Du Roy estava irado com o triunfo do Patrão.

Considerara-se rico com os 500 mil francos extorquidos de sua mulher e agora se julgava pobre, terrivelmente pobre, comparando sua pífia fortuna à chuva de milhões caída em torno dele, sem que tivesse podido apanhar nada.

Sua cólera invejosa aumentava a cada dia. Tinha raiva de todo mundo, dos Walter, que deixara de visitar, da sua mulher que, enganada por Laroche, o desaconselhara de aplicar nos fundos marroquinos, e detestava, sobretudo o ministro que o enganara, servira-se dele e que jantava em sua mesa duas vezes por semana; George lhe servira de secretário, de agente, de porta-caneta e, quando ele escrevia o que lhe ditava, sentia vontade de estrangular aquele presunçoso triunfante. Como ministro, Laroche tinha sucesso modesto e para conservar sua pasta não deixava adivinhar que estava recheado de ouro. Mas Du Roy sentia esse ouro na palavra mais altiva do advogado novo-rico, nos seus gestos mais insolentes, nas afirmações mais ousadas, na sua confiança mais completa.

Agora Laroche reinava na casa Du Roy, tendo se apossado do lugar e dos dias do conde de Vaudrec, falando com os criados como faria um segundo senhor.

Georges o tolerava, tremendo como um cão que quer morder, mas não ousa. Mas, com frequência, era duro e brutal com Madeleine, que levantava os ombros e o tratava com uma criança malcriada. Espantava-se com seu constante mau humor e repetia: “Não te compreendo. Estás sempre te queixando. No entanto, tua posição é soberba”.

Ele virava-lhe as costas e não respondia nada.

Primeiro, declarara que não iria à festa do Patrão, que não queria botar os pés na casa daquele judeu sujo.

Há dois meses a Sra. Walter lhe escrevia todos os dias para suplicar que fosse, que lhe concedesse um encontro onde ele quisesse, a fim de lhe entregar os 70 mil francos que ganhara para ele.

Ele não respondia e jogava no fogo essas cartas desesperadas. Não que tivesse renunciado a receber sua parte nos ganhos, mas queria enlouquecê-la, tratá-la com desprezo, pisá-la. Ela era rica demais! Ele queria se mostrar orgulhoso.

No próprio dia da exposição do quadro, quando Madeleine lhe dissera que fazia muito mal em não querer ir, ele respondeu: “Deixa-me em paz. Fico em casa”.

Mas depois do jantar, de repente declarou:

“É melhor mesmo enfrentar essa tarefa árdua. Prepara-te depressa”.

Ela já esperava isso.

“Estarei pronta em um quarto de hora”, disse ela.

Ele se vestiu resmungando, e até no fiacre continuou a expelir sua bile.

O corredor de honra do palácio de Carlsbourg estava iluminado nos quatro cantos por quatro globos elétricos que pareciam quatro pequenas luas azuladas. Um magnífico tapete cobria os degraus da alta escadaria e, sobre cada um, um homem de libré mantinha-se rígido como uma estátua.

Du Roy murmurou:

“Isso é ostentação”.

E levantou os ombros, o coração crispado de inveja.

Sua mulher lhe disse:

“Cala-te e faze o mesmo”.

Entraram e entregaram seus pesados abrigos aos criados que se aproximaram.

Muitas mulheres que ali se encontravam com seus maridos também se desembaraçavam de suas peles. Ouviam-se seus murmúrios: “É muito bonito! Muito bonito!”

O vestíbulo enorme estava forrado de tapeçarias que representavam a aventura de Marte e Vênus. À direita e à esquerda partiam dois braços de uma escada monumental, que se reuniam no primeiro andar. O corrimão era uma maravilha em ferro forjado, cuja velha douração apagada fazia correr um brilho discreto ao longo dos degraus de mármore vermelho.

À entrada dos salões, duas meninas ofereciam flores às damas, vestidas, uma de musa rosa outra de musa azul. Acharam isso encantador.

Já havia uma multidão nos salões.

Quase todas as mulheres vestiam traje de passeio, para indicar que iam para lá como iam a todas as exposições particulares. As que contavam ficar para o baile tinham o pescoço e os braços nus.

Cercada de amigas, a Sra. Walter estava na segunda peça, respondendo aos cumprimentos dos visitantes.

Muitos não a conheciam e passeavam por ali como em um museu, sem se ocupar com os donos da casa.

Ela ficou lívida quando viu Du Roy e fez um movimento para ir até ele. Depois permaneceu imóvel, esperando por ele. Ele a saudou cerimoniosamente, enquanto que Madeleine a cumulou de agrados e de cumprimentos. Georges então deixou a mulher com a Patroa e se perdeu no meio do público para ouvir as coisas maldosas que, com certeza, deviam dizer.

Cinco salões se enfileiravam, cobertos de estofados preciosos, bordados italianos ou tapetes do oriente de matizes e estilos diferente, exibindo nas paredes quadros de mestres antigos. Detinham-se, sobretudo para admirar uma pequena peça Luís XVI, uma espécie de toucador todo estofado em seda azul pálido salpicado de maços de flores cor de rosa. Os móveis baixos, em madeira dourada, cobertos de tecido semelhante ao das paredes, eram de finura admirável.

Georges reconheceu pessoas célebres, a duquesa de Terracine, o conde e a condessa de Ravenel, o general, príncipe d'Andremont, a bela marquesa de Dunes, e todos os que eram vistos nas primeiras representações.

Alguém o agarrou pelo braço, e uma voz jovem e feliz murmurou-lhe no ouvido: “Ah! Até que enfim, malvado Bel-Ami. Porque não o vemos mais?”

Era Suzanne Walter, olhando-o com seus olhos de esmalte fino, sub a nuvem frisada de seus cabelos louros.

Ele ficou encantado por revê-la e apertou francamente sua mão. Depois, desculpando-se, disse: “Não tenho podido vir. Tive tanto trabalho que há dois meses não saio”.

Ela assumiu um ar sério:

“Isso é mau, muito mau. O senhor nos magoa muito, pois nós o adoramos, mamãe e eu. Quanto a mim, não posso mais passar sem sua presença. Quando não está, aborreço-me até a morte. Veja que lhe digo francamente para que não tenha mais o direito de desaparecer desse modo. Dê-me o braço, vou lhe mostrar pessoalmente Jesus Caminhando Sobre as Ondas. Está lá no fundo, atrás da estufa. Papai o colocou lá para que sejam obrigados a passar por toda parte. É espantoso como ele parece um pavão, com este palácio”.

Caminhavam lentamente através da multidão. As pessoas se voltavam para olhar aquele belo rapaz e aquela linda boneca.

Um pintor conhecido declarou:

“Vejam! Eis um belo casal! Divertido como tudo mais”.

Georges pensava: “Se eu tivesse sido verdadeiramente forte, seria com esta que teria me casado. E teria sido possível. Como não pensei nisso? Como fui me prender à outra? Que loucura! Age-se sempre depressa demais, não se reflete suficientemente”.

E a inveja, a inveja amarga tombava-lhe na alma gota a gota, com um fel que corrompia todas as suas alegrias, tornava odiosa sua existência.

Suzanne dizia:

“Oh! Venha sempre, Bel-Ami. Agora que papai é tão rico, faremos maluquices. Nós nos divertiremos como loucos”.

Ele respondeu, seguindo sempre sua ideia:

“Oh! Agora vai se casar. Casar-se-á com algum belo príncipe um pouco arruinado e não a veremos mais”.

Ela exclamou com toda franqueza:

“Oh! Não, ainda não. Quero alguém que me agrade, que me agrade muito, que me agrade de verdade. Sou bastante rica para dois”.

Ele sorria um sorriso irônico e altaneiro, e pôs-se a nomear as pessoas que passavam, gente muito nobre que vendera seus títulos enferrujados às filhas de financistas, como ela, e que agora viviam perto ou longe de suas mulheres, mas livres, impudentes e respeitados.

Ele concluiu:

“Não dou seis meses para que se deixe apanhar por essa isca. Será senhora Marquesa, senhora Duquesa ou senhora Princesa, e olhará para mim de muito alto, senhorita”.

Ela se indignava, batia-lhe no braço com o leque, jurava que só se casaria segundo seu coração.

Ele zombava:

Isso nós veremos, a senhorita é muito rica”.

Ela lhe disse:

Mas o senhor também, também recebeu uma herança”.

Ele fez um “Oh!” de piedade:

“Nem vale a pena falar nisso. Apenas 20 mil libras de renda. Não muito para os tempos de hoje.

— Mas sua mulher também herdou.

— Sim. Um milhão para nós dois. Quarenta mil de renda. Nem mesmo podemos ter um carro nosso, com isso”.

Chegaram ao último salão e diante deles abria-se a estufa, um grande jardim de inverno cheio de grandes árvores de países de clima quente, abrigando maciços de flores raras. Ao abrigo desse verde sombrio, onde a luz deslizava com uma onda de prata, respirava-se o frescor cálido da terra úmida e um sopro pesado de perfumes. Era uma estranha sensação, doce, doentia e encantadora, de natureza artificial, enervante e mole. Caminhava-se sobre tapetes semelhantes a musgo, entre dois espessos maciços de arbustos. Subitamente, à esquerda, sob um grande domo de palmeiras, Du Roy viu um grande tanque de mármore branco onde se poderia tomar banho, e sobre suas bordas, quatro grandes cisnes de faiança de Delft pousavam na água seus bicos entreabertos.

O fundo do tanque era forrado de pó de ouro e dentro dele nadavam enormes peixes vermelhos, bizarros monstros chineses com olhos salientes e escamas de bordas azuis, uma espécie de mandarins das ondas que, errantes e suspensos sobre o fundo de ouro, lembravam os estranhos bordados chineses.

O jornalista se deteve com o coração disparado. Dizia a si mesmo:

“Eis o luxo. Eis o tipo de casa onde se deve viver. Outros são felizardos. Porque não eu?” Ele imaginava os meios, não os encontrava logo e se irritava com sua impotência.

Sua companheira deixara de falar, um pouco sonhadora. Ele a olhou de soslaio e pensou ainda uma vez: “Seria suficiente casar com essa marionete de carne e osso”.

De repente, Suzanne pareceu despertar:

“Atenção”, disse ela.

Empurrou Georges através de um grupo que barrava o caminho e, bruscamente, o fez virar à direita.

No meio de um pequeno bosque de plantas singulares que mantinham no ar suas folhas tremulantes, abertas como mãos de dedos minúsculos, via-se um homem imóvel, em pé sobre o mar.

O efeito era surpreendente. A pintura cujas bordas se escondiam no verdor móvel parecia uma fenda negra em um local longínquo, fantástico e impressionante.

Era preciso olhar com atenção para compreendê-lo. O quadro cortava o meio do barco onde se encontravam os apóstolos, um deles sentado sobre a borda, parcamente iluminados pelos raios oblíquos de uma lanterna que projetava toda sua luz sobre Jesus que se aproximava.

O Cristo avançava o pé sobre uma vaga que se via aprofundar, submissa, aplainada, acariciante sob o passo divino que a pisava. Tudo estava sombrio em torno do Homem-Deus. Apenas as estrelas brilhavam no céu.

No brilho vago do farol suspenso por aquele que mostrava o Senhor, as figuras dos apóstolos pareciam convulsionadas pela surpresa.

Realmente era obra forte e inesperada de um mestre, uma dessas obras que perturbam o pensamento e fazem sonhar durante anos.

No princípio, as pessoas que a olhavam permaneciam silenciosas, depois se afastavam sonhadoras e, mais tarde, só comentavam sobre o valor da pintura.

Após contemplá-la por algum tempo, Du Roy declarou:

“É chique poder pagar por esses enfeites”.

Mas como se chocavam com ele, empurrando-se para ver, ele partiu, sempre prendendo sob o braço a mãozinha de Suzanne, que ele apertava um pouco.

Ela lhe perguntou:

“Gostaria de tomar uma taça de champanha? Vamos até o bufê. Lá encontraremos papai”.

E atravessaram lentamente todos os salões onde a multidão engrossava, tempestuosa, uma multidão elegante em festa pública.

Subitamente, Georges acreditou ouvir uma voz que dizia:

“São Laroche e a Sra. Du Roy”. Essas palavras chegaram aos seus ouvidos como ruídos longínquos que correm no vento. De onde vinham?

Procurou de todos os lados e viu que, com efeito, sua mulher passava de braço dado com o ministro. Conversavam em voz baixa, de modo íntimo e sorridente, olhos nos olhos.

Imaginou que cochichavam enquanto o olhavam e sentiu uma vontade brutal e estúpida de saltar sobre esses dois seres e atacá-los a socos.

Ela o tornava ridículo. Pensou em Forestier. Talvez dissessem: “Aquele corno do Du Roy”. Quem era ela? Uma pequena arrivista bastante hábil, mas, na verdade, sem grandes meios. Iam à sua casa porque o temiam, porque sentiam que era forte, mas deviam falar sem constrangimento daquele pequeno lar de jornalistas. Jamais iria longe com aquela mulher que tornava sua casa sempre suspeita, que sempre se comprometia, cujo comportamento a denunciava como intrigante. Ela agora seria um joanete em seu pé. Ah! Se tivesse adivinhado, se soubesse! Como teria apostado mais alto, mais forte! Que bela partida teria ganhado com essa pequena Suzanne como capital! Como pudera ser tão cego para não compreender isso?

Chegavam à sala de jantar, uma imensa peça com colunas de mármore e paredes cobertas de velhos Gobelins.

Walter notou seu cronista e correu para apertar-lhe a mão. Estava embriagado de alegria: “Todos viram? Diz Suzanne, mostraste a ele? Quanta gente, não é verdade, Bel-Ami? Viu o príncipe de Guichê? Há pouco esteve aqui para beber uma taça de ponche”.

Em seguida, correu na direção do senador Rissolin que arrastava sua mulher atordoada, enfeitada como uma barraca de feira.

Um senhor cumprimentou Suzanne, um rapaz alto e magro, com suíças louras, um pouco calvo, com esse ar mundano que logo se reconhece. Georges ouviu dizerem seu nome: marques de Cazolles. Bruscamente, teve ciúmes daquele homem. Há quanto tempo ela o conhecia? Sem dúvida, desde que ficara rica. Adivinhava que era um pretendente.

Alguém o segurou pelo braço. Era Norbert de Varenne. Com ar indiferente e preguiçoso, o velho poeta passeava seus cabelos oleosos e sua velha casaca.

“Eis o que se chama divertir-se. Dentro de pouco tempo haverá dança; depois será hora de ir para a cama; e as jovens ficarão contentes. Tome champanha, está excelente”.

Fez com que lhe servissem uma taça e, cumprimentando Du Roy que pegara outra, disse: “Bebo à vitória do espírito sobre os milhões”.

Depois acrescentou em voz doce:

“Não que me incomodem na casa dos outros, ou que os deteste. Protesto por princípio”.

Georges não mais o ouvia. Procurava Suzanne que acabara de desaparecer com o marquês Cazolles e, deixando bruscamente Norbert de Varenne, pôs-se a buscar a jovem.

Um espessa multidão que desejava beber o deteve. Assim que conseguiu atravessá-la, encontrou-se diante do casal de Marelle.

Sempre se encontrava com a mulher, mas há tempos não via o marido, que lhe segurou as duas mãos: “Agradeço-lhe, meu caro, pelo conselho que enviou por Clotilde. Ganhei cerca de 100 mil francos com os títulos da dívida marroquina. Devo isso ao senhor. Pode-se dizer que é um amigo precioso”.

Alguns homens se voltaram para olhar aquela moreninha elegante e bonita. Du Roy respondeu: “Como recompensa por esse serviço, meu caro, levo sua mulher, ou melhor, ofereço-lhe meu braço. Deve-se sempre separar os esposos”.

A Sra. de Marelle se inclinou:

“É justo. Se o perder, encontramos-nos aqui dentro de uma hora.

— Perfeitamente”.

E os dois jovens meteram-se no meio da multidão, seguidos pelo marido. Clotilde repetia: “Que felizardos, os Walter. Apesar de tudo, o que é ter inteligência nos negócios!”.

Georges respondeu:

“Ora! Homens fortes sempre vencem, por um ou outro meio”.

Ela continuou:

“Eis duas jovens que terão de 20 a 30 milhões, cada. Sem contar que Suzanne é bonita”.

Ele não disse nada. Seu próprio pensamento saindo de outra boca o irritava.

Ela ainda não vira ‘Jesus Caminhando Sobre as Ondas’. Ele propôs conduzi-la até lá. Ambos se divertiam falando mal das pessoas, caçoando dos desconhecidos. Saint-Potin passou por perto deles, usando inúmeras condecorações na gola da casaca, o que os divertiu imensamente. Um velho embaixador que vinha atrás dele exibia uma casaca menos guarnecida.

Du Roy declarou:

“Que salada de sociedade”.

Boisrenard, que lhe apertou a mão, também levava na botoeira a fita verde e amarela que ganhara no dia do duelo.

No pequeno toucador Luís XVI, a enorme e engalanada viscondessa de Percemur conversava com um duque.

Georges murmurou:

“Um colóquio galante”.

Atravessando a estufa, reviu sua mulher, sentada perto de Laroche-Mathieu, os dois quase escondidos por um maciço de plantas. Pareciam dizer: “Marcamos um encontro aqui, um encontro público, pois não nos incomodamos com a opinião pública”.

A Sra. de Marelle reconheceu que aquele Jesus de Karl Marcowitch era incrível. Voltaram. Haviam perdido o marido.

Ele perguntou:

“E Laurine, continua me querendo mal?”

— Sim, sempre. Recusa-se a te ver e vai embora quando falamos em ti”.

Ele não respondeu nada. A inimizada daquela menina o magoava, pesava-lhe.

Suzanne os segurou ao atravessarem uma porta, e exclamou:

— Ah! Ei-los aqui! Muito bem, Bel-Ami, fique aqui sozinho. Levo a bela Clotilde para lhe mostrar meu quarto”.

E as duas mulheres o deixaram com passo apressado, deslizando através das pessoas com um movimento onduloso, aquele movimento serpenteante que as mulheres sabem fazer quando estão no meio de uma multidão.

Quase imediatamente, uma voz murmurou: “Georges!”

Era a Sra. Walter. Ela continuou, em voz bem baixa: “Oh! Como é ferozmente cruel! Como me faz sofrer inutilmente. Encarreguei Suzette de levar sua acompanhante para poder lhe dizer uma palavra. Ouça, preciso lhe falar esta noite... ou... ou... o senhor não sabe o que farei. Vá até a estufa. Há uma porta à esquerda, que dá para o jardim. Siga a alameda que está na frente da porta. No final, verá um caramanchão. Espere-me por dez minutos. Se não o fizer, juro que farei um escândalo aqui, imediatamente!”

Ele respondeu com altivez

“Que seja. Em dez minutos estarei no lugar indicado”.

Separaram-se. Mas Jacques Rival conseguiu fazer com que se atrasasse. Segurara-lhe o braço e lhe contara um monte de coisas, com ar muito exaltado. Sem dúvida, vinha do bufê. Enfim, Du Roy o deixou nas mãos da Sra. de Marelle, que encontrara entre duas portas, e saiu. Ainda precisava tomar cuidado para não ser visto por sua mulher e por Laroche. Conseguiu, pois ambos pareciam muito animados, e ele se encontrou no jardim.

O ar frio o atingiu como um banho de gelo. Ele pensou:

“Cristo, vou apanhar um resfriado”, e enrolou o lenço no pescoço, como se fosse uma gravata. Depois, seguiu pela alameda a passos lentos, enxergando mal após sair da grande luminosidade dos salões.

À direita e à esquerda, distinguia arbustos desfolhados cujos ramos estremeciam. Luzes cinzentas passavam por esses ramos, vindas das janelas do palácio. Notou algo branco no meio do caminho, bem na frente dele. Com o pescoço e os braços nus, a Sra. Walter balbuciou com voz trêmula: “Ah! Estás aqui? Queres me matar?”

Ele respondeu tranquilamente:

“Por favor, chega de drama ou vou embora imediatamente”.

Ela o agarrara pelo pescoço e, com os lábios muito perto dele, dizia:

“Mas que foi que te fiz? Tu te portas comigo como um miserável! Que foi que te fiz?”

Ele tentou afastá-la:

“Na última vez que te vi, enrolaste teus cabelos em todos os meus botões e quase provocaste uma ruptura entre mim e minha mulher”.

Ela ficou surpresa, depois, negando com sinais de cabeça, disse:

“Oh! Tua mulher se incomoda muito, mesmo. Alguma de tuas amantes é que faria uma cena.

— Não tenho amantes.

— Cala-te! Mas porque deixaste de vir me visitar? Porque te recusas a vir jantar comigo, pelo menos uma vez por semana? É atroz o que sofro; eu te amo e não tenho outros pensamentos que não sejam para ti. Não posso olhar para nada sem te ver diante dos meus olhos, não ousa dizer uma palavra temendo dizer teu nome! Tu não entendes! Parece que estou presa dentro de garras, afogada dentro de um saco, não sei. Tua lembrança sempre presente aperta-me a garganta, rasga-me algo dentro do peito, sob o seio, amolece-me as pernas e me deixa sem forças para andar. Como um animal, fico o dia todo em uma cadeira, pensando em ti”.

Ele a olhava com espanto. Deixara de ser a gorda adolescente doidivanas que conhecera, agora era uma mulher perturbada, desesperada, capaz de tudo.

Entretanto, um projeto vago nascia em seu espírito.

Ele respondeu:

“Minha querida, o amor não é eterno. A gente se liga e se afasta. Mas quando dura, como entre nós, torna-se um grilhão horrível. Não quero mais. Eis a verdade. No entanto, se souberes tornar-te razoável, me receber e me tratar apenas como amigo, voltarei como antes. Achas que és capaz de agir assim?”

Ela pousou os dois braços nus na veste negra de Georges e murmurou:

“Sou capaz de tudo para te ver.

— Então, está combinado. Somos amigos, nada mais”, disse ele.

Ela balbuciou:

“Combinado”. Depois, estendendo os lábios para ele, falou:

“Ainda um beijo... O último”.

Ele recusou docemente.

Não. Vamos respeitar nossa combinação”.

Ela se voltou enxugando duas lágrimas, depois, retirando do corpete um pacote de papéis amarrados com uma fita de seda rosa, ofereceu-o a Du Roy: “Toma. É tua parte no benefício, no assunto do Marrocos. Estava tão contente por ter ganho isto para ti. Toma, guarda-o...”

Ele queria recusar:

“Não, não quero receber esse dinheiro!”

Ela então se revoltou.

“Ah! Tu não me farás isso, agora. É teu, de ninguém mais. Se tu não o receberes, eu o jogarei em um esgoto. Tu me farás isso, Georges?”

Ele recebeu o pequeno pacote e o enfiou no bolso.

“Vamos entrar. Vais apanhar uma pneumonia”.

Ela murmurou:

“Melhor seria se eu pudesse morrer!”.

Ela agarrou sua mão, beijou-a com paixão, com raiva, com desespero, e fugiu para o palácio.

Ele voltou lentamente, refletindo. Em seguida, entrou na estufa, cabeça alta, lábios sorridentes.

Sua mulher e Laroche não mais estavam lá. A multidão diminuía. Ficava evidente que não ficaria para o baile. Viu Suzanne, que segurava o braço da irmã. As duas se aproximaram dele pedindo-lhe para dançar a primeira quadrilha com o conde de Latour-Yvelin.

Ele se espantou.

“Quem é ele?”

Suzanne respondeu maliciosamente:

“É o novo amigo de minha irmã”.

Rose corou e murmurou:

“Tu és maldosa, Suzette, esse senhor é tão meu amigo quanto teu”.

A outra sorriu:

“Compreendo”.

Aborrecida, Rose, voltou-lhe as costas e se afastou.

Du Roy segurou familiarmente o cotovelo da jovem que ficara perto dele e perguntou-lhe com voz acariciante: “Ouça, minha queridinha, considera-me seu amigo?”

— Claro que sim, Bel-Ami.

— E tem confiança em mim?

— Sem dúvida.

— Lembra-se do que eu lhe disse antes?

— A propósito de quê?

— A propósito do seu casamento, ou melhor, do homem com quem vai se casar.

— Sim.

— Pois bem, promete-me uma coisa?

— Sim, mas o quê?

— Consultar-me todas as vezes que pedirem sua mão e não aceitar ninguém sem pedir meu conselho.

— Sim, está bem.

— E esse é um segredo entre nós dois. Nem uma palavra para seu pai, nem para sua mãe.

— Nem uma palavra.

— Jura?

— Juro”.

Rival chegou com ar atarefado:

“Senhorita, seu papai a chama para o baile”.

Ela falou:

“Vamos, Bel-Ami”.

Mas ele recusou, decidido a partir imediatamente, querendo ficar sozinho para pensar. Muitas coisas novas haviam penetrado em seu espírito e ele pôs-se a procurar sua mulher. Depois de algum tempo, ele a viu tomando um chocolate com dois senhores desconhecidos. Ela lhes apresentou seu marido, sem lhe dizer seus nomes.

Após alguns instantes, ele perguntou:

“Vamos?

— Quando quiseres”.

Ela deu-lhe o braço e eles atravessaram os salões onde o público começava a rarear.

Ela perguntou:

“Onde está a Patroa? Gostaria de me despedir dela.

— É inútil. Ela procuraria fazer com que ficássemos para o baile e já estou cansado.

— É verdade, tens razão”,

Ficaram silenciosos durante todo o caminho para casa. Porém, assim que entraram no quarto, sorrindo e sem mesmo retirar o véu, Madeleine lhe disse: “Tu não sabes, mas tenho uma surpresa para ti”.

Ele resmungou, de mau humor:

“Do que se trata?

— Adivinha.

— Não farei esse esforço.

— Está bem, depois de amanhã é dia primeiro de janeiro.

— Sim.

— É o momento dos presentes de Ano Novo.

Sim.

— Eis os teus, que Laroche me entregou há pouco”.

E apresentou-lhe uma pequena caixa negra que parecia um porta-joias.

Ele abriu com indiferença e viu a cruz da Legião de Honra.

Ficou um pouco pálido, depois sorriu e declarou:

“Teria preferido 10 milhões. Isto não custa caro”.

Ela esperava uma explosão de alegria e ficou irritada com essa frieza.

“És verdadeiramente inacreditável. Atualmente, nada te satisfaz”.

Ele respondeu tranquilamente:

“Esse homem não faz mais que pagar sua dívida. E ainda me deve muito”.

Ela se admirou com seu tom de voz, e disse:

“No entanto é bonito, na tua idade”.

Ele declarou:

“Tudo é relativo. Eu poderia ter mais que isso, hoje em dia”.

Ele pegou o porta-joias e o colocou aberto sobre a lareira, examinou por alguns instantes a estrela dourada, dentro dele. Depois voltou a fechá-lo e meteu-se na cama levantando os ombros.

Com efeito, o L’Officiel de primeiro de janeiro publicou a concessão da Legião de Honra ao Sr. Prosper-Georges Du Roy, jornalista, no grau de cavaleiro, por serviços excepcionais. O nome estava escrito em duas palavras, o que deu a Georges mais prazer que a própria condecoração.

Uma hora depois de ler essa notícia tornada pública, recebeu uma palavra da Patroa que lhe suplicava ir à sua casa naquela noite, com sua mulher, para festejar essa distinção. Ele hesitou alguns minutos, depois, atirando ao fogo aquele bilhete escrito em termos ambíguos, disse a Madeleine: “Esta noite jantaremos na casa dos Walter”.

Ora! Pensei que não quisesses mais por teus seus pés lá”.

Ele murmurou apenas:

“Mudei de ideia”.

Quando chegaram, a Patroa estava sozinha no pequeno toucador Luís XVI, adotado para suas recepções íntimas. Vestida de negro, empoara os cabelos, o que a tornara encantadora. De longe parecia uma velha, de perto, uma jovem, e quando se olhava bem para ela, uma bela atração para os olhos.

“Está de luto?” perguntou Madeleine.

Ela respondeu tristemente:

“Sim e não. Não perdi ninguém da família, mas cheguei a uma idade onde se usa luto pela vida. Eu o visto hoje para inaugurá-lo. De hoje em diante, eu o levarei no coração”.

Du Roy pensou: “Será que essa resolução vai se manter?”

O jantar foi um pouco morno. Apenas Suzanne tagarelava sem cessar. Rose parecia preocupada. O jornalista foi muito felicitado.

A noite transcorreu com todos andando e conversando pelos salões e pela estufa. Como Du Roy caminhava atrás, com a Patroa, ela o segurou pelo braço.

Ela lhe disse em voz baixa: “Ouça, não vou lhe falar mais nada, mas venha de visitar, Georges. Note que não mais o trato por ‘tu’. Mas para mim é impossível viver sem vê-lo, impossível. É uma tortura inimaginável. Eu o sinto, eu o guardo dentro de meus olhos, dentro de meu coração e dentro da minha carne, o dia todo, a noite toda. É como se o senhor tivesse me obrigado a beber um veneno que me roeria por dentro. Não posso mais. Não. Não posso mais. Não quero ser para o senhor senão uma mulher velha. Empoei meus cabelos para lhe mostrar; mas venha aqui de tempos em tempos, na qualidade de amigo”.

Ela segurara sua mão e a apertava, enterrando as unhas em sua carne.

Ele respondeu com calma:

Está certo. É inútil falar nisso novamente. Veja bem que vim hoje, imediatamente depois de receber sua carta”.

Walter, que ia à frente com suas duas filhas e Madeleine, esperou Du Roy perto do ‘Jesus Caminhando Sobre as Ondas’.

Rindo, ele disse: “Imaginem que ontem encontrei minha mulher ajoelhada na frente deste quadro, como em uma capela. Ele fazia suas devoções. Quanto ri!”

A Sra. Walter replicou com voz firme, onde vibrava uma exaltação secreta: “Esse Cristo salvará minha alma. Ele me dá coragem e força todas as vezes que o vejo”.

E, parando diante de Deus em pé sobre o mar, ela murmurou:

“Como é belo! Como esses homens o temem, como o amam! Observem sua cabeça, seus olhos, como ele é ao mesmo tempo simples e sobrenatural!”

Suzanne exclamou:

“Mas ele se parece consigo, Bel-Ami. Tenho certeza que se parece. Se o senhor usasse suíças, ou se ele estivesse barbeado,

seriam extremamente parecidos. Oh! É surpreendente!”

Ela quis que ele ficasse em pé ao lado do quadro; todo mundo reconheceu que, com efeito, as duas figuras se pareciam!

Assombraram-se. Walter achou a coisa bem singular. Sorrindo, Madeleine declarou que Jesus tinha aparência mais viril.

A Sra. Walter permaneceu imóvel, contemplando fixamente o rosto de seu amante ao lado do rosto de Cristo; tornou-se tão branca quanto seus cabelos.

VIII

Durante o resto do inverno, os Du Roy foram com frequência à casa dos Walter. A todo instante, Georges lá jantava sozinho, Madeleine pretextava cansaço e preferia ficar em casa.

Ele adotara sexta-feira como o dia fixo, e a Patroa jamais convidava outra pessoa nessa noite; ela pertencia a Bel-Ami, somente a ele. Depois do jantar, jogavam cartas, alimentavam os peixes chineses, viviam e se divertiam em família. Várias vezes, atrás de uma porta, atrás de um arbusto da estufa, em um canto escuro, a Sra. Walter agarrara bruscamente o braço do jovem e, apertando-o com toda sua força, lançara-lhe ao ouvido: “Eu te amo!... Eu te amo!... Amo-te até a morte!” Mas ele sempre a afastava friamente, respondendo em tom seco: “Se recomeçar com isso não voltarei mais aqui”.

Lá pelo fim de março, de repente começaram a falar do casamento das duas irmãs. Diziam que Rose deveria se casar com o conde de Latour-Yvelin, e Suzanne, com o marquês de Cazolles. Esse dois homens haviam se tornado íntimos na casa. Gozavam dessa familiaridade com direito a favores especiais e prerrogativas sutis.

Georges e Suzanne viviam em uma espécie de familiaridade fraternal e livre, conversavam durante horas, zombavam de todo mundo e pareciam gostar muito da companhia um do outro.

Não tinham voltado a conversar sobre o possível casamento da jovem, nem sobre os pretendentes que se apresentavam.

Um dia, o Patrão convidou Du Roy para almoçar e, depois da refeição, a Sra. Walter foi chamada para atender um fornecedor. Georges então disse a Suzanne: “Vamos dar pão aos peixes vermelhos”.

Cada qual apanhou sobre a mesa um grande pedaço de pão, e ambos se dirigiram para a estufa.

Em torno de todo o tanque de mármore havia almofadas pelo chão, para que fosse possível ficar de joelhos e ver os peixes de perto. Cada jovem pegou uma almofada e, debruçados sobre a água, começaram a jogar bolinhas de pão, que enrolavam com os dedos. Assim que os viram, os peixes se aproximaram agitando a cauda, batendo as nadadeiras, rolando seus grandes olhos salientes, virando-se sobre si mesmos, mergulhando para apanhar a presa redonda que afundava, retornando para buscar outra.

Faziam movimentos engraçados com a boca, tinham impulsos bruscos e rápidos, comportamento estranho de pequenos monstros; e sobre a areia dourada do fundo, destacavam-se em vermelho ardente, passando como chamas na onda transparente ou mostrando o filete azul na borda das escamas, assim que se detinham.

Georges e Suzanne viam suas próprias figuras refletidas na água e sorriam para suas imagens.

De repente, ele disse em voz baixa:

“Não é direito ter segredos para comigo, Suzanne”.

Ela perguntou:

“Como, Bel-Ami?”

— Lembra-se do que me prometeu aqui mesmo, na noite da festa?

— Não!

— Que me consultaria todas as vezes que pedissem sua mão.

— E daí?

— E daí, pediram sua mão.

— Quem?

— Sabe bem quem foi.

— Não. Eu juro.

— Sabe, sim. Esse grande e gordo marquês de Cazolles.

— Para começar, ele não é gordo.

— É possível! Mas é estúpido; arruinado pelo jogo e usado para o casamento. Verdadeiramente, um belo partido, tão belo, tão fresco, tão inteligente”.

Ela perguntou sorrindo:

“Que tem contra ele?”

— Eu? Nada.

— Claro que tem. Ele não é nada do que diz.

— Ora essa. É um idiota e um intrigante”.

Ela se virou um pouco, deixando de olhar a água:

“Ora, o que há consigo?”

Ele disse, como se lhe arrancassem um segredo do fundo do coração.

“Eu... eu... estou com ciúmes dele”.

Ela se espantou um pouco:

“O senhor?”

— Sim, eu!

— Mas, por quê?

— Por que estou apaixonado pela senhorita, e sabe muito bem disso, malvada!”

Ela então disse em tom severo:

“Isso é loucura, Bel-Ami!”

Ele continuou:

“Sei muito bem que sou louco. Será que devia lhe confessar isso, sendo eu um homem casado e a senhorita uma jovenzinha? Sei que sou mais que louco, sou culpado, quase um miserável. Não há esperança possível para mim e perco a razão cada vez que penso nisso. Quando ouço dizer que vai se casar tenho acessos de furor e sou até capaz de matar alguém. Preciso que perdoe, Suzanne!”

Ele se calou. Os peixes, aos quais não mais atiravam migalhas de pão, permaneciam imóveis, posicionados quase em linha, parecendo soldados ingleses, olhando essa duas pessoas que não mais se ocupavam deles.

A jovem murmurou, meio triste, meio alegre:

“É uma pena que seja casado. O que quer? Não se pode fazer nada. É fato consumado”.

Ele se voltou bruscamente para ela e lhe disse, muito perto do rosto: “Se eu fosse livre, a senhorita se casaria comigo?”

Ela respondeu com sinceridade:

“Sim, Bel-Ami, eu me casaria, pois gosto muito mais do senhor que de todos os outros”.

Ele se levantou, balbuciando:

“Obrigado... obrigado... Eu lhe suplico, não diga ‘sim’ a ninguém. Espere um pouco mais! Eu lhe suplico! Promete?”

Um pouco perturbada e sem compreender o que ele queria, ela murmurou: “Prometo”.

Du Roy atirou na água o pedaço de pão que ainda tinha na mão e fugiu como se tivesse perdido a cabeça, sem se despedir.

Todos os peixes lançaram-se avidamente sobre aquele pedaço de pão que flutuava, não tendo sido amassado pelos dedos, e o despedaçaram com suas bocas vorazes. Arrastaram-no para a outra ponta do tanque, agitaram-se sob a água, agora formando um cacho em movimento, uma espécie de flor animada e giratória lançada à água com a corola para baixo.

Surpresa e inquieta, Suzanne levantou-se e voltou devagar. O jornalista partira.

Voltou para casa muito calmo, e como Madeleine escrevia cartas, perguntou-lhe: “Jantas sexta-feira na casa dos Walter? Eu irei”.

Ela hesitou:

“Não. Não estou me sentindo muito bem. Prefiro ficar aqui”.

Ele respondeu:

“Como quiseres. Ninguém vai te forçar”.

Depois, pegou o chapéu e saiu imediatamente.

Há tempos ele a espiava, vigiava e seguia, conhecendo todos os seus passos. A hora que esperara finalmente chegara. Não se enganara quanto ao tom com que respondera: “Prefiro ficar aqui”.

Mostrou-se muito amável com ela nos dias seguintes. Até parecia alegre, o que deixara de ser habitual. Ela dizia: “Finalmente voltas a ser gentil”.

Na sexta-feira, vestiu-se cedo para tratar de alguns negócios antes de ir à casa do Patrão, foi o que disse.

Por volta das 6 horas beijou sua mulher e foi contratar um fiacre na Praça Notre-Dame-de-Lorette.

Disse ao cocheiro:

“Pare na Rua Fontaine, na frente do número 17, e fique ali até eu lhe dizer para sair. Em seguida, conduza-me ao restaurante Coq-Faisan, na Rua Lafayette”.

O carro pôs-se em movimento ao trote lento do cavalo, e Du Roy baixou as cortinas. Assim que chegou diante da porta de sua casa, seu olhar não mais a abandonou. Depois de dez minutos de espera, viu Madeleine sair e se encaminhar para os bulevares exteriores.

Depois que ela se afastou, colocou a cabeça para fora da portinhola e gritou: “Vá”.

O fiacre pôs-se em marcha e o deixou diante do Coq-Faisan, restaurante burguês conhecido no bairro. Georges entrou na sala comum e comeu lentamente, consultando o relógio de tempos em tempos. Às 7h30, depois de ter tomado seu café, duas taças de fina champanha e fumado lentamente um bom charuto, saiu, pegou outro carro que passava vazio e fez-se conduzir à Rua La Rochefoucauld.

Sem perguntar nada ao porteiro, subiu ao terceiro andar da casa que indicara, e quando uma criada abriu-lhe a porta, perguntou: “O Sr Guibert de Lorme está em casa?”

— Sim, senhor”.

Foi conduzido até o salão, onde esperou por alguns instantes. Depois, viu entrar um homem alto, condecorado, com ar militar, cabelos grisalhos apesar de ainda jovem.

Du Roy o cumprimentou e disse:

“Como eu previa, senhor comissário de polícia, minha mulher está jantando com seu amante em um apartamento mobiliado que alugaram na Rua dos Martyrs”.

O magistrado se inclinou:

“Estou à sua disposição, senhor”.

Georges continuou:

“O senhor tem até as 9h, não é? Depois desse limite, não poderá entrar em um domicílio particular para constatar um adultério.

— Não, senhor, 7h no inverno, 9h a partir de 31 de março. Estamos no dia 5 de abril, portanto temos até as 9h.

— Muito bem, senhor comissário, tenho um carro lá em baixo. Podemos apanhar os agentes que nos acompanharão e depois esperaremos um pouco diante da porta. Quanto mais tarde chegarmos, mais possibilidades teremos de surpreendê-los em flagrante delito.

— Como desejar, senhor”.

O comissário saiu, depois voltou com um sobretudo que lhe escondia o cinto tricolor. Ele se afastou para deixar Du Roy passar. Mas o jornalista, que estava com o espírito preocupado, recusava-se a sair primeiro e repetia: “Depois do senhor... depois do senhor”.

O magistrado falou:

“Saia, senhor, estou na minha casa”.

O outro logo passou pela porta, cumprimentando-o.

Foram primeiro ao comissariado para encontrar os três agentes à paisana que os esperavam, pois Georges os avisara que o flagrante teria lugar naquela noite. Um dos homens subiu para o assento ao lado do cocheiro. Os outros dois entraram no fiacre, que se dirigiu à Rua dos Martyrs.

Du Roy dizia:

“Tenho a planta do apartamento. É no segundo andar. Encontraremos primeiro um pequeno vestibulo, depois o quarto. As três peças se comunicam. Nenhuma saída poderá facilitar a fuga. Há um serralheiro um pouco adiante. Ele está à espera de ser requisitado pelo senhor”.

Quando chegaram diante da casa indicada, eram apenas 8h15, e esperaram em silêncio durante mais 20 minutos. Porém, quando viu que faltavam quase 15 minutos para as 9h, Georges disse: “Vamos agora”. Subiram a escada sem se preocupar com o porteiro que, no entanto, não lhes prestou atenção. Um dos agentes permaneceu na rua, para vigiar a saída.

Os quatro homens detiveram-se no segundo andar e Du Roy colou a orelha na porta, depois colocou o olho no buraco da fechadura. Não ouviu nem viu nada. Tocou a campainha.

O comissário disse aos seus agentes:

“Fiquem aqui, prontos para qualquer chamado”.

Esperaram. Após dois ou três minutos, Georges apertou o botão da campainha várias vezes seguidas. Ouviram um ruído no fundo do apartamento; em seguida, um passo leve se aproximou. Alguém viera espiar. Então, o jornalista bateu vivamente o dedo dobrado contra a madeira dos painéis.

Uma voz de mulher, que tentava disfarçá-la, perguntou: “Quem é?”

O oficial municipal respondeu:

“Abra, em nome da lei”.

A voz repetiu:

“Quem é o senhor?”

— Sou o comissário de policia. Abra, ou mandarei forçar a porta”.

A voz continuou:

“O que o senhor deseja?”

E Du Roy falou:

Sou eu. E inútil tentar escapar”.

Um passo de pés nus, leves, se afastou e voltou depois de alguns segundos.

Georges disse:

“Se não quiser abrir, forçaremos a porta”.

Segurava a maçaneta de cobre e, com o ombro, empurrava lentamente. Como ninguém respondia, de repente deu um empurrão tão violento e vigoroso que a velha fechadura da casa de cômodos cedeu. Os parafusos arrancados saíram da madeira e o jovem quase caiu sobre Madeleine, em pé na antecâmara, vestida com uma camisa e uma saia de baixo, cabelos desfeitos, pernas nuas, uma vela na mão.

Ele exclamou: “É ela, nós os apanhamos”. E enveredou pelo apartamento. O comissário o seguiu. Chocada, a jovem mulher os acompanhou, iluminando-os.

Atravessaram uma sala de jantar cuja mesa ainda não retirada mostrava os restos de uma refeição: garrafas de champanha vazias, uma lata aberta de patê de fígado, uma carcaça de frango e pedaços de pão, meio comidos. Dois pratos colocados sobre o aparador continham pilhas de conchas de ostras.

O quarto parecia devastado por uma luta. Um roupão cobria uma cadeira, calças de homem cavalgavam o braço de uma poltrona. Quatro botinas, duas grandes e duas pequenas, arrastavam-se ao pé da cama, caídas de lado.

Era um quarto mobiliado com móveis comuns, onde flutuava esse odor odioso e insípido dos apartamentos de hotel, odor

emanado das cortinas, dos colchões, das paredes, das cadeiras, odor de todas as pessoas que, por um dia ou seis meses, haviam se deitado ou vivido nessa habitação pública, ali deixando um pouco de seu cheiro, desse cheiro humano que, juntando-se ao de seus predecessores, formava uma fedentina confusa, doce e intolerável, igual em todos esses lugares.

Uma prato de doces, uma garrafa de licor e dois pequenos cálices, ainda pela metade, abarrotavam a lareira. O ponteiro de um relógio de bronze estava escondido por um grande chapéu masculino.

O comissário se voltou vivamente e, fitando Madeleine nos olhos, perguntou: “É a senhora Claire-Madeleine Du Roy, esposa legítima do Sr. Prosper-Georges Du Roy, jornalista, aqui presente?”

Ela respondeu, com voz estrangulada:

“Sim, senhor.

— O que faz aqui?”

Ela não respondeu.

O magistrado continuou: “O que faz aqui? Eu a encontro fora de sua casa, praticamente nua em uma casa de cômodos. O que veio fazer aqui?”

Ele esperou alguns instantes. Depois, como ela continuasse em silêncio, falou: — Como a senhora não quer confessar, serei obrigado a constatar”.

Via-se no leito a forma de um corpo escondido sob os lençóis.

O comissário se aproximou e chamou:

“Senhor?”

O homem escondido não se mexeu. Parecia que voltava as costas, a cabeça enfiada em um travesseiro.

O oficial tocou o que parecia ser um ombro e repetiu: “Senhor, por favor, não me force a agir”.

Mas o corpo oculto continuava totalmente imóvel, como morto.

Du Roy, que avançara vivamente, apanhou a coberta, puxou-a e, arrancando o travesseiro, descobriu o rosto lívido do Sr. Laroche-Mathieu. Debruçou-se sobre ele e, tremendo, com gana de agarrar seu pescoço e estrangulá-lo, disse entre os dentes cerrados: “Pelo menos tenha a coragem de enfrentar sua infâmia”.

O magistrado perguntou:

“Quem é o senhor?” Desvairado, o amante não respondia. Ele então continuou: “Sou comissário de polícia e o íntimo a declarar seu nome!”

Georges, que uma cólera bestial fazia estremecer, gritou: “Responda, covarde, ou eu mesmo vou dizer seu nome”.

Então, o homem deitado balbuciou:

“Senhor comissário, não deve deixar que esse indivíduo me insulte. É com ele ou com o senhor que devo me entender? É ao senhor ou a ele que devo responder?”.

Ele parecia não ter mais saliva dentro da boca.

O oficial respondeu:

“É a mim, senhor, somente a mim. E pergunto quem é o senhor?”

O outro se calou. Segurava o lençol contra o pescoço e rolava os olhos assustados. Seus pequenos bigodes retorcidos pareciam muito negros sobre o rosto lívido.

O comissário disse:

“Não quer responder? Então, serei forçado a prendê-lo. Em todo caso, levante-se. Será interrogado assim que estiver vestido”.

O corpo se agitou no leito, e a cabeça respondeu:

“Mas não posso, diante dos senhores”.

O magistrado perguntou:

“E por quê?”

O outro balbuciou:

E que estou... estou... completamente nu”.

Du Roy pôs-se a rir e, apanhando uma camisa que caíra no chão, atirou-a sobre a cama, exclamando: “Vamos... levante-se... Se tirou a roupa diante de minha mulher, bem pode se vestir diante de mim”.

Em seguida, virou as costas e foi até a lareira.

Madeleine reencontrara seu sangue frio e, vendo tudo perdido, estava pronta a tudo ousar. Uma audácia de bravata fazia seus olhos brilharem e, enrolando um pedaço de papel, acendeu, como para uma recepção, as dez velas dos desgraçados candelabros colocados no canto da lareira. Depois, reclinou-se no mármore e, estendendo para o fogo um dos pés nus, com o qual levantava a parte de trás do saíote mal preso nos quadris, pegou um cigarro em um pacote de papel rosa, acendeu e pôs-se a fumar.

O comissário voltou-se para ela, esperando que seu cúmplice se levantasse.

Ela perguntou com insolência:

“Faz esse papel com frequência, senhor?”

Ele respondeu gravemente:

“O menos possível, senhora”.

Ela sorriu para ele:

“Eu o felicito, pois não é limpo”.

Ela fingia não olhar, não ver seu marido.

O senhor do leito se vestia. Enfiara as calças, calçara suas botinas e se aproximava, envergando o colete.

O oficial de polícia voltou-se para ele:

“Agora, senhor, pode me dizer em é?”

O outro não respondeu.

O comissário falou:

“Sou forçado a prendê-lo”.

Então, o homem exclamou bruscamente:

“Não me toque. Sou inviolável!”

Du Roy lançou-se em direção a ele como para derrubá-lo, e rosnou-lhe na cara: “Há um flagrante delito... um flagrante delito. Posso fazer com que o prendam, se quiser... sim, posso”.

Em seguida, falou em tom vibrante:

“Esse homem se chama Laroche-Mathieu, ministro dos Negócios Estrangeiros”.

O comissário de polícia recuou estupefato, balbuciando: “Verdadeiramente, senhor, quer me dizer quem é, por fim?”

O homem se decidiu e, com força, declarou:

“Dessa vez esse miserável não mentiu. Com efeito, meu nome é Laroche-Mathieu, ministro”.

Depois, estendendo o braço para o peito de Georges, onde surgia um pequeno ponto vermelho, como um raio de luz, acrescentou “E o canalha que aí está leva na casaca a cruz de honra que lhe dei”.

Du Roy ficara lívido. Com um gesto rápido, arrancou da botoeira a pequena fita rubra e, atirando-a na lareira, exclamou: “Eis o que vale uma condecoração que vem de sórdidos da sua espécie”.

Estavam cara a cara, dentes perto de dentes, punhos cerrados, exasperados, um magro, com o bigode ao vento, o outro gordo, com o bigode em gancho”.

O comissário passou vivamente entre os dois, separando-os com as mãos: “Senhores, esquecem-se, faltam com a dignidade!”

Ambos se calaram e rodaram nos calcanhares. Imóvel, Madeleine continuava a fumar, sorrindo.

O oficial de polícia continuou:

— “Senhor ministro, eu o surpreendi sozinho com a Sra. Du Roy, que aqui está, o senhor deitado, ela quase nua. Suas vestes estavam atiradas pelo apartamento. Isso se constitui em flagrante delito de adultério. Não pode negar a evidência. Que tem a dizer?”.

Laroche-Mathieu murmurou:

“Não tenho nada a dizer, faça seu dever”.

O comissário dirigiu-se a Madeleine:

“Senhora, confessa que esse senhor é seu amante?”

Ela pronunciou bravamente:

“Não o nego, ele é meu amante!

— Isso é suficiente”.

Em seguida, o magistrado tomou algumas notas sobre o estado e a disposição do apartamento. Quando terminou de escrever, o ministro, que terminara de se vestir e que esperava com o paletó no braço e o chapéu na mão, perguntou: “Ainda tem necessidade de mim, senhor? Que devo fazer? Posso me retirar?”

Du Roy voltou-se para ele e, sorrindo com insolência, disse: “E por quê? Terminamos. Podem voltar a se deitar, senhor; vamos deixá-los sozinhos”.

E colocando o dedo sobre o braço do oficial de polícia, falou: “Retiremo-nos, senhor comissário de polícia, não temos mais nada a fazer neste lugar”.

Um pouco surpreso, o magistrado o seguiu, mas na porta do quarto, Georges se deteve para deixá-lo passar. O outro se recusou, por cerimônia.

Du Roy insistiu: “Passe, senhor”. O comissário disse: “Depois do senhor”. Então, o jornalista o cumprimentou e, com um tom de polidez irônica, disse: “Sua vez, senhor comissário de polícia. Aqui, estou quase em casa”.

Depois, fechou a porta docemente, com ar de discrição.

Uma hora mais tarde, Georges Du Roy entrava nos escritórios do La Vie Française.

O Sr. Walter estava lá, pois continuava a dirigir e a vigiar com solicitude seu jornal, que conseguira enorme expansão e favorecia bastante as crescentes operações de seu banco.

O diretor levantou a cabeça e perguntou:

“Ora, o senhor aqui? Parece muito esquisito! Por que não foi jantar lá em casa? De onde vem, afinal?”

O jovem, seguro do efeito que teria, declarou, pesando cada palavra: “Acabo de derrubar o ministro dos Negócios Estrangeiros”.

O outro achou que ele estava brincando.

“Derrubar... Como?”

— Vou trocar o gabinete. Eis tudo! Já era tempo de jogar fora essa carcaça”.

Estupefato, o velho pensou que seu cronista estava bêbado. Ele murmurou: “Ora, o senhor está desatinado.

— De modo algum. Acabo de surpreender o Sr. Laroche-Mathieu em flagrante delito de adultério com minha mulher. O comissário de polícia constatou o fato. O ministro está fodido”.

Embargado, Walter levantou os óculos para a testa e perguntou: “Não está caçoando de mim?”

— De modo algum. Eu mesmo vou escrever uma nota nos Boatos, lá embaixo.

— Mas o que o senhor quer?

— Derrubar esse patife, esse miserável, esse malfeitor público!”

Georges colocou seu chapéu em uma poltrona, depois acrescentou: “Que se precavenham os que cruzarem meu caminho. Não perdôo nunca”.

O diretor ainda não compreendia bem. Ele murmurou:

“Mas...e sua mulher?”

— Meu pedido de divórcio será feito amanhã, pela manhã. Mando-a de volta para o falecido Forestier.

— Quer se divorciar?

— Sem dúvida. Caí no ridículo. Mas precisava me fazer de bobo para surpreendê-los. É isso. Sou dono da situação”.

O Sr. Walter não entendia nada; olhava Du Roy com olhos assustados, pensando: “Com todos os santos, é preciso ter cuidado com esse sujeito”.

Georges continuou:

“Eis-me livre... Tenho certa fortuna. Vou me apresentar às eleições de outubro em minha região, onde sou bastante conhecido. Não poderia me impor nem me fazer respeitar com essa mulher de quem todos suspeitavam. Ela me agarrou como um simplório, enganou-me, capturou-me. Mas depois de descobrir seu jogo, passei a vigiar a miserável”.

Pôs-se a rir e acrescentou:

“Aquele pobre Forestier era um cornudo... um corno que não sabia de nada, confiante e tranquilo. Mas liberei-me da traça que ele me deixou. Minhas mãos estão livres. Agora, irei longe”.

Sentou-se à cavalo em uma cadeira e repetiu com ar sonhador: “Irei longe”.

O Sr. Walter o observava com olhos nus, os óculos ainda sobre a fronte, e dizia a si mesmo: “Sim, esse miserável irá longe”.

Georges se levantou:

“Vou redigir a nota para os Boatos. É preciso discrição. Mas saiba que vai ser terrível para o ministro. É um homem perdido no mar. Ninguém poderá voltar a pescá-lo. O La Vie Française não tem mais interesse em preservá-lo”.

O velho hesitou alguns instantes, depois tomou seu partido: “Certo, azar de quem se mete em um apuro como esse”.

IX

Três meses se passaram. O divórcio de Du Roy acabara de ser decretado. Sua mulher retomara o nome Forestier, e como os Walter deviam partir para Trouville no dia 15 de julho, decidiram passar um dia no campo, antes de se separar.

Escolheram uma quinta-feira e puseram-se a caminho, às 9h da manhã, em um grande landô de viagem com seis lugares, atrelado a quatro cavalos de posta.

Almoçariam em Saint-Germain, no pavilhão Henri-IV. Bel-Ami pedira para ser o único homem do grupo, pois não conseguia suportar a presença do marquês de Cazolles. Porém, no último momento, ficou decidido que apanhariam o conde de Latour-Yvelin, bem cedo. Fora avisado na véspera.

A grande trote, o carro subiu a Avenida dos Champs-Élysées, depois atravessou o Bois de Boulogne.

Fazia um admirável tempo de verão, não quente demais. As andorinhas traçavam grandes linhas curvas no céu azul, ainda visíveis depois de passarem.

As três mulheres estavam acomodadas no fundo do landô, a mãe entre as duas filhas, os três homens do lado contrário, Walter entre os dois convidados.

Atravessaram o Sena, contornaram o Mont-Valérien, depois chegaram a Bougival para em seguida margear o rio até Pecq.

O conde de Latour-Yvelin contemplava Rose com ternura; era um homem um pouco maduro, de longas suíças cujas pontas se agitavam ao menor sopro de ar, que faziam com que Du Roy dissesse: “Ele obtém belos efeitos de vento em sua barba”. Estavam noivos há um mês.

Muito pálido, Georges olhava com frequência para Suzanne, que também estava lívida. Seus olhos se encontravam, pareciam se combinar, compreender, trocar um pensamento secreto, depois fugiam um do outro. A Sra. Walter estava tranquila, feliz.

O almoço foi longo. Antes de voltar para Paris, Georges propôs fazerem um passeio pelo terraço.

Primeiro, pararam para admirar a vista. Todos se alinharam ao longo da parede e se extasiaram com a extensão do horizonte. Ao pé de uma longa colina, o Sena corria na direção das Maisons-Laffitte como uma imensa serpente deitada no verdor. À direita, sobre o cimo da costa, o aqueduto de Marly projetava no céu seu enorme perfil de lagarta de grandes patas e, abaixo, Marly desaparecia em um espesso maciço de árvores.

Aqui e ali, cidadezinhas pontilhavam a planície imensa que se estendia diante deles. As quedas d'água de Vésinet eram manchas claras e limpas no magro viço da pequena floresta. À esquerda, bem longe, percebia-se o campanário pontudo de Sartrouville.

Walter declarou:

“Não se encontra em qualquer outro lugar do mundo um panorama que se compare a este. Nem na Suíça é possível encontrar algo parecido”.

Em seguida puseram-se a caminhar devagar, para dar um passeio e aproveitar um pouco essa paisagem.

Georges e Suzanne ficaram para trás. Assim que ficaram afastados alguns passos, ele lhe disse em voz baixa e contida: “Suzanne, eu a adoro. Eu amo de perder a cabeça”.

Ela murmurou:

“Eu também, Bel-Ami”.

Ele continuou:

“Ser não puder me casar consigo, deixarei Paris e este país”.

Ela respondeu:

“Experimente pedir minha mão ao papai. Ele talvez concorde”.

Ele teve um pequeno gesto de impaciência:

“Não, repito pela décima vez, é inútil. Ele me fechará a porta de sua casa, me expulsará do jornal, e nem mesmo poderemos nos ver. Seria esse o belo resultado que certamente teria um pedido formal. Prometeram-na ao marquês de Cazolles. Esperam

que a senhorita acabe concordando. Estão esperando”.

Ela perguntou:

“Então, o que devemos fazer?”

Ele hesitava, olhando-a de esguelha:

“Ama-me o suficiente para cometer uma loucura?”

Ela respondeu resolutamente:

“Sim.

— Uma grande loucura?

— Sim.

— A maior das loucuras?

— Sim.

— Teria coragem suficiente para enfrentar seu pai e sua mãe?

— Sim.

— Verdade?

— Sim.

— Pois bem, só há um meio! É preciso que venha da senhorita, não de mim. A senhorita é uma menina mimada, permitem-lhe tudo e não ficarão espantados demais com sua audácia. Ouça. Esta noite, ao voltar para casa, vá procurar sua mãe, no início, completamente sozinha. Confesse-lhe que deseja se casar comigo. Ela terá uma grande emoção e uma grande cólera...”

Suzanne o interrompeu:

“Oh! Mamãe ficará feliz”.

Ele continuou vivamente:

“Não. A senhorita não a conhece. Ela ficará mais aborrecida e mais furiosa que seu pai. Verá como ela vai recusar. Mas a senhorita ficará firme, não cederá; repetirá que quer se casar comigo, só comigo, ninguém mais. Fará isso?

— Farei.

— E deixando sua mãe, dirá a mesma coisa a seu pai, com ar sério e bem decidido.

— Sim, sim. E depois?

— E depois é que isso se torna grave. Se estiver bem resolvida a ser minha mulher, querida pequena Suzanne... eu... Eu a raptarei!”

Ela teve um grande frêmito de alegria e só faltou bater palmas.

“Oh! Que felicidade! Vai me raptar? Quando vai me raptar?”

Toda a velha poesia dos raptos noturnos, das pequenas carruagens, dos albergues, todas as fascinantes aventuras dos livros passaram-lhe de repente pelo espírito como um sonho encantado prestes a se realizar.

Ela repetiu:

“Quando vai me raptar?”

Ele repetiu muito baixo:

“Ora... esta noite... esta noite”.

Ela perguntou, trêmula:

“E para onde iremos?”

— Isso é um segredo meu. Reflita no que vai fazer. Pense bem, pois após essa fuga não poderá ser senão minha mulher. É o único meio, mas é... muito perigoso... para a senhorita”.

Ela declarou:

“Estou decidida...onde o encontro?

— Pode sair do palácio sozinha?

— Sim. Sei abrir a porta pequena.

— Bem, quando a porteira se deitar, por volta de meia noite, vá se encontrar comigo na Praça da Concorde. Estarei em um fiacre estacionado na frente do ministério da Marinha.

— Eu irei.

— De verdade?

— De verdade”.

Ele pegou sua mão e a apertou:

“Oh! Como eu a amo! Como é boa e corajosa! Então, não quer se casar com o Sr. de Cazolles?

— Oh! Não.

— Seu pai se aborreceu muito quando lhe disse que não?

— Creio que sim, ele queria me mandar para o convento.

— Veja como é preciso ser enérgica.

— Eu serei”.

Ela olhou o vasto horizonte, a cabeça alastrada pela ideia do rapto. Ela iria ainda para mais longe... com ele!... Seria raptada!... Estava orgulhosa! Não pensava em sua reputação, no que poderia lhe acontecer de infame. Mas será que sabia? Será que suspeitava Voltando-se, a Sra. Walter exclamou:

“Venha, pequena. O que fazes com Bel-Ami?”.

Eles se juntaram aos outros. Falavam dos banhos de mar, para onde iriam em pouco tempo.

Depois, voltaram por Chatou, para não fazer o mesmo caminho.

George não falava mais nada. Sonhava. Pois bem, se aquela pequena tivesse um pouco de audácia, ele venceria! Há três meses ele a envolvia na irresistível rede de sua ternura. Ele a seduzia, cativava, conquistava. Fizera-se amar por ela, como sabia se fazer amar. Colhera sem esforço sua leve alma de boneca.

Primeiro, conseguira que ela recusasse o Sr. de Cazolles. E acabara de convencê-la a fugir com ele, pois não havia outra maneira.

Compreendia perfeitamente que a Sra. Walter jamais consentiria em lhe dar sua filha. Ela ainda o amava, amá-lo-ia para sempre, com uma violência intratável. Ele a continha com sua frieza calculada, mas a sentia roída por uma paixão impotente e voraz. Nunca poderia curvá-la. Ela jamais admitiria que ele tivesse Suzanne.

Porém, quando tivesse a pequena longe dali, trataria com o pai de igual para igual.

Pensando nisso tudo, respondia com frases entrecortadas às coisas que lhe diziam e que nem mesmo escutava. Pareceu voltar a si assim que retornaram a Paris.

Suzanne também sonhava, e o guizo dos quatro cavalos soava em sua cabeça, fazendo com que visse grandes caminhos, infinitos sob luas eternos, florestas sombrias atravessadas, albergues na beira do caminho, a pressa dos homens da estrebaria para trocar os arreios, pois todo mundo adivinhava que estavam sendo perseguidos.

Quando o landô chegou ao pátio do palácio, quiseram segurar Georges para o jantar. Ele recusou e voltou para casa.

Após comer um pouco, pôs-se a colocar seus papéis em ordem, como se fosse fazer uma grande viagem. Queimou algumas cartas comprometedoras, escondeu outras, escreveu a uns amigos.

De tempos em tempos consultava o relógio e pensava: “O tempo deve estar quente, lá”. E uma inquietude angustiava-lhe o coração. E se tudo desse errado? Mas o que poderia ele temer? Sair-se-ia bem do negócio! Mas estava apostando alto, naquela noite!

Volto a sair por volta das 11h, apanhou um fiacre e fê-lo parar na Praça da Concorde, ao longo das arcadas do ministério da Marinha.

De vez em quando acendia um fósforo para ver as horas em seu relógio. Quando viu que a meia-noite se aproximava, sua impaciência se tornou febril. A todo o momento colocava a cabeça para fora da portinhola, para olhar.

Um relógio longínquo tocou doze badaladas, depois outro, mais perto, depois dois juntos, em seguida um último, muito longe. Quando este cessou de soar, pensou: “Acabou. Fracassou. Ela não virá”.

Entretanto, estava resolvido a permanecer ali até o dia surgir.

Nesses casos, é preciso ser paciente.

Ainda ouviu tocar o quarto de hora, depois a meia hora, depois os três quartos de hora, e todos os relógios repetiram a hora cheia como haviam anunciado a meia-noite. Já não esperava, ficava ali, esmiuçando seus pensamentos para adivinhar o que poderia acontecer. De repente, uma cabeça de mulher passou pela portinhola e perguntou: “Está aí, Bel-Ami?”

Ele sentiu um sobressalto e uma sufocação.

“Suzanne?”

— Sim, sou eu”.

Ele não conseguia girar a maçaneta rapidamente, e repetia: “Ah!... É a senhorita... é a senhorita... Entre”.

Ela entrou e se deixou cair contra ele, que gritou para o cocheiro: “Vá!” E o fiacre pôs-se a rodar.

Ela ofegava, sem falar.

Ele perguntou:

“Bom, o que aconteceu?”

Ela então murmurou, quase desfalecendo:

“Oh! Foi terrível, sobretudo com a mamãe”.

Ele estava inquieto, tremendo.

“Sua mãe? O que ela disse? Conte-me.

— Oh! Foi horrível. Fui aos seus aposentos e recitei-lhe o pequeno discurso que preparei muito bem. Ela então empalideceu, e gritou: “Jamais! Jamais!”. Eu chorei, desesperei, jurei que só me casaria com o senhor. Achei que ela iria me bater. Ficou como louca; declarou que me levariam para o convento amanhã. Nunca a vi assim, nunca! Então, papai chegou, ao ouvir todas as bobagens que ela dizia. Ele não se aborreceu tanto quanto ela, mas declarou que o senhor não era um partido suficientemente bom.

“Como eles também haviam me encolerizado, gritei mais forte que eles. E papai me mandou sair, com um ar dramático que não combina com ele, absolutamente. Foi isso que me decidiu a fugir. Eis-me aqui. Para onde iremos?”

Ele enlaçara docemente sua cintura e a ouvia com toda atenção, o coração disparado, um rancor, um ódio despertando dentro dele contra essas pessoas. Mas estava com a filha deles. Agora veriam.

Ele respondeu:

“É tarde demais para pegar o trem; então, este carro vai nos conduzir a Sèvres, onde passaremos a noite. Amanhã partiremos para La Roche-Guyon. É uma bela cidade às margens do Sena, entre Mantes e Bonnières”.

Ela murmurou:

“É que não tenho roupas. Não tenho nada”.

Ele sorriu com indiferença:

“Ora! Lá, nós nos arranjaremos”.

O fiacre rolava ao longo das ruas. Georges segurou uma das mãos da jovem e pôs-se a beijá-la lentamente, com respeito. Não sabia o que lhe dizer, não estando acostumado às carícias platônicas. Mas de repente, percebeu que ela chorava.

Aterrorizado, perguntou:

“O que há, minha pequena querida?”

Ela respondeu, com voz toda molhada:

“É minha pobre mamãe, que não deve estar dormindo neste momento, se tiver percebido minha partida”.

Com efeito, sua mãe não dormia.

Quando Suzanne saiu de seu quarto, a Sra. Walter ficou diante de seu marido.

Desvairada, aterrorizada, perguntara:

“Meu Deus! O que isso quer dizer?”

Walter gritou, furioso:

“Quer dizer que esse intrigante a enganou. Foi ele quem a fez recusar Cazolles. Acha que o dote é bom, por Deus!”.

Com raiva, começou a andar pelo apartamento, e continuou: “Tu também o atraías sem cessar, tu o mimavas, bajulavas, eras só gentilezas para com ele.

Era Bel-Ami isto, Bel-Ami aquilo, desde a manhã até a noite. Agora estás bem paga”.

Lívida, ela murmurou:

“Eu?...Eu o atraía!”

Ele vociferou-lhe no nariz

“Sim, tu! Tu e todas as outras são loucas por ele, a Marelle, Suzanne, todas! Achas que eu não notava que não podias passar dois dias sem fazê-lo vir aqui?”.

Ela se levantou, trágica:

“Não lhe permitirei falar assim comigo. Esquece que não fui educada em uma loja, como o senhor”.

No começo, ele ficou imóvel e estupefato, depois lançou um “Em nome de Deus” furibundo, e saiu batendo a porta.

Assim que ficou sozinha, por instinto, foi se olhar no espelho para ver se nada mudara nela, tão impossível e monstruoso parecia o que lhe acontecera. Suzanne apaixonada por Bel-Ami! E Bel-Ami queria se casar com Suzanne! Não! Devia estar enganada, não podia ser verdade. A mocinha tivera uma queda bem natural por aquele belo rapaz, esperara que lhe fosse dado como marido; fora uma decisão brusca, sem reflexão! Mas e ele? Ele não podia ser cúmplice nisso! Ela refletia, perturbada como acontece diante das grandes catástrofes. Não, Bel-Ami não devia saber nada sobre a fuga de Suzanne.

E pensou durante muito tempo na perfídia e na inocência possíveis naquele homem. Que miserável, se tivesse preparado o golpe! O que aconteceria? Que perigos e tormentos ela previa!

Se ele não soubesse de nada tudo ainda poderia se arranjar. Fariam uma viagem de seis meses com Suzanne, e ponto final. Mas como poderia ela revê-lo depois disso? Porque continuava a amá-lo. Aquela paixão entrara nela como essas pontas de flecha que não podem ser arrancadas.

Viver sem ele era-lhe impossível. Assim como morrer. Seu pensamento se perdia nas angústias dessas incertezas. Uma dor começou a despontar em sua cabeça; suas ideias tornavam-se penosas, desordenadas, faziam-lhe mal. Enervava-se procurando, exasperava-se por não saber. Consultou o relógio, passara-se uma hora. Disse a si mesma. Não quero continuar aqui, ficarei louca. Preciso saber. Vou acordar Suzanne para interrogá-la”.

E lá se foi para o quarto da filha, descalça para não fazer barulho, uma vela na mão. Abriu a porta bem devagar, entrou e viu a cama. Não estava desfeita. No início não compreendeu e pensou que a filha ainda discutia com o pai. Mas logo uma suspeita horrível aflorou e ela correu para o quarto do marido. Chegou com ímpeto, lívida e ofegante. Ele estava deitado e ainda lia.

Assustado, ele perguntou:

“Ora essa! O que há? O que tens?”

Ela balbuciou:

“Viste Suzanne?”

— Eu? Não. Por quê?

— Ela... ela... fugiu. Não está em seu quarto”.

Ele pulou para o tapete, calçou as pantufas e, sem ceroulas, camisa ao vento, precipitou-se para o apartamento da filha.

Assim que o viu, não teve mais dúvidas. Ela fugira.

Caiu em uma poltrona e colocou o lampião no chão, diante dele.

Sua mulher juntara-se a ele. Ela gaguejou:

“E então?”

Ele não tinha mais forças para responder, sua cólera se esvaíra; ele gemeu: “Está feito, ele está com ela. Estamos perdidos”.

Ela não compreendia:

“Perdidos, como?”

— Ora! Sim, por Deus. Agora é preciso que ele se case com ela”.

Ela deu uma espécie de grito animalesco:

“Ele! Jamais! Estás louco?”

Ele respondeu tristemente:

“Não adianta nada gritar. Ele a levou e desonrou. É melhor dá-la para ele em casamento. Se fizermos direito, ninguém saberá dessa aventura”.

Ela repetiu, sacudida por uma emoção terrível:

“Jamais! Ele jamais terá Suzanne! Jamais consentirei!”

Walter murmurou, abatido:

“Mas ele já a tem. Está feito. E ele a guardará e esconderá enquanto não cedermos. Portanto, para evitar o escândalo, é melhor ceder imediatamente”.

Dilacerada por indizível dor, sua mulher repetia:

“Não! Não. Jamais consentirei!”

Ele se impacientou:

“Mas não há mais o que discutir. É preciso. Ah! Miserável, como nos enrolou... Mas apesar de tudo, ele é forte. Poderíamos encontrar algo melhor como posição, mas não como inteligência e futuro. É um homem de futuro. Será deputado e ministro”.

Com energia feroz, a Sra. Walter declarou:

“Jamais permitirei que se case com Suzanne...Ouviste...jamais!”.

Ele acabou por se aborrecer e, por ser homem prático, passou a defender Bel-Ami.

“Mas, cala-te... Repito que é preciso... absolutamente necessário. E quem sabe? Talvez não lamentemos. Com pessoas dessa têmpera nunca se sabe o que pode acontecer. Viste como, em três artigos, derrubou aquele pateta do Laroche-Mathieu, e como o fez com dignidade, o que era terrivelmente difícil em sua situação de marido. Enfim, veremos. O que acontece é que ainda estamos comprometidos. Não podemos nos safar dessa”.

Ela tinha vontade de gritar, de rolar pelo chão, de arrancar os cabelos. Disse ainda, com voz exasperada: “Ele não a terá... Eu... não... quero!”

Walter se levantou, pegou o lampião e disse:

“Ora, és estúpida como todas as mulheres, que só agem por paixão. Não sabem se curvar às circunstâncias... são estúpidas! Pois digo que ele se casará com ela... é necessário”.

E saiu, arrastando suas pantufas. Como um fantasma cômico em camisa de noite, atravessou o grande corredor do vasto palácio adormecido e entrou em seu quarto sem fazer ruído.

A Sra. Walter permaneceu em pé, despedaçada por uma dor intolerável. Ainda não entendera direito. Só sofria. Depois, pareceu-lhe que não poderia ficar ali, imóvel até o dia surgir. Sentia uma necessidade violenta de fugir, de correr, de ir embora,

de procurar auxílio, de ser socorrida.

Precisava de um padre, imediatamente. Mas, onde encontrá-lo? Aonde ir? No entanto, não podia ficar assim.

Então, diante de seus olhos, como uma visão, surgiu a imagem serena de Jesus, caminhando sobre as ondas. Ela o enxergou como o via no quadro. Ele a chamava. Dizia-lhe: “Venha a mim. Venha se ajoelhar aos meus pés. Eu a consolarei e a inspirarei quanto ao que deve ser feito”.

Ela apanhou sua vela e desceu para ir à estufa. O Jesus estava ao fundo, em um pequeno salão fechado por uma porta envidraçada, para que a umidade da terra não deteriorasse a tela.

Isso criava uma espécie de capela na floresta de árvores singulares.

Quando a Sra. Walter entrou no jardim de inverno, que só vira cheio de luz, ficou embargada diante de sua profundidade obscura. Com seu hálito pesado, as densas plantas dos países tropicais tornavam a atmosfera espessa. E como as portas não estavam abertas, o ar desse bosque estranho, encerrado sob um domo de vidro, entrava no peito com dificuldade, atordoava, embebedava, dava prazer e fazia sofrer, proporcionava à carne uma sensação confusa de voluptuosidade enervante e de morte.

A pobre mulher caminhava devagar à luz errante de sua vela, emocionada pelas trevas de onde surgiam plantas extravagantes com aspecto de monstros, seres, deformidades bizarras.

De repente, viu o Cristo. Abriu a porta que o separava dela e caiu de joelhos.

Inicialmente, rezou perdidamente, balbuciando palavras de amor, invocações apaixonadas e desesperadas. Depois, o ardor do seu apelo se acalmou e ela levantou os olhos para Ele, e ali ficou, presa de angústia. Assemelhava-se de tal maneira a Bel-Ami na trêmula claridade daquela única vela que o iluminava com dificuldade que já não era mais Deus, era seu amante que a fitava. Eram seus olhos, sua frente, a expressão de seu rosto, seu ar frio e altivo!

Ela balbuciava: “Jesus! - Jesus! - Jesus!” E a palavra “Georges” aflorava-lhe aos seus lábios. De súbito, pensou que naquele mesmo momento talvez Georges estivesse possuindo sua filha. Estava sozinho com ela em algum lugar, em um quarto. Ele! Ele! Com Suzanne!

Ela repetia: “Jesus!...Jesus!” Mas pensava neles... em sua filha e em seu amante! Estavam sozinhos em um quarto... e era noite. Ela os via, via tão claramente que ambos se elevavam diante dela, no lugar do quadro. Sorriam um para o outro. Beijavam-se. O quarto estava escuro, o leito entreaberto. Levantou-se para chegar perto deles, para agarrar sua filha pelos cabelos, arrancá-la daquele abraço. Queria segurá-la pela garganta, estrangulá-la, a filha que ela odiava, a filha que se entregava àquele homem. Tocou-a... suas mãos encontraram a tela. Roçara os pés do Cristo.

Ela lançou um grande grito e tombou de costas. Sua vela caiu e se apagou. O que se passou em seguida? Durante muito tempo, sonhou coisas estranhas, assustadoras. Georges e Suzanne sempre passavam diante de seus olhos, abraçados, com Jesus Cristo abençoando seu horrível amor.

Sentia vagamente que não era ela mesma. Queria se levantar, fugir, mas não podia. Um torpor a invadia, contraía seus membros, deixava apenas seu pensamento desperto, porém perturbado, torturado por imagens terríveis, irreais, fantásticas, perdidas em um sonho doentio, sonho estranho e às vezes mortal provocado nos cérebros humanos por plantas soporíferas dos países tropicais, de formas bizarras e perfumes densos.

Quando o dia raiou, encontraram a Sra. Walter estendida diante do Jesus Caminhando Sobre a Ondas, inconsciente, quase asfixiada. Estava tão doente que temeram por sua vida. Somente no dia seguinte recuperou o uso completo da razão. Então pôs-se a chorar.

O súbito desaparecimento de Suzanne foi explicado aos criados por seu brusco envio para o convento. E o Sr. Walter respondeu a uma longa carta de Du Roy concedendo-lhe a mão de sua filha.

Bel-Ami colocara essa epístola no correio no momento em que deixavam Paris, pois a preparara de antemão, na noite da véspera de sua partida. Em termos respeitosos, dizia que há muito tempo amava a jovem, que jamais houvera qualquer acordo entre eles, mas que, vendo-a procurá-lo por sua espontânea vontade para lhe dizer: “Serei sua esposa”, julgara-se autorizado a acolhê-la e mesmo escondê-la até obter uma resposta de seus pais, cuja vontade legal tinha para ele valor menor que a vontade de sua noiva.

Pedia que o Sr. Walter respondesse pela posta restante, pois um amigo lhe faria chegar a carta às mãos.

Assim que obteve o que desejava levou Suzanne de volta a Paris e a enviou para a casa de seus pais, abstendo-se de frequentá-la durante algum tempo.

Haviam passado seus dias às margens do Sena, em La Roche-Guyon.

Jamais a jovem se divertira tanto. Brincara de pastora. Como a fizera passar por sua irmã, viviam em uma intimidade livre e casta, uma espécie de camaradagem amorosa. Julgou que seria mais prudente respeitá-la. No dia seguinte à sua chegada, ela comprou roupas íntimas e vestes de camponesa, e pôs-se a pescar com uma vara, a cabeça coberta por um imenso chapéu de palha enfeitado com flores do campo. Achou o lugar delicioso. Havia uma velha torre e um velho castelo que exibiam admiráveis tapeçarias.

Vestido com blusa de pescador, comprada pronta em um comerciante da região, Georges passeava com Suzanne ao longo dos margens, a pé ou de barco. Beijavam-se a todo o momento, trêmulos, ela inocente, ele prestes a sucumbir. Mas ele sabia ser forte; e quando ele lhe disse “Voltaremos para Paris amanhã, seu pai concedeu-me sua mão”, ela murmurou inocentemente: “Já? Diverti-me tanto, sendo sua mulher!”

Estava escuro no pequeno apartamento da Rua Constantinople, pois Georges Du Roy e Clotilde de Marelle, encontrando-se na porta, haviam entrado bruscamente e ela dizia, sem lhe deixar tempo para abrir as persianas:

“Então, desposas Suzanne Walter?”

Ele confessou com doçura e acrescentou:

“Tu não sabias?”

Ela continuou diante dele, furiosa, indignada:

“Tu desposas Suzanne Walter! Isso já é demais! Demais! Há três meses tu me fazes carinhos para esconder isso. Todo mundo sabia, exceto eu. Foi meu marido quem me contou!”

Du Roy pôs-se a rir, um pouco confuso apesar de tudo, e depois de colocar o chapéu em um canto da lareira, sentou-se em uma poltrona.

Ela o olhou de frente e disse em voz irritada e baixa:

“Quando deixaste tua mulher, preparaste esse golpe e gentilmente me conservaste como amante para preencher o intervalo? Que miserável tu és!”

Ele perguntou:

“E por quê? Eu tinha uma mulher que me enganava. Eu a surpreendi, obtive o divórcio e caso com outra. O que há de mais simples?”

Ela murmurou, trêmula:

“Oh! Como és devasso e perigoso!”

Ele sorriu:

“Por Deus! Os imbecis e os ingênuos são sempre enganados!”

Mas ela seguia seu pensamento:

“Ei deveria ter adivinhado desde o início. Mas não, não podia acreditar que tu serias tão crápula”.

Ele assumiu um ar digno:

“Peço-te para tomares cuidado com as palavras que empregas”.

Ela se revoltou contra essa indignação:

“Ora essa! Agora queres que eu calce luvas para falar contigo! Tu te conduzes comigo como um patife desde que te conheço, e pretendes que eu não te diga? Enganas todo mundo, exploras todo mundo, obténs prazer e dinheiro em todo lugar e queres que eu te trate como um homem honesto?”

Ele se levantou e, com lábios trêmulos, disse:

“Cala-te, ou obrigo-te a sair daqui”.

Ela balbuciou:

“Sair daqui... Sair daqui... Tu me obrigarás a sair daqui... tu... tu?...”

Ela não conseguia mais falar, sufocada de cólera e, bruscamente, como se a porta de seu furor se partisse, ela estourou:

“Sair daqui? Esqueces que desde o primeiro dia fui eu quem pagou este apartamento! Ah! Sim, de tempos em tempos, tu o tomaste por tua conta. Mas quem o alugou?... Eu... Quem o manteve? Eu... E tu queres me obrigar a sair daqui. Cala-te tu, canalha! Achas que eu não sei como roubaste de Madeleine a metade da herança de Vaudrec? Achas que não sei que deitaste com Suzanne para forçá-la a casar contigo...”

Ele a agarrou pelo ombros e a sacudiu:

“Não digas isso! Eu te proíbo!”

Ela gritou:

“Deitaste com ela, eu sei”.

Ele aceitaria qualquer coisa, mas essa mentira o exasperava. As verdades que ela lhe lançara no rosto faziam passar arrepios de raiva pelo seu coração, mas essa falsidade sobre a jovem que se tornaria sua esposa despertava na palma de sua mão uma necessidade furiosa espancá-la.

Ele repetiu:

“Cala-te... Toma cuidado... Cala-te...” E ele a sacudia como se sacode um galho para fazer caírem os frutos.

Ela gritou, descabelada, boca escancarada, olhos insanos:

“Deitaste com ela!”

Ele a largou e desferiu-lhe tamanha bofetada que ela foi cair contra a parede. Mas ela se voltou para ele e, apoiada sobre os punhos, vociferou mais uma vez:

“Deitaste com ela!”

Ele se atirou sobre ela e, segurando-a sob ele, surrou-a como se surra um homem.

Ela se calou de repente e pôs-se a gemer sob seu corpo. Não se mexia. Escondera o rosto no canto do quarto e lançava gritos lamentosos.

Ele parou de lhe bater e se levantou. Depois, deu alguns passos pelo quarto para recuperar o sangue frio. Teve uma ideia. Atravessou o quarto, encheu a bacia de água fria e enfiou a cabeça dentro dela. Em seguida, lavou as mãos e, enxugando os dedos com cuidado, voltou para ver o que ela estava fazendo.

Ela não se mexera. Continuava estendida no chão, chorando baixinho.

Ele perguntou:

“Vais parar logo com essas lágrimas?”

Ela não respondeu. Ele então ficou em pé no meio do apartamento, um pouco encabulado, um pouco envergonhado diante do corpo esticado diante de si.

De repente, tomou uma resolução e pegou o chapéu sobre a lareira.

“Boa noite. Entrega a chave ao porteiro quando estiveres pronta. Não ficarei esperando por tua boa vontade”.

Saiu, fechou a porta, foi à casa do porteiro e lhe disse:

“A senhora ficou. Irá embora daqui a pouco. Diga ao proprietário que deixarei o apartamento no dia primeiro de outubro. Estamos em 16 de agosto, portanto ainda estou dentro do limite”.

E saiu apressado, pois estava impaciente para fazer as últimas compras para o enxoval.

O casamento fora marcado para o dia 20 de outubro, após a reinício das sessões das Câmaras. Teria lugar na Igreja da Madeleine. Murmurava-se muito, sem saber ao certo a verdade. Circulavam histórias diferentes. Cochichava-se que houvera um rapto, mas ninguém tinha certeza de nada.

De acordo com os criados, a Sra. Walter não mais dirigia a palavra ao seu futuro genro; envenenara-se de cólera na noite em que aquela união fora decidida, depois de fazer com que a filha fosse levada ao convento, à meia-noite.

Tinham-na encontrado quase morta, Com certeza, jamais se recuperaria. Agora parecia uma velha; seus cabelos haviam ficado totalmente grisalhos: ela caíra na devoção, comungando todos os domingos.

Nos primeiros dias de setembro, o La Vie Française anunciou que o barão Du Roy de Cantel era agora seu redator chefe e que o Sr. Walter conservava o título de diretor.

Contrataram um batalhão de cronistas conhecidos, redatores de boatos, redatores políticos, críticos de arte e de teatro, capturados a peso de ouro dos grandes jornais, dos jornais antigos, poderosos e ponderados.

Os velhos jornalistas, os jornalistas graves e respeitáveis deixaram de levantar os ombros ao falar do La Vie Française. O sucesso rápido e completo apagara o desdém dos escritores sérios pelo início dessa folha.

O casamento do seu redator chefe foi o que se chama um evento parisiense, pois há algum tempo Georges Du Roy e os

Walter provocavam muita curiosidade. Todas as pessoas citadas nos Boatos haviam prometido comparecer.

Esse acontecimento teve lugar em um claro dia de outono.

Desde as oito horas da manhã, estendendo um grande tapete vermelho sobre os degraus da alta escadaria da igreja que domina a Rua Royale, o pessoal da Madeleine fazia com que os transeuntes se detivessem, anunciando ao povo parisiense que uma grande cerimônia teria lugar.

Os empregados dirigiam-se aos seus escritórios, as pequenas operárias e os caixeiros das lojas paravam, olhavam e pensavam vagamente nas pessoas ricas que gastavam tanto dinheiro para se casar.

Por volta das 10h, os curiosos começaram a parar. Ficavam por ali durante alguns minutos, esperando que talvez a cerimônia começasse logo, depois iam embora.

Às 11h, chegaram destacamentos de policiais civis e quase imediatamente passaram a dispersar a multidão, pois os agrupamentos formavam-se a cada instante.

Os primeiros convidados surgiram cedo, os que desejavam estar bem posicionados para ver tudo. Ocuparam as cadeiras enfileiradas ao longo da nave central.

Pouco a pouco, chegaram outros, damas farfalhantes de seda, homens severos, quase todos calvos, caminhando com correção mundana, ainda mais graves naquele lugar.

A igreja se enchia lentamente. Uma onda de sol entrava pela imensa porta aberta e iluminava as primeiras fileiras de amigos. No coro que parecia um pouco escuro, o altar coberto de círios emitia uma claridade amarela, humilde e pálida diante do buraco de luz da porta principal.

As pessoas se reconheciam, chamavam um ao outro através de sinais, reuniam-se em grupos. Menos respeitosos que os homens da sociedade, os homens de letras conversavam à meia-voz. Olhavam as mulheres.

Norbert de Varenne, que procurava um amigo, viu Jacques Rival no meio das fileiras de cadeiras e juntou-se a ele.

“Muito bem, o futuro pertence aos espertos!”, disse ele. O outro, que não era invejoso, respondeu: “Melhor para ele. Está com a vida feita”. E puseram-se a nomear as figuras que viam.

“Sabe o que houve com sua mulher?”

O poeta sorriu:

“Sim e não. Soube que vive muito retirada, em Montmartre. Mas... há um mês, leio no La Plume artigos políticos terrivelmente parecidos com os de Forestier e de Du Roy. São de tal de Jean Le Dol, um jovem bonito, inteligente, da mesma raça de nosso amigo Georges, que conheceu sua antiga mulher. Aliás, ela está rica. Não foi por nada que Vaudrec e Laroche-Mathieu foram tão assíduos na casa”.

Rival declarou:

“Essa pequena Madeleine não me parece nada mal. Muito astuciosa e sem escrúpulos. Deve ser encantadora, na intimidade. Mas diga-me, como é possível Du Roy estar se casando na igreja após um divórcio?”

Norbert de Varenne respondeu:

“Casa-se na igreja porque, para a Igreja, ele não se casou na primeira vez

— Como ?

— Nosso Bel-Ami, por indiferença ou por economia, achou que o cartório era suficiente ao se casar com Madeleine Forestier. Portanto, não recebeu a bênção eclesiástica. Para nossa Santa Madre Igreja, seu primeiro casamento não foi mais que concubinato. Por consequência, chega hoje diante dela como rapaz solteiro, e ela lhe presta todas as pompas que custarão caro ao Sr. Walter”.

Aumentava o rumor da multidão crescente sob a abóbada. Vozes falavam alto. Eram apontados os homens célebres que posavam, felizes por serem vistos, mantendo cuidadosamente a atitude adotada diante do público, habituados a aparecer desse modo em todas as festas onde, parecia-lhes, eram ornamentos indispensáveis, enfeites artísticos.

Rival continuou:

“Mas, diga-me meu caro, você que costuma frequentar a casa do Patrão, é verdade que a Sra. Walter e Du Roy jamais se

falam?

— Jamais. Ela não queria conceder-lhe a mão da pequena. Mas parece que pegou o pai pelo conhecimento que tinha de algumas falcatruas, algo relacionado com o Marrocos. Portanto, ameaçou o velho dizendo que faria revelações terríveis. Walter foi lembrado do exemplo de Laroche-Mathieu e cedeu imediatamente. Mas a mãe, cabeça dura como todas as mulheres, jurou que nunca mais dirigiria a palavra ao seu genro. Eles ficam terrivelmente esquisitos, um diante do outro. Ela assume um ar de estátua, da estátua da Vingança. Ele fica muito constrangido, apesar de disfarçar bem, pois realmente sabe se controlar!”

Colegas apareceram para lhes apertar as mãos. Eram ouvidos trechos de conversações políticas. E, vago como o ruído de um mar longínquo, o bramido do povo aglomerado diante da igreja entrava pela porta juntamente com o sol, crescia sob a abóboda, acima da agitação mais discreta do público de elite reunido no templo.

De repente, o guarda suíço bateu três vezes sua albarda sobre o pavimento de madeira. Toda assistência se voltou com um farfalhar de saias e um movimento de cadeiras. E na viva luz do portal, surgiu a jovem pelo braço de seu pai.

Ela mantinha sua aparência de boneca, uma deliciosa boneca branca coroada de flores de laranjeira.

Ela permaneceu alguns instantes na entrada. Quando deu o primeiro passo para a nave, os órgãos lançaram um brado poderoso anunciando o ingresso da noiva com sua grande voz de metal.

Ela vinha de cabeça baixa, tímida, vagamente emocionada, gentil, encantadora, uma esposa em miniatura. As mulheres sorriam e murmuravam ao vê-la passar. Os homens cochichavam: “Deliciosa adorável”. A Sra. Walter andava com dignidade exagerada, um pouco pálida, óculos a prumo sobre o nariz.

Atrás deles, quatro damas de honra, todas vestidas de rosa, todas bonitas, formavam uma corte para aquela joia de rainha. Os pajens, bem escolhidos conforme o tipo, caminhavam com passos que pareciam ajustados por um mestre de balé.

A Sra. Walter vinha em seguida, dando a braço ao pai de seu outro genro, o marquês de Latour-Yvelin, de 72 anos. Ela não andava, arrastava-se, preste a perder os sentidos a cada um de seus movimentos para frente. Sentia-se que seus pés se colavam às lajes, que suas pernas se recusavam a avançar, que seu coração batia no peito como um animal que salta para fugir.

Ela se tornara magra. Seus cabelos brancos faziam seu rosto parecer ainda mais pálido e mais encovado.

Olhava para frente para não ver ninguém, talvez para não pensar no que a torturava.

Depois surgiu Georges Du Roy, acompanhado de uma velha dama desconhecida. Cabeça levantada, olhos fixos, duros sobre as sobrancelhas um pouco crispadas. Seu bigode parecia irritado sobre o lábio. Consideraram-no um belo rapaz. Tinha atitude altiva, cintura fina, pernas retas. Envergava bem a casaca que, como uma gota de sangue, exibia a pequena fita rubra da Legião de Honra.

Em seguida vinham os parentes, Rose com o senador Rissolin. Ela se casara há seis semanas. O conde de Latour-Yvelin acompanhava a viscondessa de Percemur.

Enfim, surgia uma procissão bizarra de aliados ou amigos de Du Roy, que apresentara à sua nova família, pessoas conhecidas na vida parisiense, que logo se tornam íntimos e, na ocasião certa, primos afastados de novos-ricos, cavalheiros desclassificados, arruinados, mal-afamados e, o que é ainda pior, às vezes casados. Eram o Sr. de Belvigne, o marquês de Banjolin, o conde e a condessa de Ravenel, o duque Ramorano, o príncipe de Kravalow, o cavaleiro Valréali, seguidos pelos convidados de Walter, o príncipe de Guerche, o duque e a duquesa de Ferracine, a bela marquesa de Dunes. No meio desse desfile, provincianamente, alguns parentes da Sra. Walter mantinham um ar apropriado para a situação.

E os órgãos continuavam a cantar, lançando pelo enorme monumento os acentos ruidosos e ritmados de suas poderosas gargantas, bradando ao céu a alegria ou a dor homens. As grandes portas da entrada foram cerradas e subitamente fez-se sombra, como se acabassem de expulsar o sol pela porta afora.

Agora Georges estava no coro, diante do altar iluminado, ajoelhado ao lado de sua mulher. Surgiu então o novo bispo de Tanger, cruz na mão, mitra na cabeça, saído da sacristia para uni-los em nome do Eterno.

Fez-lhes as perguntas usuais, trocou os anéis, pronunciou palavras que prendem como cadeias e dirigiu aos novos esposos uma prédica cristã. Em termos pomposos, falou longamente de fidelidade. Era um homem gordo, de cintura larga, um desses belos prelados nos quais o ventre se torna majestoso.

Um ruído de soluços fez com que algumas cabeças se voltassem. A Sra. Walter chorava, o rosto escondido entre as mãos.

Ela fora obrigada a ceder. Que poderia fazer? Porém, sofria uma intolerável e implacável tortura desde o dia em que

expulsara de seu quarto a filha que voltara, recusando-se a beijá-la; desde o dia em que, em voz muito baixa, dissera a Duroy que a cumprimentava cerimoniosamente, ao reaparecer diante dela: “O senhor é o ser mais vil que já conheci, não volte a me dirigir a palavra, pois não vou lhe responder!”. Odiava Suzanne com uma ira devastadora, estranho ciúme de mãe e de amante, indizível, feroz, que queimava como uma chaga viva.

E eis que um bispo os casava, sua filha e seu amante, em uma igreja, diante de duas mil pessoas e diante dela! E não podia dizer nada! Não podia impedir! Não podia gritar: “Esse homem é meu, é meu amante. Essa união que está sendo abençoada é infame!”

Enternecidas, muitas mulheres murmuraram: “Como a pobre mãe está emocionada!”

O bispo declamava: “Vós estais entre os felizes da terra, entre os mais ricos e os mais respeitados. Vós, senhor, cujo talento o eleva acima dos outros, que escreveis, que ensinais, que aconselhais, que dirigis o povo, vós tendes uma bela missão a cumprir, um belo exemplo a dar...”.

Du Roy o ouvia, embriagado de orgulho. Um prelado da Igreja romana falava-lhe desse modo. Sentia às suas costas uma multidão, uma multidão ilustre que comparecera por ele. Parecia-lhe que uma força o impulsionava, levantava. Tornava-se um dos mestres da terra. Ele, o filho de dois pobres camponeses de Canteleu.

Subitamente, enxergou-os em sua humilde taverna no alto da costa, acima do grande vale de Rouen, seu pai e sua mãe dando de beber os camponeses da região. Ele lhes enviara 5 mil francos da herança de Vaudrec. Agora lhes enviaria 50 mil; comprariam uma pequena propriedade. O bispo terminara seu discurso. Um padre vestido com uma estola dourada subia ao altar. E os órgãos recomeçaram a celebrar a glória dos novos esposos.

Às vezes lançavam clamores prolongados, enormes, inchados como vagas, tão sonoros e poderosos que parecia que iriam levantar o teto, fazê-lo saltar para se propagar pelo céu azul. Seu fragor vibrante preenchia toda a igreja, fazia estremecer a carne e as almas. Depois, de repente acalmavam-se, e notas finas, alertas, corriam no ar, a floravam o ouvido como sopros leves; eram pequenos cantos graciosos, breves, saltitantes, que vojavam como pássaros; de súbito, essa música graciosa novamente se alargava, voltando a ser de força e amplitude assustadoras, como se um grão de areia se transformasse em um mundo.

Em seguida, vozes humanas se elevaram, passaram acima das cabeças inclinadas. Cantavam Vauri e Landeck, do Opéra. O incenso espalhava um fino odor de benjoim, e o sacrifício divino se realizava sobre o altar. O Homem-Deus, chamado por seu padre, descia sobre a terra para consagrar o triunfo do barão Georges Du Roy.

Ajoelhado ao lado de Suzanne, Bel-Ami curvara a fronte. Sentia-se quase um crente naquele momento, quase religioso, pleno de reconhecimento pela divindade que o favorecera daquele modo, que o tratava com tantas atenções. E, sem saber ao certo a quem se dirigia, agradecia-lhe o sucesso.

Assim que o ofício findou, ele se levantou e, dando o braço à sua mulher, entrou na sacristia. Então, começou o infundável desfile dos assistentes. Enlouquecido de alegria, Georges acreditava-se um rei que o povo vinha aclamar. Apertava mãos, balbuciava palavras que não significavam nada, cumprimentava, respondia às saudações, dizendo: “O senhor é muito amável”.

Abruptamente viu a Sra. de Marelle, e a lembrança de todos os beijos que lhe dera, a memória de todas as suas carícias, de suas gentilezas, do gosto de seus lábios fez passar-lhe pelo sangue o desejo brusco de retomá-la. Ela era bonita, elegante com seu ar de menina e seus olhos vivos. Georges pensava: “Apesar de tudo, que amante encantadora!”

Ela se aproximou um pouco tímida, um pouco inquieta, e estendeu-lhe a mão. Ele a recebeu na sua e a prendeu. Então, sentiu o apelo discreto de seus dedos de mulher, a doce pressão que perdoa e retoma. Ele também apertou aquela pequena mão como que dizendo: “Amo-te para sempre, sou teu!”

Seus olhos se reencontraram, sorridentes, brilhantes, cheios de amor. Ela murmurou com sua voz graciosa: “Até logo, senhor”.

Ele respondeu alegremente: “Até logo, senhora”.

E ela se afastou.

Outras pessoas se empurravam, a multidão corria diante dele como um rio. Enfim, rareou. Os últimos assistentes partiram. Georges segurou novamente o braço de Suzanne para atravessar outra vez a igreja.

Estava cheia de gente, pois cada qual retomara seu lugar para vê-los passar juntos. Ele caminhava lentamente, com passo calmo, cabeça alta, olhos fixos no grande vão da porta. Sentia correrem em sua pele longos arrepios, aqueles arrepios frios que causam imensa felicidade. Não via ninguém. Só pensava em si mesmo. Ao limiar da porta, viu a multidão reunida, uma

aglomeração negra, sussurrante, que ali estava por ele, Georges Du Roy. O povo de Paris o contemplava e o invejava.

Depois, levantando os olhos, descobriu ao longe, atrás da Praça da Concorde, a Câmara dos Deputados. E pareceu-lhe que iria dar um salto do pátio da Madeleine até o pátio do Palais-Bourbon.

Lentamente, desceu os degraus do alto patamar, entre duas fileiras de espectadores. Mas não os via; seu pensamento agora voltava ao passado; diante de seus olhos ofuscados pelo brilho do sol flutuava a imagem da Sra. de Marelle, arrumando diante do espelho os pequenos cabelos frisados de suas ténporas, sempre desfeitos ao sair da cama.

